



ARQUEOLOGIA DA ARRÁBIDA

CARLOS TAVARES DA SILVA e JOAQUINA SOARES

**Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares**

ARQUEOLOGIA DA ARRÁBIDA

**Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação de Natureza
LISBOA 1986**

Realização gráfica de
GRÁFICA EUROPAM, LDA.
MEM MARTINS

Depósito Legal n.º 15375/87

ÍNDICE

	Pág.
INTRODUÇÃO	7
ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO	9
OS PRIMEIROS HABITANTES	19
AS PRIMEIRAS COMUNIDADES PRODUTORAS DE ALIMENTOS	
— O NEOLÍTICO	41
AGRICULTORES E METALURGISTAS DO COBRE	72
IDADE DO BRONZE: ACENTUA-SE A ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL	115
O FERRO, O TORNO, A ESCRITA	130
COLONIZAÇÃO ROMANA	153
BIBLIOGRAFIA	205

INTRODUÇÃO

Pretendemos, com o presente trabalho, oferecer uma panorâmica geral da evolução das comunidades humanas que habitaram a região da Arrábida desde o Paleolítico à Época Romana. Não procurámos, pois, elaborar uma carta arqueológica na qual todas as jazidas conhecidas fossem inventariadas e descritas. Baseámo-nos, fundamentalmente, no estudo dos arqueossítios que, por melhor conhecidos, se mostram historicamente mais relevantes, não considerando os que forneceram materiais crono-corologicamente mal definidos.

Incluímos, por vezes, observações e espólio até agora inéditos.

Convém salientar que neste balanço dos conhecimentos sobre a arqueologia da Arrábida não atendemos somente aos testemunhos presentes na área do Parque Natural, de limites nem sempre coincidentes com uma unidade geográfica bem definida, mas abarcámos uma região mais vasta que se estende do Cabo de Espichel à zona da foz do Sado. Assim, importantes jazidas como a Lapa do Fumo e a Lapa do Bugio, nos arredores de Sesimbra, ou as estações romanas de Tróia e de Setúbal foram por nós contempladas, pois elas integram um conjunto indissociável de vestígios do processo histórico que teve como palco a cordilheira da Arrábida.

Queremos assinalar o inestimável apoio, sobretudo de ordem técnica, que recebemos do Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal.

O desenho do material até agora inédito que ilustra a presente publicação é da autoria de Jorge Costa, técnico desse museu.

Agradecemos ao Dr. João Luis Cardoso, do Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa, a leitura crítica que efectuou do capítulo «Enquadramento geográfico». Ficamos igualmente muito gratos ao Dr. Luciano Costa por nos ter facultado elementos inéditos resultantes das suas prospecções arqueológicas, designadamente os recolhidos no Casal do Mocinho (Sesimbra), Pinheirinhos (Sesimbra) e Monte do Cabrito (Setúbal).

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Geomorfologia

A cadeia montanhosa da Arrábida, de orientação geral ENE-WNW, representa o limite meridional da Península de Setúbal e o mais notável desvio de direcção da costa ocidental portuguesa. A norte, contacta com a planície aluvial do Tejo, constituída por depósitos plio-plistocénicos assentes sobre formações miocénicas. O contraste entre a montanha e a planície, mais nítido a oriente, esbate-se a oeste, onde o relevo baixa gradualmente até à lagoa de Albufeira. A mancha pliocénica ganha o interior da cordilheira nas terras do Calhariz. Setúbal, com a sua baixa aluvionar, marca o limite oriental da Arrábida que se desenvolve para ocidente em sucessivos anticlinais (Viso; Solitário, separado do anticlinal do Formosinho que lhe fica a norte, pelo sinclinal do Portinho; Risco; Burgao; Espichel) até mergulhar no oceano, sob a forma planáltica e uniforme do Espichel (figs 1 e 2).

Apresenta três linhas de relevo principais, separadas por vales. A mais vigorosa, que cai abruptamente sobre o mar, estende-se dos Lagosteiros às *colinas de Setúbal*, a este do Outão, e inclui as serras do Risco e da Arrábida propriamente dita (anticlinal do Formosinho). A segunda linha separa-se da anterior por um amplo vale e é formada pelas serras de S. Luís e dos Barris. Entre estas serras e a terceira linha, abre-se um vale que se vem juntar ao que as limita a sul, contornando a Serra de S. Luís. A terceira e última linha de relevo, ou Pré-Arrábida (Ribeiro, 1935), é constituída por uma sucessão de colinas e elevações em crista monoclinal, de Palmela até Coima-a-Velha (serras do Louro, da Fonte do Sol, de S. Francisco).

A sul e a oeste, adjacente à cordilheira, existe uma plataforma continental pouco extensa que confina com duas fossas marinhas aproximadamente paralelas ao litoral: a sul, a *fossa de Setúbal* ou do 5 de Outubro, e a oeste a *fossa de Albufeira*.

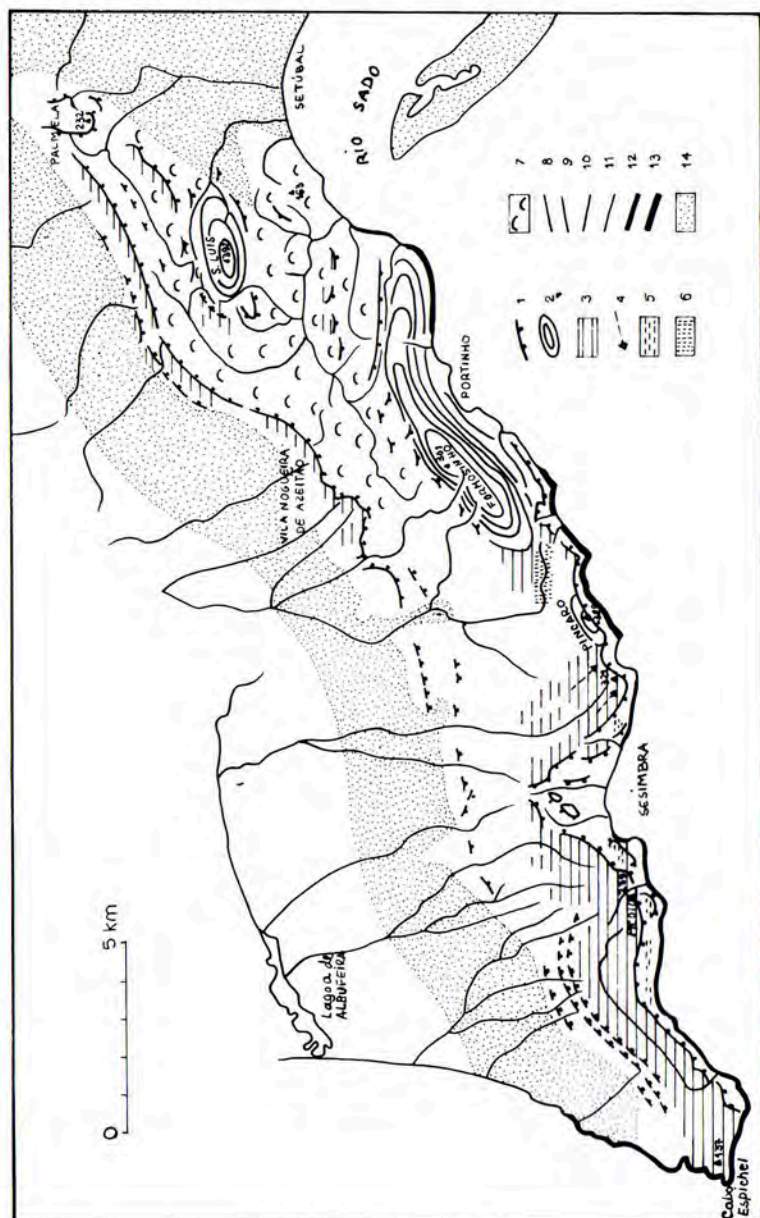


Fig. 1 — Esboço morfológico da Arrábida, por S. Daveau e O. Ribeiro. (Seg. Ribeiro, 1968).

1 — rebordo monoclinal em rocha dura; 2 — monte anticlinal; 3 — aplanção principal a cerca de 200 m; 4 — arrebite da aplanção a leste de Sesimbra; 5 — rechãs litorais embutidas na planação principal; 6 — depressão cárcia; 7 — relevo de colinas arredondadas; 8 — vale de formas largas; 9 — vale encaixado; 10 — costa arenosa; 11 — arriba com menos de 100 m; 12 — arriba de 100 a 200 m; 13 — arriba de mais de 200 m; 14 — área baixa periférica.

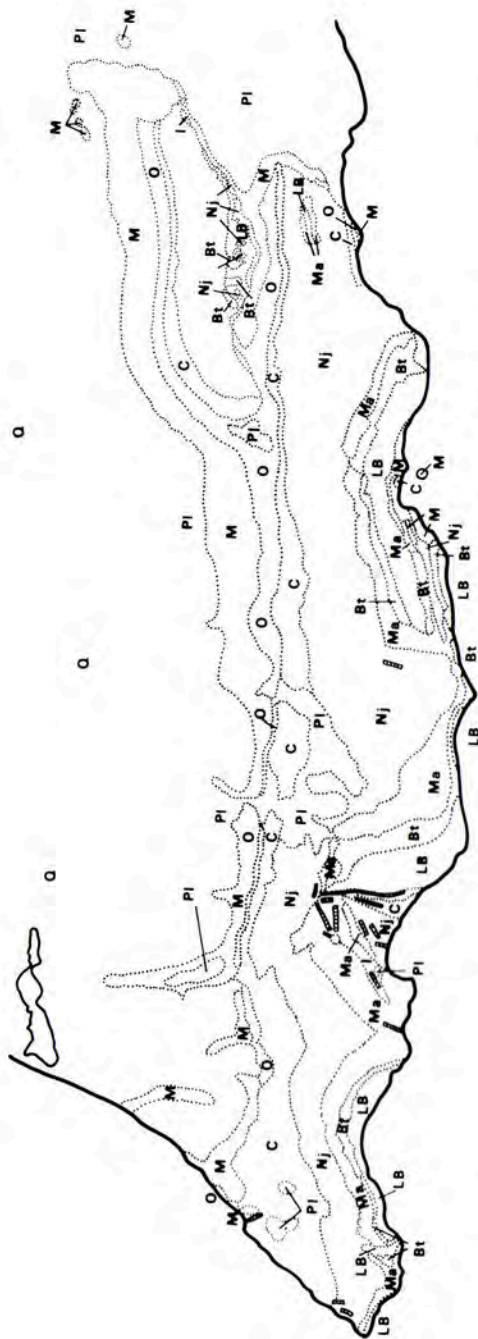


Fig. 2 — Esboço geológico da Serra da Arrábida, baseado no de P. Choffat (Seg. J. Martins Ferreira e A. Tavares Rocha, 1958).
 Q — Quaternário; PI — Pliocénico; M — Miocénico; O — Oligocénico; C — Cretácico; Nj — Neojurássico; Ma — Malm inf.; e
 Bat.; Bt. — Batonian; LB — Liássico e Bajociano; I — Hetangiano.

A cadeia da Arrábida, constituída por formações mesocenozoicas fortemente deformadas, representa um acidente tectónico de idade alpina, resultante de esforços de compressão de orientação N-S (Azevedo e Cardoso, 1985).

Orlando Ribeiro (1968) resumiu assim a origem e evolução deste relevo:

«1) Presença de espessas camadas de margas cor de borra de vinho, gipsíferas, infraliássicas, que só surgem em condições excepcionais mas constituem o substracto plástico das carapaças calcárias e explicam o vigor de certos acidentes tectónicos. Esta formação depositou-se num litoral, ora invadido pelo mar ora formando lagunas sujeitas a evaporação intensa e sede de activa precipitação química.

«2) Sucede-lhe um fraco aprofundamento do mar, onde se sedimentam, durante o resto do Lias e todo o Dogger, camadas de calcários, dolomíticos e siliciosos na base, geralmente escuros, brancos e compactos na maior parte, às vezes mais ou menos margosos no topo. Pela grande espessura que alcançam (algumas centenas de metros), este conjunto forma a ossatura do relevo e constitui ora o material das arribas ora a parte principal dos montes mais alterosos. Os calcários brancos são excelente material de construção, explorados a leste e a oeste de Santana: os lugares de Pedreiras de Cima e de Baixo nasceram desta actividade. A fábrica de cimento do Outão, uma das mais importantes do país, emprega as camadas margosas do topo e os enormes buracos das suas pedreiras mordem cada vez mais o enrugamento no flanco do relevo.

«3) No Neojurássico começa o enrugamento da Arrábida e a emergência dos primeiros anticlinais: no sopé dos relevos assim formados depositam-se grandes taludes de escombreyas, enriquecidos com acarreios de blocos siliciosos, oriundos do maciço antigo, de que restam algumas «ilhas» afogadas na bacia terciária do Sado: os elementos mais próximos estarão debaixo de espessas camadas de sedimentos, constituindo o fundo da bacia. Os materiais do Neojurássico formam camadas alternantes de calcários, arenitos e brechas, assentes, em nítida discordância angular, sobre os calcários anteriores que lhes ministraram parte do material. A esta brecha, no geral bem consolidada, dá-se, na construção, o nome de «mármore de Arrábida»: de um belo efeito decorativo pela variedade de cores dos elementos e pelo tom róseo do cimento, foi largamente usada nos templos de Setúbal e de Lisboa e constitui o material do monumento mais importante daquela cidade: a igreja manuelina de Jesus.

«Os primeiros movimentos afectaram apenas os dois terços orientais da cordilheira e não se fizeram sentir além de Sesimbra: a sedimen-

tação do Neojurássico, na área do Cabo é marinha e concordante com as camadas anteriores: apenas a cambiante margosa do calcário indicará mar menos profundo e acarreios detríticos continentais. A discordância angular observa-se entre o Neojurássico e o Cretácico (bem visível no entalhe da enseada de Lagosteiros), indicando movimentos mais tardios e a persistência do mar a ocidente

«4) O regime de emersão deve ter continuado durante o Cretácico e o Paleogénico, com retornos episódicos de um mar pouco profundo e grandes acarreios de material silicioso proveniente do maciço antigo, no geral muito mais grosseiro e menos rolado quando se caminha para leste. Numa fácies predominantemente detrítica encontram-se bancadas ou lentilhas calcárias e margosas, alimentadas talvez pela rápida alteração das escombreyas provenientes do relevo, apenas conservadas no sopé, onde o Neojurássico está em contacto com a principal fonte dos seus conglomerados. Na área do Cabo, pelo contrário, o mar deve ter-se mantido durante o Cretácico, exclusivamente constituído por arenitos grosseiros. As lacunas e irregularidades da sedimentação indicam a instabilidade da área da Arrábida. As injeções de rochas básicas dos arredores de Sesimbra, provavelmente contemporâneas do «maciço subvulcânico» de Sintra (Matos Alves) e das efusões subaéreas dos arredores de Lisboa, fazem ascender a este período a instabilidade diápirica que se prolongou, muito provavelmente, até ao fim do Pliocénico. O conjunto de formações detríticas, do Neojurássico ao Paleogénico, envolve os maciços calcários e bifurca-se em torno do monte de São Luís. A erosão penetrou sem esforço nestes terrenos mal consolidados, abrindo um sistema de vales e criando condições favoráveis à agricultura, que se detém bruscamente no contacto com os calcários do núcleo montanhoso.

«5) O retorno transgressivo do mar miocénico é fenómeno muito geral mas não afectou senão a orla do continente. Quando se alargou a área vestibular das depressões do Tejo e do Sado, já em parte colmatadas por sedimentos continentais paleogénicos, certos relevos próximos devem ter formado ilhas: entre eles alguns morros calcários da Arrábida e a Serra de Sintra, em parte ainda protegida pela cobertura de calcários, tornados resistentes pelo metamorfismo da massa eruptiva. Conservado nalguns retalhos no interior da cordilheira, envolvendo-a completamente pelo norte, o Miocénico constitui, com as bancadas calcárias sobrepostas ao conjunto detrítico, a cornija de uma imponente costeira, ao passo que os seus solos, de sofrível qualidade, sustentaram a relativa prosperidade agrária das aldeias de Azeitão.

«6) No fim do Miocénico produziu-se o surto tectónico principal, responsável, como provavelmente em toda a orla, pelo arranjo estrutu-

ral donde a erosão desentranhou o relevo actual (fig. 1 e 3). Mais uma vez se nota o contraste entre o leste e o oeste: enquanto na área do Cabo se deu um grande dobramento de conjunto, mais vigoroso em profundidade (pendor muito forte nas camadas jurássicas, forte nas cretácicas, fraco nas miocénicas), os anticlinais orientais são dissimétricos, tombados para o sul, falhados e laminados no flanco meridional (camadas do Jurássico inferior cavalgam o Miocénico); finalmente, na dupla escama de Palmela, os calcários do Helvetiano correram sobre formações que vão do Jurássico superior até ao próprio Helvetiano — o que permite datar com mais precisão o acidente: entre as camadas que afecta e o Pliocénico sensivelmente horizontal.

«7) Este período marca, assim, o começo da estabilidade: apenas movimentos póstumos, deformações de grande raio, vão interferir com o abaixamento rítmico do nível do mar que, durante as pausas, afeiçoa superfícies de abrasão e, nas descidas, comanda o aprofundar da rede hidrográfica e a correlativa erosão diferencial, que valoriza ao máximo os núcleos calcários dos anticlinais. Toda a Arrábida é uma área de ressonância sísmica e, mais vezes do que Lisboa, Setúbal sentiu os efeitos de tremores de terra catastróficos: o último, em 1858, causou ruínas em 576 edifícios, 90 dos quais caíram completamente.»

A estrutura geomorfológica da Arrábida é complexa e desdobra-se em múltiplos nichos ecológicos que foram objecto das preferências dos grupos humanos que no decorrer do processo histórico nela permaneceram. No Quaternário antigo (base do Vilafranquiano médio), há mais de um milhão e duzentos mil anos, os primeiros seres humanos ter-se-iam estabelecido nas margens de áreas inundadas pelo Tejo e seus afluentes (nas proximidades, pois, de depressões pantanosas onde a caça seria facilitada). A cordilheira da Arrábida será ocupada, numa fase subsequente, por pequenos grupos de *Homo erectus*. Estes estabelecem-se no litoral, desde Fonte da Pipa, para sul, em direcção ao Cabo e especialmente entre o Espichel e Sesimbra, em rechãs ou chãs, hoje praias fósseis, onde teriam implantado pequenos *habitats*, certamente de curta duração, dos quais apenas sobraram os artefactos abandonados.

O litoral entre o Cabo do Espichel e Sesimbra apresenta-se alcantilado, em resultado do afundamento de parte da primeira linha de anticlinais. O pequeno cabo da Baralha, as pontas do Morro e do Forte do Cavalo, bem como as escassas praias, pequenas e rochosas, constituíram sítios privilegiados para a ocupação pré-histórica. As grutas foram igualmente propícias à ocupação humana quer como *habitat* quer, sobretudo, como necrópole: Lapa do Bugio, com depósitos do Neolítico recente e Calcolítico; Lapa do Piolho ou da Furada, com depósitos do

Calcolítico e da Idade do Bronze; Lapa do Fumo, com níveis do Neolítico antigo evolucionado, do Neolítico recente, do Calcolítico, da Idade do Bronze, da Idade do Ferro (?), das Épocas Romana e Árabe; gruta da Ribeira do Cavalo, com ocupação paleolítica; e grutas do Forte do Cavalo, já destruídas, utilizadas no Neolítico final/Calcolítico inicial.

A zona é relativamente pobre em água. Os terrenos calcários favorecem uma rápida infiltração das águas pluviais e uma intensa circulação subterrânea, o que determina a escassez de água superficial no maciço. A drenagem entre o Cabo e o Calhariz faz-se através de três ribeiras tributárias da Lagoa de Albufeira, de torrentes que correm para oeste e das ribeiras da Mareta e do Cavalo. A enseada de Sesimbra surge como o mais importante recorte daquela costa, no extremo de vale tifónico. Sobranceiro a este, em uma elevação com óptimas condições naturais de defesa, situou-se um importante povoado calcolítico — o Castro de Sesimbra. Nos terrenos que descem de Santana para norte, em direcção à planície plio-pleistocénica, sulcados por diversas linhas de água, houve condições para a fixação, em zonas planas, abertas e arenosas, de populações do Neolítico antigo evolucionado (Fonte de Sesimbra).

Depois do Alto do Píncaro — cume da Serra do Risco que, a pique sobre o mar, vence um desnível de 380 m e representa a arribas mais importante da cordilheira —, de Alportuche ao Outão, importa salientar a erosão em degraus, formando bancadas salientes ou cornijas cortadas na vertente sul do anticlinal do Formosinho (fig. 3). Recortam-se algumas praias que se comportaram como factores de fixação durante o Neolítico (Galapos) e na Época Romana (Creiro). Duas importantes grutas surgem a oeste do Portinho, cavadas pela abrasão: a Lapa de Santa Margarida e a gruta da Figueira Brava, ambas com vestígios do Paleolítico. Sobranceira ao Outão, uma ampla diaclase foi ocupada no final do Calcolítico, durante o Horizonte da Cerâmica Campaniforme, há cerca de 3700/3500 anos.

A parte central da cordilheira é constituída por calcários dolomíticos, siliciosos e brancos, muito compactos, do Jurássico. É drenada pela Ribeira de Coína, afluente do Tejo. Muito acidentada e pobre em água parece não ter atraído grandemente o interesse das populações; a jazida do Castelo dos Mouros, na vertente norte, testemunha uma ocupação da Idade do Bronze e do séc. I a. C., período particularmente instável; encontra-se muito desmantelada pela erosão.

A terceira e última linha de relevos, sobranceira à planície do Tejo, formada por colinas isoladas e por uma extensa crista monoclinal erodida para o interior da cordilheira, é constituída por calcários compactos do Miocénico. Foi o espaço ocupado preferencialmente pelas po-



Fig. 3 — *Vertente meridional da Serra da Arrábida, vendo-se as características bancadas horizontais resultantes da erosão diferencial. Em primeiro plano, a Praia dos Coelho's.*

pulações do Calcolítico (Chibanes, Moinho da Fonte do Sol, Malhadas, Moinho do Cuco, Cabeço dos Caracóis e Casal do Bispo, elevações com boas condições naturais de defesa, nas proximidades de cursos de água e de terrenos de cultivo). Também a escarpa miocénica da Rotura, crista do anticlinal do Viso (muito desmantelado), foi ocupada durante o Calcolítico, facto que coloca a Serra de S. Luís (pertencente, como atrás dissemos, à segunda linha de relevos), onde se localizam duas jazidas igualmente da Idade do Cobre (Pedrão e Pai Mouro), no centro da maior mancha calcolítica da Arrábida.

Quando nos aproximamos da planície aluvial de Setúbal, a este do Outão, a paisagem fragmenta-se em numerosas colinas. Resultaram da erosão diferencial do anticlinal do Viso, erosão que abriu igualmente os amplos vales que rodeiam a Serra de S. Luís nos calcários margosos, grés, conglomerados (brecha da Arrábida) e margas do Neojurássico, Cretácico e Paleogénico. O litoral manifesta já as influências do Sado. Surgem diversas praias de que importa salientar a da Comenda e a própria baía de Setúbal. A praia da Comenda situa-se na foz da Ribeira da Ajuda que recolhe as águas do Vale dos Picheiros e de parte do Vale dos Barris. A baixa da área urbana de Setúbal é constituída por aluviões flúvio-marinhas depositadas em parte pelo Sado e pela Ribeira do Livramento, que recebe as águas da zona oriental do Vale dos Barris e do barranco do Pai Mouro. As praias da desembocadura do Sado (Rasca, Comenda, Setúbal) foram escolhidas durante a Época Romana para nelas se estabelecerem centros fabris de salga de peixe mais ou menos extensos. Sendo a salga de peixe a principal actividade económica, as condições específicas da sua produção determinaram uma estratégia de povoamento que impôs a procura do litoral e a travessia do Sado com a ocupação de Tróia. Aqui se localizou, na Época Romana, um dos mais importantes complexos industriais de salga de peixe do Mediterrâneo Ocidental. Também a baixa de Setúbal (que começou a ser habitada pelo menos a partir dos inícios da Idade do Ferro) foi ocupada durante a Época Romana, dedicando-se a sua população igualmente à transformação dos recursos marinhos.

Clima e vegetação

A Arrábida apresenta, actualmente, um clima de feição mais mediterrânico do que aquele que se poderia prever se se atendesse à sua latitude. Tal facto deve-se às condições de orientação da cordilheira. O seu clima, com uma curta estação húmida e fresca (Inverno), duas estações temperadas (Primavera e Outono) e um Verão quente e de acentuada secura, diferencia-se em microclimas determinados essencialmente por factores orográficos. Importa salientar os microclimas extremos, próprios das vertentes norte e sul da zona montanhosa por excelência. A encosta norte, exposta aos ventos húmidos do quadrante NW., é mais húmida e fresca que a vertente meridional, abrigada dos ventos frios e exposta a uma intensa insolação, o que lhe confere forte secura estival acompanhada de temperaturas elevadas e invernos temperados.

A cobertura vegetal decompõe-se em formações diferenciadas, directamente relacionadas com a especificidade do clima, o estado evolutivo dos solos e a actuação antropica. Nos solos esqueléticos de cumes e de cristas rochosas medra a *formação rupestre* (Gomes Pedro, 1942) constituída por líquenes crustáceos e pequenos fetos. Por estádios sucessivos atinge-se a charneca, o maquial e a mata. A charneca, formação de pequenos arbustos, apresenta características francamente heliófilas tal como a maioria das plantas da Arrábida. Desenvolve-se nas plataformas superiores e em algumas lombadas, mostrando diversas fácies. Assim, nos calcários brancos e muito compactos surgem sobretudo *Quercus coccifera* (carrasco), *Rosmarinus officinalis* (alecrim), *Pistacia lentiscus* (aroeira), *Phillyrea angustifolia* (lentisco bastardo), *Ph. latifolia*, *Olea oleaster*, *Rhamnus oleoides*, *Daphne gnidium*. No flanco exposto a sul a composição modifica-se com a presença de espécies mais xerófilas como *Cistus ladaniferus* (esteva). O maquial, de sub-bosque a bosque, é uma formação bi-estratificada a tri-estratificada que tem como formações climaxes da *litosérie xerofítica* (vertentes meridionais) os bosques de zambujeiro (*Olea europea sylvestris*) e a alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*). As matas de carvalho (*Quercus faginea*) desenvolvem-se em zonas influenciadas pelos ventos do quadrante NW e correspondem à formação clímax da *litosérie tropofítica* com folhas marcescentes ou seja tardiamente caducas (quando a nova rebentação se aproxima). O sobreiro (*Q. suber*) e o pinheiro manso (*Pinus pinea*) ocupam manchas residuais. O pinheiro manso (*Pinus pinea*), bem representado na Serra de S. Luís, será possivelmente uma espécie autóctone; existe na Arrábida pelo menos desde o Calcolítico (Rotura), há cerca de 4500 anos.

OS PRIMEIROS HABITANTES

Comunidades do Paleolítico Antigo

Os mais antigos vestígios da presença do Homem na Península de Setúbal remontam a período mal determinado. Nos últimos anos, alguns autores (Azevedo, Cardoso, Penalva e Zbyszewski, 1979) têm defendido a hipótese desses vestígios se localizarem estratigraficamente em formações do Vilafranquiano médio, ou seja, nos depósitos conglomeráticos de Belverde. Por outras palavras, o estabelecimento dos primeiros habitantes da região teria ocorrido há mais de um milhão e duzentos mil anos.

O conglomerado de Belverde, que se manifesta entre o Tejo e a base da cordilheira da Arrábida, a oeste da Ribeira de Coina, teria tido, originalmente, 110 metros de altitude mínima, mas a acção deformadora dos movimentos de subsidência do sinclinal de Albufeira seria responsável pela aparência de diversas superfícies de deposição. O mesmo conglomerado é sobreposto por formação areno-argilosa de cor vermelha (com intercalações detríticas de elementos pouco rolados, sobretudo de quartzo) que chega a atingir 30 metros de espessura e é conhecida por Formação Vermelha do Marco Furado. Esta é atribuída ao topo do Vilafranquiano médio por se considerar que, após este período, jamais se teriam formado solos vermelhos tão espessos (fig. 6).

Em Basteza da Mó, Quinta dos Arcos, Quinta do Perú e Santa Marta de Corroios (figs 4 e 5), o conglomerado de Belverde fornece alguns calhaus achatados que, segundo aqueles autores, teriam recebido a acção do trabalho humano.

A confirmar-se a cronologia atribuída ao conglomerado de Belverde bem como a autenticidade, como artefactos, das referidas peças, estaríamos em presença de um pré-acheulense bastante arcaico, dos mais recuados da Península Ibérica.

Assim, em ambientes de praias ricas em calhaus rolados, comunidades certamente de *Homo erectus* teriam produzido, há mais de um

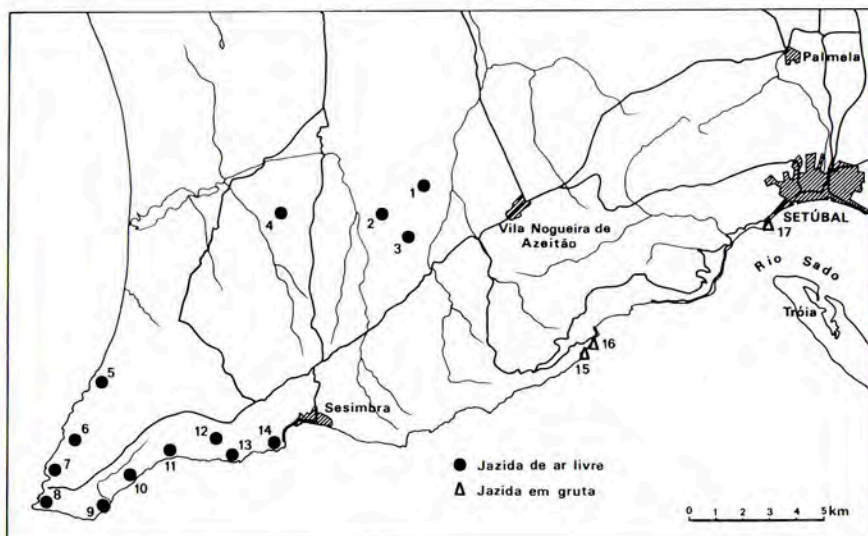


Fig. 4 — Principais jazidas paleolíticas da região da Arrábida: 1 — Quinta do Peru; 2 — Quinta dos Arcos; 3 — Basteza da Mò; 4 — Picoto; 5 — Fonte da Pipa; 6 — Casal do Mocinho; 7 — Praia dos Lagosteiros; 8 — Planalto do Cabo Espichel; 9 — Forte da Baralha; 10 — Rechã da Tranca; 11 — Boca dos Bobaleiros; 12 — Pinheirinhos; 13 — Promontório do Morro; 14 — Forte do Cavalo; 15 — Lapa de Santa Margarida; 16 — Gruta da Figueira Brava; 17 — Toca do Pai Lopes.

milhão e duzentos mil anos, instrumentos muito simples, polivalentes, constituídos por seixos rolados e achatados, geralmente de quartzito, nos quais seriam criados gumes operantes (quase sempre pouco extensos relativamente ao perímetro das peças) através da extracção de lasca(s), por percussão directa, em uma das faces do seixo e, mais raramente, em ambas as faces (fig. 7).

Peças idênticas às do conglomerado de Belverde têm sido recolhidas à superfície de praias fósseis atribuídas ao Plistocénico médio, situadas a diversas cotas, entre a baía dos Lagosteiros, na costa ocidental da Arrábida, e a Rechã do Forte do Cavalo (fig. 10), no litoral sul. Nestas praias levantadas, plistocénicas, ocorrem seixos afeiçoados (*choppers* e *chopping-tools*) juntamente com lascas taiacenses, raros núcleos e escassos artefactos bifaciais. São manchas de utensílios líticos conhecidas somente por prospecções de superfície (nunca se realizaram trabalhos de escavação arqueológica), especialmente patentes nos seguintes locais: Lagosteiros, Planalto do Cabo, Forte da Baralha, Rechã da Tranca, Rechã da Boca dos Bobaleiros, Picoto, Forte do Ca-

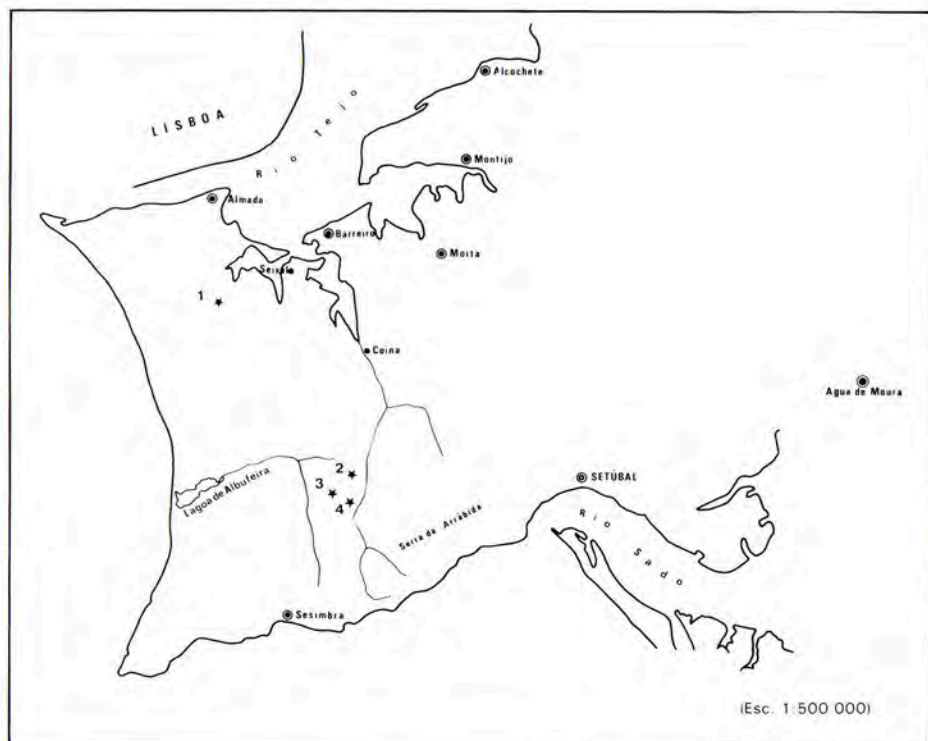


Fig. 5 — Localização das jazidas do Vilafranquiano médio que, na península de Setúbal, forneceram «pebble culture»: 1 — Santa Marta de Corroios; 2 — Q.ª do Peru; 3 — Q.ª dos Arcos; 4 — Basteza da Mó. (Seg. Azevedo, Cardoso, Penalva e Zbyszewski, 1979).

valo (figs. 8 e 9) (Breuil e Zbyszewski, 1945; Sande Lemos *et al.*, 1974).

Na costa ocidental da península de Setúbal as praias plistocénicas foram em grande parte desmanteladas em resultado da exposição à abrasão e da menor resistência à erosão oferecida pelas suas formações areno-argilosas. Deste modo, a norte dos Lagosteiros quase não se conhecem materiais atribuíveis ao Paleolítico antigo, sendo, porém, comuns indústrias de técnica languedocense, talvez epipaleolíticas.

A cronologia dos conjuntos líticos do litoral Sul tem sido estabelecida utilizando, por um lado, o *método das séries* (que se baseia no estado físico das superfícies e arestas dos artefactos) e, por outro, a altimetria, ou seja a altitude actual das praias fósseis onde ocorrem tais

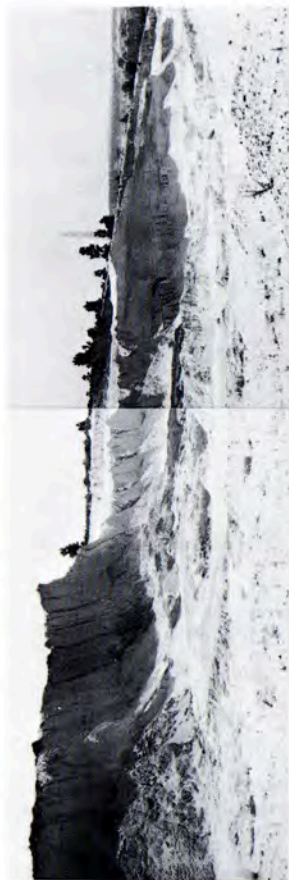
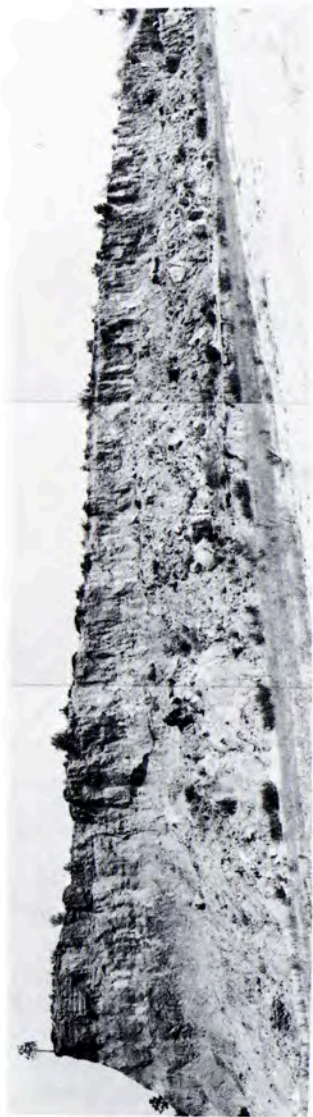


Fig. 6 — Em cima: corte na formação vermelha de Marco Furado, próximo do v.g. do mesmo nome (visto da estrada da Quinta do Conde a Cabanas).
Em baixo, à esquerda: aspecto do conglomerado de Belverde, subjacente à formação anterior (Casal do Marco).
Em baixo, à direita: areias brancas da série pliocénica, subjacente neste local à formação vermelha de Marco Furado, dada a ausência do conglomerado de Belverde (estrada da Quinta do Conde a Cabanas). (Fots. in Azevedo, Cardoso, Penalva e Zbyszewski, 1979).

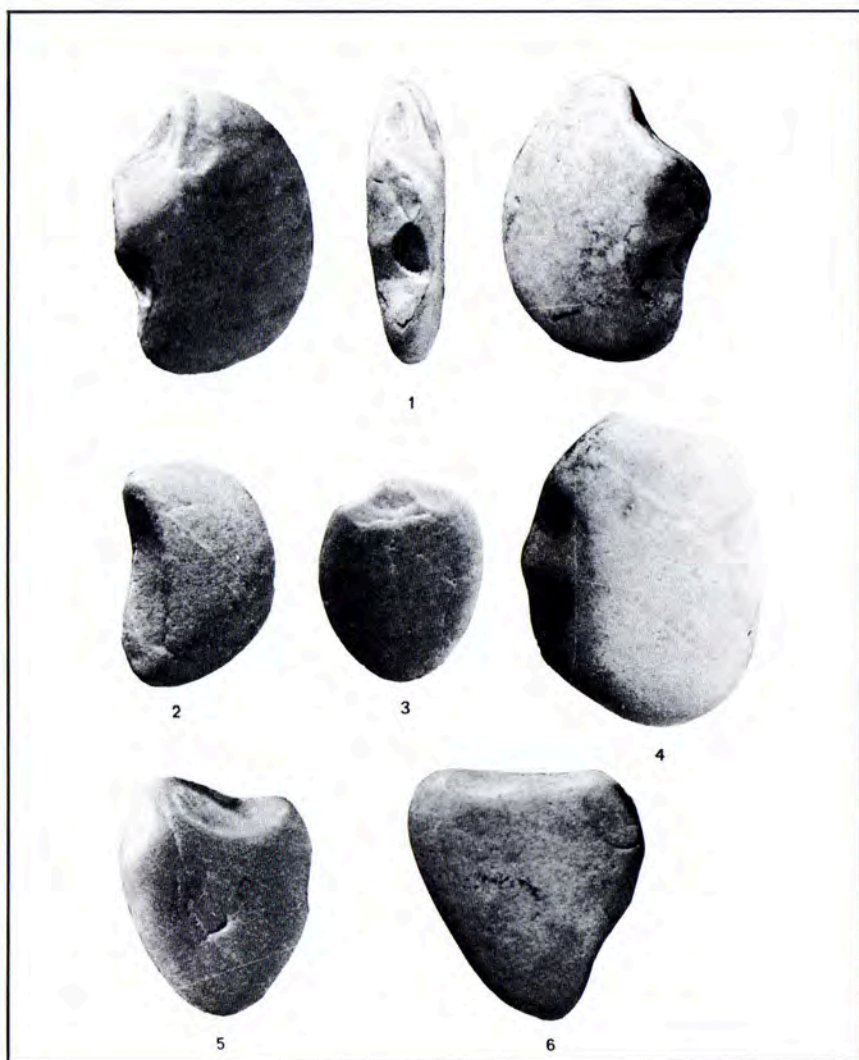


Fig. 7 — Indústria da Pebble Culture do Vilafranquiano médio (conglomerado de Belver-de): 1 — com talhe bidireccional e subvertical num bordo lateral; 2 — com talhe unidireccional e subvertical num bordo lateral; 3 — com talhe unidireccional e sub-horizontal em uma extremidade; 4 — talhe unidireccional e sub-horizontal em um bordo lateral; 5 — talhe bidireccional e subvertical em uma extremidade; 6 — talhe unidireccional e subvertical em uma extremidade e em um bordo lateral. Esc. 3:4. (Fots. in Azevedo, Cardoso, Penalva e Zbyszewski, 1979).

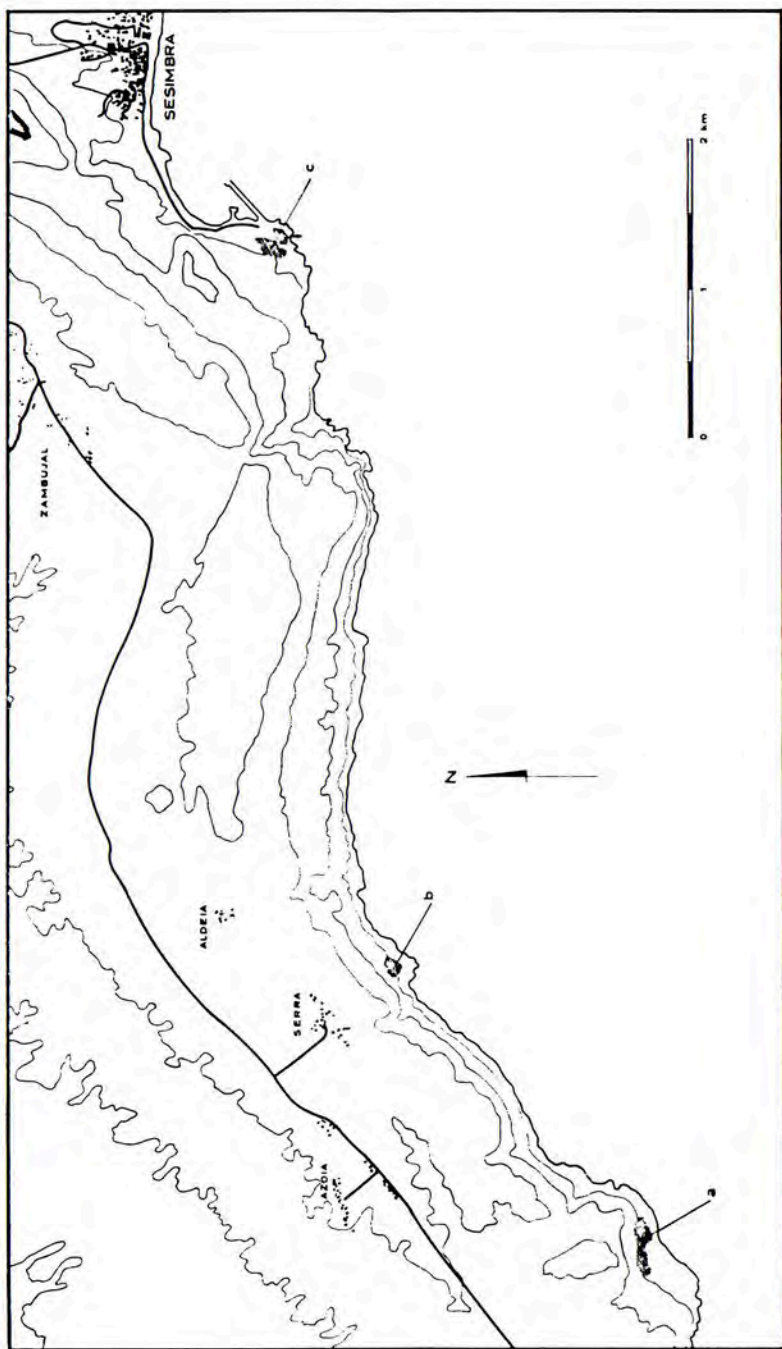


Fig. 8 — Localização das jazidas paleolíticas de Forte da Baralha (a), Rechã da Boca dos Bobaleiros (b) e Forte do Cavalo (c). (Seg. Serrão et al, 1974).

indústrias. Consideremos dois exemplos. Os depósitos da praia plistocénica da Boca dos Bobaleiros apresentam-se a 50-70 metros de altitude pelo que têm sido atribuídos ao Siciliano II (Mindel) e datados de entre 650 000 e 350 000 anos; das 48 peças da Série I (as consideradas mais antigas e que mostram forte desgaste e intensa pátina eólica) aí recolhidas e estudadas por Sande Lemos *et al.* (1974), 39 são seixos talhados unifacialmente (*choppers*) e 9 bifacialmente (*chopping-tools*); não surgiram lascas, nem poliedros, nem núcleos; os *choppers* ocupam cerca de 80 % da amostra. A praia plistocénica do Forte da Baralha levanta-se a 20-25 metros de altitude, sendo integrada no Tirreniano I (350 000 a 200 000 anos); uma amostra de 23 peças da Série I (Serrão e Jorge, 1974) revelou 11 seixos afeiçãoados (6

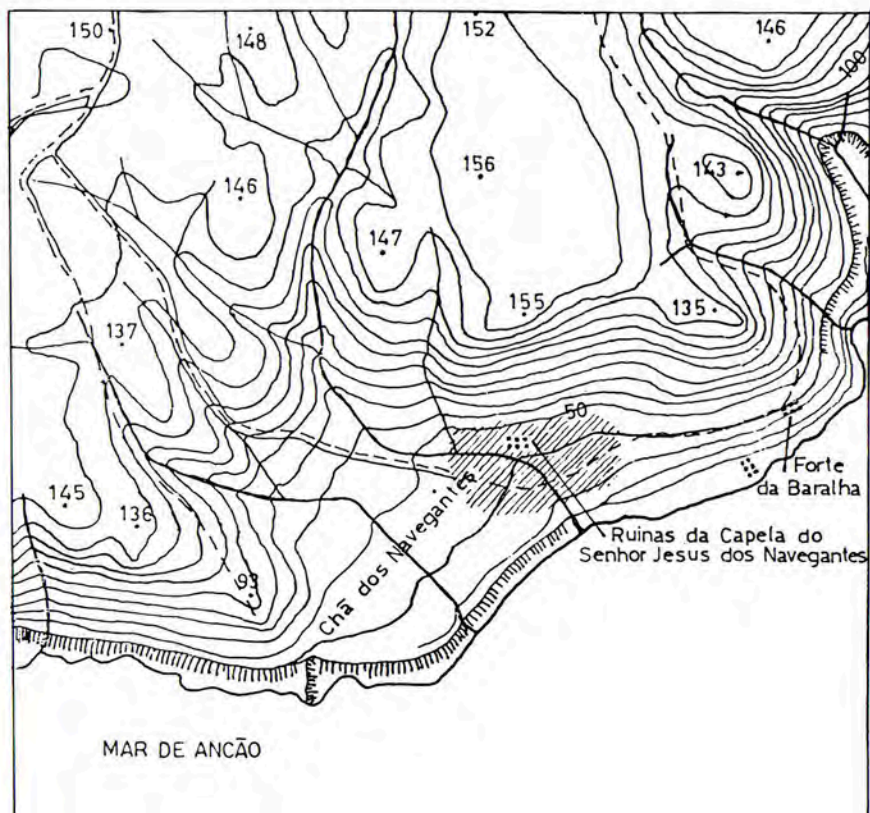


Fig. 9 — Localização da jazida paleolítica do Forte da Baralha (a tracejado), situada entre Sesimbra e o Cabo Espichel. (Seg. Serrão, et al., 1974).

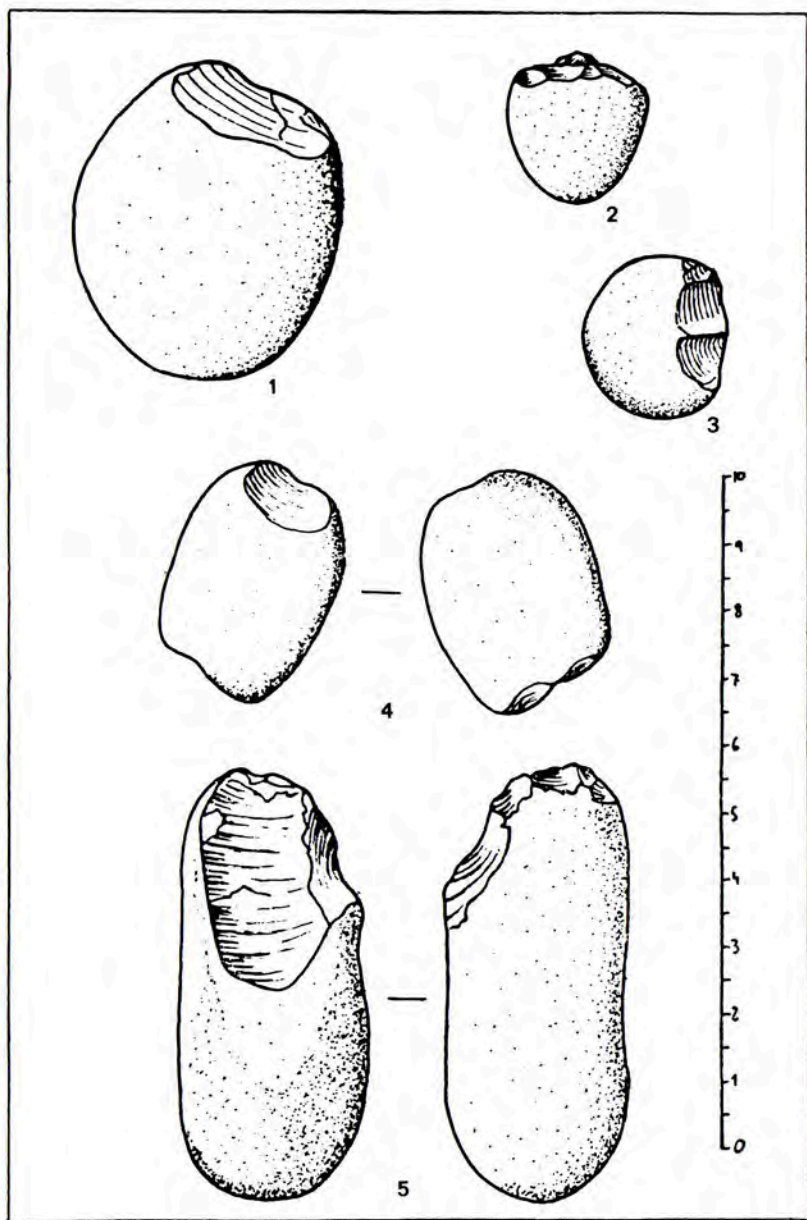


Fig. 10 — Seixos afeixoados da jazida do Forte do Cavallo. (Seg. Serrão et al, 1974).

talhados unifacialmente e 3, bifacialmente), 2 poliedros, 2 lascas retocadas, 4 lascas residuais e 3 fragmentos residuais de seixos.

O critério altimétrico utilizado na determinação da cronologia relativa das praias levantadas da Arrábida parece-nos pouco seguro se atendermos à instabilidade neo-tectónica da região. Além disso, as indústrias da Série I são, por enquanto, pouco numerosas, podendo, quanto muito, sugerir tendências a testar quando se dispuser de novos e menos escassos elementos. Embora sejam mínimas as diferenças notadas entre os dois conjuntos líticos da Série I a que aludimos, parece esboçar-se uma evolução das indústrias da Boca dos Bobaleiros para as do Forte da Baralha.

A confirmarem-se as datações propostas quer para os materiais do conglomerado de Belverde quer para os das praias plistocénicas da costa sul da Arrábida, estaríamos perante uma indústria de *pebble-culture* que se teria prolongado até momentos avançados (desde o pré-acheulense até pelo menos há cerca de 200 000 anos) e na qual é evidente a persistência de uma tecnologia muito incipiente, com forte dominância dos seixos afeiçãoados do chamado «estilo lusitaniano» de Breuil e Zbyszewski, definido do seguinte modo: «(...) pour la plupart que de simples galets oblongs, segmentés à une extrémité para deux ou trois coups, rarement il y en a davantage, s'étendant à un bord latéral».

As praias rochosas (hoje levantadas e fósseis) da costa meridional da Arrábida teriam sido, pois, frequentadas por grupos possivelmente de *Homo erectus* que aí se dedicariam à recollecção de marisco. Os conjuntos de artefactos sumariamente talhados provenientes dessas praias poderiam não ter sido produzidos (como foi sugerido em 1942 por Breuil e Zbyszewski) por populações diferentes e de culturas distintas das do interior do país onde são comuns peças (como bifaces, machados) claramente «abbevilenses» ou/e acheulenses; representariam o resultado da adaptação a ecossistemas propícios ao desenvolvimento de actividades sazonais, como as de recollecção de moluscos, em que a produção de frustes artefactos de ocasião seria uma constante.

Paleolítico Médio

As duas jazidas mais importantes que forneceram indústrias atribuídas ao Paleolítico médio são a Lapa de Santa Margarida (fig. 11) e a gruta da Figueira Brava. Em termos de cronologia glacial alpina vive-se então a glaciação do Würm que encerrará o Plistocénico.



Fig. 11 — *Entrada da Lapa de Santa Margarida vista do interior da gruta. Observa-se a parte superior do depósito de praia quaternária.*

Em algumas praias quaternárias já citadas, nomeadamente na do Forte da Baralha (nível dos 8-12 m, constituído por uma brecha de cimento calcário vermelho) e em outras do litoral ocidental, até à Foz da Fonte, foram encontrados artefactos atribuídos ao Mustierense.

A Lapa de Santa Margarida, cavada pela abrasão, apresenta junto da entrada, virada ao oceano (fig. 12), um conglomerado de base onde Breuil e Zbyszewski recolheram, em 1940, um biface «abbevilense» muito rolado (fig. 13) e utensílios considerados por estes autores como mustierenses, sobre quartzo. As duas brechas ossíferas que se lhe so-

Fig. 12 — *Gravura de João Heitor (in Revista Illustrada, 1890), mostrando a entrada da Lapa de Santa Margarida vista do mar. Os três indivíduos encontram-se sentados sobre o conglomerado do depósito quaternário.* ►



ARRABIDA — ENTRADA DA GRUTA DE SANTA MARGARIDA

(Gravura de JOÃO HEITOR)



Fig. 13 — *Biface abbevilense recolhido no conglomerado de base da Lapa de Santa Margarida.*

brepõem — a inferior vermelha e a superior cinzenta — forneceram também alguns utensílios «mustierenses» de quartzo.

A gruta da Figueira Brava, identificada pelos autores com a participação do Centro de Arqueologia de Almada, teve uma génese semelhante à da Lapa de Santa Margarida da qual dista escassas dezenas de metros. Abre-se a sua principal entrada na falésia litoral. Os estratos arqueológicos da sala a que aquela abertura dá acesso foram muito perturbados por ocupações recentes. Foi em uma ampla sala ligada à primeira por uma estreita passagem, que se define à direita de quem entra (fig. 14), que exumámos, imediatamente abaixo de uma fina camada estalagmítica, diversos artefactos, alguma fauna e coprólitos que integravam uma camada areno-argilosa castanho-amarelada. A compreensão desta jazida e do material agora recolhido requer a realização de escavações arqueológicas. Os artefactos exumados são pouco característicos e pouco numerosos, pelo que a sua atribuição ao Paleolítico



Fig. 14 — *Aspecto da sala 2 da gruta da Figueira Brava onde, sob uma camada estalagmítica, surgiu um nível com material atribuível ao Paleolítico médio.*

médio é muito provisória. São quase exclusivamente sobre lasca, alguns sobre lascas regulares a tenderem para lâminas; estão presentes peças com entalhes laterais (*encoques*) e denticulados, buris e núcleos. Presente também a técnica *levallois* (fig. 15). A matéria-prima utilizada foi o quartzo, o sílex e o quartzito. Pelo menos aparentemente associados à referida indústria encontram-se ossos de *Cervus elaphus*, dentes pré-molares de *Hyaena crocuta* (fig. 16) e conchas de moluscos marinhos dos géneros *Mytilus* e *Patella*. Das espécies até agora identificadas, apenas uma se extinguiu com o fim do Plistocénico, a *Hyaena crocuta*. Esta espécie foi exumada em contextos atribuídos quer ao Mustierense (Gruta da Furninha, Gruta Nova da Columbeira, pedreira

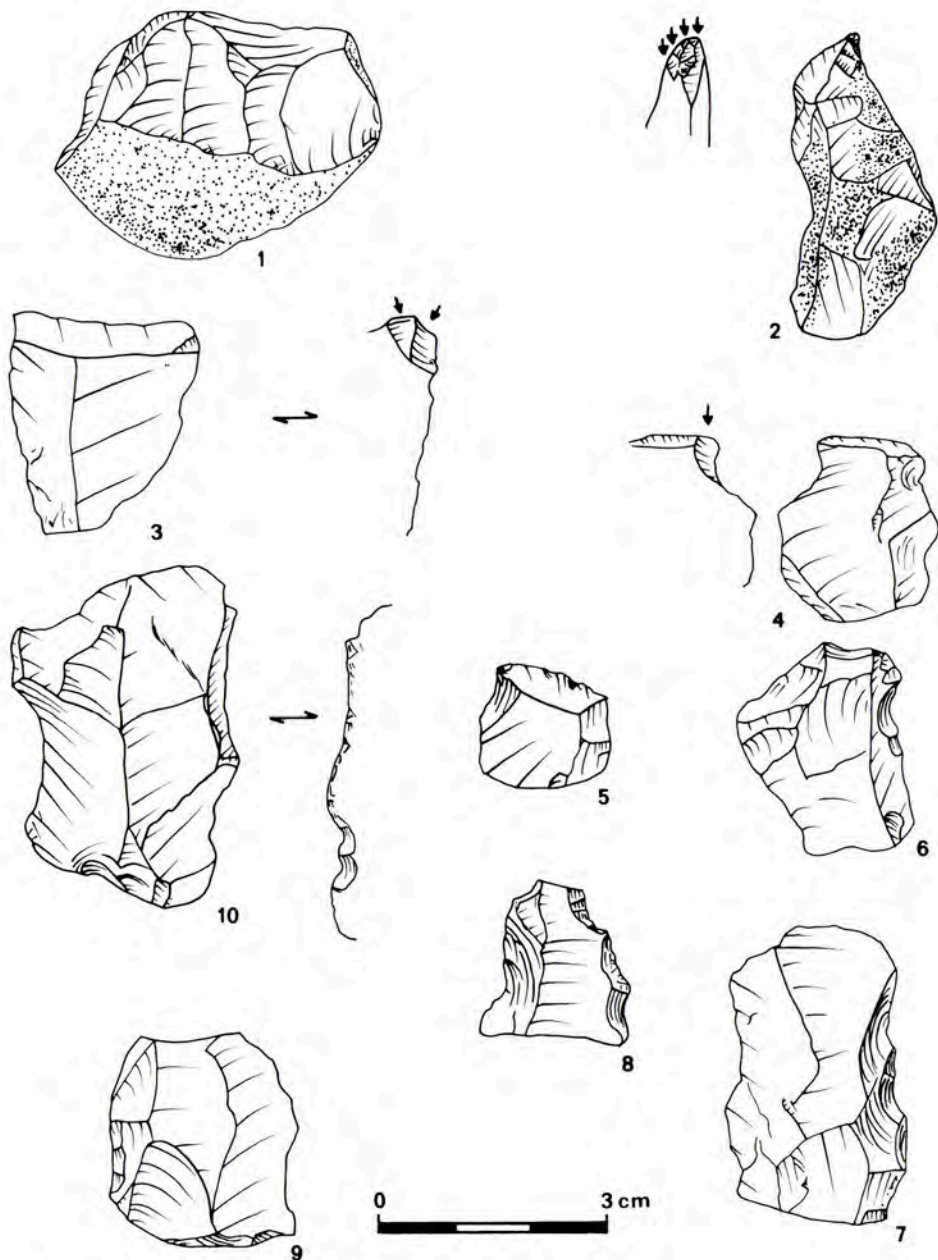


Fig. 15 — Indústria lítica de sílex e quartzo leitoso da gruta da Figueira Brava: 1 — núcleo; 2 a 4 — buris; 5 — ponta; 6 — raspador («grattoir»; 7 — raspadeira («racloir»); 8 — denticulado; 9 — lasca com retoque oblíquo e parcial; 10 — lasca laminar com vestígios de uso.

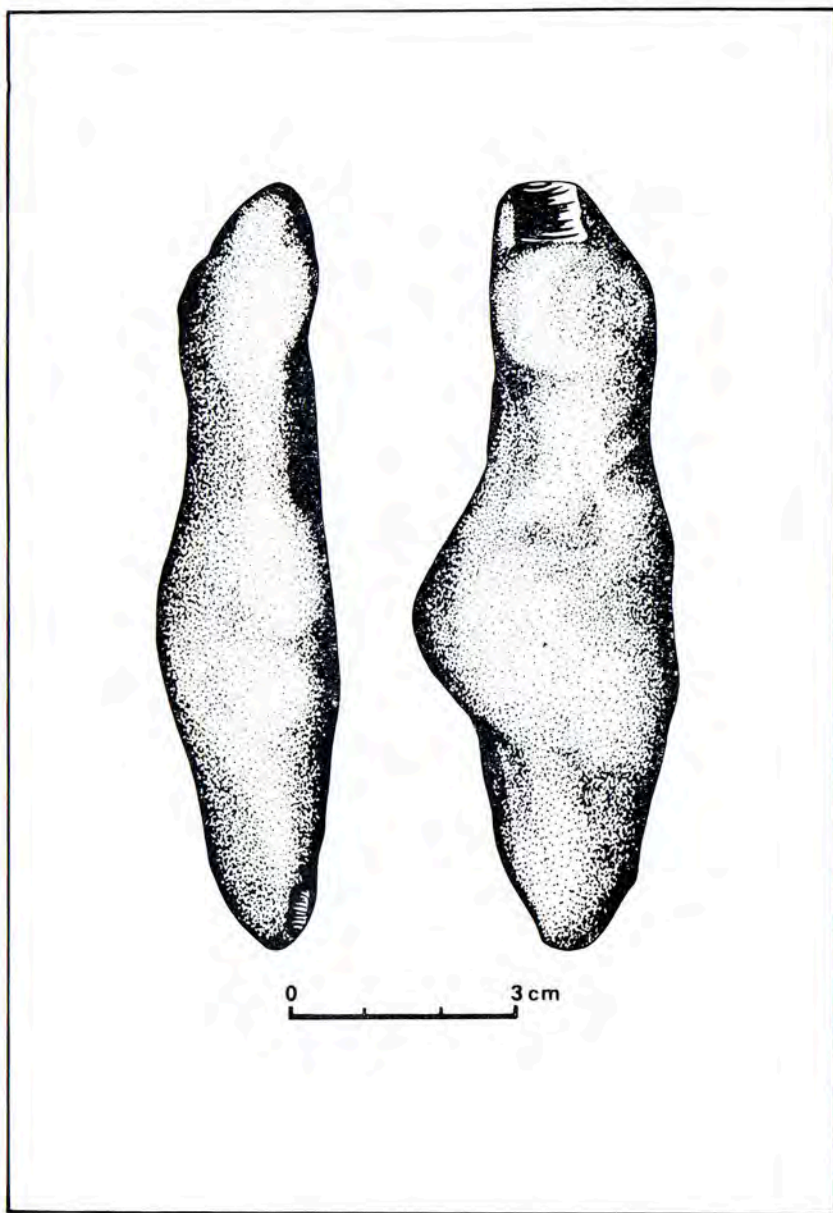


Fig. 16 — *Estatueta paleolítica de Setúbal (Seg. Santos, 1980-81).*

de Salemas) quer ao Paleolítico Superior (Lapa da Rainha). A fauna da Gruta da Figueira Brava não é, pois, mais concludente que a indústria quanto ao estabelecimento da cronologia. Tal como Roche (1971) afirma, o inventário da fauna proveniente das jazidas portuguesas do Plislocénico final não apresenta variações apreciáveis durante o período compreendido entre o interglacial Riss-Würm e o fim do Würm. A estabilidade da fauna parece indicar um clima com fracas oscilações. Os únicos vestígios de glaciares, pertencentes ao Würm, limitam-se à Serra da Estrela, acima de 600 m de altitude. «À basse altitude, il régnait un climat humide, de type périglaciaire, dont les variations modérées par les influences océaniques devaient s'apparenter bien plus à celles d'un régime pluvial que glaciaire». É este o modelo climático que J. Roche traça, em termos gerais, para os pequenos maciços montanhosos da Estremadura. Modelo que, a servir para esta região, melhor se aplicará ao maciço da Arrábida.

Paleolítico Superior: a estatueta feminina de Setúbal

Até este momento não é conhecida na Arrábida nenhuma jazida que possa ser atribuída com segurança ao Paleolítico Superior. No entanto, uma peça encontrada fora de contexto estratigráfico, na Toca do Pai Lopes (Parque de Campismo de Setúbal), vem preencher, de alguma forma, esta lacuna; trata-se de uma estatueta feminina, tipologicamente atribuível ao Magdalenense.

A Toca do Pai Lopes é uma galeria subterrânea, aberta em formações miocénicas do complexo greso-calcáreo, adjacente ao Parque de Campismo de Setúbal, na orla costeira e periodicamente inundada pelas marés.

A estatueta foi realizada sobre um nódulo de sílex verde escuro acinzentado, do qual aproveita a forma geral. Apresenta fina picotagem e vestígios de abrasão no dorso e coxas. Possui dois levantamentos, posteriores à sua preparação, resultantes muito possivelmente de choques acidentais que sugerem significativas acções de transporte. Tem 102 mm de altura total, 36 mm de largura máx. ao nível das coxas, 20 mm de largura de busto, 15 mm de largura na extremidade superior. Pesa 85 gr. (Figs. 16 e 17).

Embora por enquanto a conexão desta peça com um contexto arqueológico seja desconhecida, é inegável o seu interesse intrínseco pois, pela sua tipologia, como já foi dito, integra-se no Magdalenense (14 000-9000 a. C.) e representa a primeira escultura paleolítica en-

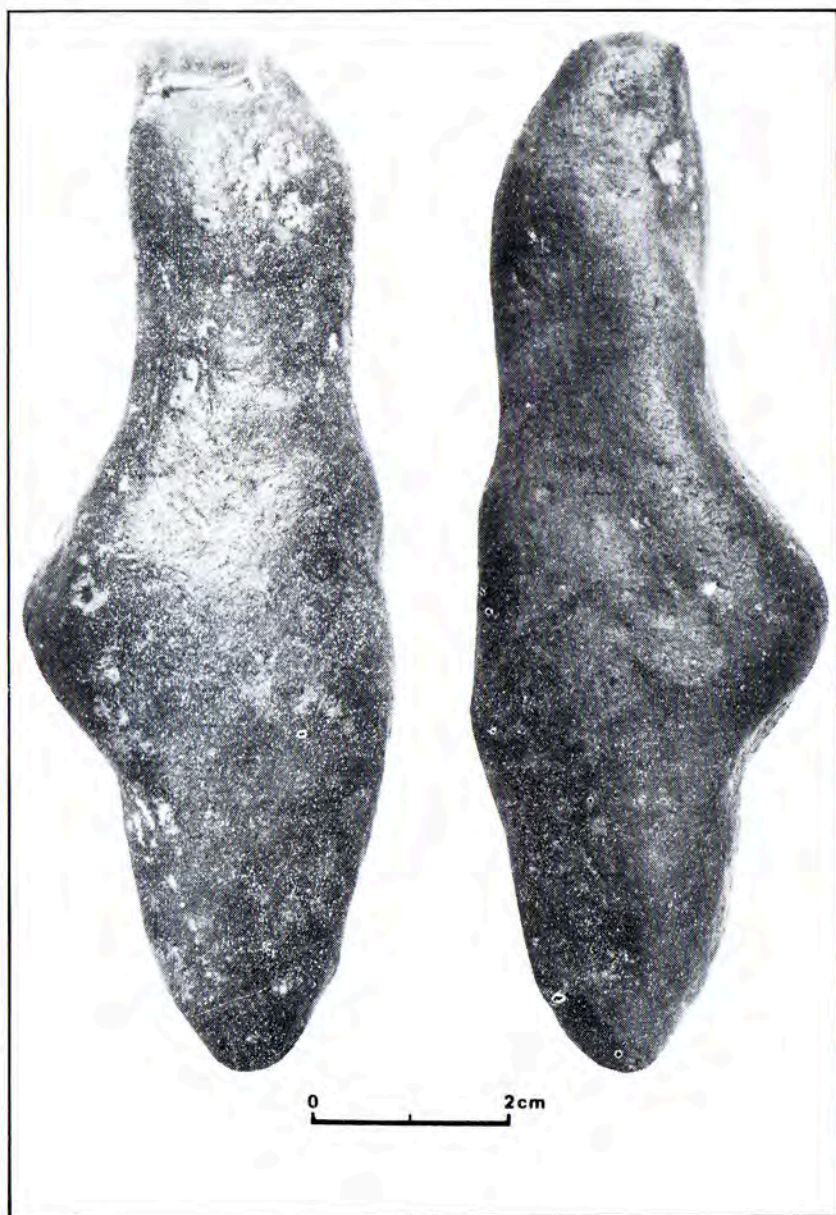


Fig. 17 — *Estatueta paleolítica de Setúbal. Perfis.* (Fot. in Santos, 1980-81).

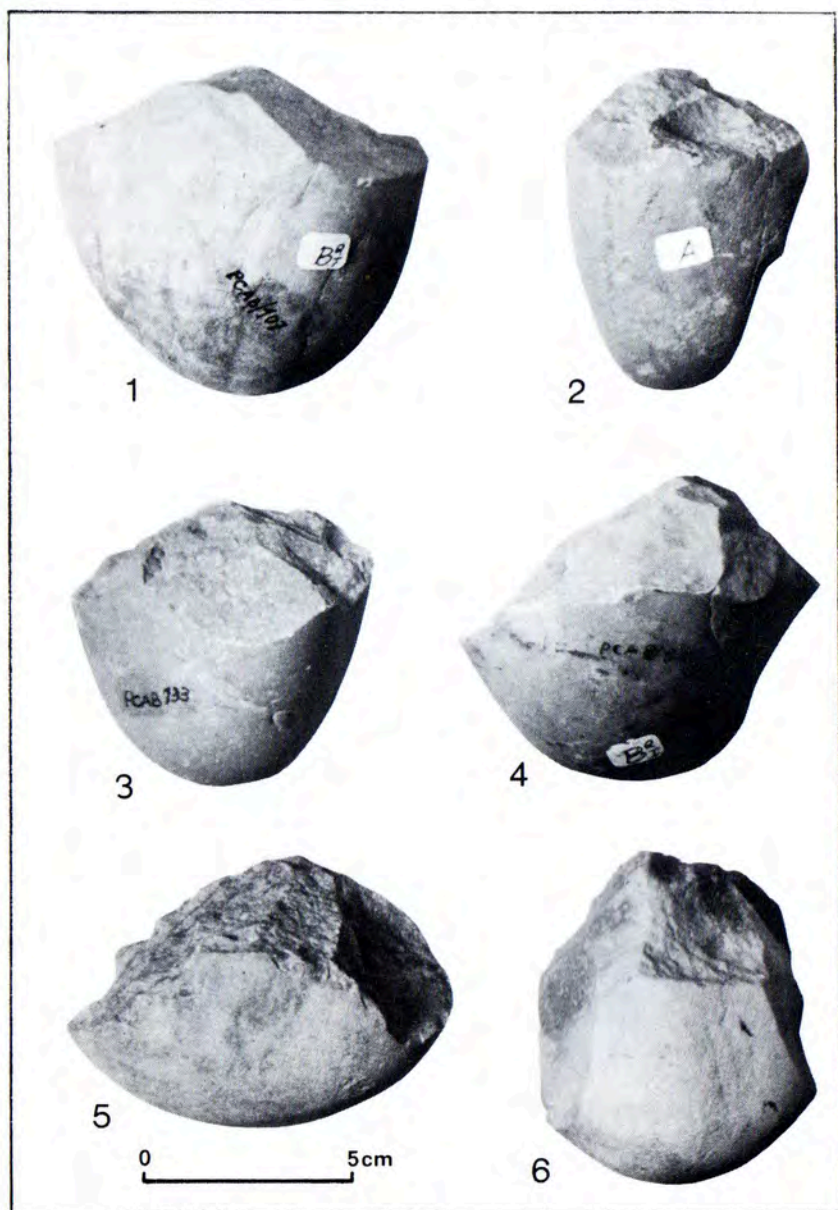


Fig. 18 — Seixos truncados e seixos-raspadores, de técnica languedocense, da Ponta do Cabedelo.

contrada em Portugal, onde as manifestações artísticas deste período são, por enquanto, muito escassas (grutas do Escoural e de Mazouco).

O melhor paralelo para a estatueta de Setúbal foi descoberto em Belves (Dordogne).

Vestígios epipaleolíticos

Com o fim da glaciação do Würm, há cerca de 11 000 anos, na sequência de importantes modificações do clima e da fauna as comunidades humanas diversificam o seu regime alimentar; acentua-se a importância da recolha e da pesca.

As culturas do período imediatamente pós-Würm, que integram o chamado Epipaleolítico, são, como as precedentes, muito mal conhecidas na região da Arrábida. Poderão estar representadas por jazidas que têm fornecido macroutensílios líticos de técnica languedocense e pela jazida do Casal do Mocinho (Sesimbra) com materiais de carácter microlítico.

Quanto ao «Languedocense», Francisco Sande Lemos e J. Pinho Monteiro (1974), ao estudarem as indústrias de seixos afeiçãoados do concelho de Sesimbra numa perspectiva tipológica, pois as condições de jazida das peças analisadas (recolhas de superfície) não permitiram outras formas de abordagem, registaram «a existência de dois grupos morfológicos distintos representados, um pelas estações litorais da costa da Arrábida e outro, pelas jazidas que da falésia setentrional da Praia dos Lagosteiros se estendem à Foz da Fonte, no ponto em que terminam os afloramentos jurássicos e se iniciam os areais da Lagoa de Albufeira. (...) Na segunda das áreas referidas, o conjunto do material recolhido apresenta características diferentes: o quartzo é largamente aproveitado, embora os instrumentos feitos a partir desta matéria-prima conservem dimensões pequenas, a par do quartzito, sobre o qual se afeioam utensílios de maiores dimensões, de morfologia mais complexa, e com talhe subvertical e remontante (é o chamado «Languedocense» de H. Breuil e G. Zbyszewski). Os artefactos sobre lasca estão aqui melhor representados».

A distribuição das jazidas com «indústrias languedocenses» desenvolve-se pois pelo litoral ocidental até à foz do Tejo. Em 1965, Zbyszewski afirmava que «na parte superior das escarpas marítimas, entre Fonte da Telha e Mina de Ouro (...) existem vestígios de fogueiras e fundos de cabanas languedocenses». O mesmo autor e H. Breuil identificaram a jazida «languedocense» da Ponta do Cabedelo, sobranceira à Costa da Caparica, que viria a ser objecto de estudo mais deta-

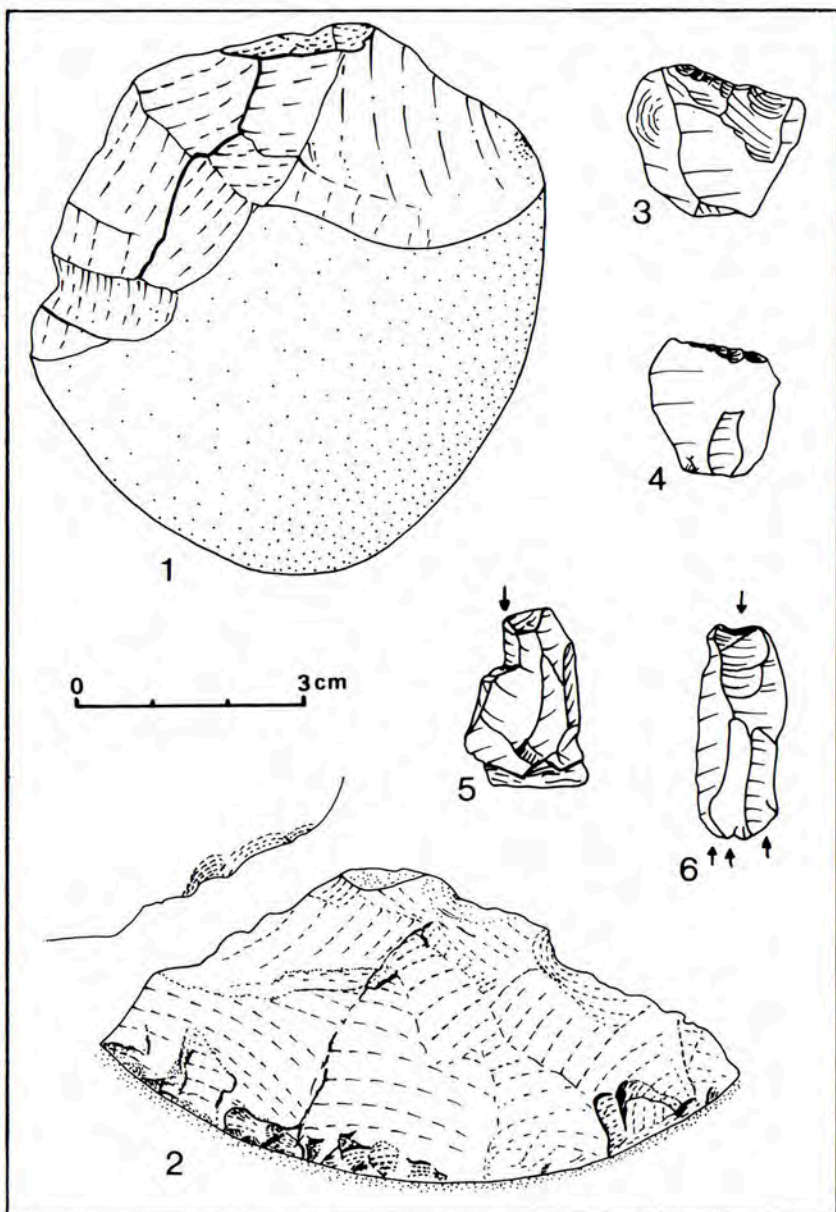


Fig. 19 — *Utilização lítica do Casal do Mochinho (Sesimbra).*

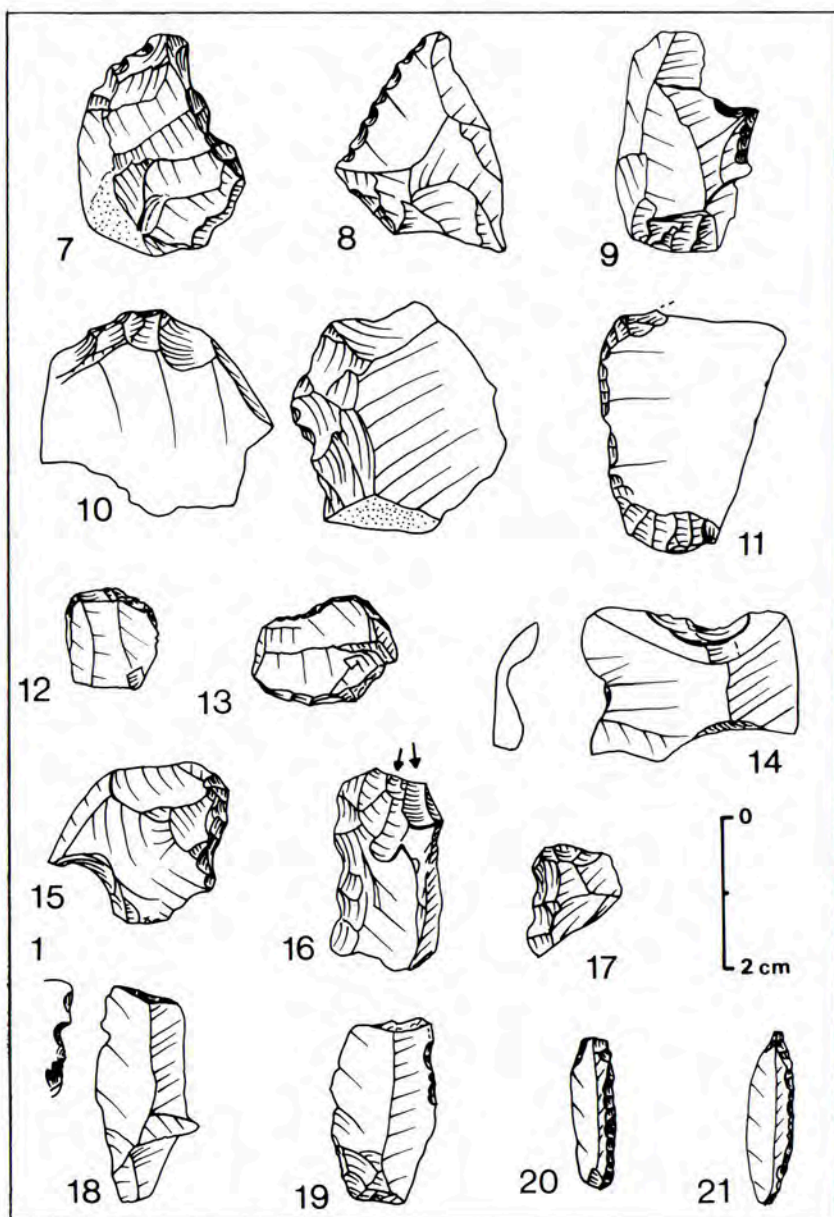


Fig. 20 – *Utensilagem lítica do Casal do Mochinho (Sesimbra).*

lhado por Bandeira Ferreira. Este autor publicou alguns materiais recolhidos em prospecções de superfície de que importa salientar a presença de picos, raspadores, furadores, lascas e núcleos.

As peças de técnica languedocense, em geral de carácter nuclear, obtidas através de levantamentos subverticais e escalariformes efectuados sobre seixos em geral de quartzito (fig. 18) podem ter funcionado essencialmente como artefactos de ocasião (ao serviço de actividades de recollecção) produzidos por comunidades de acentuada mobilidade, em condições ecológicas específicas.

A técnica languedocense pode ter tido a sua origem no Paleolítico mas o seu desenvolvimento ter-se-ia verificado sobretudo no Epipaleolítico, época em que, como atrás dissemos, a recollecção se intensifica. Dados recentemente obtidos quer no Alentejo Litoral quer no vale do Guadiana (concelho de Reguengos de Monsaraz) indicam que a utilização da referida técnica se prolongou pelo Mesolítico (Samouqueira — Sines), Neolítico antigo (Medo Tojeiro — Odemira) e Neolítico médio (Pipas — Reguengos de Monsaraz).

O «Languedocense» tem sido definido, e até encarado por alguns como cultura, com base em recolhas de superfície muito selectivas que sobrevalorizam a macroutensilagem. Contudo, os recentes trabalhos efectuados nas jazidas atrás referidas vieram mostrar que as peças de técnica languedocense constituem apenas a componente macrolítica de conjuntos industriais nos quais a microutensilagem ocupa, por vezes, posição relevante. Este aspecto parece verificar-se igualmente na Arrábida, no Casal do Mocinho (Sesimbra) (figs. 19 e 20). Com efeito, as prospecções conduzidas pelo Dr. Luciano Costa neste arqueossítio, plano e arenoso, da costa ocidental, permitiram recolher, a par de seixos afeiçoados e lascas de quartzito de técnica languedocense, numerosas peças sobre sílex em que dominam os subprodutos de talhe. O sílex é bastante homogéneo, de cor branca ou acinzentada muito clara; os núcleos são numerosos, em geral exaustos e irregulares, por vezes de tendência prismática ou piramidal, com levantamentos de lascas e lamelas; abundam as lascas não retocadas. Quanto aos artefactos verifica-se a presença de buris de ângulo, furadores, entalhes e denticulados (os mais frequentes), raspadores unguiformes e lamelas de bordo abatido. Embora o pequeno número de artefactos seja insuficiente para uma rigorosa caracterização da indústria, esta parece evidenciar feição azilóide.

AS PRIMEIRAS COMUNIDADES PRODUTORAS DE ALIMENTOS — O NEOLÍTICO

Comunidades dos inícios do Neolítico

Não foi até agora identificada na Arrábida qualquer jazida seguramente do Mesolítico, ou seja, da fase pós glaciár durante a qual o Homem, não obstante continuar a viver da recollecção, da pesca e da caça e a desconhecer, portanto, a economia de produção de alimentos, evoluía social e culturalmente no sentido de vir a praticar esta última. Teríamos que subir o rio Sado até à zona de S. Romão, a montante de Alcácer, para observarmos numerosos «concheiros» formados, durante esse período, pela acumulação de abundantes restos de cozinha, principalmente de conchas de moluscos. A influência das marés, devido à transgressão flandriana em curso e ao fraco assoreamento do rio, atingia, no VI e V milénios a.C., zonas do Sado francamente afastadas da foz; na região entre Alcácer do Sal e o Torrão, as águas do rio, certamente salobras, eram propícias ao desenvolvimento do berbigão (*Cardium edule*) e da ameijoia da marinha (*Scrobicularia plana*), facto que levou as comunidades mesolíticas, fundamentalmente marisqueiras, a estabelecerem-se aí.

Alguns grupos mesolíticos teriam evoluído de modo a assimilarem influências externas de carácter neolitizador, atingindo, por um processo de evolução e aculturação, formas elementares de produção de alimentos (agricultura/horticultura muito incipientes e talvez criação de gado) e o domínio da tecnologia cerâmica. Surgem assim as primeiras comunidades neolíticas do Sul do País que se distribuem principalmente ao longo da faixa costeira, embora algumas se internem até sítios como a Gaspeia, em Alvalade do Sado. Constroem as suas habitações, de materiais perecíveis (ramagens), em locais arenosos, planos, abertos e baixos, sem quaisquer condições naturais de defesa. Nestas estações de ar livre, quase sempre muito vastas (chegam a atingir 100 000 m²), o povoado organiza-se normalmente em pequenos nú-

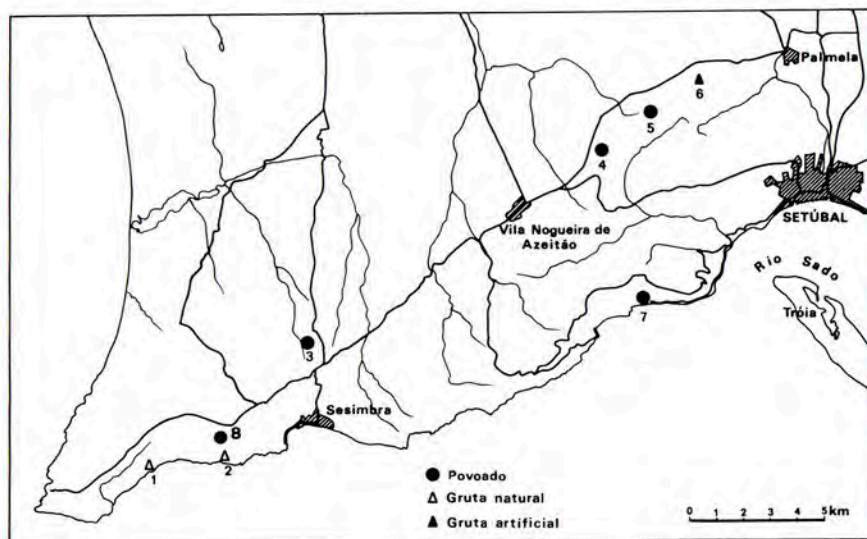


Fig. 21 — Jazidas do Neolítico da região da Arrábida: 1 — Lapa do Bugio (Neolítico recente/final); 2 — Lapa do Fumo (Neolítico antigo e recente); 3 — Fonte de Sesimbra (povoado do Neolítico antigo); 4 — Alto de S. Francisco (povoado do Neolítico final); 5 — Moinho da Fonte do Sol (Neolítico final); 6 — Grutas artificiais da Quinta do Anjo (1.^a fase de utilização — Neolítico final); 7 — Galapos (concheiro); 8 — Pinheirinhos (Neolítico antigo).

cleos habitacionais, talvez familiares, separados entre si por alguns metros e dispersos pela extensa área ocupada. A baixa densidade de materiais arqueológicos geralmente verificada, sobretudo cerâmicos, indica uma ocupação pouco prolongada. A fraca sedentarização que revelam explica-se facilmente se tivermos presente que o modo de vida dessas populações se baseava essencialmente na caça e na recollecção, ocupando a criação de gado e a horticultura e/ou agricultura cerealífera um lugar secundário.

As extensas escavações realizadas pelos autores, nos últimos anos, em diversos arqueossítios do Alentejo Litoral e do vale do Sado, revelaram as primeiras estruturas de carácter habitacional descobertas na Península Ibérica em povoados de ar livre desta época.

Em Vale Pincel I (Sines), Vale Vistoso (Sines), Salema (Santiago do Cacém), Montum de Baixo (Melides), Gaspeia (Alvalade do Sado), os núcleos habitacionais possuíam numerosaslareiras em cova pouco funda, por vezes repleta de calhaus que se destinavam a acumular o calor. Algumas destas estruturas de combustão poderiam funcionar

como grelhadores: o fogo seria produzido sobre a camada de calhaus até estes ficarem sobreaquecidos; o empedrado, limpo das cinzas que o cobriam, apresentava-se apto a receber a carne ou o peixe que se desejava grelhar.

Na Salema, surgiram ainda estruturas de planta ovalada (cerca de 0,50 x 0,80 m), com paredes de argila cozida, que poderiam ter-se comportado como fornos.

Na Arrábida, mas fora da área do Parque Natural, foram, até agora, estudadas duas jazidas integráveis neste período designado por Neolítico antigo. Uma delas, a mais recentemente descoberta, é um povoado de ar livre situado em Fonte de Sesimbra, nos arredores de Santana. A outra corresponde ao estrato considerado mais antigo da Lapa do Fumo, gruta situada junto da falésia litoral, entre Sesimbra e o Cabo do Espichel.

A jazida de Fonte de Sesimbra (Soares, Tavares da Silva e Barros, 1979) obedece, no que se refere à estratégia de povoamento, ao modelo patente nas demais jazidas deste período, conhecidas no Sul do País. Com efeito, ocupa uma área plana, arenosa e vasta (cerca de 200 m x 300 m), na confluência de duas linhas de água que, nascendo na zona alta de Santana, descem para norte, indo formar a ribeira da Ferraria. O local não se salienta na paisagem e não oferece quaisquer condições naturais de defesa. É muito rico em água (presença de numerosas fontes). (Fig. 22).

Até agora não foram realizadas escavações arqueológicas. Nas prospecções efectuadas verificou-se que o espólio não se distribuía à superfície de um modo claramente uniforme: concentrava-se em zonas que, no terreno lavrado, coincidiam com grandes manchas de areia acinzentada. Esta observação pode indicar que a ocupação não se efectuou de uma forma concentrada mas, pelo contrário, se organizou através de unidades habitacionais, certamente formadas por cabanas, dispersas pela vasta área que o povoado abrangueu.

O material arqueológico, totalmente obtido por recolhas de superfície, é constituído por objectos de pedra lascada, pedra polida e cerâmica.

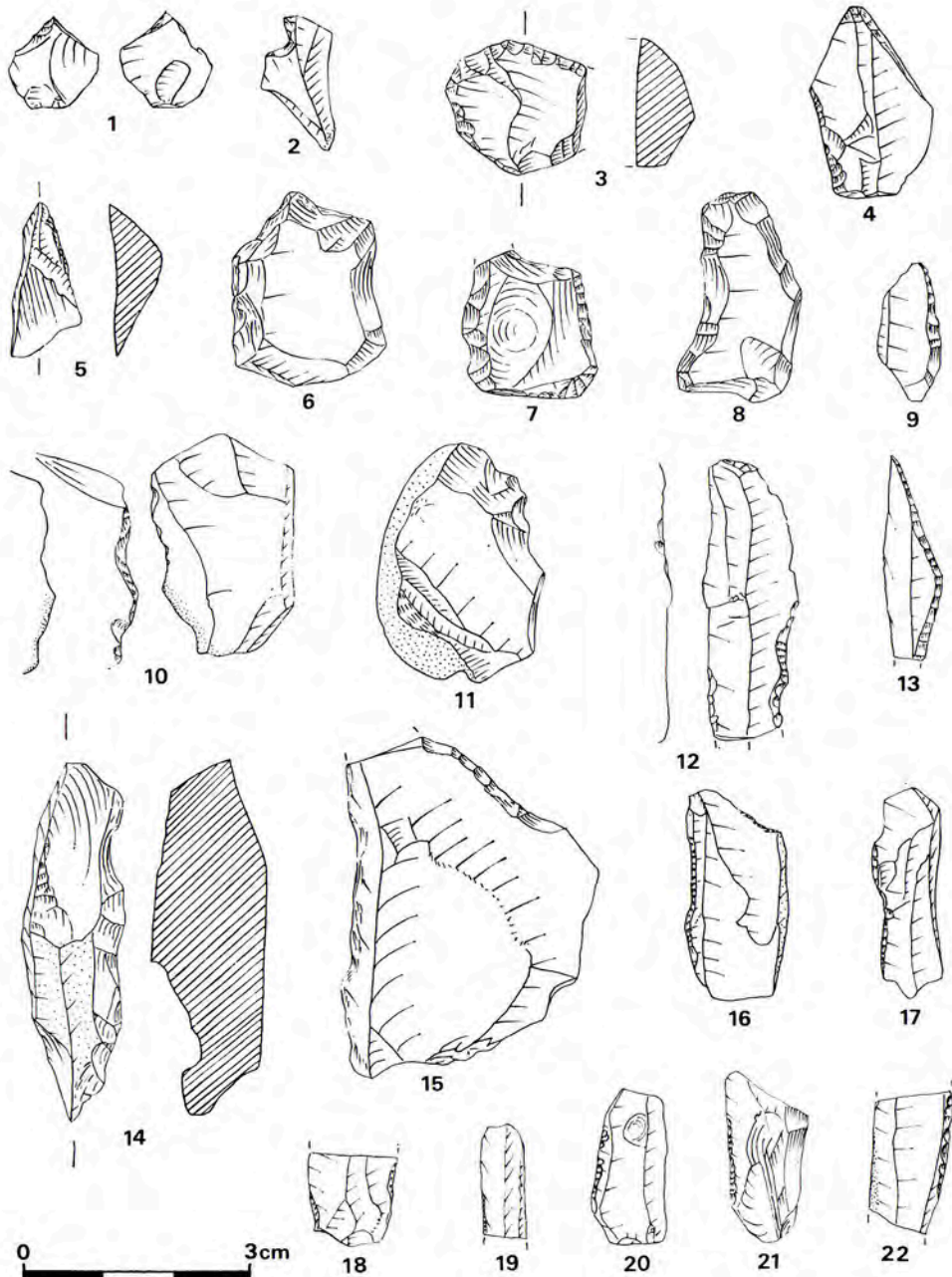
Os materiais de pedra lascada, predominantemente de sílex (raramente de quartzo leitoso e mais raramente ainda de quartzito), fornecem, no conjunto, uma imagem que, em certos aspectos, se aproxima da de outros contextos (Salema, Santiago do Cacém, por exemplo) considerados de uma fase evolucionada do Neolítico antigo, datável da segunda metade do quinto e inícios do quarto milénios. Afastam-se, por conseguinte, das indústrias da fase plena do Neolítico antigo, pre-



Fig. 22 — Local do povoado neolítico de ar livre de Fonte de Sesimbra, visto de NW.

sentes, por exemplo, em Vale Pincel I (Sines), nas quais se percebe ainda uma tradição do Mesolítico regional. Com efeito, ao contrário do que se verificou nesta última jazida do litoral alentejano, em Fonte de Sesimbra as lascas dominam sobre as lamelas. Os utensílios repartem-se pelos seguintes tipos: raspador (*grattoir*) de frente alargada, furador fino, furador espesso, lasca de bordo abatido, lamela de bordo abatido, entalhe (*encoche*) retocado sobre lasca, denticulado sobre lasca, denticulado sobre lamela, triângulo isósceles, raspadeira (*racloir*) lateral carenóide, lasca pouco espessa com retoque diverso (abundante) e seixo truncado (fig. 23).

Fig. 23 — Indústria lítica de Fonte de Sesimbra: 1 e 2 — microburis; 3 — raspador de frente alargada; 4 a 6 — furadores; 7 e 8 — lascas de bordo abatido; 9 — lamela de bordo abatido; 10 — «encoche» retocado sobre lasca; 11 — denticulado lateral sobre lasca; 12 — denticulado sobre lamela; 13 — triângulo isósceles; 14 — raspadeira («racloir») lateral carenóide; 15 — lasca pouco espessa com retoque; 16 a 22 — lamelas com retoque marginal e parcial e com traços de uso. (Segundo Soares, Tavares da Silva e Barros, 1979). ►



No que se refere ao material de pedra polida e/ou picotada foram recolhidos um sacho ou enxó, de secção transversal ovalada, e dois elementos moventes de mós manuais, de grés.

Os recipientes cerâmicos, muito fragmentados, inserem-se, sobretudo pela decoração impressa, no grupo do Neolítico antigo do Mediterrâneo ocidental (fig. 24).

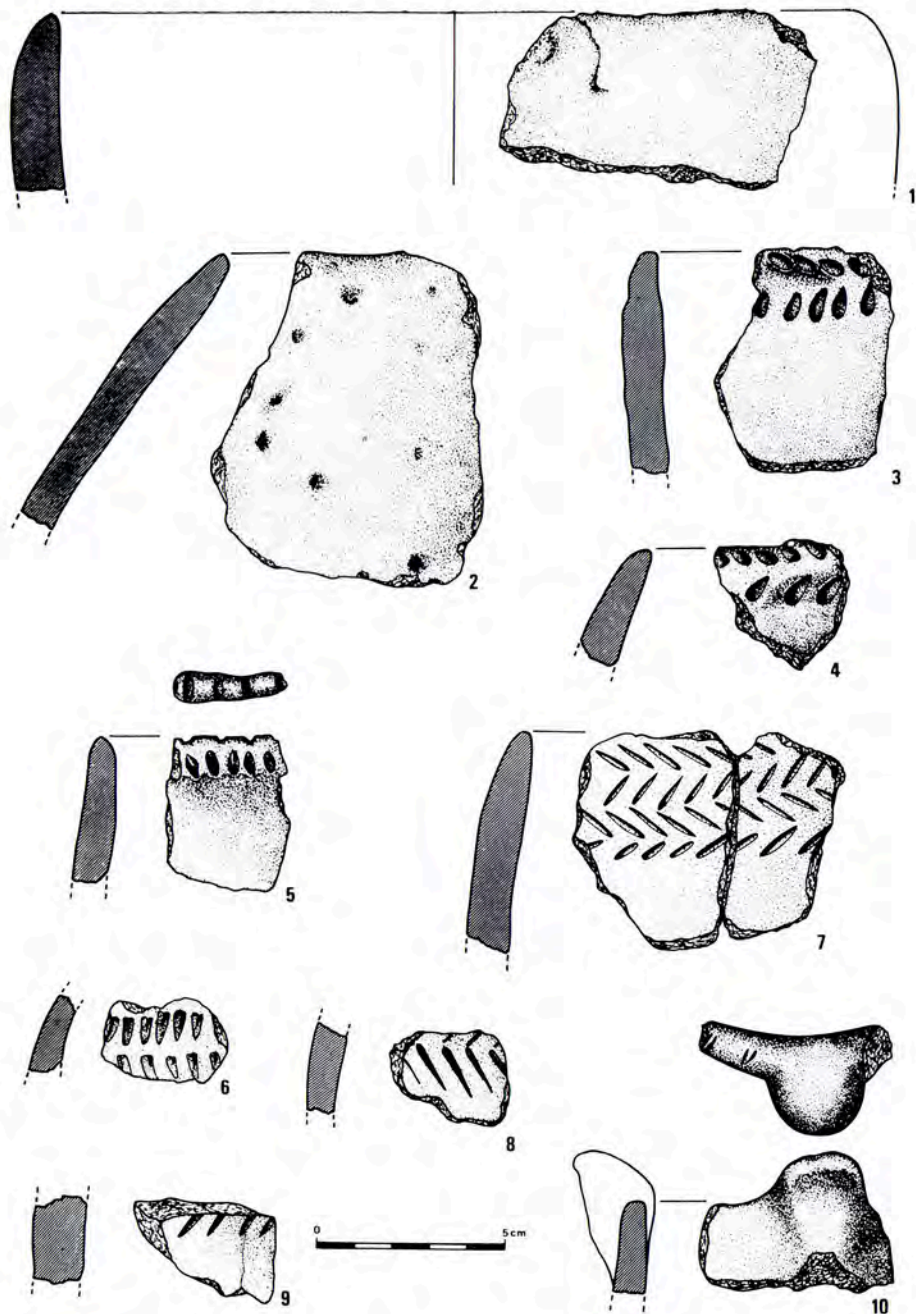
A cerâmica faz o seu aparecimento no Sul do território hoje português durante o V milénio a.C., com as primeiras comunidades neolíticas. A agricultura, ainda que incipiente no Neolítico antigo, contribuiu para a sedentarização que, por sua vez, possibilitou a produção e utilização de recipientes de cerâmica.

As peças de Fonte de Sesimbra eram modeladas exclusivamente à mão, técnica que aliás se manifestaria até à Idade do Ferro, época em que surgem as primeiras cerâmicas fabricadas ao torno. À pasta, adicionavam-se abundantes grãos de areia destinados a quebrar a plasticidade da argila e a evitar a abertura de fendas durante o processo de cozedura. Obtinham-se formas simples: vasos de fundo arredondado, uns utilizados para guardar provisões — os de maiores dimensões e de forma ovóide —, outros para cozinhar, outros ainda utilizados no acto de beber ou de comer (especialmente as taças em calote). Antes da cozedura, procedia-se à decoração de alguns exemplares, imprimindo, sobre a pasta fresca, diversas matrizes: cunhas, punções actuados obliquamente, hastes cilíndricas e ocas, hastes de extremidade bifida. A parte superior do bordo era, por vezes, também decorada através de impressões. Por razões decorativas ou com o fim de permitir um melhor manuseamento do recipiente, modelava-se, em alguns casos, sobre o bordo, um mamilo com a forma de lingueta. Uma vez secas, as peças cerâmicas eram cozidas possivelmente em cova coberta por ramagens (combustível). A cozedura processava-se, portanto, irregularmente e em ambiente redutor-oxidante o que se infere do facto de os fragmentos mostrarem as superfícies avermelhadas, com manchas cinzentas, e possuírem núcleo cinzento ou negro.

A utilização, na decoração dos recipientes cerâmicos, de uma grande variedade de matrizes, parece indicar, tal como a indústria lítica deixara já perceber, um momento avançado do Neolítico antigo português.

A este mesmo momento pertencerá o estrato inferior da vizinha Lapa do Fumo (Serrão, 1975) de que se conhece, publicado, somente

Fig. 24 — Cerâmica de Fonte de Sesimbra: lisa (n.^{os} 1 e 2); com decoração impressa (n.^{os} 3-10) e com decoração plástica (n.^o 10). (Segundo Soares, Tavares da Silva e Barros, 1979).



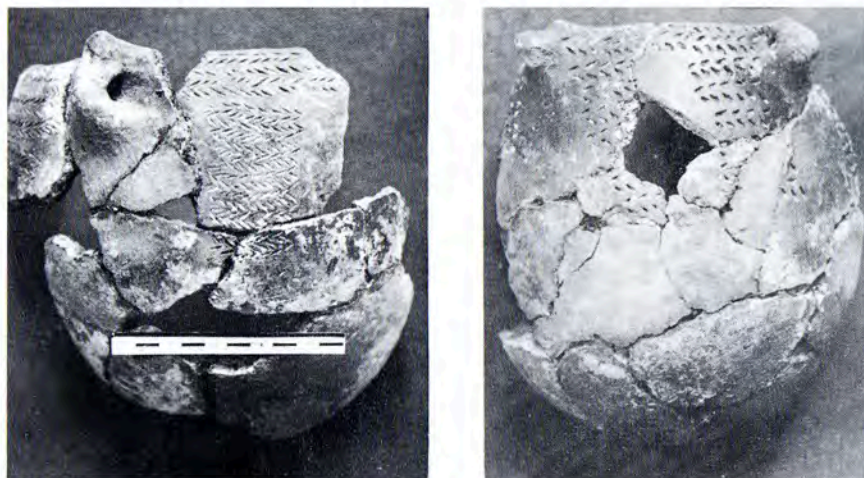


Fig. 25 — *Recipientes em cerâmica com decoração impressa a punção, da ocupação do Neolítico Antigo da Lapa do Fumo. (Fotografias E. Cunha Serrão).*

material cerâmico: recipientes ovóides decorados por impressões obtidas através de um punção actuado obliquamente, formando conjuntos metopados de «espigas» na metade superior do vaso, e providos de pequenas asas verticais localizadas no bordo e prolongadas por mamilos (fig. 25).

A cerca de 700m para norte da Lapa do Fumo e junto do caminho que lhe dá acesso, no sítio dos Pinheirinhos, em zona aplanada e aberta existiu um *habitat* de ar livre correlacionável com o referido estrato dessa gruta. A jazida dos Pinheirinhos foi assinalada na «Carta Arqueológica do Concelho de Sesimbra» (Serrão, 1973) como tendo fornecido materiais do Paleolítico e um instrumento de pedra polida. A área dos Pinheirinhos foi recentemente prospectada pelo Dr. Luciano Costa: surgiram fragmentos de cerâmica produzida manualmente (um deles com decoração impressa a punção) e peças líticas. Abundam os núcleos e subprodutos de talhe. Trata-se de conjunto de carácter mais lamental do que o recolhido em Fonte de Sesimbra. Dominam os entalhes e denticulados, seguidos pelas peças de retoque marginal diverso (artefactos pouco especializados), raspadores e geométricos (predominam largamente os crescentes sobre os trapézios). A pedra polida encontra-se representada por uma enxó e um fragmento de instrumento de fibrolite.

Uma outra jazida da Arrábida, esta situada na área do Parque Natural, e pertencente possivelmente ao Neolítico, é a de Galapos (Tavares da Silva, 1972). Situada sobre a falésia litoral, na extremidade

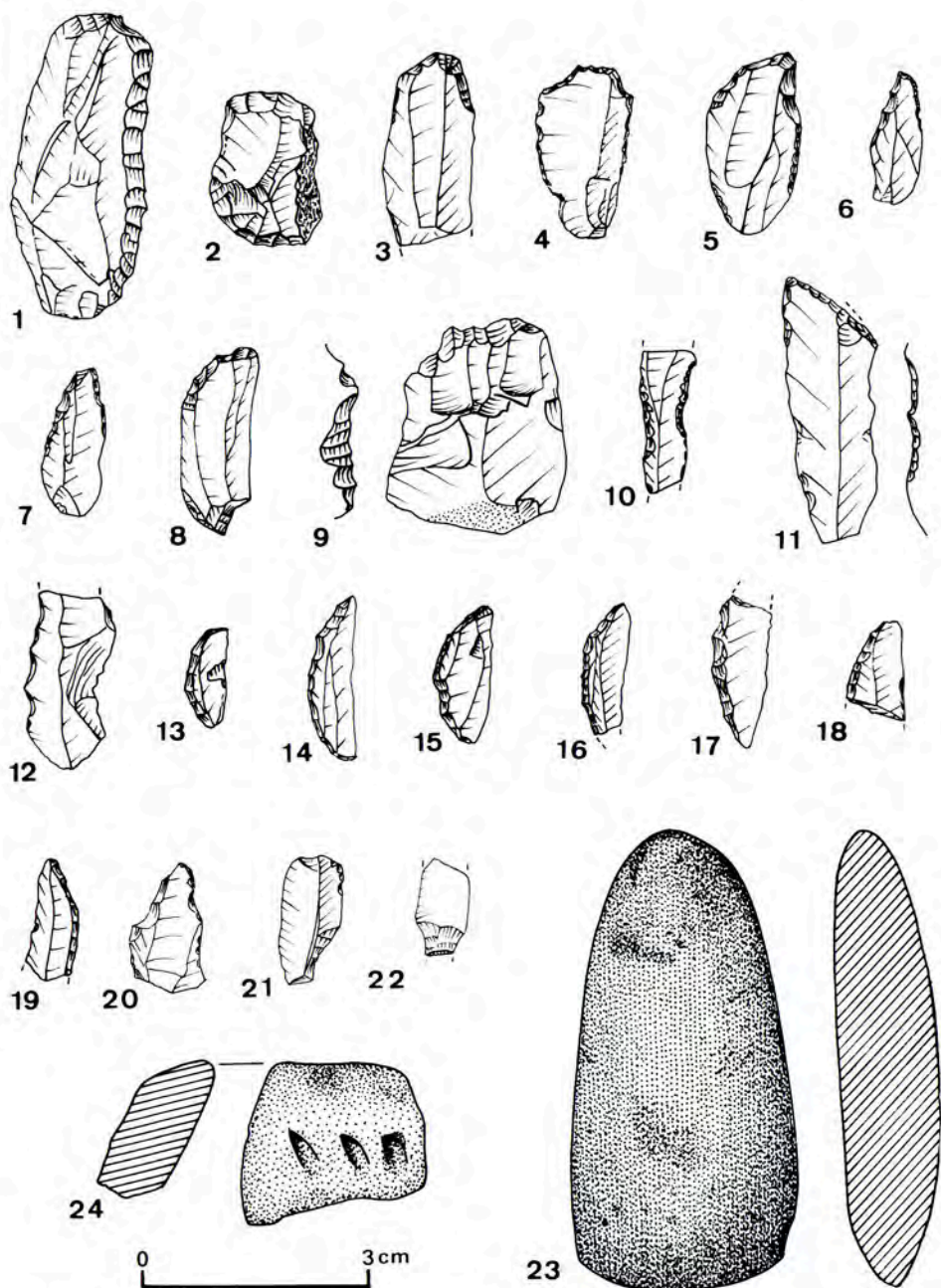


Fig. 26 — Pinheirinhos. Indústria lítica (n.ºs 1-23) e cerâmica (n.º 24). N.ºs 1-4 — raspadores; 5 — furador; 6-8 — lamelas de bordo abatido parcial; 9-12 — entalhes e denticulados; 13-19 — crescentes; 20 — trapézio rectângulo; 21-22 — diversos (peças pedunculadas); 23 — enxó de pedra polida; 24 — bordo de cerâmica com decoração impressa a punção. (Recolhas do Dr. Luciano Costa).

oriental da praia do mesmo nome, foi quase totalmente destruída aquando das obras de construção da estrada Galapos-Portinho da Arrábida. As observações que um dos autores (C.T.S.) teve oportunidade de efectuar, quer antes da realização de tais obras quer no decurso das mesmas, permitiram concluir que aí viveu uma população possivelmente neolítica (o espólio cerâmico e lítico recolhido não é, infelizmente, muito conclusivo) que, pelos abundantes restos de cozinha que deixou acumulados, formando um verdadeiro concheiro, teria vivido essencialmente da recollecção de moluscos marinhos (abundava o género *Mytilus* — mexilhão —, sem dúvida o mais comum sobre os rochedos do andar mediolitoral de Galapos). A pesca (talvez dourada — *Sparus aurata*) praticada junto da linha costeira e a caça de aves, possivelmente marinhas, são actividades igualmente documentadas. Não surgiram ossos de animais domésticos.

Estas primeiras comunidades neolíticas, que há cerca de 6500-6000 anos viveram na fachada sul da Península de Setúbal, assentavam a sua economia, como aliás acontecia com as suas congéneres e contemporâneas do resto do Sul do País, em actividades depredadoras, de raiz essencialmente mesolítica, ocupando a mariscagem, a pesca e a caça de animais de pequeno porte lugar de destaque. Distinguiam-se porém das suas predecessoras mesolíticas pelo facto de desenvolverem já formas elementares de produção de alimentos. A horticultura e uma agricultura cerealífera muito incipiente, bem como a criação de gado, estariam pois implantadas.

A procura, para o estabelecimento das suas aldeias (geralmente de curta duração), de áreas planas, baixas e extensas, sem quaisquer condições naturais de defesa, pode corresponder a uma situação social estável e pacífica, sendo a guerra um fenómeno ainda inexistente.

Como já por diversas vezes escrevemos, pensamos que a organização económico-social das populações do nosso Neolítico antigo talvez se aproximasse, em termos gerais, da de algumas comunidades actuais de *economia agrícola simples*, de acordo com a classificação de Jorge Dias, e cujas características mais relevantes são a escassez de excedentes — em resultado de uma produção muito baixa fundamentada na pesca, na caça e na recollecção (a agricultura ocupa um lugar francamente secundário) —, a baixa densidade demográfica, a cooperação a todos os níveis, a propriedade colectiva da terra e a ausência de diferenças de fortuna e de *status* social; como se verifica entre os Carajás, cada aldeia representa uma unidade social independente, com um chefe sem poder coercitivo que se limita a dirigir certos trabalhos ou movimentos colectivos que estão na tradição e na vontade de todos (Dias, 1965-66).

Desenvolvimento da economia agro-pastoril

É possível que algumas comunidades da fase evolucionada do Neolítico antigo, como a que viveu na Salema (concelho de Santiago do Cacém), gozando de favoráveis condições ecológicas, tenham evoluído para formas sociais mais complexas, detentoras de uma economia verdadeiramente agro-pastoril e responsáveis, nos alvares do IV milénio, pela construção das primeiras sepulturas megalíticas.

Na Arrábida não foram, até ao presente, descobertas manifestações das fases inicial e média do megalitismo, mas tão só do momento de apogeu deste fenómeno social e religioso. Durante a fase de apogeu do megalitismo, cronologicamente situável entre cerca de 3100 e 2500 a.C. e correspondente ao Neolítico recente (3100-2700 a.C.) e ao Neolítico final (2700-2500 a.C.), enquanto se assiste, no interior do Alentejo, à construção dos grandes dólmenes, na Arrábida, as tumulações colectivas têm lugar quer em grutas artificiais ou hipogeus escavados em calcários brandos (Quinta do Anjo) quer em grutas naturais (Lapas do Fumo e do Bugio, em Sesimbra)¹.

As populações que aí sepultaram os seus mortos estavam penetradas de influências do grupo megalítico do Alto Alentejo, acusando igualmente contactos com o Sudeste peninsular (região de Almeria).

O espólio que acompanhava as tumulações era essencialmente constituído por micrólitos geométricos, em geral trapezoidais, de sílex que, engastados em hastes de madeira, se comportavam como pontas ou barbelas de flechas utilizadas na caça; pontas de seta de base triangular ou pedunculada, igualmente reveladoras de actividades venatórias; machados de secção transversal circular e enxós de pedra polida,

¹ É possível que tenham existido monumentos dolménicos na região da Arrábida, como é sugerido por dois apontamentos, um da autoria de Joaquim Rasteiro, publicado em 1897 em *O Archeólogo Português*, outro de Hernâni de Barros Bernardo (1941). Escreve J. Rasteiro: «Não sei que por aqui existam quaisquer antas mas parece ter havido umas perto da antiga villa de Sezimbra em caminho de Azeitão. No registo das propriedades da igreja de Santa Maria de Sezimbra, feito em princípios do Século xv, ha dois passos que fazem crer na sua existência ali. Assim: *Affonso Vicente paga às alampadas da igreja de S. Maria um foro de 50 soldos, da moeda antiga, de uma herdade que faz nas Antas caminho de Azeitão — Affonso Vasques, pescador, paga um foro de 20 soldos de boa moeda antiga por uma vinha nos chãos acerca das Antas*. A designação de Antas, ainda que se refira ao sítio, não foi de certo caprichosa, mas por ter havido no lugar algum d'aquelles monumentos dos antigos habitantes da península. Actualmente, nem o nome já existe, sendo absorvido pelo de Sampaio, appellido dos senhores da quinta por este nome conhecida».

Hernâni de Barros Bernardo diz ter «conhecimento de uma anta junto do lugar da Azoia». Saliente-se que Eduardo da Cunha Serrão fez tentativas infrutíferas no sentido de reencontrar o monumento a que se refere Barros Bernardo.

peças directa ou indirectamente relacionáveis com a prática da agricultura; recipientes cerâmicos quase sempre sem decoração e de fundo arredondado, por vezes de perfil carenado; alfinetes de osso, providos de uma cabeça cilíndrica canelada, que serviriam como elementos de adorno na composição do penteado; placas de xisto gravadas, de carácter antropomórfico e cuja relação com o culto dos mortos parece evidente; pequenas esculturas zoomórficas representando roedores («coelhinhos»), talvez conotáveis com o culto da fecundidade.

Construção das grutas artificiais da Quinta do Anjo

As grutas artificiais da Quinta do Anjo, os primeiros monumentos deste tipo descobertos em Portugal, foram abertas nos calcários miocénicos que afloram nas proximidades daquela povoação (fig. 27). Conhecem-se quatro. A sua escavação arqueológica ficou a dever-se a António Mendes e Agostinho José da Silva (de 1876 a 1878), ambos dos Serviços Geológicos, e a António Inácio Marques da Costa (1906).

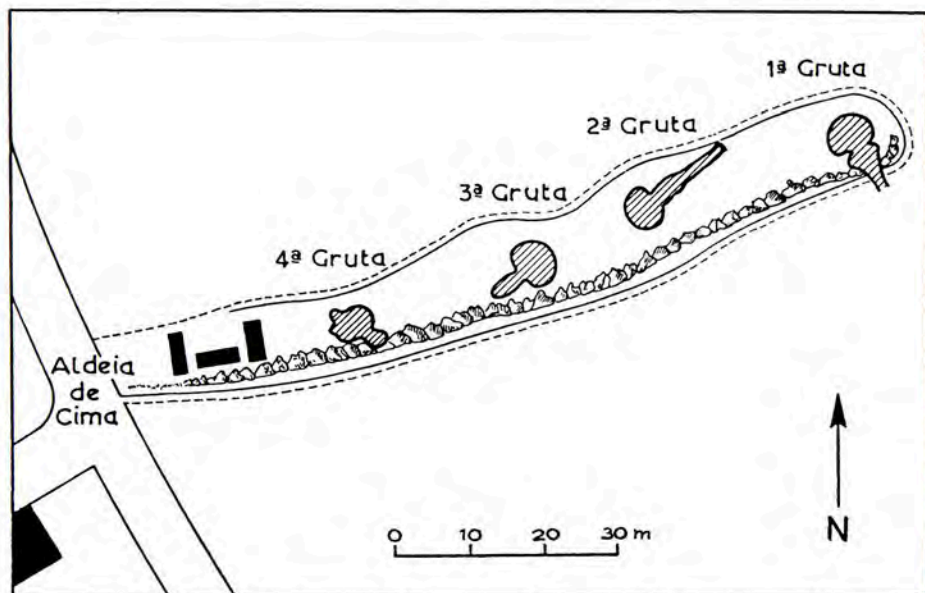


Fig. 27 – Localização das grutas artificiais da Quinta do Anjo. Notar as suas diferentes orientações. (Seg. Leisner, Zbyszewski e Veiga Ferreira, 1961).

Nas duas melhor conservadas (n.ºs 1 e 2) observa-se a seguinte organização (de fora para dentro): corredor, antecâmara ovalada e câmara funerária. Esta apresenta planta circular e abóbada em calote de esfera com uma abertura subcircular na parte superior. (Fig. 28).

Admite-se que na *gruta 1* a entrada da câmara funerária fosse tapada por uma laje vertical que seria encaixada no sulco transversal que pode ser observado no chão, na passagem da antecâmara para a câmara; também na *gruta 2* existiria uma espécie de porta entre o corredor e a antecâmara.

A câmara funerária atinge o diâmetro de 5,50 m e a altura máxima de 2,30 m na *gruta 1*.

Os objectos tipologicamente de feição mais arcaica encontrados (sem qualquer contexto estratigráfico, saliente-se) nas «grutas» da

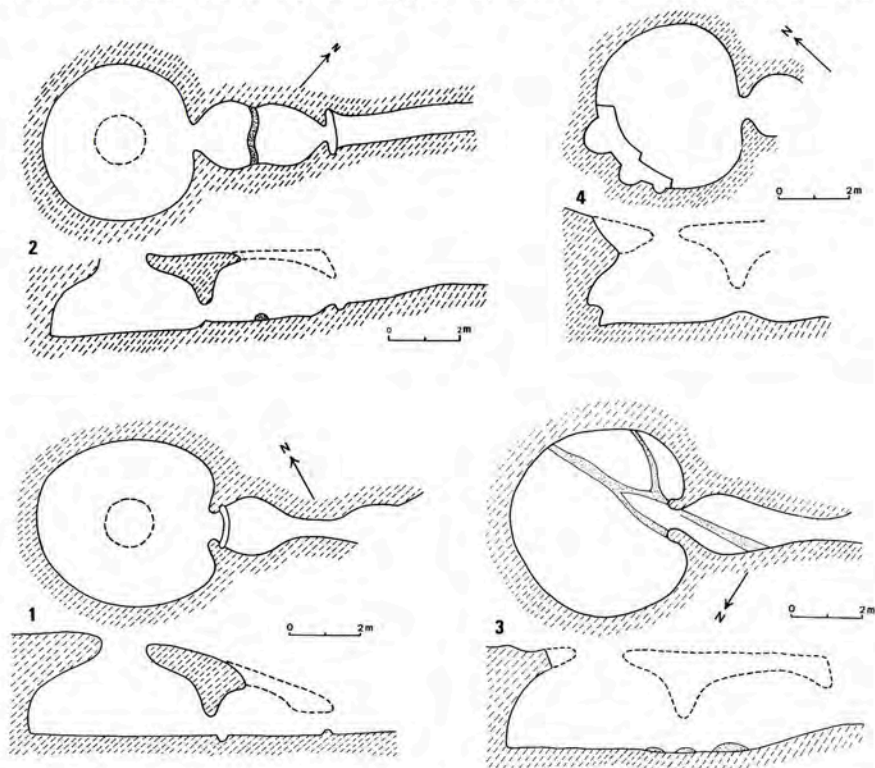


Fig. 28 — Plantas e cortes das grutas artificiais da Quinta do Anjo: 1 — «gruta» 1; 2 — «gruta» 2; 3 — «gruta» 3; 4 — «gruta» 4. (Segundo Leisner, Zbyszewski e Veiga Ferreira, 1961).

Quinta do Anjo remontam ao Neolítico recente/final. Atribuímos a esta fase, que corresponderá às primeiras tumulações, os micrólitos geométricos, as pontas de seta de base triangular e pedunculada, os machados de secção transversal circular e as enxós de pedra polida, as cabeças segmentadas de alfinetes de osso e as placas de xisto gravadas (fig. 29).

As grutas artificiais da Quinta do Anjo que, não obstante a sua natureza específica, se inserem em uma corrente de arquitectura funerária integrável no horizonte megalítico, continuaram a ser utilizadas (à semelhança do que aliás sucedeu com tantos dólmenes) como sepulcros colectivos até aos finais da Idade do Cobre, ou seja, durante cerca de mil anos.

Na quinta de S. Paulo, na encosta este da Serra dos Gaiteiros, junto do caminho que dá acesso às ruínas do Convento dos Capuchos, existem os restos de duas outras grutas artificiais, quase inéditas, que teriam oferecido uma lâmina e duas pontas de seta de sílex, fragmentos de cerâmica lisa e um fragmento de bordo de taça tipo Palmela com decoração incisa (Harrison, 1977).

Tumulações do Neolítico Recente na Lapa do Fumo

A Lapa do Fumo, a que já aludimos a propósito da cerâmica do Neolítico antigo evolucionado, é uma gruta que se abre nos calcários do Jurássico da zona costeira entre Sesimbra e o Cabo do Espichel; tem cerca de 70 m de comprimento, 12 m de largura máxima e 6 m de altura máxima. O seu eixo maior orienta-se segundo a direcção SE-NO. Dista 3 km, em linha recta, da vila de Sesimbra. Apresenta um perfil regular e o tecto e o chão cobrem-se de formações estalactíticas e estalagmíticas, respectivamente. (Fig. 30).

As escavações arqueológicas realizadas por Eduardo da Cunha Serrão e Gustavo Marques revelaram um estrato de tumulações datado pelo radiocarbono de 3090 ± 160 a.C., que assentava sobre o estrato com cerâmicas impressas que atrás considerámos de uma fase evolucionada do Neolítico antigo (figs. 31 e 32).

Essas tumulações obedeceram, segundo os referidos autores (Serrão e Marques, 1971, 137), ao seguinte processo:

- alisamento e pavimentação do fundo, em toda a superfície, por meio de lajes;
- preenchimento com argila dos intervalos entre as lajes;
- deposição dos ossos humanos fragmentados, num monte;

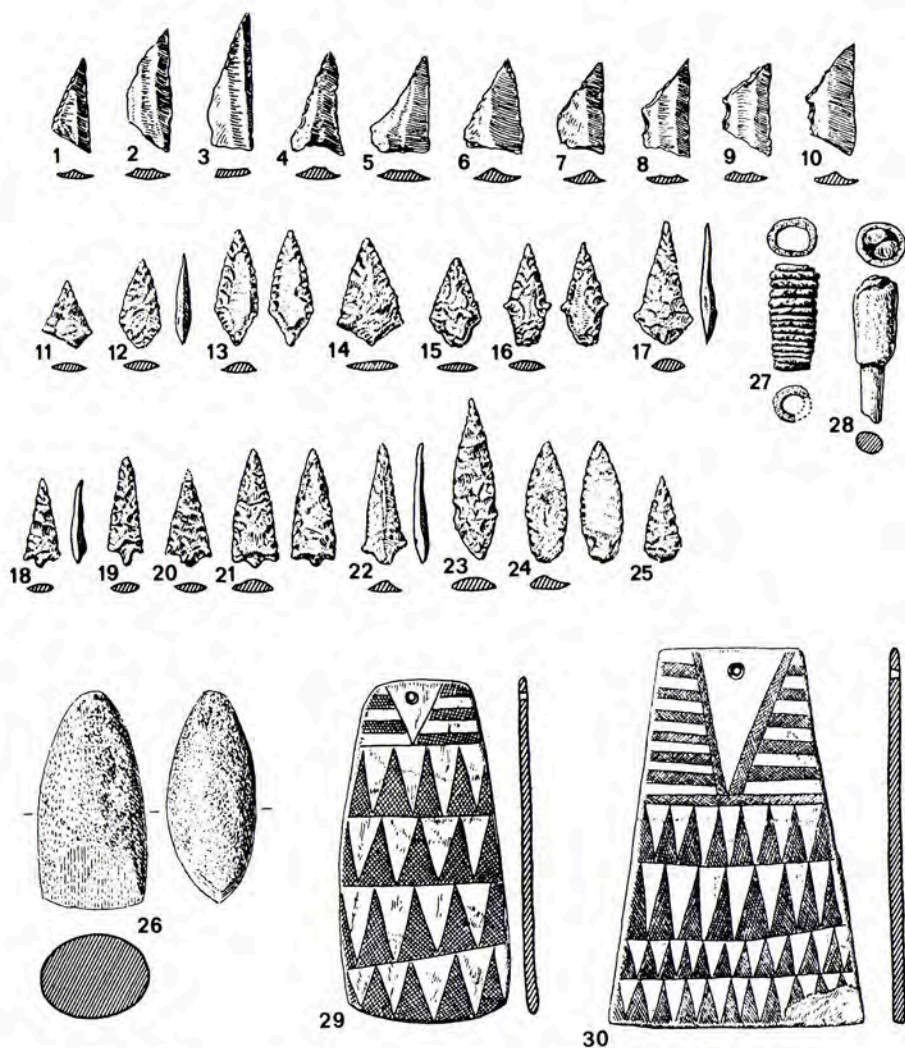


Fig. 29 — Grutas artificiais da Quinta do Anjo. Materiais atribuíveis ao Neolítico Recente/Final: 1 a 10 — micrólitos geométricos de sílex; 11 a 25 — pontas de seta (sílex) de base pedunculada e em lingueta triangular ou trapezoidal; 26 — machado de pedra polida com o talão picotado e a secção transversal ovalada; 27 e 28 — alfinetes de cabeça postiça, a do n.º 27, canelada; 29 e 30 — placas de xisto gravadas. O n.º 29 proveio da «gruta» 3 e os n.ºs 26, 27, 28 e 30 da «gruta» 4. Os n.ºs 1-25, 27 e 28 estão reduzidos a 1:2 e os n.ºs 26, 29 e 30, a 1/3. (Seg. Leisner, 1965).

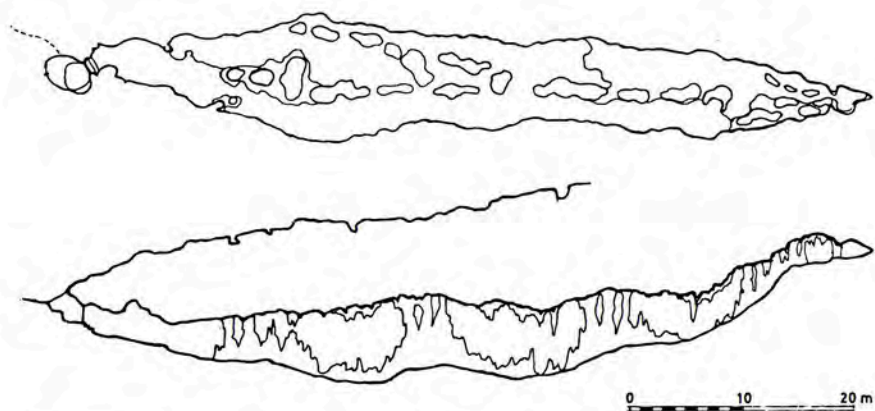


Fig. 30 — *Planta geral e corte longitudinal da Lapa do Fumo. (Segundo Serrão e Marques, 1971).*

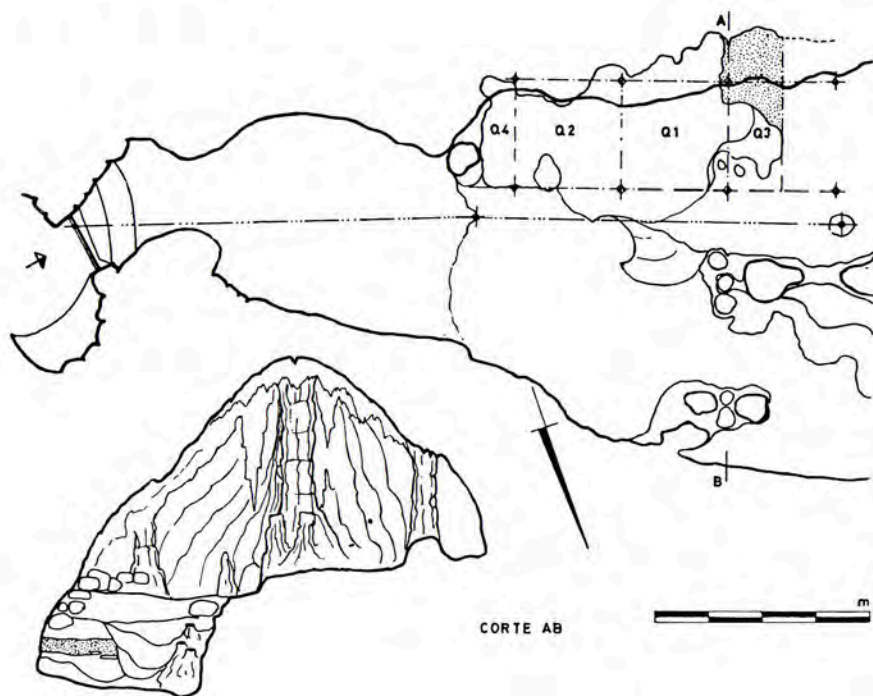


Fig. 31 — *Lapa do Fumo. Planta da zona onde incidiram as escavações de Cunha Serrão e Gustavo Marques e corte transversal. (Segundo Serrão e Marques, 1971).*

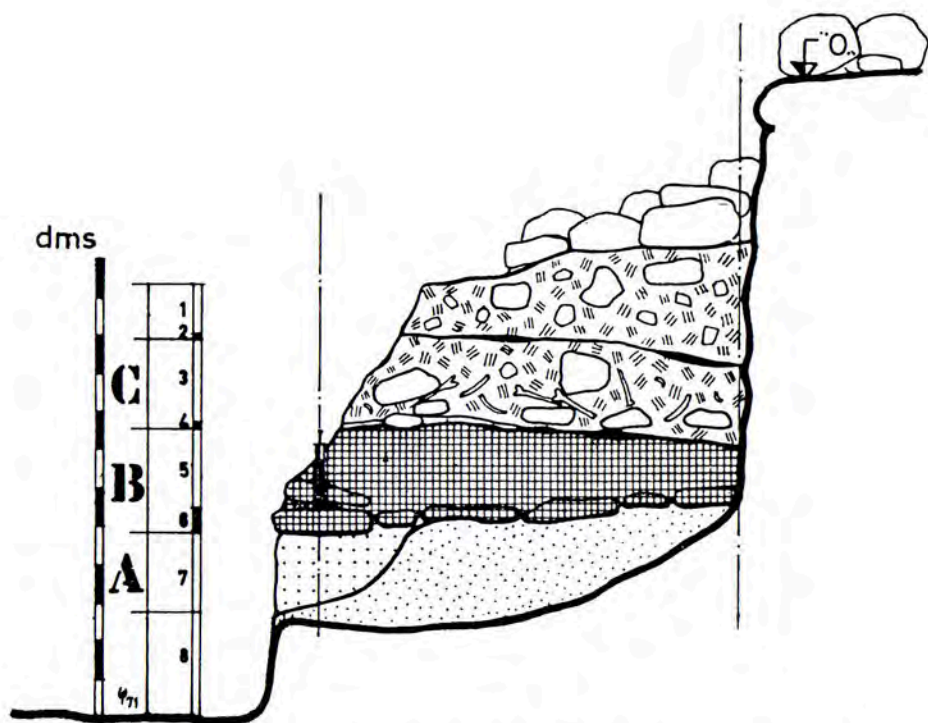


Fig. 32 — *Lapa do Fumo*. Perfil estratigráfico. A — Estrato do Neotítico Antigo; B — tumulações do Neolítico Recente (datação C 14: 3090 ± 160 a.C.); C — tumulações com cerâmica campaniforme. (Segundo Serrão e Marques, 1971).

- ateamento de pequenas fogueiras;
- deposição do restante espólio funerário;
- polvilhação, do conjunto, com ocre vermelho;
- cobertura das tumulações com terra, a que se juntava simultaneamente ocre vermelho.

Deste modo, foram documentados rituais de fogo e de ocre manifestados, os primeiros, pela presença de numerosos fragmentos de carvão espalhados nas terras e por alguns ossos parcialmente carbonizados; os segundos, pela existência de ocre sobre ossos e instrumentos. É possível que a zona escavada na Lapa do Fumo corresponda a uma jazida de tipo ossário, constituída por ossos previamente descarnados e partidos e, neste estado, amontoados sobre um pavimento lajeado (fig. 33).

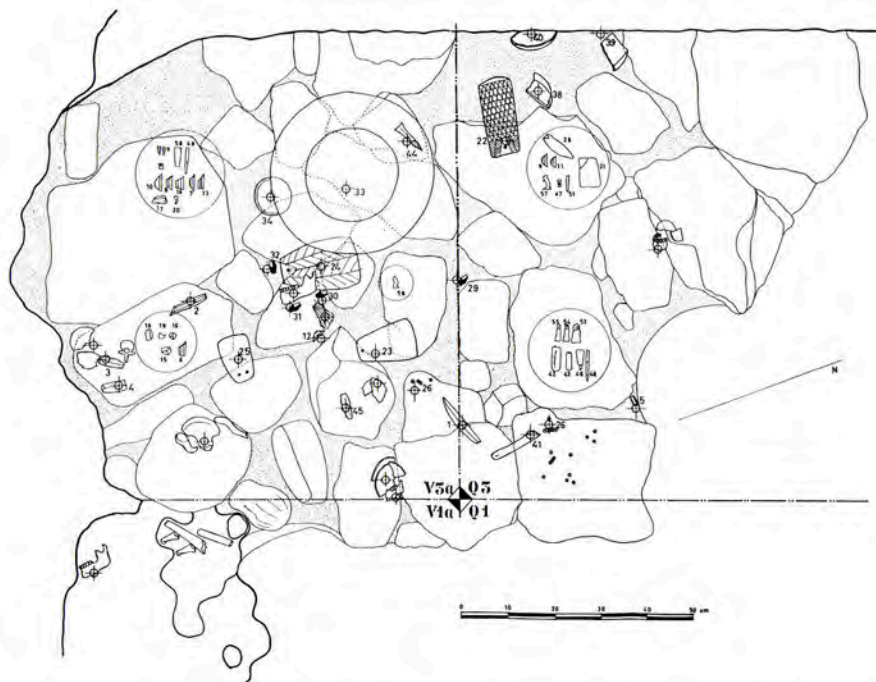


Fig. 33 — Plano do estrato B (Neolítico Recente) da Lapa do Fumo com a distribuição do espólio que acompanhava as tumulações. (Seg. Serrão e Marques, 1971).

O espólio arqueológico depositado juntamente com os ossos compunha-se de instrumentos de uso comum feitos de sílex (lâminas sem retoques ou retocadas somente em uma das extremidades a formar raspador e micrólitos geométricos: trapézios e triângulos) e de osso (punhal, cabos cilíndricos, furadores, espátula), recipientes de cerâmica, todos lisos (grande vaso esférico, taças ou tijelas em calote de esfera, taça ou prato carenado, copo carenado), objectos de adorno (numerosas contas discóides de xisto e algumas de calcário, alfinetes e cabeças de alfinetes de osso, contas bicónicas polidas, de azeviche) e objectos de carácter religioso (placas de xisto gravadas, ídolos-falange e «coelhinhos» de osso). (Fig. 34, 35, 36 e 37).

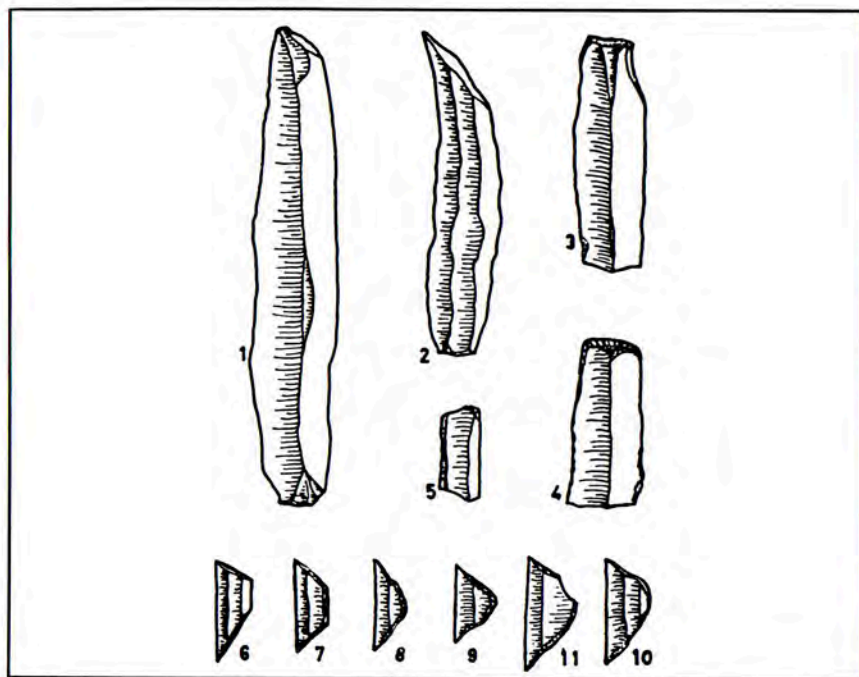


Fig. 34 — Espólio lítico das tumulações do Neolítico Recente da Lapa do Fumo: 1 a 5 — lâminas de sílex; 6 a 11 — micrólitos geométricos (trapézios e triângulos) de sílex. Red. 1/2. (Seg. Serrão e Marques, 1971).

Lapa do Bugio

A quase 3 km para oeste da Lapa do Fumo, perto da Azoia e junto da costa, abre-se, nos calcários do Jurássico, a Lapa do Bugio, importante necrópole utilizada desde o Neolítico recente até aos finais da Idade do Cobre. Apresenta somente uma sala, de planta irregularmente piriforme, com 8×8 m e cerca de 4 m de altura. À entrada, no exterior, a rocha foi cortada e assim obtido um vestibulo ovalado semelhante ao das grutas artificiais da Estremadura; a própria abertura da gruta foi regularizada pelo Homem pré-histórico. (Fig. 38).

As escavações arqueológicas efectuadas na Lapa do Bugio não permitiram isolar estratigraficamente as diversas fases de utilização. Mas a tipologia dos objectos exumados, bem como uma datação pelo radiocarbono de 4850 ± 45 B.P. (2900 a.C.), levam-nos a admitir que as mais antigas tumulações aí praticadas remontam ao Neolítico recen-

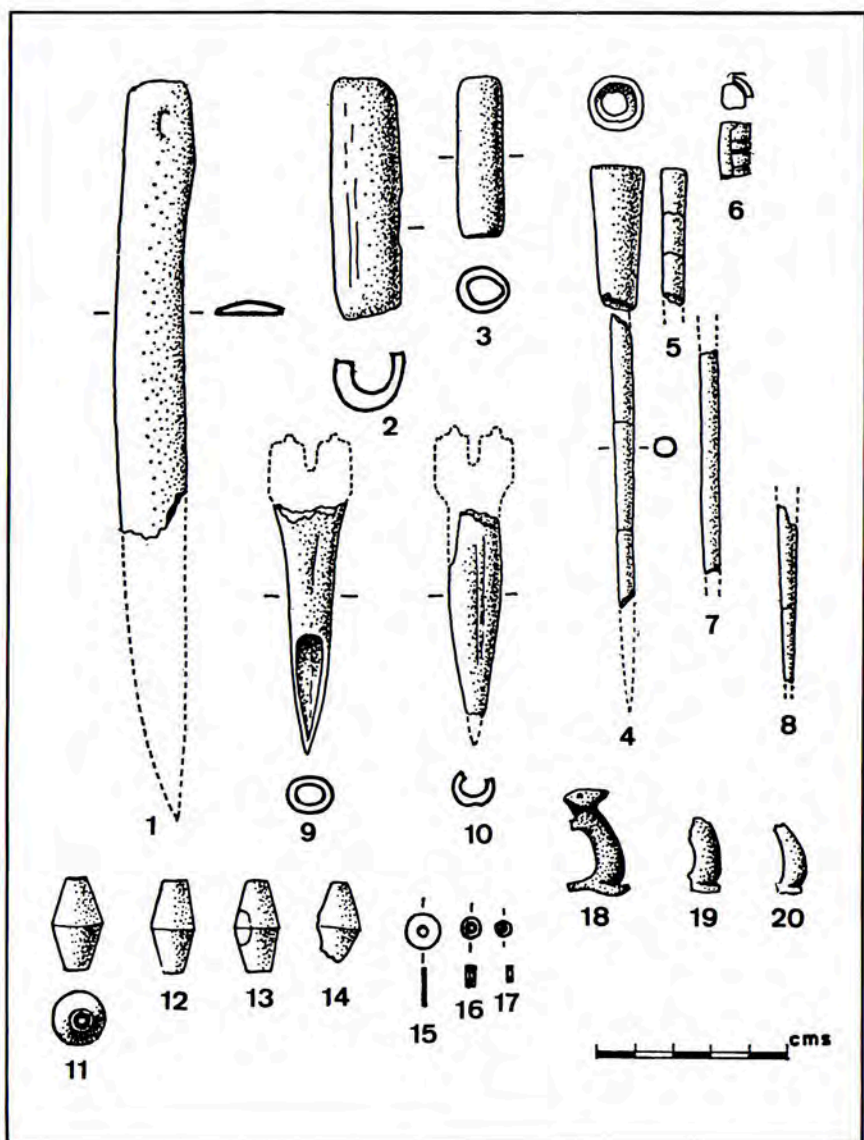


Fig. 35 — Instrumentos de osso (n.ºs 1-10), contas de colar de azeviche (n.ºs 11-14), de xisto (15) e de calcário (n.ºs 16 e 17) e pequenas esculturas zoomórficas («coelhinhos») de osso (n.ºs 18-20) provenientes do estrato de tumulações do Neolítico Recente da Lapa do Fumo. (Seg. Serrão e Marques, 1971).

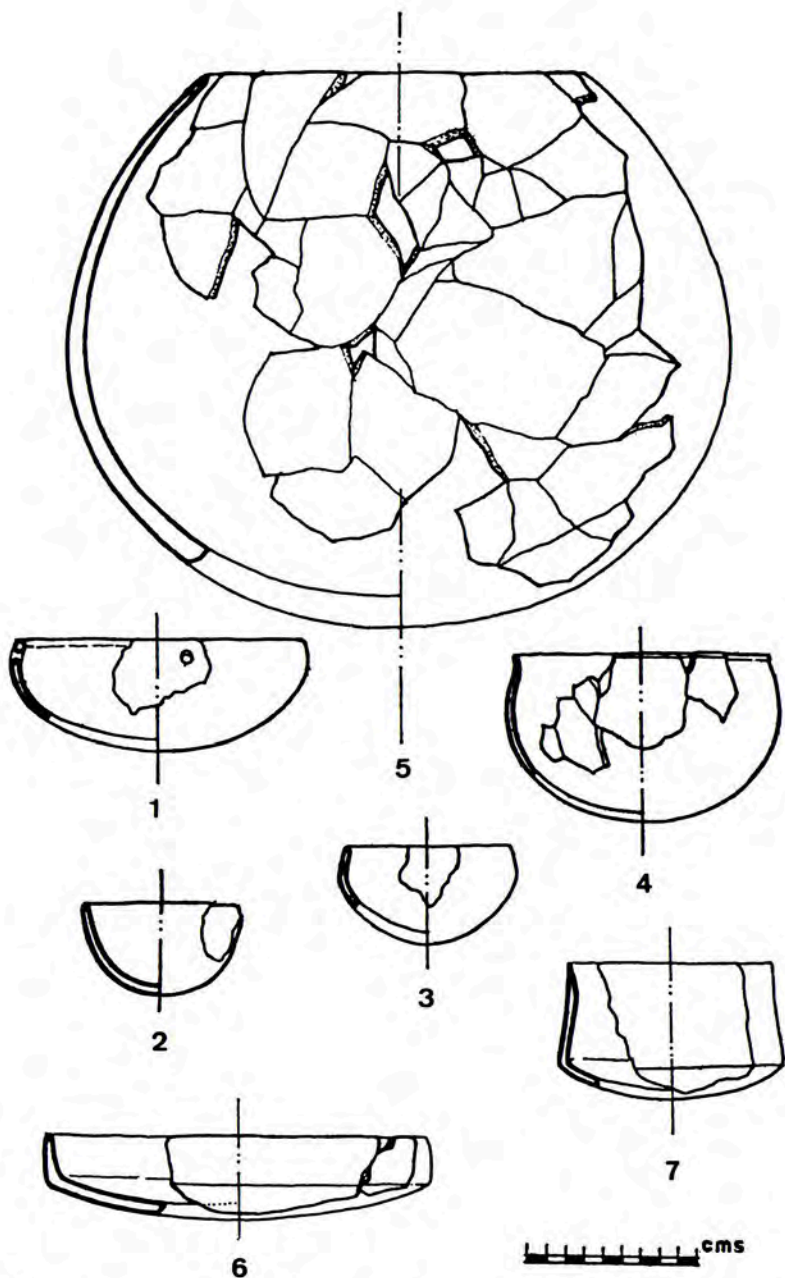


Fig. 36 – Cerâmicas que acompanhavam as tumulações do Neolítico Recente da Lapa do Fumo. (Seg. Serrão e Marques, 1971).

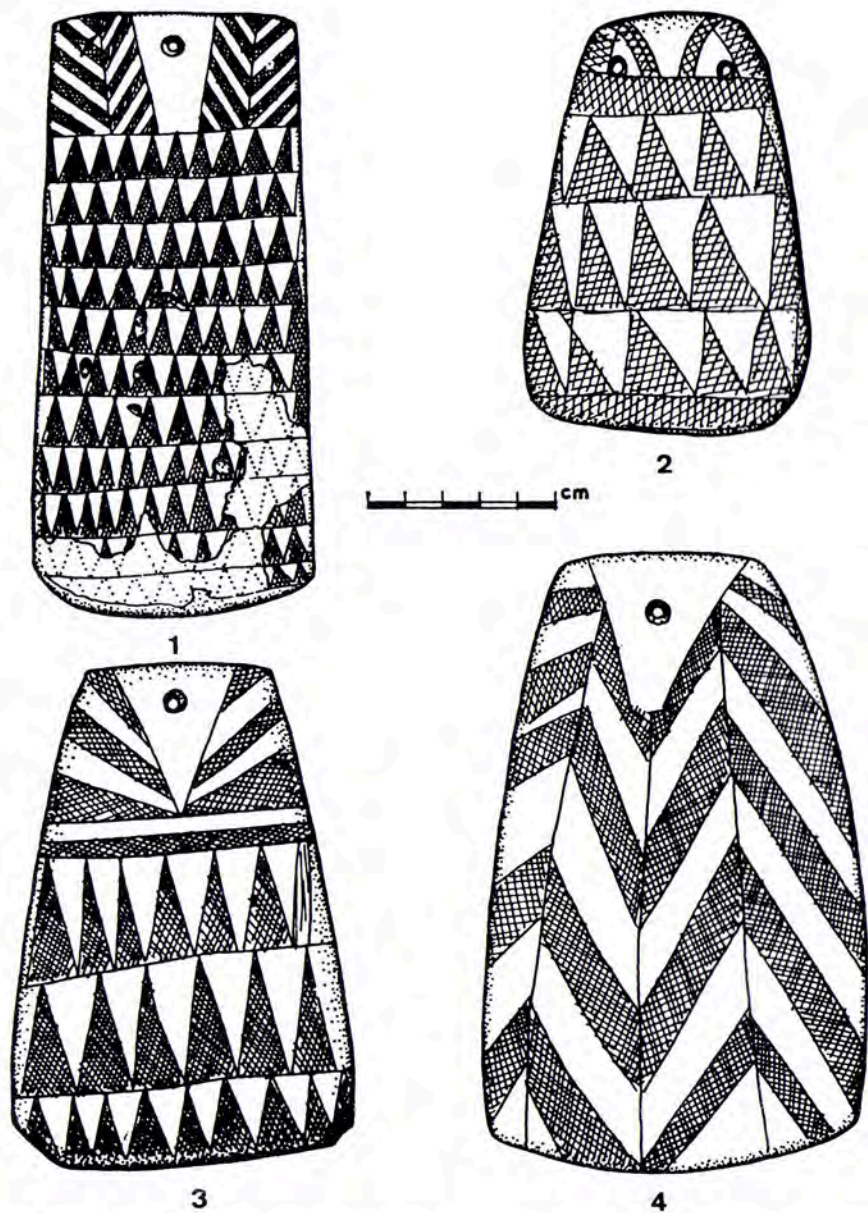


Fig. 37 — Placas de xisto gravadas («ídolos placa») que acompanhavam as tumulações do Neolítico Recente da Lapa do Fumo. (Seg. Serrão e Marques, 1971).

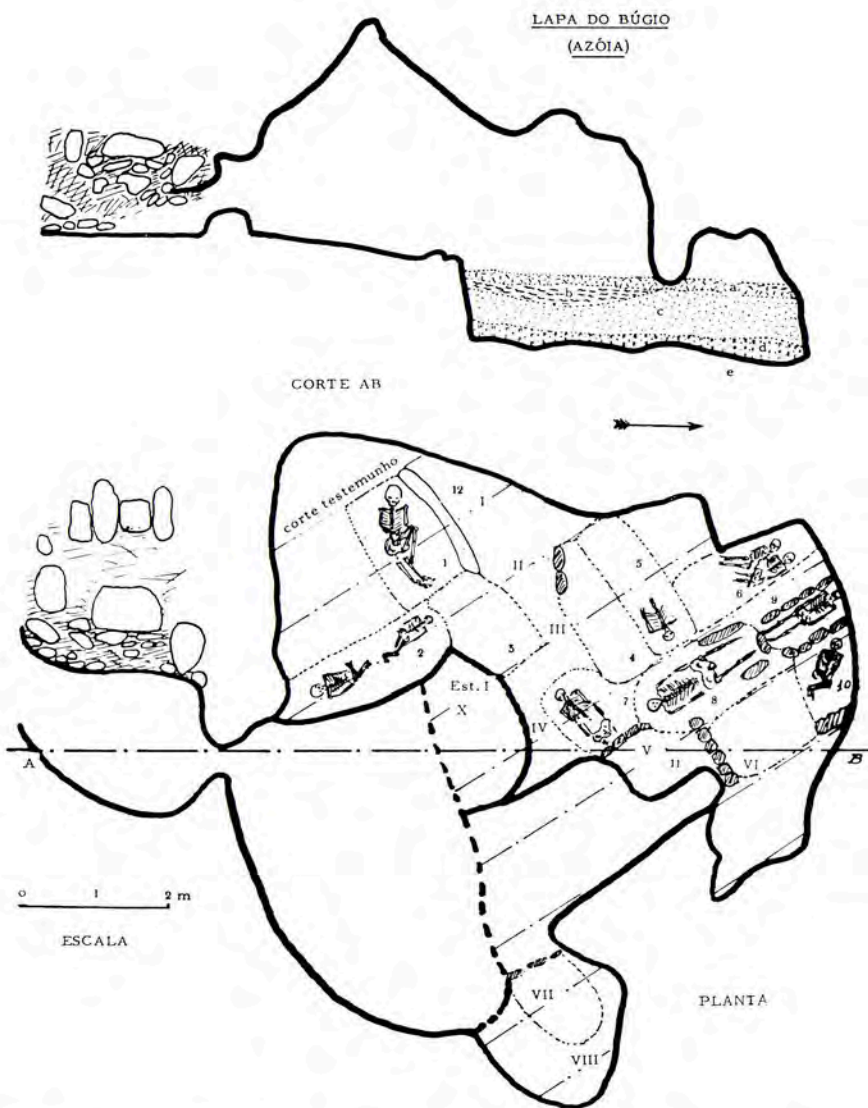


Fig. 38 — *Lapa do Bugio*. Corte longitudinal da gruta com a indicação dos níveis estratigráficos (o nível c corresponde às tumulações do Neolítico Recente/Final e do Calcolítico) e plano geral da necrópole. (Seg. Monteiro, Zbyszewski e Veiga Ferreira, 1971).

te. Integram-se nesta fase abundantes elementos do espólio recolhido: micrólitos geométricos de sílex, pontas de seta de sílex de base triangular ou pedunculada, contas discóides de xisto, contas bicónicas de azeviche, estatueta zoomórfica de osso, figurando dois roedores geminados, ídolo de osso «tipo almeriense», placas de xisto gravadas. De entre estas últimas há um exemplar verdadeiramente notável pela síntese cultural que representa: associada a motivos gravados, comuns nas placas alentejanas e estremenhas, surge, na zona central da face ornamentada, a representação de uma figura feminina «com a configuração característica do tipo do ídolo da Cultura de Almeria» (Monteiro, Zbyszewski e Veiga Ferreira, 1967). (Figs. 39, 40 e 41).

A escavação levada a efeito por Rafael Monteiro, Georges Zbyszewski e Veiga Ferreira revelou dez sepulturas, a maioria com um único corpo; a sepultura n.º 6 tinha dois corpos lado a lado e a n.º 2, um corpo do lado da cabeceira e outro aos pés. Eis como os referidos autores descrevem a sepultura 1, a que se encontrava absolutamente intacta: «Tem pouco mais de 1,50 m de comprido por cerca de 1 m de largura máxima. Foi, na maior parte, escavada na terra rossa da base,

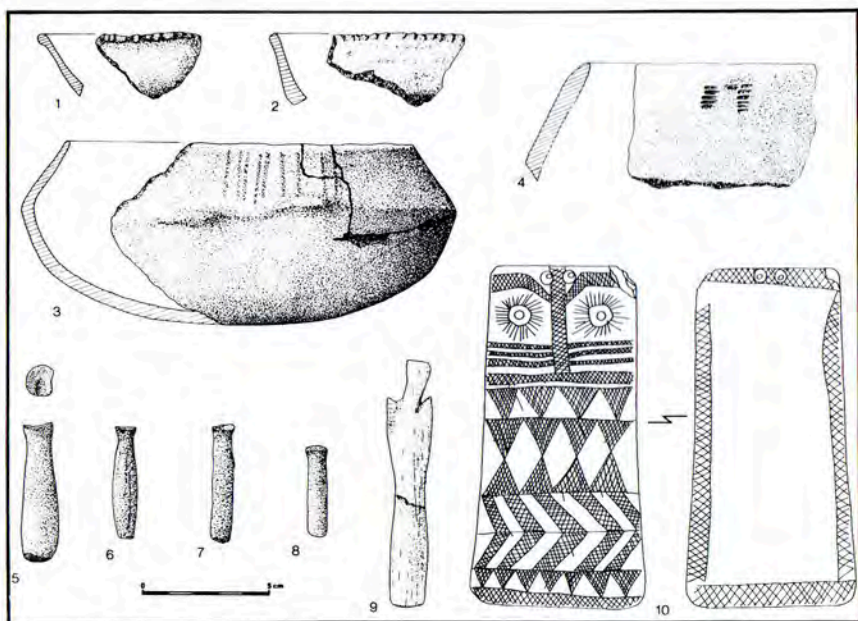


Fig. 39 — Lapa do Bugio. Materiais atribuíveis ao Neolítico Recente/Final: cerâmica de bordo denteado (n.ºs 1 e 2); taça carenada (n.º 3); objectos de carácter ritual (n.ºs 5-10). (Desenhos amavelmente fornecidos por J. L. Cardoso que prepara o estudo integral do espólio exumado na Lapa do Bugio).



Fig. 40 — Objectos de culto da Lapa do Bugio, tipologicamente integráveis no Neolítico Recente/Final e no Calcolítico Antigo. (Seg. Monteiro e Serrão, 1959).

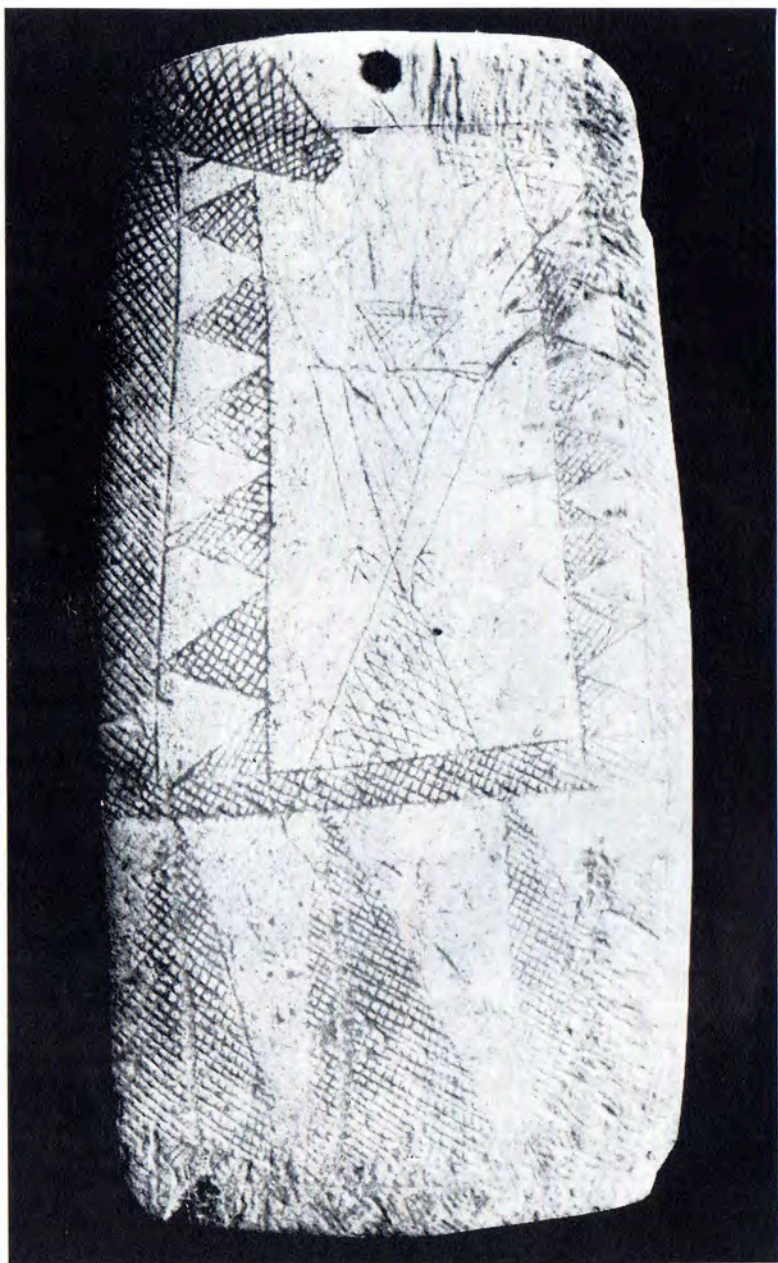


Fig. 41 — Placa de xisto gravada da Lapa do Bugio. Notar, na zona central, uma representação antropomórfica de um «ídolo almeriense». (Fot. Veiga Ferreira).

(...). O chão foi regularizado com lajes de calcário de forma a poder-se assentar, bem direito, o corpo. Nos lados foram feitas paredes ou anteparos com lajes de cutelo. Todo o conjunto era tapado com delgadas lajes de calcário cobertas por sua vez com um amontoado de calhaus postos a esmo. No sítio da cabeça fizeram uma espécie de caixa para esta. O corpo estava de costas com as pernas flectidas para o lado esquerdo» (Monteiro, Zbyszewski e Veiga Ferreira, 1971).

A datação desta, como das restantes sepulturas, é assaz problemática, pois todas elas oferecem peças cronologicamente discrepantes: além de espólio que atribuímos ao Neolítico recente/final e ao Calcolítico inicial deram fragmentos de cerâmica campaniforme.

Além das referidas sepulturas, surgiu ainda, como estrutura de carácter funerário, um ossário formado por ossos humanos amontoados e materiais arqueológicos quase todos atribuíveis ao Neolítico recente, «certamente provenientes de enterramentos mais antigos», de acordo com os citados escavadores.

Finalmente, no interior de uma fenda, foi descoberto um depósito de peças arqueológicas (também, de um modo geral, pertencentes às primeiras fases da utilização da gruta) que se encontravam colocadas do seguinte modo: «em primeiro lugar, a partir do fundo da fenda, jaziam os machados e enxós uns sobre os outros em posição cuidada. Depois as lâminas de sílex, os artefactos de osso para adorno, os objectos votivos ou de finalidade religiosa e, por fim, no topo, um lindíssimo vaso cerâmico de paredes finas com duas asas pequenas para suspensão» (Monteiro, Zbyszewski e Veiga Ferreira, 1971).

Onde habitavam os construtores das grutas artificiais?

Onde viviam as populações que, no Neolítico recente/final, construíram as grutas artificiais ou sepultaram os seus mortos em grutas naturais?

Até ao presente, conhecemos na região da Arrábida apenas um arqueossítio de carácter habitacional seguramente integrável nessa fase¹. Trata-se de um povoado, ainda inédito, identificado pelos auto-

¹ Cunha Serrão assinala na *Carta Arqueológica do Concelho de Sesimbra* diversas estações que atribui ao Neolítico e que poderiam ter sido utilizadas como locais de habitação: Casal do Golamas, Cabeço do Castelo de Sesimbra, Castro de Sesimbra, Chã dos Navegantes. Porém, na ausência da publicação de informações mais detalhadas sobre tais arqueossítios, não nos é possível localizá-los em uma fase bem determinada do Neolítico.



Fig. 42 — *Local do povoado do Neolítico final do Alto de S. Francisco (último plano), visto da estrada Azeitão-Cabanas.*

res no Alto de S. Francisco, sobre uma das elevações da crista da serra do mesmo nome, entre Vila Fresca de Azeitão e Cabanas. Aí se estabeleceu uma pequena comunidade talvez detentora de excedentes resultantes de uma actividade agrícola que encontraria nos férteis campos do vale do Alcube boas condições para se desenvolver. A necessidade de guardar e defender essa riqueza acumulada, por sua vez geradora das primeiras formas de diferenciação e conflitos sociais, teria estado na origem da escolha de um sítio elevado, com boas condições naturais de defesa, para a implantação da aldeia. Esta estação arqueológica, muito destruída pela acção da erosão e da abertura de uma estrada que passa pela crista da serra, forneceu, por sondagens de reconhecimento, um conjunto lítico e cerâmico que consideramos de uma fase imediatamente pré-calcolítica, espólio comparável ao do nível inferior

da Parede (distrito de Lisboa), de acordo com a nova sequência estratigráfica proposta recentemente por Cunha Serrão.

No Alto de S. Francisco, e no que se refere à cerâmica, surgem taças carenadas, recipientes de bordos extrovertidos e «denteados» por impressões sobre o lábio e fragmentos decorados por pequenos motivos foliolares ou em espiga («folha de acácia» pré-calcolítica), obtidos através da impressão (mais raramente da incisão) de um punção de ex-

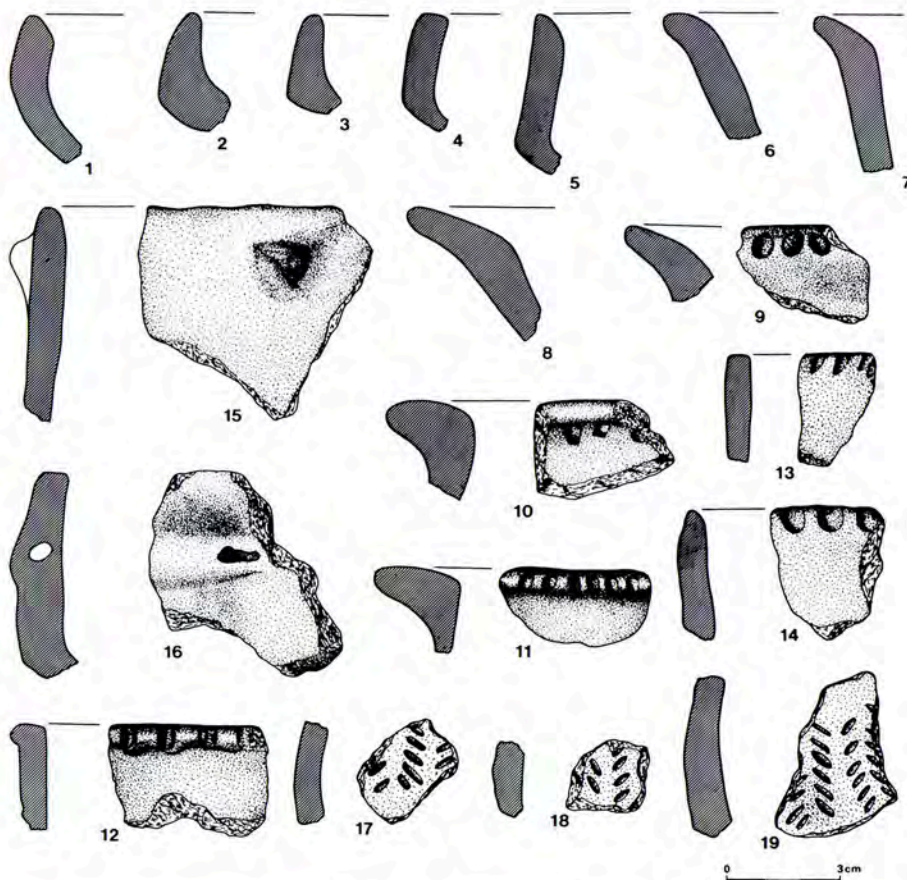


Fig. 43 — Cerâmica do Alto de S. Francisco. Notar a presença de taças carenadas (n.^{os} 2 a 5), bordos denteados (n.^{os} 9 a 14) e decoração impressa a punção (n.^{os} 17 a 19). Os n.^{os} 6 a 8 são bordos extrovertidos, muito semelhantes a alguns denteados, mas sem decoração.

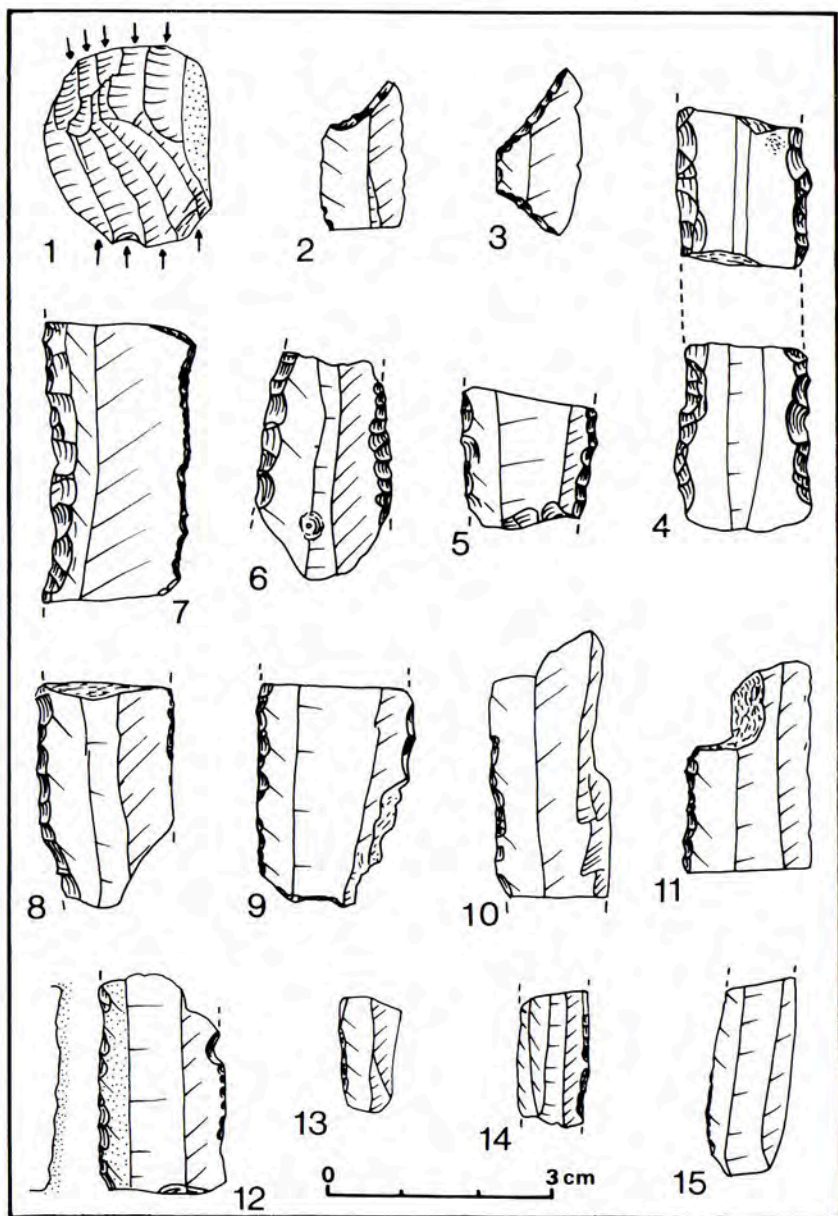


Fig. 44 – *Utensilagem lítica do Alto de S. Francisco.*

tremidade aguçada; esta decoração pode comportar-se como uma tardia reminiscência da das fases iniciais do Neolítico. De notar a ausência de copos e taças com decoração canelada que irão surgir no horizonte crono-corológico imediatamente seguinte, do Calcolítico antigo, tão bem representado na primeira ocupação do vizinho povoado do Pedrão (encosta este da Serra de S. Luís). Quanto à indústria lítica é, sobretudo, de assinalar a presença do micrólito geométrico (trapézio), do furador robusto e da lâmina com retoque semi-abrupto. (Figs. 43 e 44).

Um outro arqueossítio que poderia ter sido igualmente ocupado durante o Neolítico final como povoado de ar livre é o da Fonte do Sol, próximo das Cabanas e na extremidade oeste da Serra das Torres Altas, prolongamento da Serra do Louro, situado, tal como o do Alto de S. Francisco, sobre a crista de formações miocénicas que liga Palmela a Azeitão. No Moinho da Fonte do Sol foi recolhido, além de abundante cerâmica campaniforme do grupo de Palmela de que falaremos mais adiante, um fragmento com o bordo denteado na zona exterior do lábio. Este achado não passou despercebido a Konrad Spindler que incluiu o Moinho da Fonte do Sol no que designou por «grupo da Parede».

AGRICULTORES E METALURGISTAS DO COBRE

Os excedentes acumulados nos finais do Neolítico, em resultado do incremento da economia agro-pastoril, determinaram o aparecimento dos primeiros povoados de altura e, possivelmente, das primeiras manifestações organizadas de guerra; possibilitaram, em numerosas regiões do país, a construção de grandes sepulturas megalíticas e, no caso concreto da Arrábida, das grutas artificiais; criaram também as condições económico-sociais propícias à assimilação dos impulsos de origem mediterrânica ligados à metalurgia do cobre.

As comunidades neolíticas da Estremadura e do Sul do País encontravam-se, pois, por volta de meados do terceiro milénio a.C., perfeitamente aptas para manterem um grupo social bem diferenciado, especializado na metalurgia do cobre.

O importante período que agora se inicia — caracterizado, de um ponto de vista económico-social, pelo desenvolvimento da agricultura, da criação de gado e do comércio, pelo aparecimento das primeiras formas de metalurgia do cobre e de uma consequente grande divisão social do trabalho, pela desagregação da comunidade primitiva e generalização da guerra — é designado por Idade do Cobre ou, melhor, por Calcolítico. Este último termo exprime bem as características tecnológicas do período em questão: produção de objectos de cobre e continuação do fabrico de instrumentos líticos.

O Calcolítico Antigo do Pedrão

Os povoados ocupam agora, quase sem excepções, locais elevados com boas condições naturais de defesa. É assim que o Pedrão, patamar rochoso da encosta este da Serra de S. Luís, em pleno Parque Natural da Arrábida, com uma ocupação de carácter habitacional das mais representativas dos inícios do Calcolítico da Estremadura, se teria comportado como fortaleza natural defendida por altas escarpas. Dele

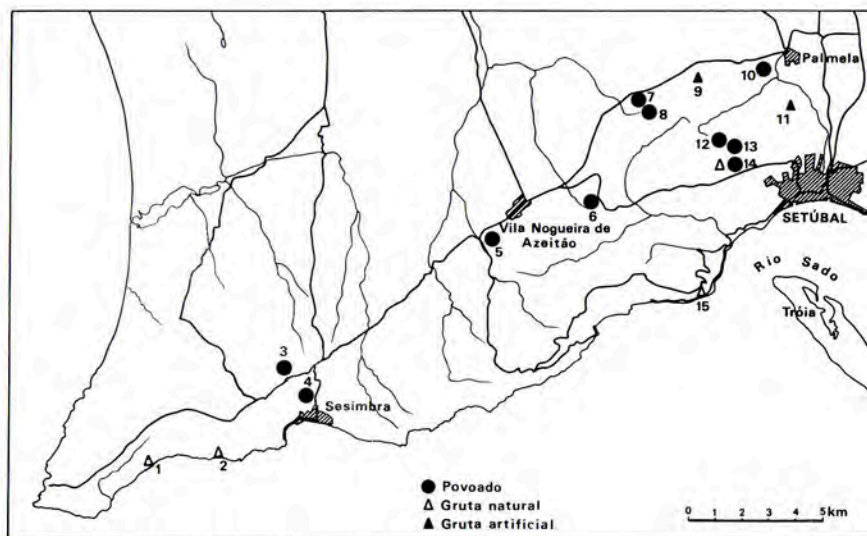


Fig. 45 – Jazidas do Calcolítico da região da Arrábida: 1 – Lapa do Bugio (Calcolítico Antigo? e Final – grupo campaniforme inciso); 2 – Lapa do Fumo (grupo campaniforme inciso); 3 – Zambujal; 4 – Castro de Sesimbra; 5 – Cabeço dos Caracóis; 6 – Moinho do Cuco; 7 – Malhadas (grupo campaniforme de Palmela); 8 – Moinho da Fonte do Sol (grupo campaniforme de Palmela); 9 – grutas artificiais da Quinta do Anjo (do Calcolítico Antigo ao grupo campaniforme inciso); 10 – Chibanes; 11 – grutas artificiais dos Capuchos; 12 – Pai Mouro (horizonte campaniforme); 13 – Pedrão (Calcolítico Antigo e grupo campaniforme de Palmela); 14 – Rotura (do Calcolítico Antigo evoluído ao grupo campaniforme inciso); 15 – Lapa dos Morcegos ou do Outão (grupo campaniforme inciso).

se domina todo o estuário do Sado. A sua primeira ocupação humana remonta precisamente ao Calcolítico Antigo, a uma fase em que, pela nova estratégia de povoamento, as populações trocam, decisivamente, os locais baixos, amplos e arenosos onde viviam em núcleos dispersos, por zonas elevadas, pouco acessíveis e de áreas reduzidas, onde a ocupação se processa de modo concentrado.

Os abundantes materiais arqueológicos recolhidos através das escavações efectuadas pelos autores revelam, por um lado, uma possível tradição neolítica regional (raspadeiras, raspadores, furadores, buris, lâminas com retoque semiabrupto, denticulados, micrólito geométrico, recipientes cerâmicos de bordo extrovertido mas já sem decoração denteada, placa de xisto gravada) e, por outro, hipotéticas influências mediterrânicas (pontas de setas mitriformes com retoque



Fig. 46 — Aspectos do Pedrão, obtidos respectivamente de SE. e de SW.

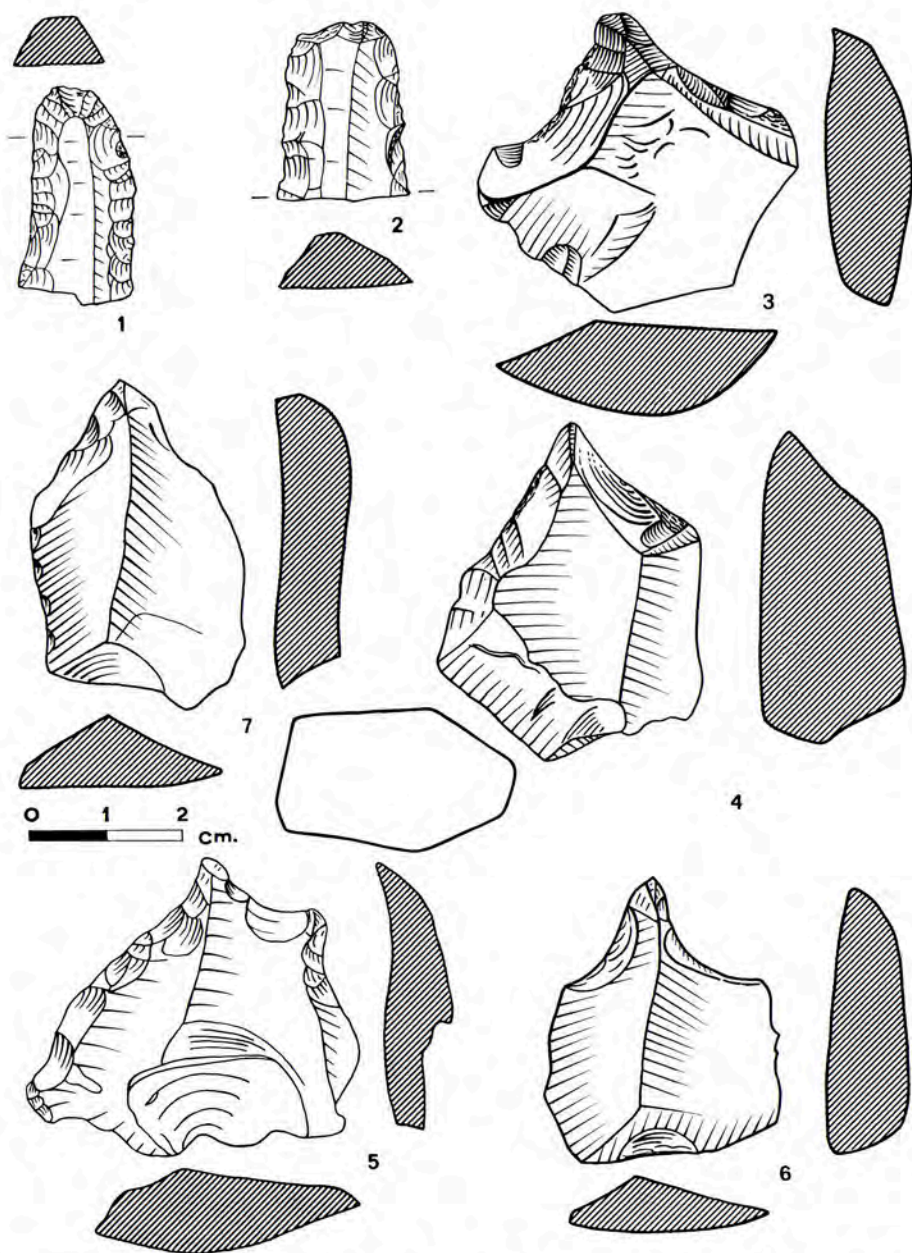


Fig. 47 — Ocupação do Calcolítico Antigo do Pedrão. Utensílios de sílex: raspadores — «grattoirs» — (n.^{os} 1 e 2) e furadores (n.^{os} 3 a 7).

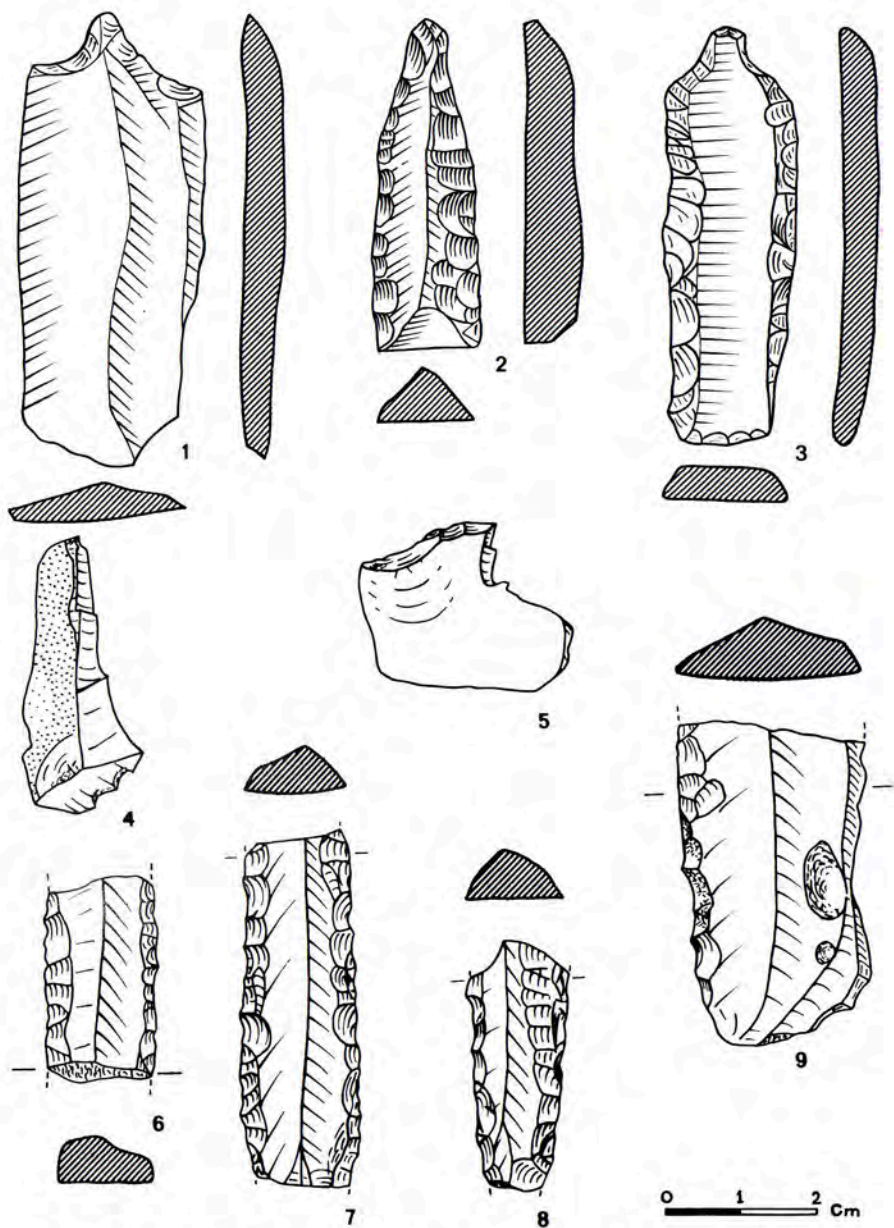


Fig. 48 — *Ocupação do Calcolítico Antigo do Pedrão. Utensílios de sílex: 1 a 3 — furadores; 4 e 5 — buris; 6 a 8 — lâminas de bordo abatido; 9 — lâmina de retoque oblíquo. (Seg. Soares e Tavares da Silva, 1975).*

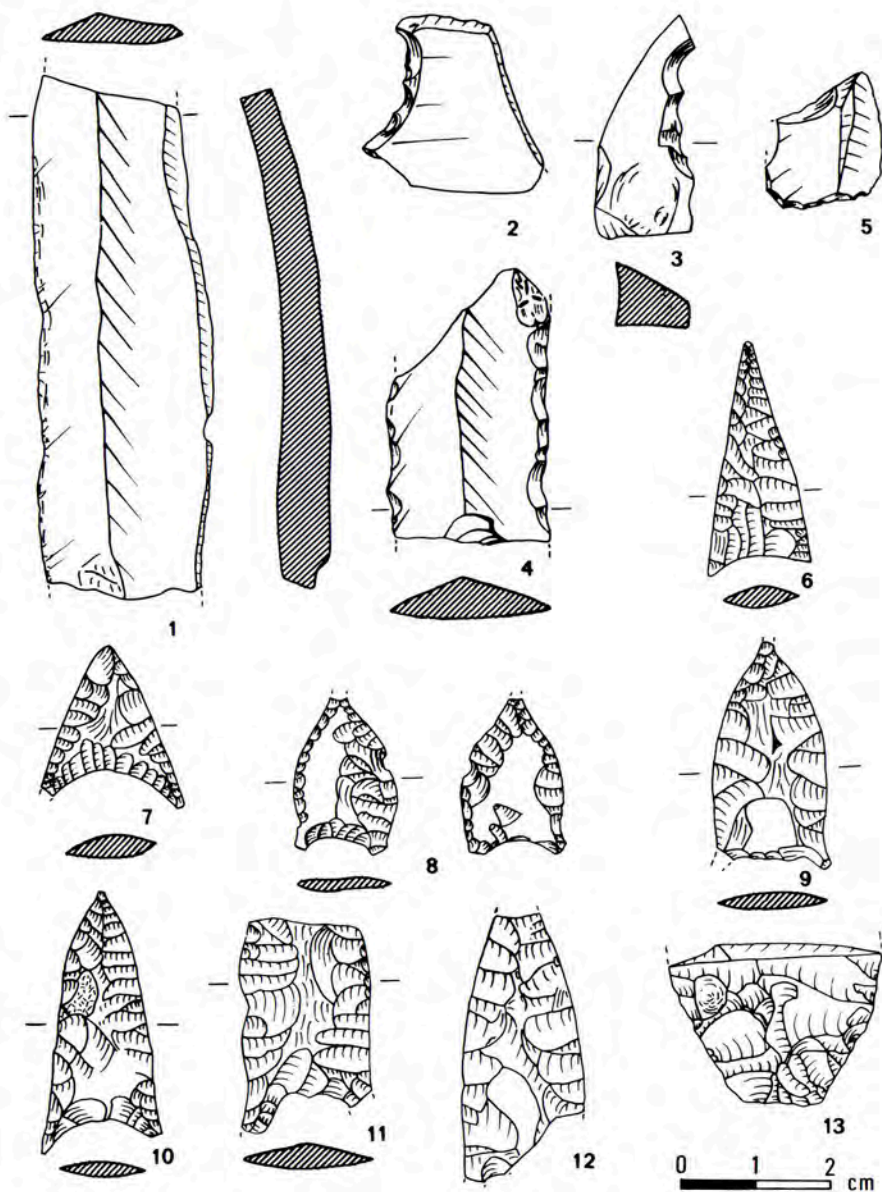


Fig. 49 — Ocupação do Calcolítico Antigo de Pedrão. Utensílios de sílex: 1 — lâmina não retocada; 2 a 4 — «encoche» e denticulados; 5 — micrólito geométrico; 6 a 12 — pontas de seta (as dos n.^{os} 8 a 12 são mitriformes); 13 — fragmento de «foicinha». (Seg. Soares e Tavares da Silva, 1975).

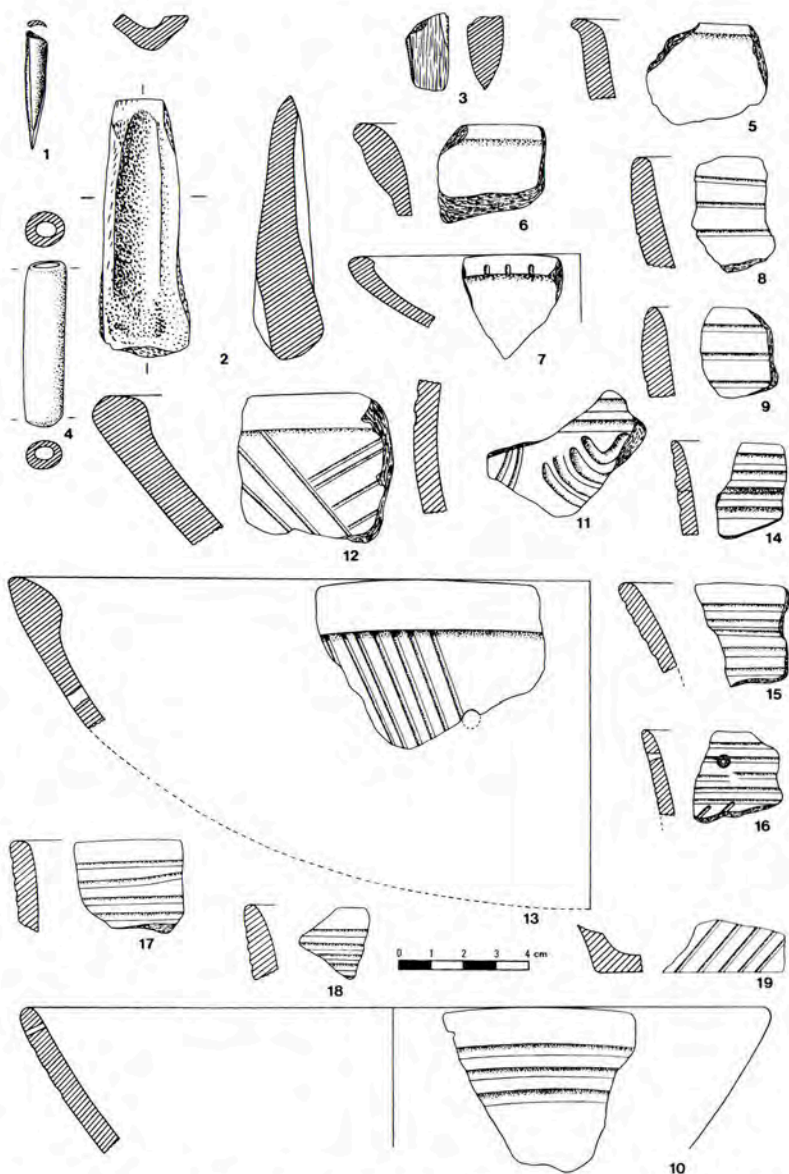


Fig. 50 — Ocupação do Calcolítico Antigo do Pedrão. Instrumentos de osso (n.^{os} 1 a 4), cerâmica lisa (n.^{os} 5 e 6), de bordo denteado (n.^o 7) e com decoração canelada (no interior de taças de bordo espessado — n.^{os} 12 e 13 —, na superfície externa de taças em calote — n.^{os} 8 a 11 — e em copos — n.^{os} 14 a 19). (Seg. Soares e Tavares da Silva, 1975).

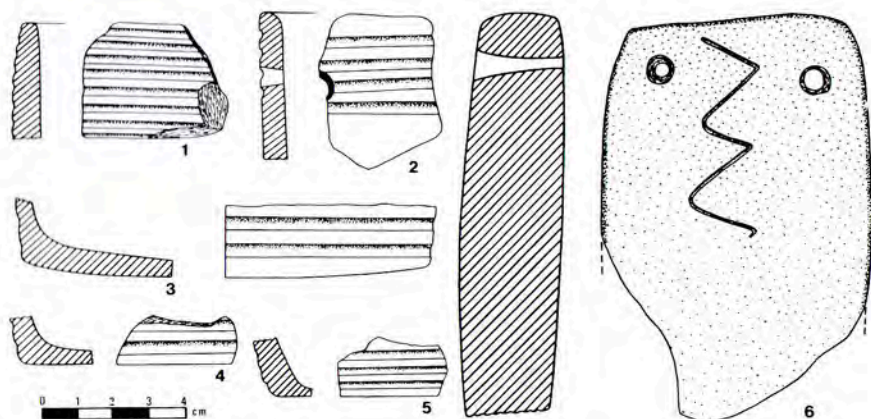


Fig. 51 — Pedrão. cerâmica da ocupação do Calcolítico Antigo: copos canelados (n.ºs 1 a 5) e «peso de tear» decorado. (Seg. Soares e Tavares da Silva, 1975).

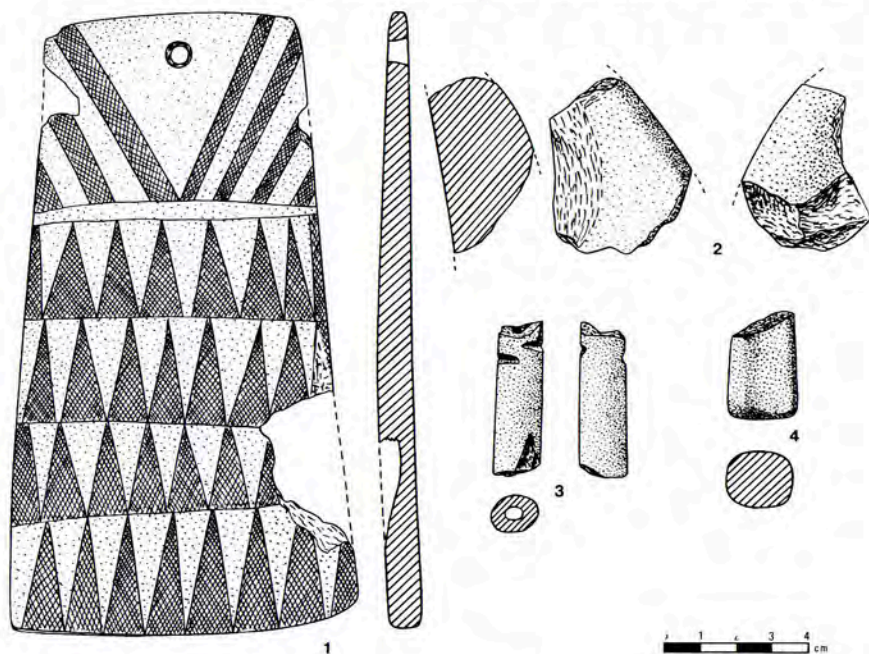


Fig. 52 — Ocupação do Calcolítico Antigo do Pedrão. Peças de carácter religioso: 1 — placa de xisto gravada («ídolo placa»); 2 — «ídolo de cornos», de cerâmica; 3 — ídolo antropomórfico em osso; 4 — «ídolo cilindro», em calcite (Seg. Soares e Tavares da Silva, 1975).

cobridor, recipientes cerâmicos decorados por ténues caneluras e de superfícies frequentemente cobertas por aguada acastanhada, cujas formas mais comuns são o copo subcilíndrico e a taça em calote, e «ídolos de cornos» de cerâmica). (Figs. 47-52).

Elementos de mós manuais, machados, sachos e enxós de pedra polida revelam, pelo menos indirectamente, a prática de actividades agrícolas. Por outro lado, o achado de ossos de animais domésticos e selvagens, de vértebras de peixes e de conchas de moluscos marinhos, principalmente das espécies *Venerupis decussata* (ameijoia) e *Solen marginatus* (navalha) indicam uma economia baseada em grande parte na criação de gado, na caça e na pesca/recollecção de marisco. O espólio fala-nos ainda de outra actividade económica (a tecelagem), testemunhada pelo aparecimento de placas paralelipipédicas de barro, com dois furos em cada topo, consideradas pesos de tear. As manifestações de culto estão igualmente documentadas: placa de xisto gravada; ídolo cilíndrico de calcário; ídolo antropomórfico de osso; «ídolo de cornos» (fig. 52).

A utensilagem de osso está presente através de furadores, cinzéis, cabos de instrumentos. Da prática da metalurgia não há indícios seguros.



Fig. 53 — Local do povoado calcolítico do Moinho do Cuco, visto da estrada Setúbal-Azeitão.

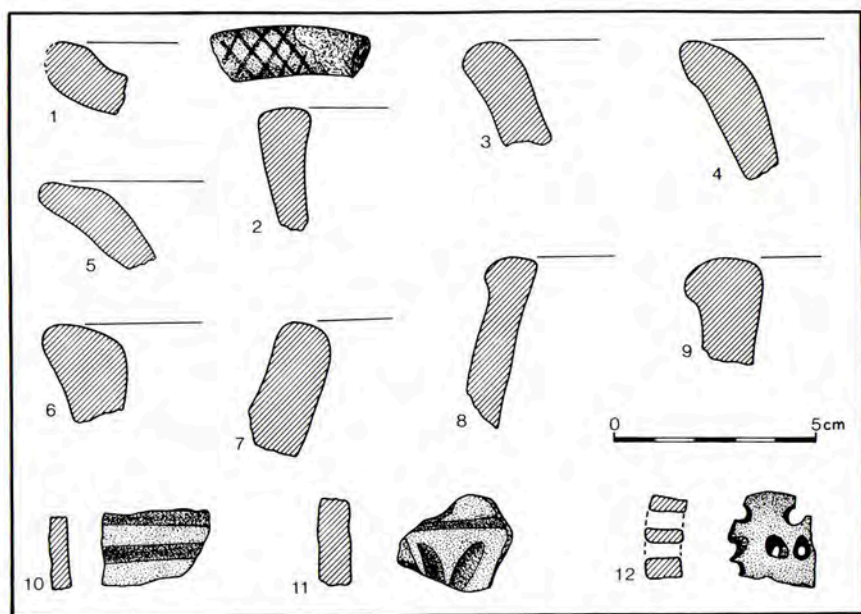


Fig. 54 — Cerâmica calcolítica do Moinho do Cuco (recolhas dos autores). N.º 2 — taça tipo Palmela (horizonte campaniforme); 10 — cerâmica canelada (Calcolítico inicial); 11 — cerâmica decorada por crucíferas (Calcolítico pleno ou recente); 12 — fragmento de «queijeira».

Na região da Arrábida, a fase em que ocorreu a primeira ocupação do Pedrão, cronologicamente situável por volta de 2500/2400 a.C., encontra-se também representada, se bem que de forma por enquanto pouco evidente, no Castro de Sesimbra onde surgiram alguns fragmentos de copos canelados e ponta de seta mitriforme; no Moinho do Cuco (povoado de cumeada sobranceiro ao vale do Alcube e ainda inédito — figs. 53 e 54); no Cabeço dos Caracois (povoado situado sobre elevação em crista sobranceira à estrada Azeitão-Portinho da Arrábida, nas proximidades de Porto de Cambas e Coia-a-Velha — figs. 55 e 56); no Zambujal (elevação dos arredores de Santana, Sesimbra, em grande parte destruída por uma pedreira — figs. 57 e 58) e nas grutas artificiais da Quinta do Anjo que teriam continuado a ser utilizadas como necrópole colectiva (fig. 75).



Fig. 55 — *Localização, na fotografia aérea, do povoado calcolítico do Cabeço dos Caracóis (1) e do Casal do Bispo (2), elevação que tem igualmente fornecido materiais atribuíveis ao Calcolítico. Atenda-se às óptimas condições naturais de defesa dos dois arqueossítios.*

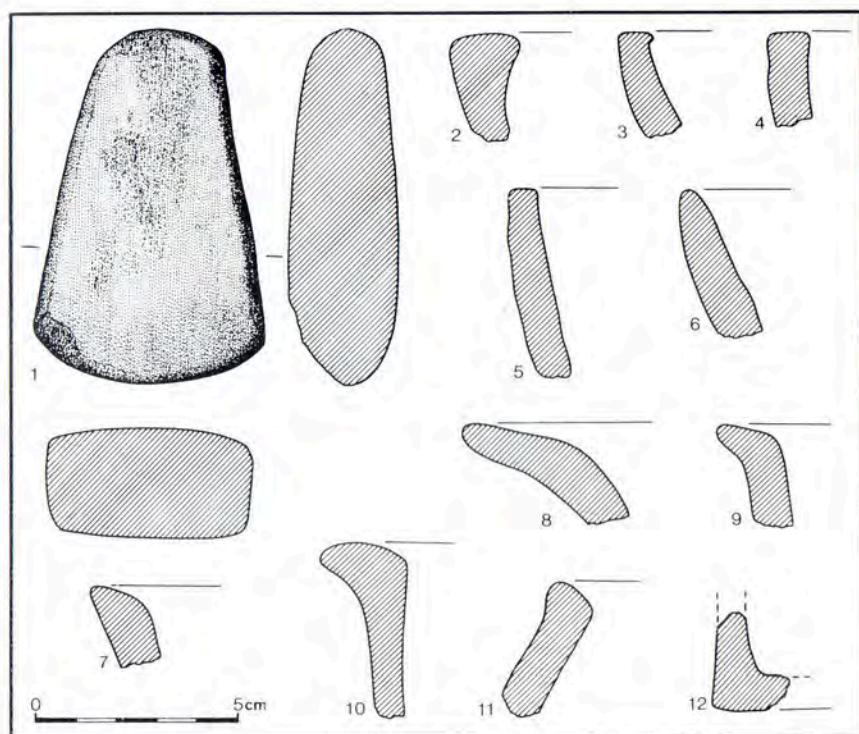


Fig. 56 — *Materiais recolhidos no Cabeço dos Caracois. 1 — «Machado-percutor» de pedra polida; 2-12 — cerâmica do Calcolítico.*

Ocupação calcolítica da Rotura

O Pedrão é desabitado. Entretanto, é ocupado um cabeço em crista actualmente conhecido pelo nome de Rotura; situa-se somente a 500 m do Pedrão e a uma cota mais baixa da encosta SE da Serra de S. Luís, mas nem por isso desprovido de condições naturais de defesa, mais próximo dos campos férteis e dos braços de mar que, na época, muito provavelmente abrangiam o que é hoje a baixa de Setúbal, incluindo a área ocupada pelo bairro do Montalvão.

Na base da excelente sequência estratigráfica (fig. 59) que um dos autores (C. T. S.) teve oportunidade de estudar neste importante arqueossítio, encontraram-se os vestígios de uma ocupação talvez pertencente a um momento tardio do Calcolítico antigo da Estremadura



Fig. 57 — *Elevação sobre a qual se situou o povoado pré-histórico do Zambujal (Sesimbra). Notar a destruição provocada pela exploração de uma pedreira.*

(cerca de 2400-2300 a.C.?). Esse nível inferior (*Rotura I*) forneceu, ao contrário do que se verificou no Pedrão, abundantes indícios da prática da fundição do cobre manifestados pela presença de cadinhos, muitos deles com cobre aderente (fig. 61).

A população que a partir deste momento, e até ao Calcolítico recente, viveu na Rotura, manteve, por certo, contactos com grupos alentejanos. Considerem-se, a propósito, as pontas de seta tão semelhantes, quer pela morfologia quer pelo material utilizado (algumas são de xisto ou de xisto jaspóide), às do povoado fortificado do Monte da Tumba, no Torrão do Alentejo.

No que se refere à cerâmica, não foi encontrado em Rotura I o copo canelado mas tão somente a taça canelada. Surgiram também fragmentos de recipientes decorados por fundas caneluras horizontais e oblíquas e por finas incisões em xadrez. As formas são variadas e especializadas: pratos de bordo simples; pratos de bordo com espessa-

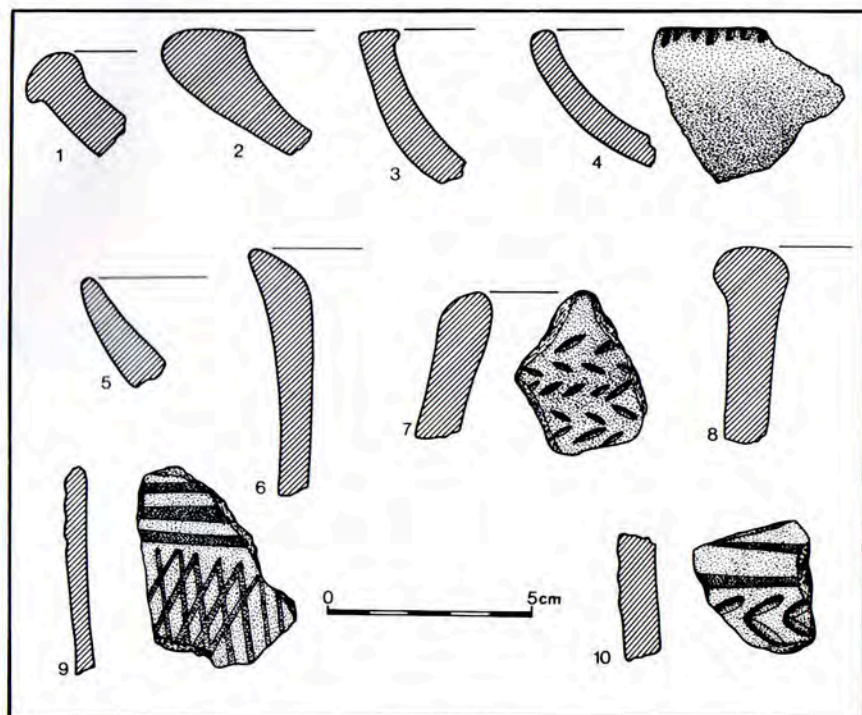


Fig. 58 — Cerâmica do Zambujal, Sesimbra (recolhas dos autores). Os n.ºs 4 e 7 são integráveis no Neolítico final; o n.º 9 pertence ao horizonte da cerâmica canalada (Calcolítico inicial) e o n.º 10 (decoração com «folha de acácia»), ao Calcolítico pleno ou recente.

mento em amêndoa (tão comuns nas estações calcolíticas alentejanas); taças baixas com o bordo espessado; taças semiesféricas (a forma mais abundante); esféricos altos (muito numerosos), por vezes de parede quase vertical e de bordo extrovertido como no Pedrão; esférico de colo estrangulado (outra forma comum no Alentejo); e potes de provisões.

O aparecimento de grande quantidade de conchas de moluscos marinhos, principalmente pertencentes à espécie *Venerupis decussata* (ameijoia), e de vértebras e maxilares de peixes mostra uma intensa actividade de recollecção e de pesca. A presença de abundantes ossos de mamíferos revela uma dieta onde a carne ocupava papel muito importante. A caça e sobretudo a criação de gado eram, de facto, praticadas

SSE → NNO

ROTURA

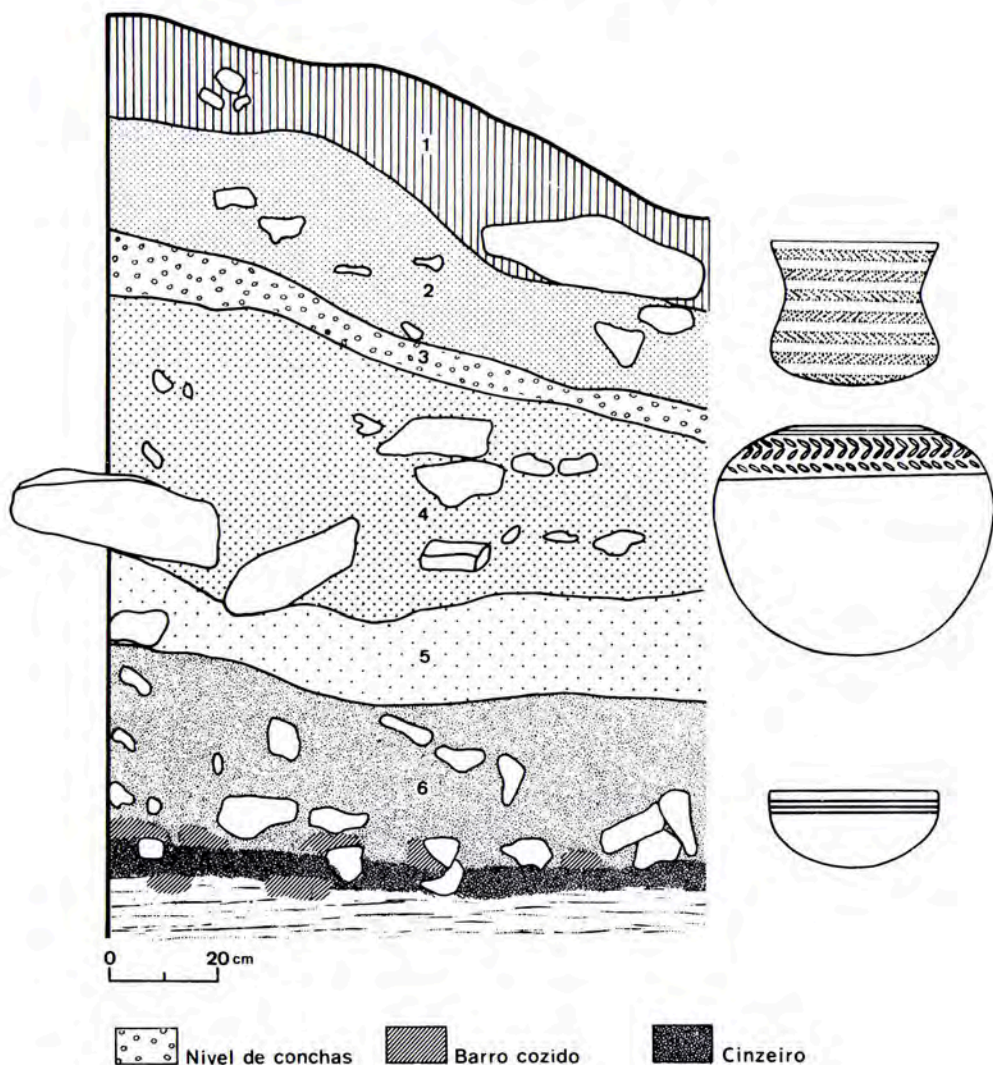


Fig. 59 – Perfil estratigráfico da Rotura. Fase I (nível 6) – taças caneladas; fase II (níveis 3-5) – cerâmica decorada por «folhas de acácia»; fase III (níveis 1 e 2) – cerâmica campaniforme. (Adaptado de Veiga Ferreira e Tavares da Silva, 1970).

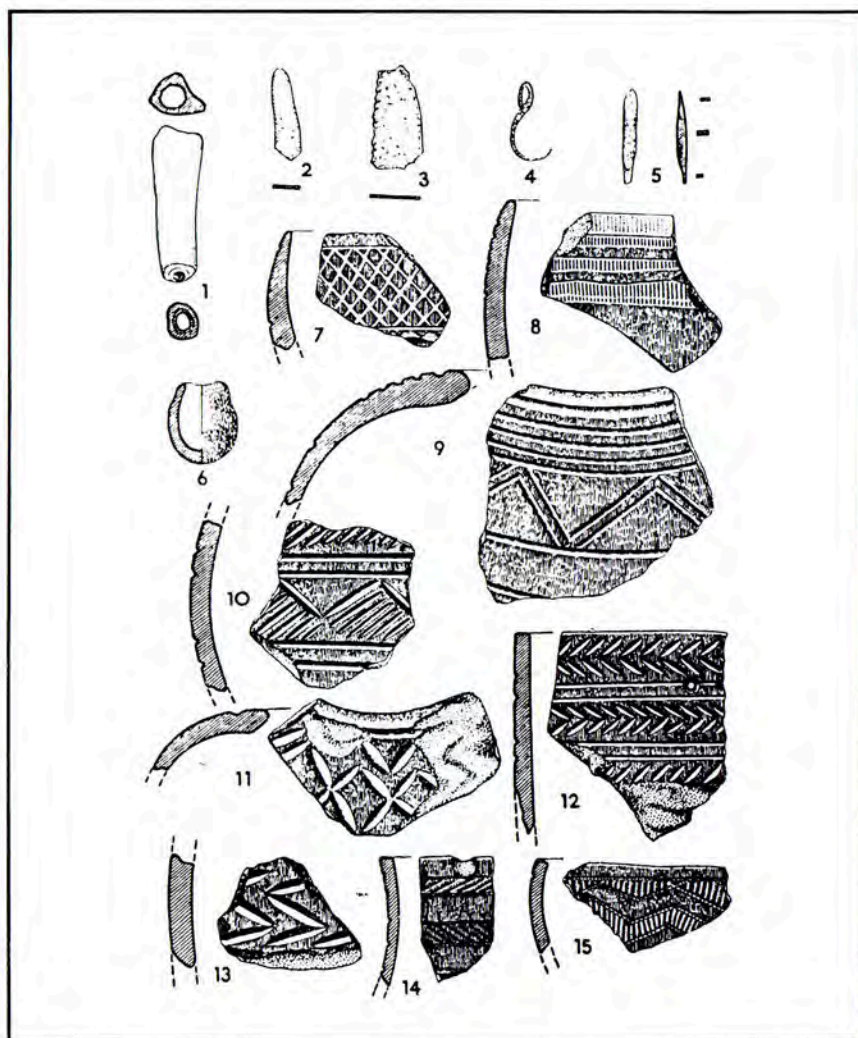


Fig. 60 — *Materiais de osso (n.º 1), de cobre (n.ºs 2-5) e de cerâmica (n.ºs 6-15) provenientes da Rotura. N.ºs 7 e 8 — taças decoradas por incisões finas; 9 e 10 — fragmentos de potes decorados por largas caneluras; 11-13 — fragmentos de potes (11 e 13) e de copo (12) decorados por «folhas de acácia» e crucíferas (11); 14 e 15 — cerâmica campaniforme. (Red. 1:3). (Seg. Tavares da Silva, 1966-67).*

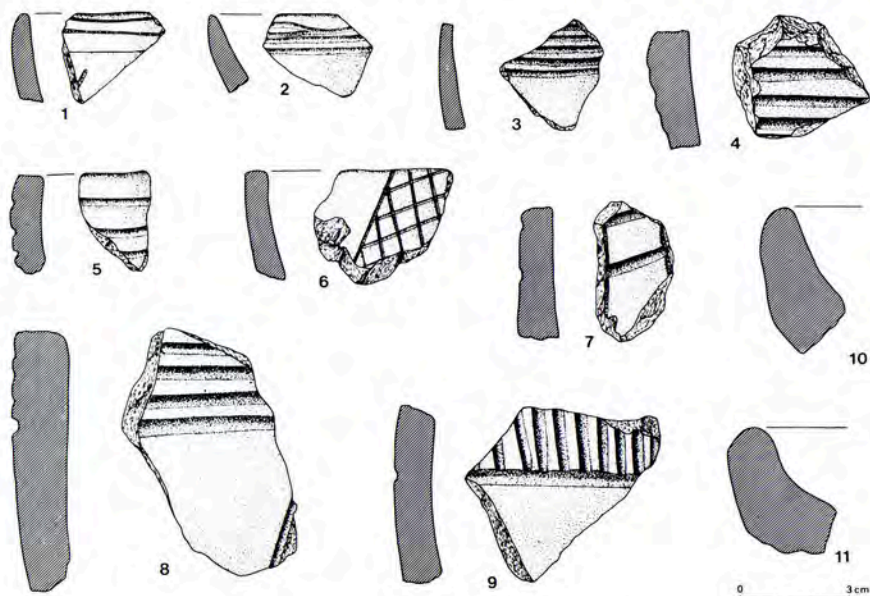


Fig. 61 — *Cerâmica decorada (n.ºs 1 a 9) e cadinhos de fundição (n.ºs 10 a 11) do nível inferior da Rotura. Os n.ºs 1 a 3 são fragmentos de taças caneladas.*

correntemente (tal como seria a agricultura, infelizmente pior documentada).

Os níveis médios da Rotura (Rotura II) correspondem ao Calcolítico pleno da Estremadura (cerca de 2300-2000 a.C.) tão bem representado em outros arqueossítios da Arrábida (Chibanes, na crista da Serra do Louro, entre Palmela e Quinta de Anjo e Castro de Sesimbra). É a fase em que as muralhas e os bastiões do Zambujal, em Torres Vedras, e de Vila Nova de S. Pedro, na Azambuja, são, na sua maior parte, construídos. Estas poderosas fortificações surgem como resposta à necessidade de se defender um sobreproduto económico cada vez mais volumoso em resultado do processo evolutivo das sociedades calcolíticas do Sul da Península. Multiplicam-se os indícios da metalurgia do cobre; a agricultura e a criação de gado tornam-se mais relevantes; ocorrem os grandes vasos de provisões — só por si bem ilustrativos da existência de importantes excedentes —, decorados por motivos foliulares designados por «folhas de acácia» e «crucíferas» que talvez procurassem representar espigas de cereal; os objectos de carácter exógeno são relativamente frequentes e revelam contactos, certamente de natureza comercial, com o mundo mediterrânico.

Esta segunda fase da ocupação calcolítica da Rotura parece estar na evolução da anterior ainda que o espólio arqueológico revele, naturalmente, alguns elementos novos (cerâmica decorada por «folhas de acácia», por exemplo) e o desaparecimento de outros (cerâmica canelada), bem como diferenças quantitativas na distribuição dos tipos pré-existentes. De um modo geral os tipos de pontas de seta, de cerâmica lisa e de alguma decorada (fundas caneluras em potes) e os hábitos alimentares (as conchas de moluscos, nomeadamente da espécie *Venerupis decussata*, continuam a ser muito abundantes) são fundamentalmente os que tinham sido observados em Rotura I. De notar ainda que o copo canelado da fase antiga do Calcolítico da Estremadura pode ter

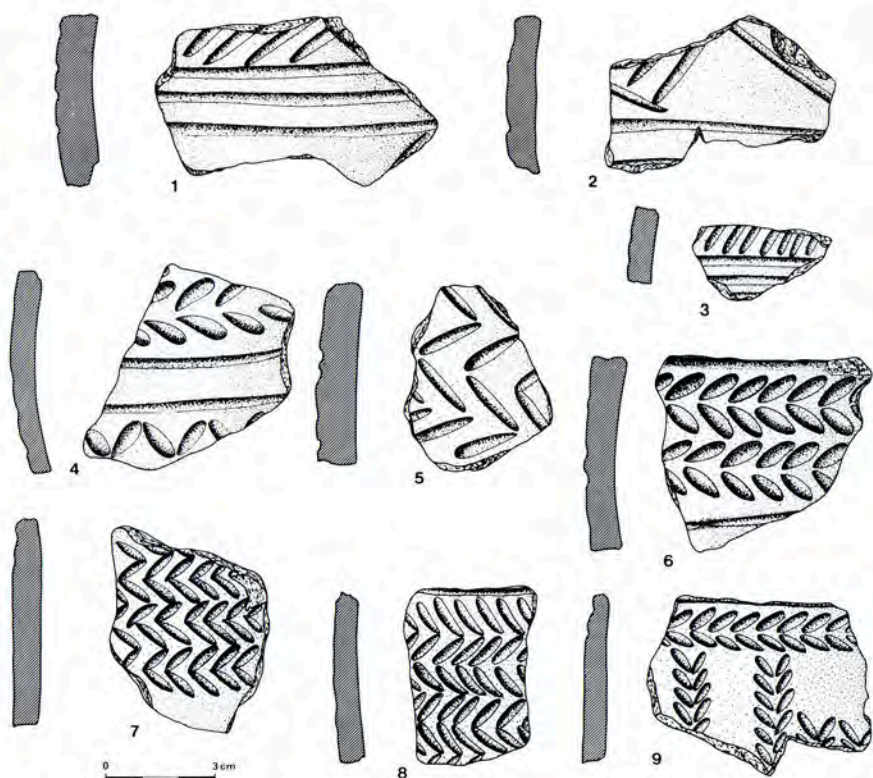


Fig. 62 — Cerâmica decorada dos níveis médios da Rotura: 1 a 3 — fragmentos de potes decorados por fundas caneluras; 4 a 9 — fragmentos decorados por «folhas de acácia» e «crucíferas» (n.º 4).



Fig. 63 — *Cerâmica decorada dos níveis médios da Rotura.*

dados origem a um recipiente igualmente cilíndrico, de superfícies muito bem tratadas, polidas, com aguada avermelhada e decoradas por «folhas de acácia». Esta decoração, também comum em grandes potes, é uma das mais características do Calcolítico pleno das penínsulas de Lisboa e de Setúbal. (Figs 62 e 63).

Foram os níveis médios que forneceram maior número de instrumentos de cobre: machado plano, faca espatulada, serra, anzol.

No que se refere aos vestígios de carácter funerário reconhecidos na Arrábida e atribuídos à fase média do Calcolítico da Rotura, eles são pouco fidedignos, pois as únicas jazidas sepulcrais publicadas com tumulações ocorridas durante o Calcolítico ou não revelaram estratigrafia (grutas artificiais da Quinta do Anjo e Lapa do Bugio) ou não são ainda suficientemente conhecidas (Lapa do Fumo). É possível, porém, integrar em esta fase ou na imediatamente anterior as magníficas peças votivas de calcário que qualquer dessas estações ofereceu: ídolos cilíndricos, normalmente de carácter antropomórfico, e ídolos alcachofra que podiam representar a inflorescência do cardo, coagulante do leite utilizado na produção de queijo (fig. 65).

A terceira e última grande fase da ocupação calcolítica da Rotura (Rotura III), a que correspondem os níveis superiores deste arqueossítio, identifica-se com o Calcolítico recente da Estremadura (cerca de 2000-1500/1300 a.C.). É caracterizada pelo aparecimento de cerâmica campaniforme. No que respeita aos restantes elementos do espólio não se nota, mais uma vez, uma ruptura nítida com a fase precedente. Mas os vasos campaniformes internacionais bem como as caçoilas acampanadas são, de facto, elementos novos. (Fig. 66).

O vaso campaniforme internacional — o tipo de cerâmica campaniforme considerado mais antigo e de maior expansão europeia — é um recipiente de pasta geralmente muito depurada, em forma de campânula invertida, decorado por bandas horizontais preenchidas por traços oblíquos executados segundo a técnica do pontilhado. Este tipo de recipiente, bem como a caçoila de bojo arredondado — forma igualmente de grande distribuição ao longo da fachada atlântica (cf. exemplares muito semelhantes aos da Rotura descobertos na Galiza) — poderiam ter chegado à Rotura por via comercial. O desenvolvimento económico atingido pelo nosso povoado durante o Calcolítico pleno ter-lhe-ia conferido um poder aquisitivo (aliás semelhante ao de outros importantes povoados coetâneos da Estremadura, como Vila Nova de S. Pedro e Zambujal) que iria possibilitar a recepção da cerâmica campaniforme internacional. Assim, a ocorrência deste tipo de loiça pode não corresponder à chegada de um povo estrangeiro que se tenha estabelecido sobre as ruínas dos antigos e prósperos povoados do Cobre pleno.

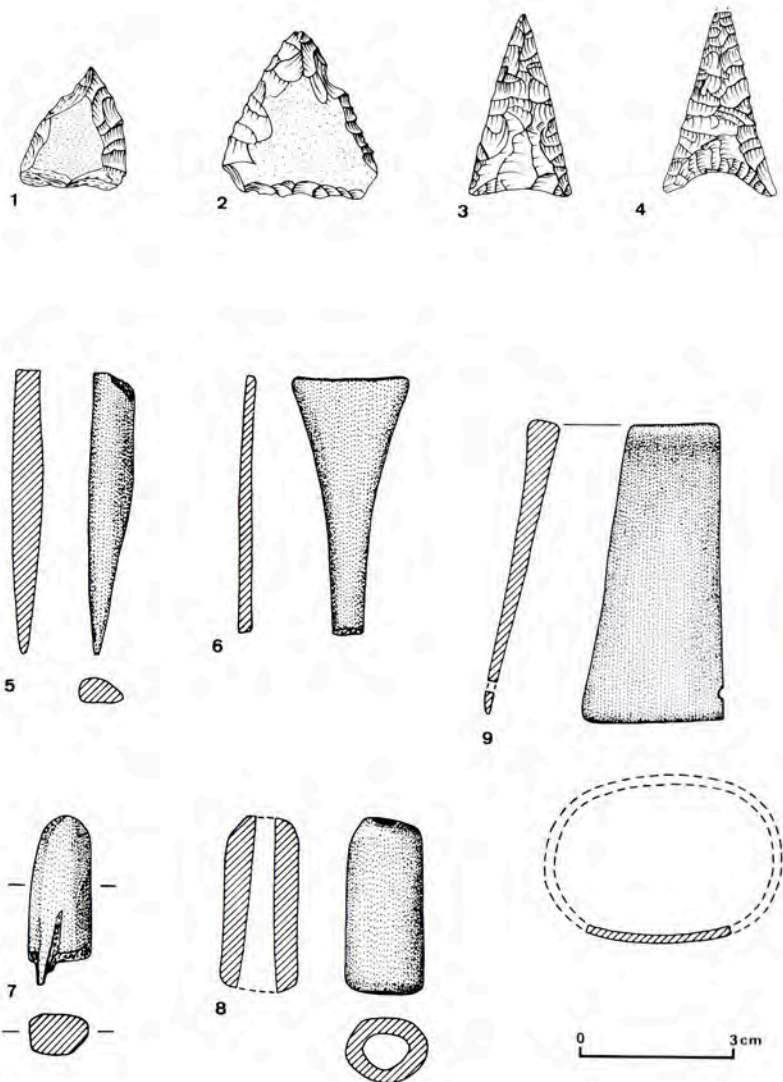


Fig. 64 — Rotura. Pontas de seta de xisto jaspoide (n.ºs 1-3) e sílex (n.º 4) e artefactos de osso (n.ºs 5-9). O n.º 3 proveio de nível da fase I; os n.ºs 2, 6 e 9, de nível da fase II; os n.ºs 1 e 4, de nível da fase III.

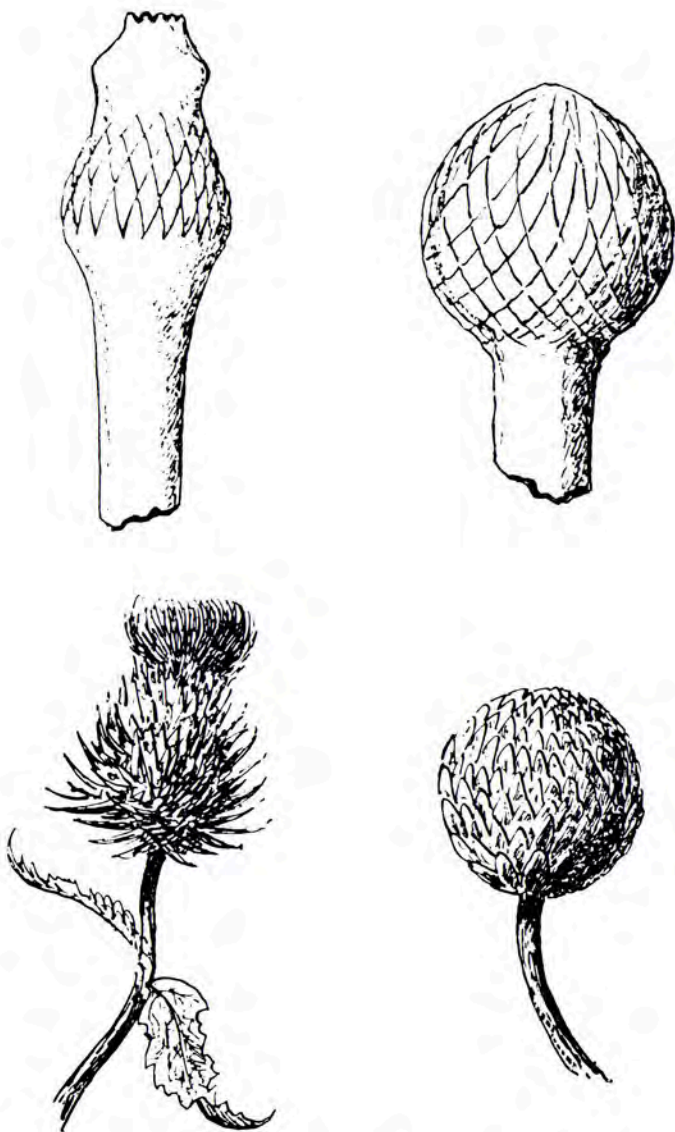


Fig. 65 — Hipótese de interpretação de dois artefactos («*idolos alcachofra*») de calcário (Lapa do Bugio). Em baixo, à esquerda: alcachofra de *S. João* (*Cynara cardunculus*); em baixo, à direita: capitulo do género *Scolymus*, antes de desabrochar (Seg. Serrão, 1975).



Fig. 66 — Cerâmica dos níveis superiores da Rotura: 1 — fragmento com decoração de «cruciferas»; 2 a 15 — cerâmica campaniforme.



Fig. 67 — O cabeça das Malhadas (Cabanas), ocupado por portadores de cerâmica campaniforme do grupo de Palmela. (Fot. tirada de SW).

O grupo campaniforme de Palmela

O estilo campaniforme, sobretudo no que concerne à decoração, parece ter sido rapidamente assimilado pelas culturas autóctones, nascendo, por este processo, um novo grupo de cerâmicas designado por *campaniforme de Palmela*. Observa-se então a aplicação da técnica — o pontilhado — e temática decorativas campaniformes a formas indígenas, como é o caso da larga taça de bordo espessado internamente e de lábio aplanado cujos protótipos remontam, pelo menos, ao Neolítico final. Estas taças, quando decoradas segundo o estilo campaniforme — decoração que se estende ao lábio do bordo — recebem o nome de *taças tipo Palmela* pelo facto de os primeiros exemplares conhecidos terem sido encontrados nas grutas artificiais da Quinta do Anjo.

É aquando da formação do *grupo campaniforme de Palmela* que a sociedade calcolítica da faixa estremenha parece denunciar vincadas transformações que não só teriam levado ao abandono, pelo menos parcial, dos grandes povoados (destruições da fase 4c do castro do Zambujal), como estariam na origem de novos estabelecimentos de carácter habitacional, situados em locais elevados. Na Arrábida, os melhor conhecidos são os do Pedrão (que, nesta fase, é reocupado), do Moinho da Fonte do Sol e do cabeço das Malhadas, os dois últimos situados nas proximidades das Cabanas. Os povoados da Rotura e Chibanes continuam a ser habitados.

No cabeço das Malhadas isolou-se, pela primeira vez no nosso país, em contexto habitacional, o *grupo campaniforme de Palmela*. Esta alta colina, situada, por um lado, junto dos férteis vales da Serra de S. Luís e, por outro, aberta sobre a planície plistocénica do Tejo, foi habitada por volta de 1800 a.C. A presença, no estrato estudado, de numerosas conchas de moluscos marinhos de que se destaca a espécie *Venerupis decussata* (ameijoia), tão comum no estuário do Sado, indica uma actividade de recolha de marisco tradicional desde o Mesolítico. A caça era praticada (coelho e veado). A criação de gado (ovicapríneos) encontra-se igualmente documentada. Os únicos testemunhos da prática da agricultura restringem-se, por enquanto, a escassos elementos de foice (denticulados de sílex). A presença de numerosos cadinhos e de resíduos de fundição do cobre testemunha uma actividade metalúrgica realizada nesse local.

No que se refere ao equipamento material da população que habitou o povoado das Malhadas, a cerâmica representa o documento mais relevante. A taça em calote de esfera, utilizada aquando das refeições, é a forma de cerâmica lisa mais comum. Uma outra forma igualmente frequente é o vaso globular, recipiente vocacionado para contentor. Todas estas formas existiam já no Calcolítico pré-campaniforme. As cores das pastas são em geral castanho-amareladas com zonas escuras indicativas de cozedura irregular e processada, certamente, em cova e ao ar livre. A pasta, pouco depurada, oferece, como desengordurante, abundantes grãos de quartzo.

A cerâmica decorada, segundo o estilo campaniforme, apresenta formas análogas às da cerâmica lisa. Exceptuando a caçoila, que é abundante, e escassos fragmentos talvez pertencentes a vasos campaniformes, as restantes formas são, de um modo geral, comuns às da cerâmica lisa, o que reforça a hipótese de o *grupo campaniforme de Palmela* se ter formado pela aplicação a formas cerâmicas pré-existent, autóctones, da técnica e temática decorativas campaniformes recém-chegadas. A taça tipo Palmela, de bordo em geral com li-

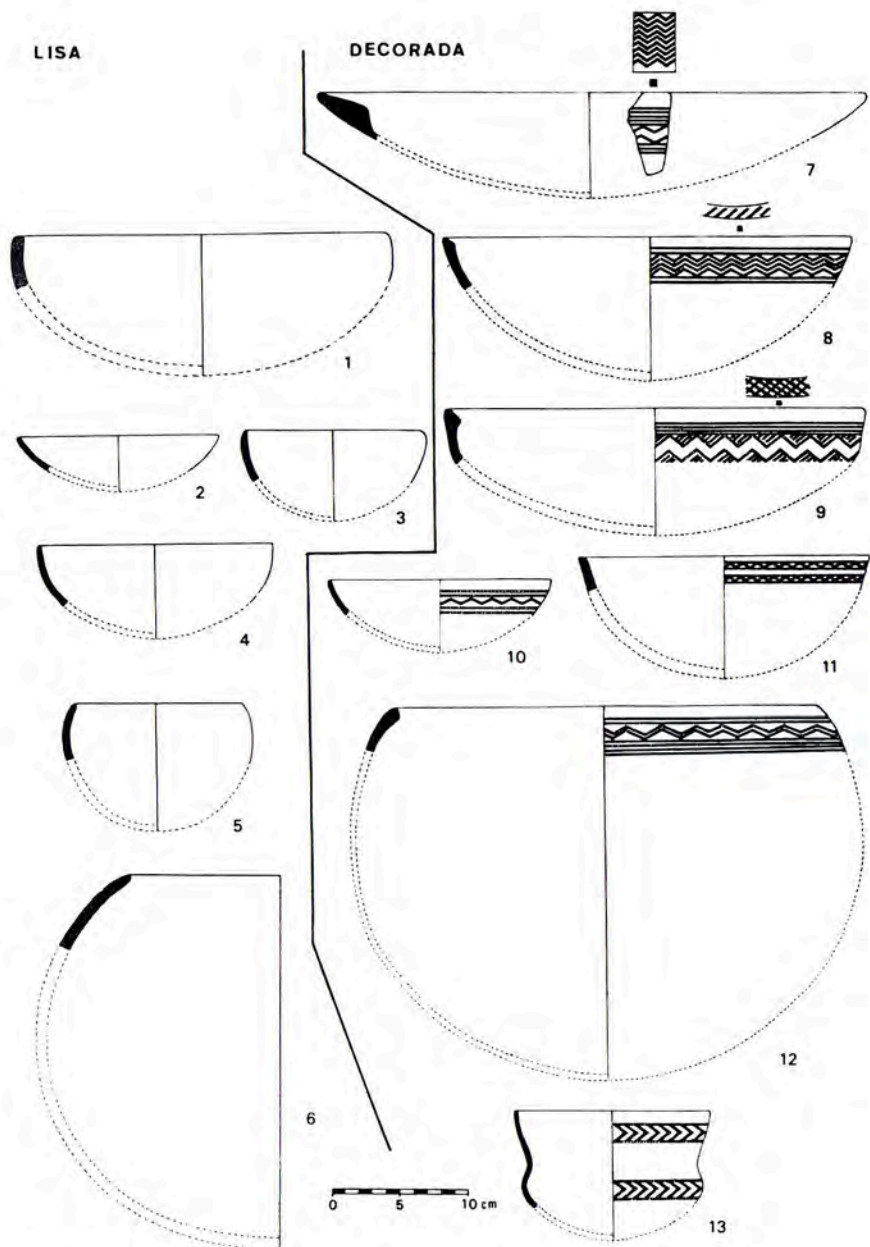


Fig. 68 – Cerâmica lisa e decorada (grupo campaniforme de Palmela) das Malhadas (Cabanas). (Seg. Soares e Tavares da Silva, 1974-77).

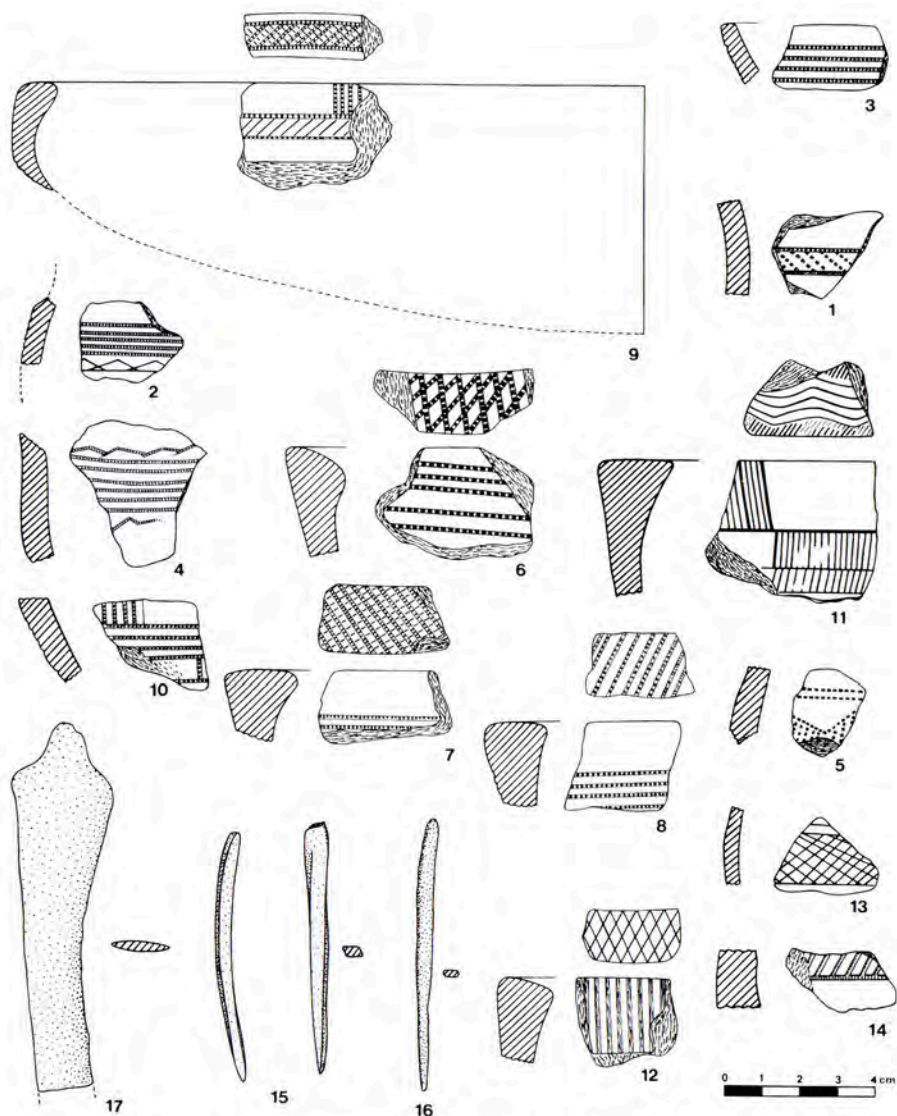


Fig. 69 — Ocupação do horizonte campaniforme do Pedrão. Cerâmica com decoração de tipo campaniforme (n.^{os} 1 a 14) e instrumentos de cobre (punhal de lingueta — n.º 17 — e punções — n.^{os} 15 e 16). De notar que o n.º 14 é um fragmento de cadinho de fundição com decoração de tipo campaniforme. (Seg. Soares e Tavares da Silva, 1975).



Fig. 70 — *Moinho da Fonte do Sol (Cabanas), onde nos finais do Calcolítico (grupo campaniforme de Palmela) e provavelmente no Neolítico final existiu um povoado. Fotografia tirada do cabeço das Malhadas, ou seja de norte.*

geiro espessamente interno, é, sem dúvida, o recipiente cerâmico mais característico. Também muito comum, a taça em calote de esfera de lábio convexo não decorado. O estilo decorativo campaniforme ocorre ainda em pratos de bordo largo, espessado internamente (forma frequente no Calcolítico pré-campaniforme) e em grandes vasos globulares. (Fig. 68).

A técnica decorativa é quase exclusivamente a linear-pontilhada, constituída por pequenas impressões quadrangulares ou rectangulares resultantes da impressão profunda de pente de dentes curtos. A técnica decorativa incisa é muito rara e aparece associada à linear-pontilhada.

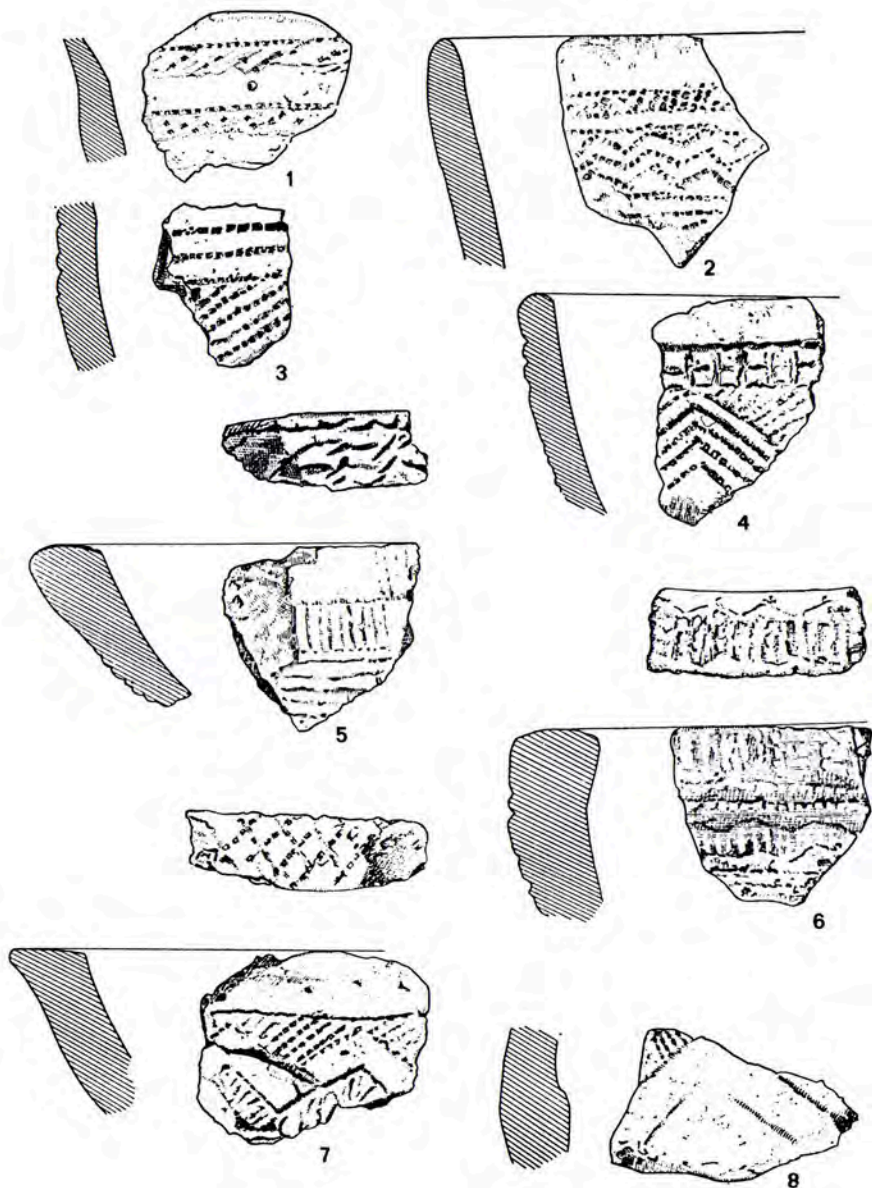


Fig. 71 — Cerâmica com decoração de tipo campaniforme, pontilhada, do Moinho da Fonte do Sol. O n.º 8 pertence a um cadinho, possuindo o mesmo tipo de decoração. (Seg. Soares, Barbieri e Tavares da Silva, 1972).

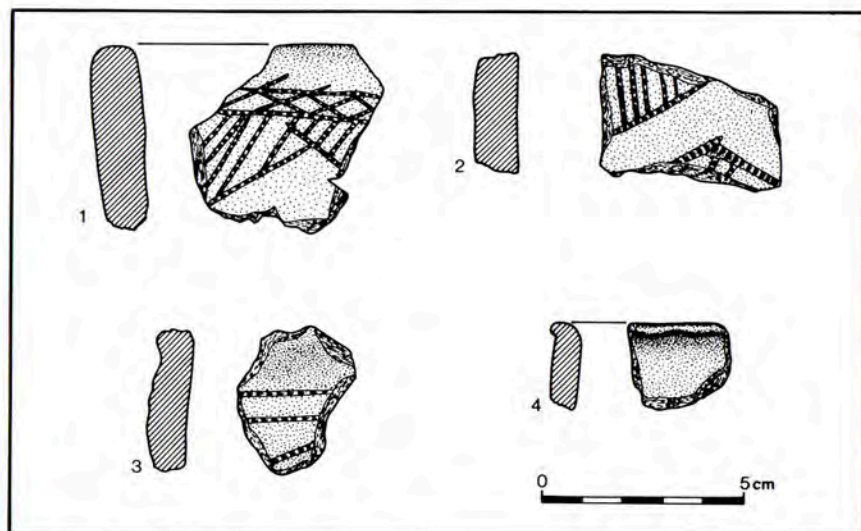


Fig. 72 — Cerâmica do povoado do Pai Mouro (Serra de S. Luís). Os n.ºs 1 a 3 integram-se no grupo de Palmela do horizonte da cerâmica campaniforme. (Recolhas dos autores).

Os temas decorativos predominantes são formados pela associação do zigue-zague a linhas horizontais.

A cor e a textura da pasta da cerâmica campaniforme são muito semelhantes às da cerâmica lisa. Por conseguinte, a produção de cerâmica com decoração campaniforme teria sido local.

Nas Malhadas, a indústria lítica, de sílex, é muito escassa: foram recolhidos apenas alguns elementos de foice, denticulados, e poucos resíduos de talhe.

O Pedrão e o Moinho da Fonte do Sol ofereceram fragmentos de cadinhos de fundição decorados exteriormente segundo a técnica campaniforme linear-pontilhada. Estes achados não só demonstram que as populações portadoras de cerâmica do grupo de Palmela praticavam a metalurgia, como também indicam que a técnica decorativa campaniforme foi aplicada, aquando da formação desse grupo, aos mais diversos tipos de objectos cerâmicos. (Figs. 69 e 71).

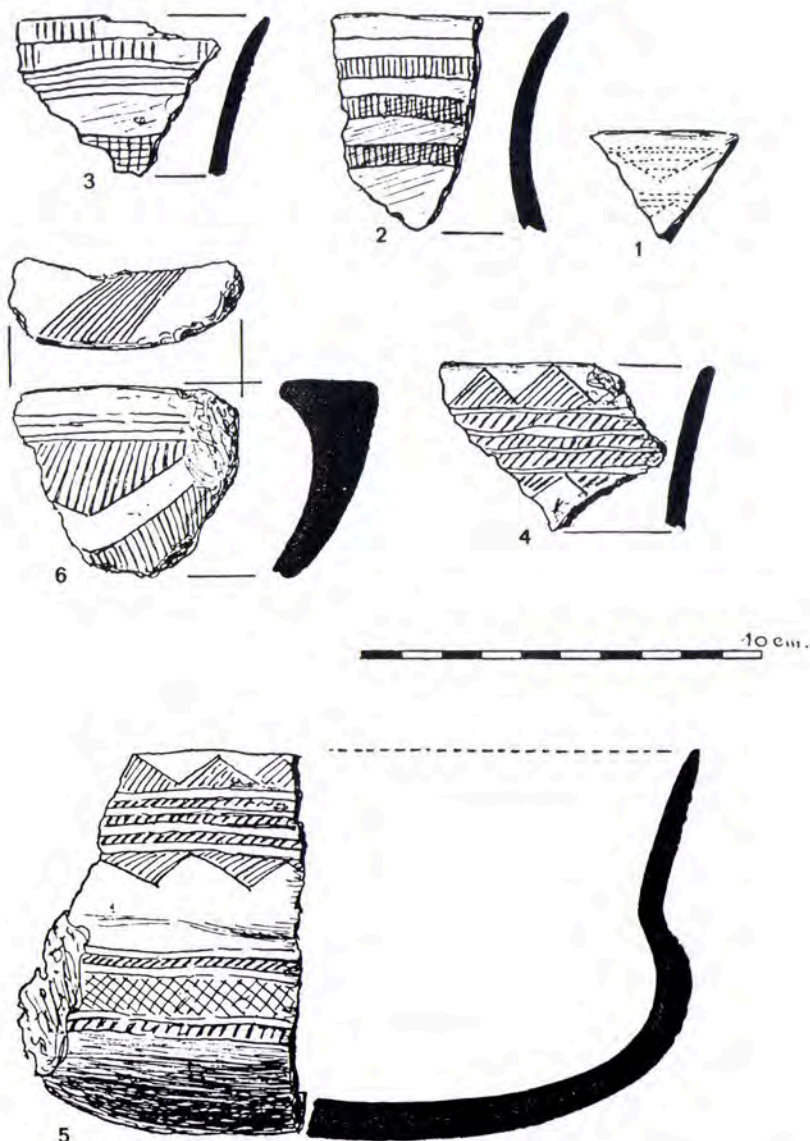


Fig. 73 — Cerâmica campaniforme da Lapa do Bugio. (Seg. Monteiro e Serrão, 1959).

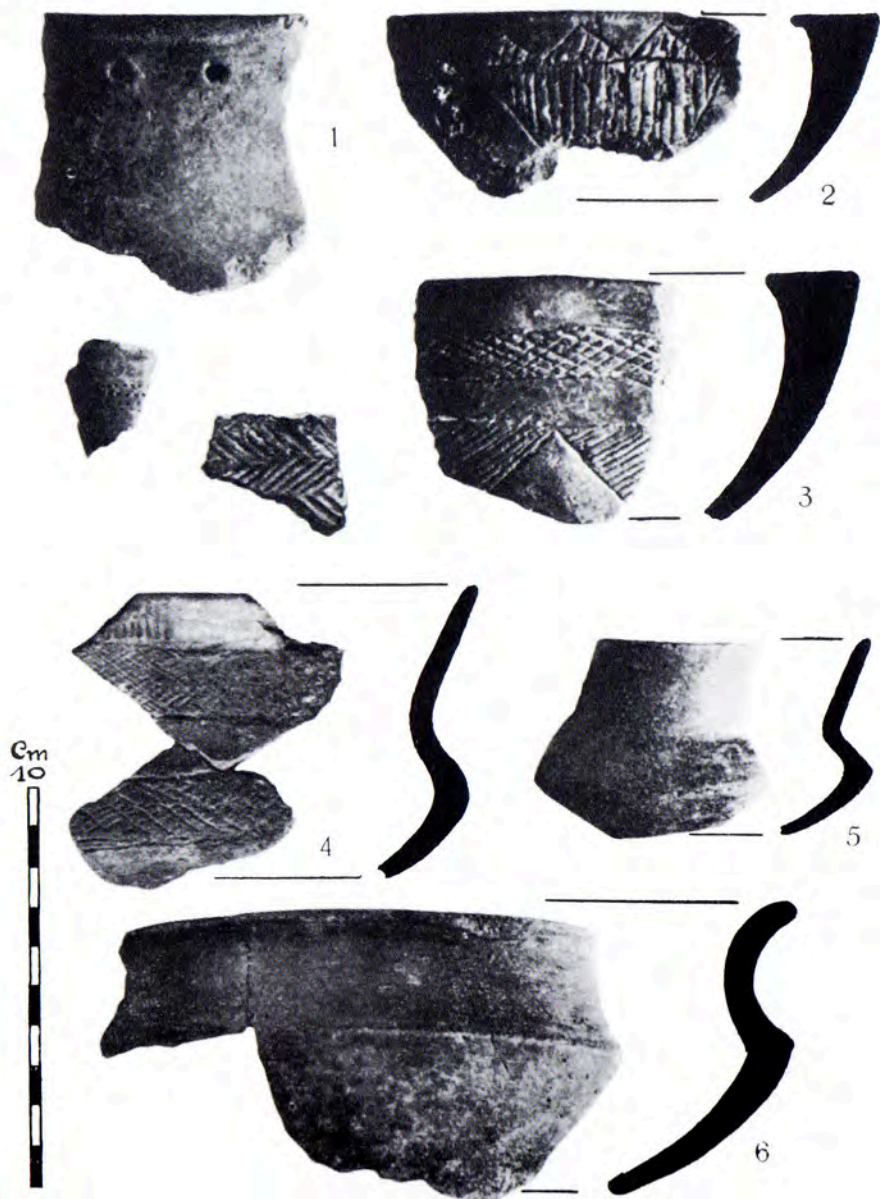


Fig. 74 — Cerâmica campaniforme incisa (n.ºs 2, 3 e 4) e do Bronze pleno (n.ºs 5 e 6) da Lapa do Fumo. (Seg. Serrão, 1959).

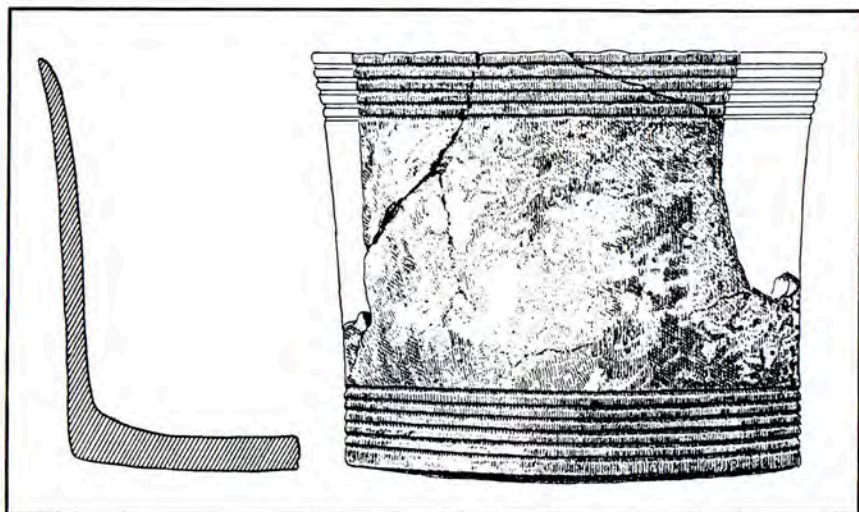


Fig. 75 — *Calcolítico Antigo das grutas artificiais da Quinta do Anjo: copo canelado, Red. 1:2. (Seg. Leisner. 1965).*

Grupo campaniforme inciso

Com o impacto de influências oriundas da Meseta espanhola, onde, entretanto, se havia desenvolvido o *grupo campaniforme de Ciempozuelos*, a cerâmica campaniforme do *grupo de Palmela* começa a ser decorada através da técnica da incisão contínua e a temática ganha acentuado barroquismo. Forma-se, assim, o que designamos por *grupo inciso* do horizonte campaniforme português. A sua presença, na região da Arrábida, faz-se sentir principalmente em grutas naturais: Lapas dos Morcegos, entre o Outão e a Figueirinha, com materiais exumados pelos autores e ainda inéditos, e Lapas do Fumo e do Bugio, em Sesimbra. Além disso, as grutas artificiais da Quinta do Anjo recebem as últimas inumações. Remontarão possivelmente a este momento, além das caçoilas (em geral com carena acentuada na pança), das taças tipo Palmela e das taças de bordo não espessado ricamente decoradas pela técnica da incisão, as pontas de seta de cobre tipo Palmela com a forma de folha de loureiro e os botões em osso com perfurações em V. (Figs. 78, 80 a 83).

Povoados como o da Rotura seriam ocupados ainda nesta fase do Calcolítico final. A Rotura forneceu, com efeito, alguma cerâmica campaniforme incisa, designadamente um fragmento de taça tipo Palmela,

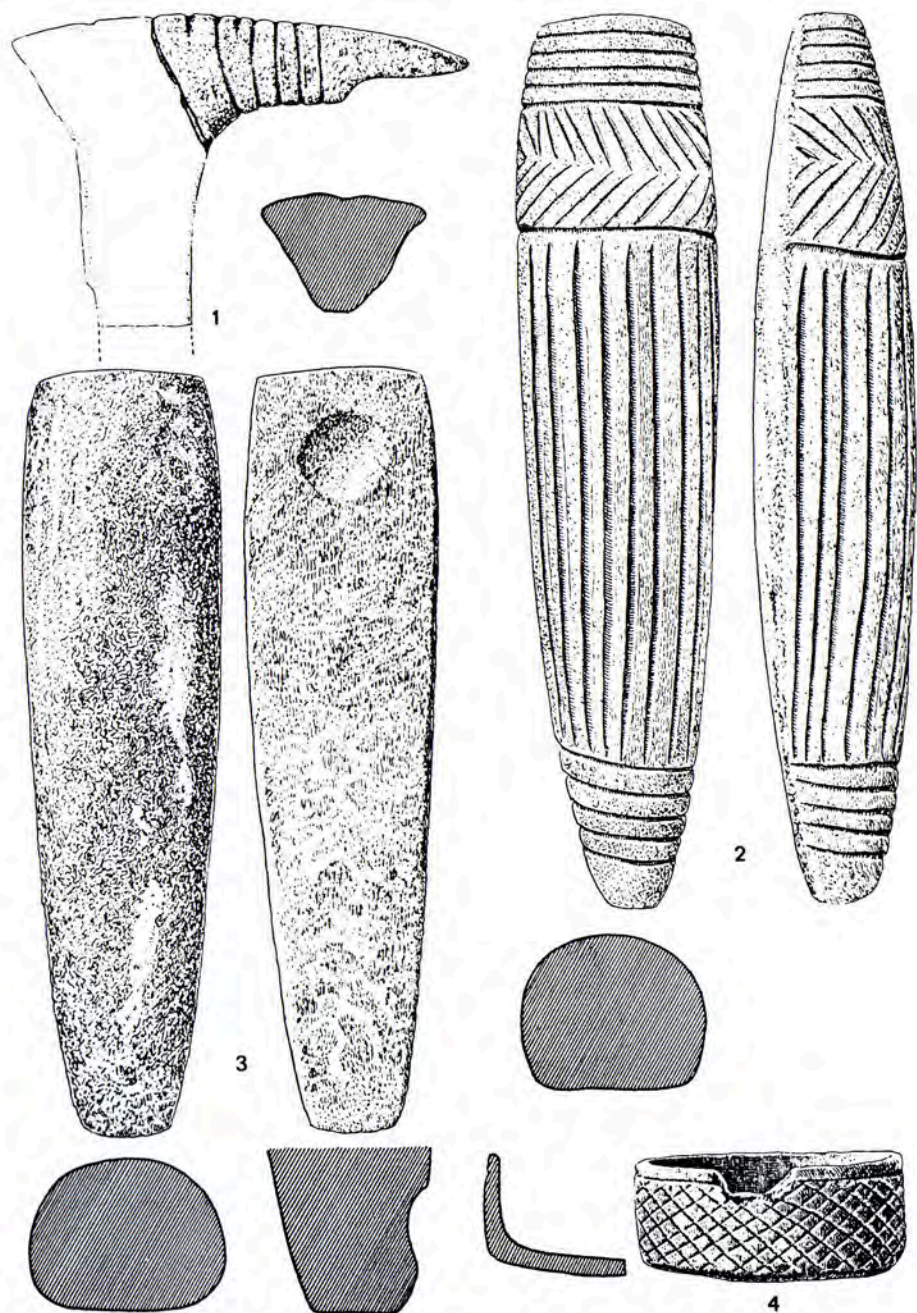


Fig. 76 — Fase calcolítica das grutas artificiais da Quinta do Anjo. Objectos votivos de calcário. N.^{os} 1-3 — «gruta» 1; 4 — «gruta» 4. Red. 1:2. (Seg. Leisner, 1965).

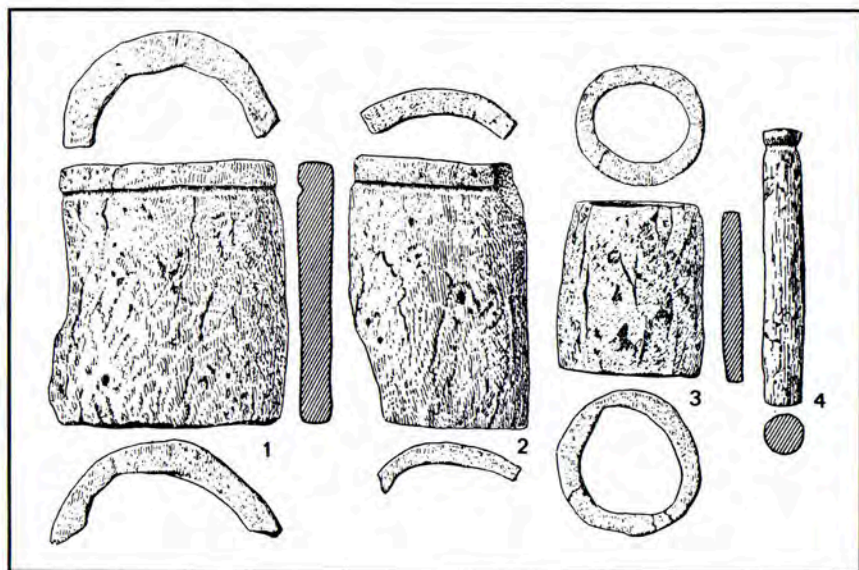


Fig. 77 — Fase calcolítica das grutas artificiais da Quinta do Anjo. Objectos de osso. N.os 1-3 — «gruta» 4; 4 — «gruta» 3. Red. 1:2. (Seg. Leisner, 1965).

que se atigura muito tardio, possuindo o bordo com acentuado espessamento interno e decoração incisa associada a impressões de círculos.

Exploração do sílex

Em que locais o Homem pré-histórico que habitou a região da Arrábida teria obtido o sílex, matéria prima fundamental na produção da utensilagem lítica?

Prospecções que o Dr. Luciano Costa efectuou, acompanhado pelos autores, permitiram descobrir que as formações conglomeráticas do Neo-jurássico localizadas nas imediações da Casa Abrigo do Monte do Cabrito (fig. 84), entre a Comenda e a zona da Albarquel, teriam sido exploradas, a céu aberto, com esse fim. De facto, foram recolhidos, nas encostas de algumas elevações, numerosos nódulos de sílex (que resultaram da desagregação do conglomerado), inteiros ou fragmentados, núcleos e subprodutos de talhe, além de artefactos do Neolítico ou do Calcolítico, como um instrumento de pedra polida.

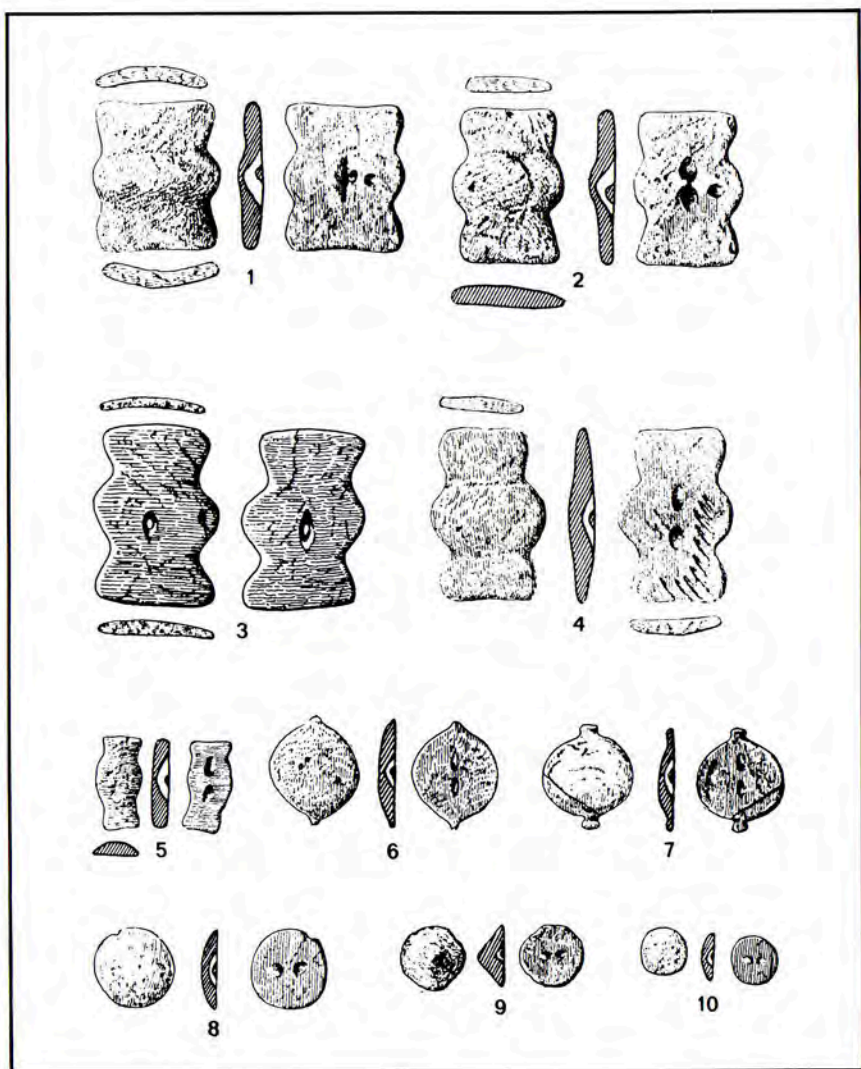


Fig. 78 — Botões de osso com perfurações em V, das grutas artificiais da Quinta do Anjo. N.^{os} 6 e 7 — «gruta» 1; 3, 8 e 10 — «gruta» 3; 1, 2, 4 e 5 — «gruta» 4. Red. 1:2. (Seg. Leisner, 1965).

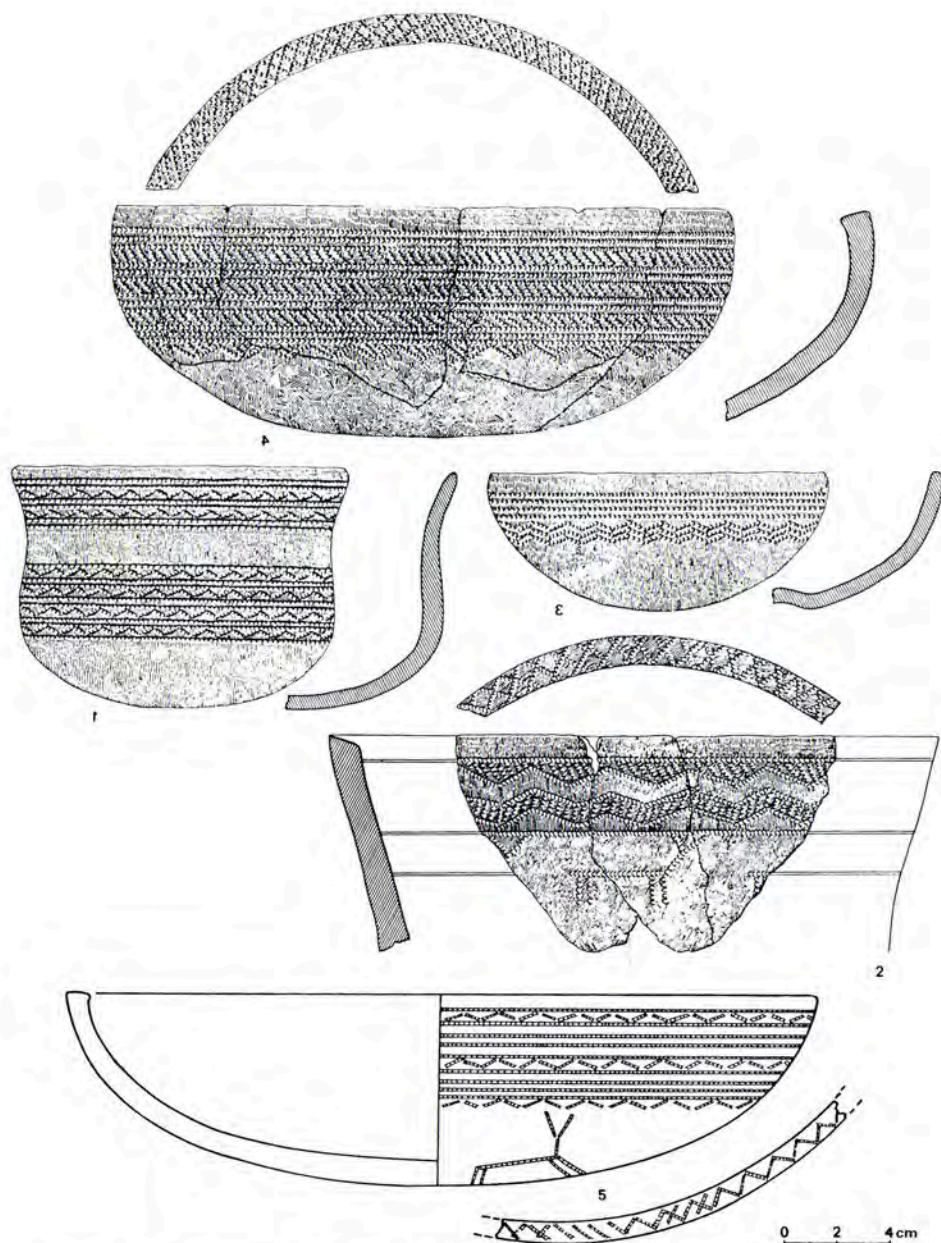


Fig. 79 — Grutas artificiais da Quinta do Anjo. Cerâmica campaniforme do grupo de Palmela. N.ºs 1 e 2 — «gruta» 3; 4 — «gruta» 4. (N.ºs 1 a 4 seg. Leisner, 1965; n.º 5, seg. Pereira e Bubner, 1974-77).

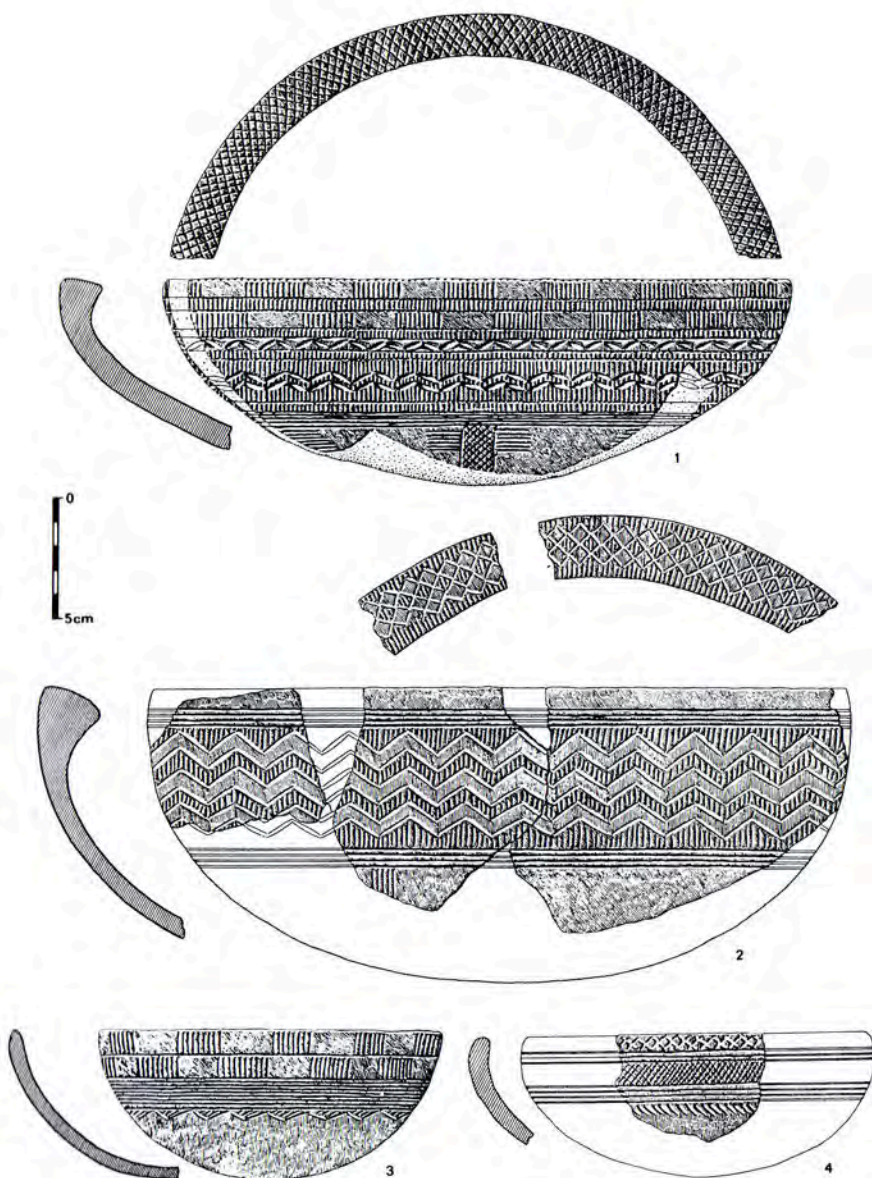


Fig. 80 – Cerâmica campaniforme do grupo inciso das grutas artificiais da Quinta do Anjo: n.ºs 1 e 2 – taças tipo Palmela; 3 e 4 – taças em calote de bordo simples. O n.º 4 foi encontrado na «gruta» 3. (Seg. Leisner, 1965).

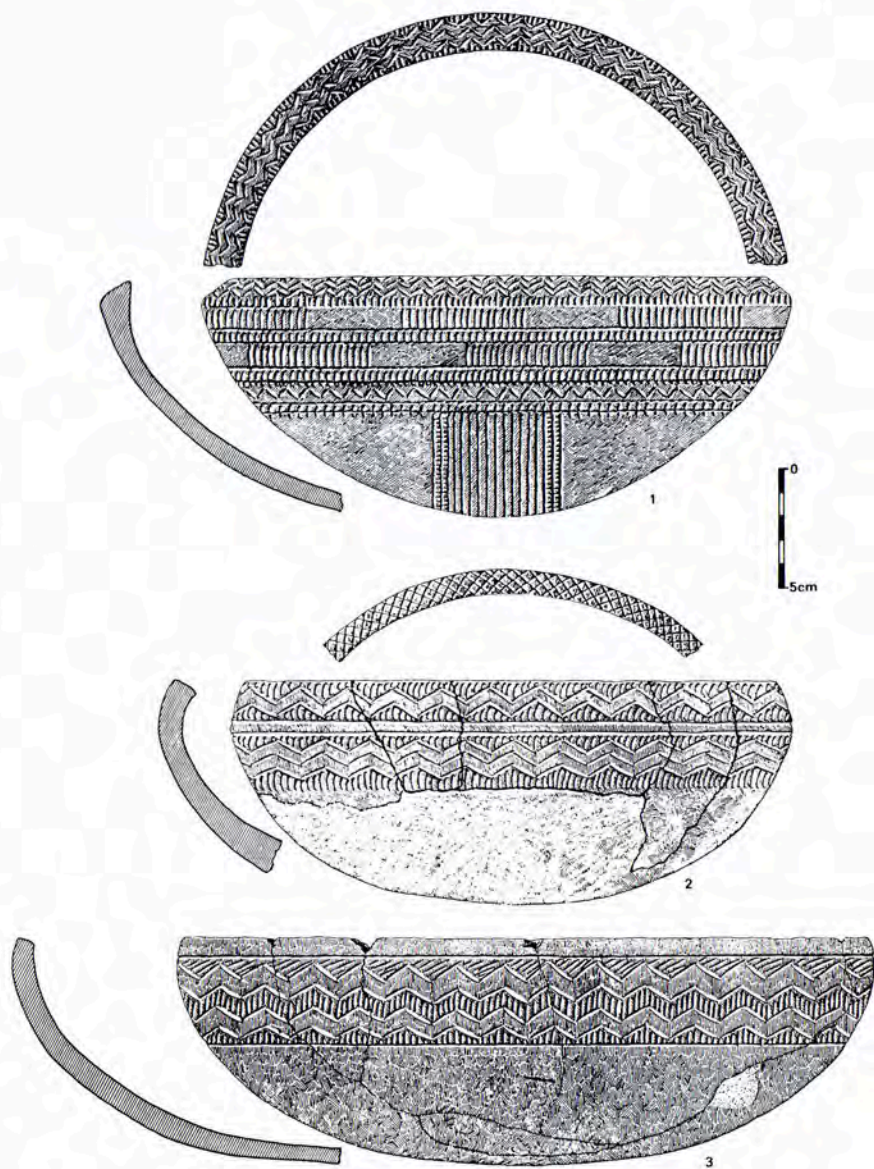


Fig. 81 — Taças do grupo campaniforme inciso das grutas artificiais da Quinta do Anjo. O n.º 2 proveio da «gruta» 3 e o n.º 3, da «gruta» 4. (Seg. Leisner, 1965).



Fig. 82 — Cerâmica campaniforme do grupo inciso das grutas artificiais da Quinta do Anjo. Os n.^{os} 1 e 3 vieram da «gruta» 3. (Seg. Leisner, 1965).

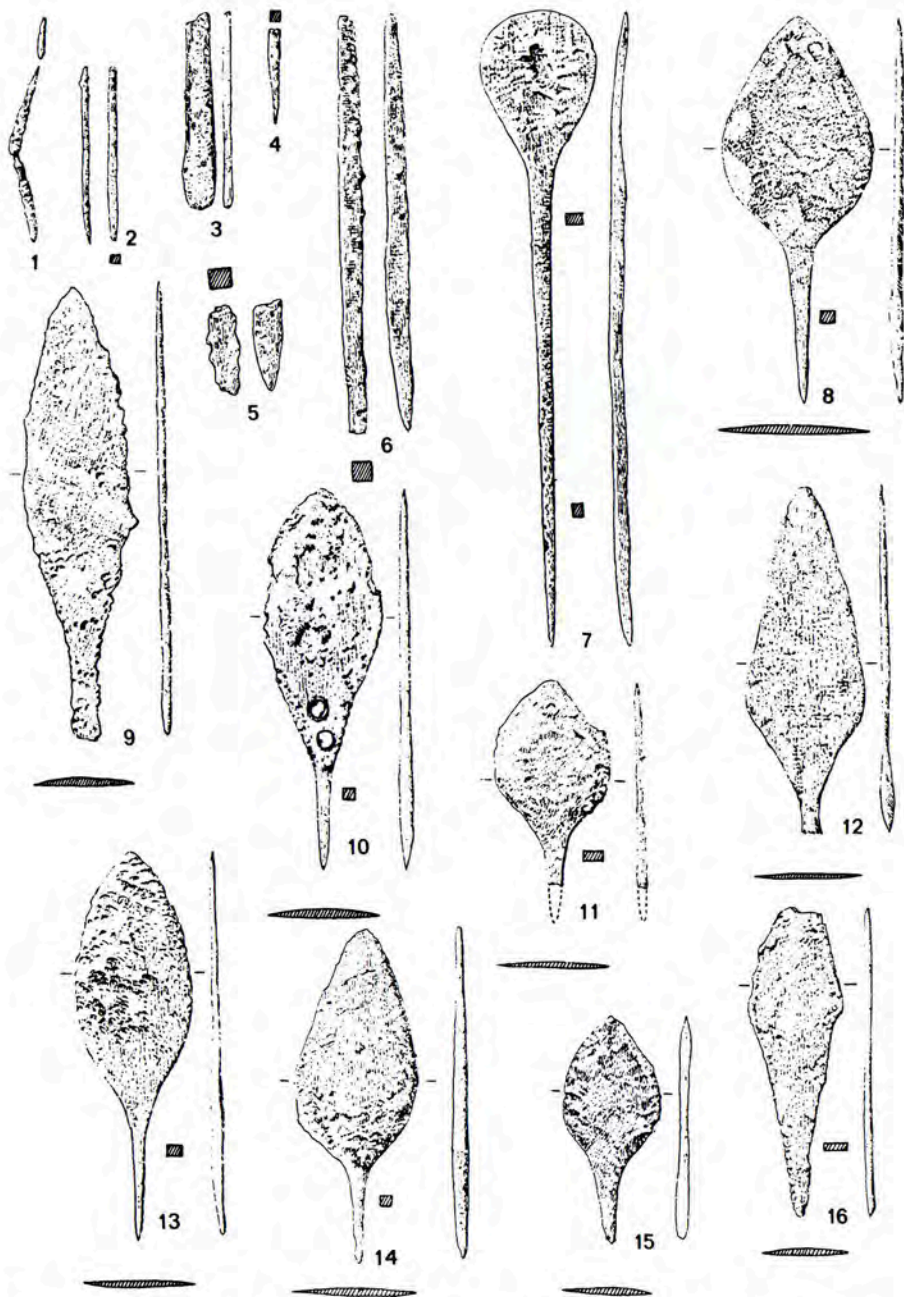


Fig. 83 — Objectos de cobre das grutas artificiais da Quinta do Anjo. As peças n.ºs 7 a 16 são pontas de seta tipo Palmela, características do horizonte campaniforme. (Seg. Leisner, 1965).

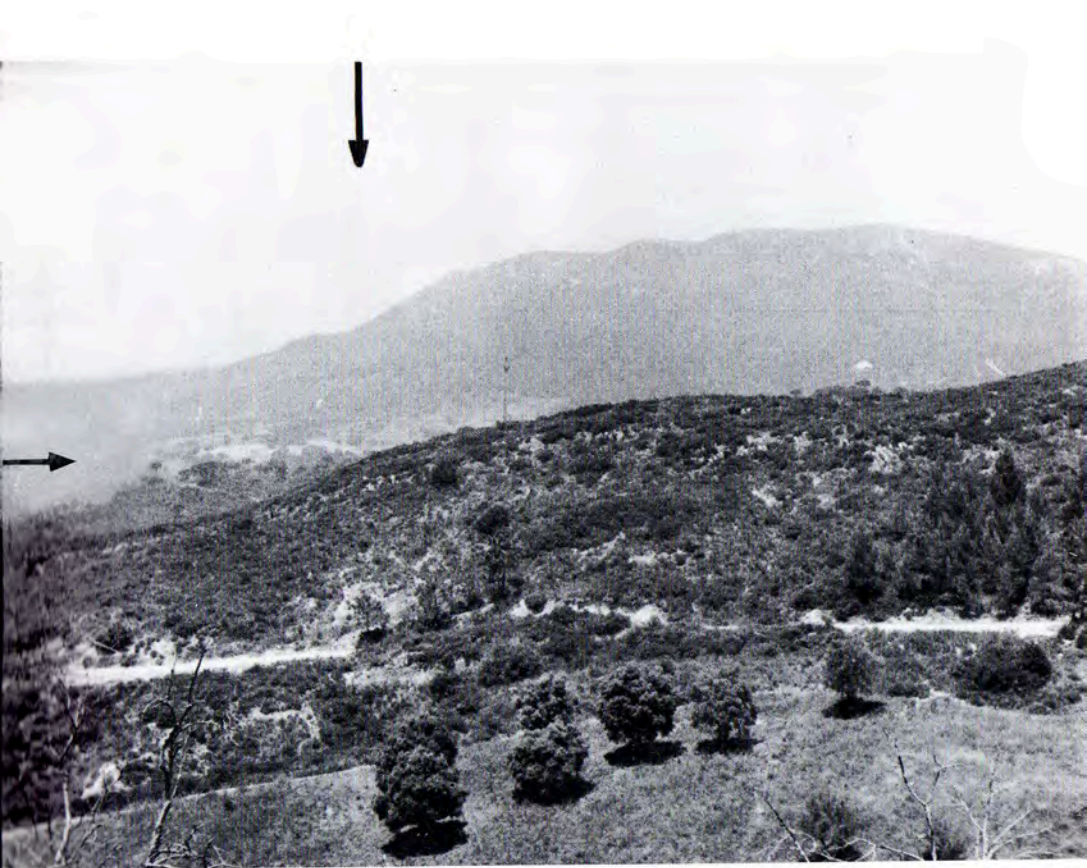


Fig. 84 — *Um dos locais dos arredores da Comenda que forneceram vestígios de exploração antiga de sílex. Fot. obtida da casa Abrigo do Monte do Cabrito.*

O Homem físico

Como seriam, de um ponto de vista físico, os habitantes da Arrábida nos finais do Neolítico e durante o Calcolítico? Por ora, foram publicados apenas dois estudos de paleoantropologia física relativos a jazidas da nossa região.

O exame de ossos humanos encontrados em tumulações da Lapa do Bugio revelou que a estatura média provável dos indivíduos aí sepultados era de 169,9 cm para o sexo masculino e de 161,4 cm para o feminino. O índice cefálico médio dos crânios estudados é de 78,9,

valor que corresponde à mesaticefalia, o que é característico dos Portugueses que actualmente vivem no Sul de Portugal.

No que se refere à patologia, assinalamos o facto de terem surgido somente 3 dentes cariados em 100 molares, o que mostra ter sido a cárie dentária relativamente pouco frequente.

O material osteológico humano recolhido nos hipogeus da Quinta do Anjo mereceu, de Thomas Bubner, a realização de um estudo publicado recentemente.

Embora não haja a certeza de terem sido recolhidos todos os ossos humanos encontrados aquando das escavações arqueológicas, o que torna impossível determinar o número de indivíduos tumulados durante os cerca de mil anos da vida das «grutas» como necrópole, Bubner conclui, baseando-se no facto de serem conhecidos 403 dentes incisivos provenientes da «gruta» 4, que neste hipogeu foram sepultados pelo menos 51 indivíduos. O mesmo autor faz notar: «se pensarmos que só parte dos restos ósseos ingressou no Museu (dos Serviços Geológicos), o número de enterramentos deve ter sido bastante maior».

A altura média dos indivíduos masculinos seria de 1,64 m, e a das mulheres, de 1,57 m. Estes valores, associados aos fornecidos por outros autores (Isidoro, Mendes Corrêa) para jazidas da Estremadura e Beira Litoral, mostram que a população do Neolítico Final e do Calcolítico destas regiões era, em geral, de baixa estatura.

Nas grutas artificiais da Quinta do Anjo foram sepultados crianças, jovens, adultos e velhos de ambos os sexos. Esta constatação, como Bubner salienta, «fala a favor da hipótese de servirem os hipogeus como jazigos colectivos, nos quais um certo grupo humano enterrava os seus mortos».

A esperança média de vida seria de 26,2 anos por cada indivíduo, embora tenham sido encontrados restos de indivíduos que atingiram idade avançada (cerca de 60 e mais anos).

Foi ainda possível inferir que a população que utilizou como necrópole as «grutas» da Quinta do Anjo teria pertencido a um «tipo humano grácil, de proporções pequenas e bem equilibradas e de estatura média reduzida» (Bubner, 1979), tipo humano que durante o Neolítico Final e o Calcolítico teria ocupado uma vasta região (o centro e o Sul de Portugal e a Andaluzia) e que predomina na população actual.

IDADE DO BRONZE: ACENTUA-SE A ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

Que mudanças sociais teriam ocorrido nos finais da Idade do Cobre? O que teria estado na base do fenómeno de despovoamento que, ao findar o Calcolítico, afectou quase todos os povoados da Estremadura, muitos deles até então ocupados ininterruptamente durante cerca de mil anos?

Pensamos que a nossa Idade do Cobre, coincidindo com a fase de desagregação da comunidade primitiva, como que preludia o alvorecer

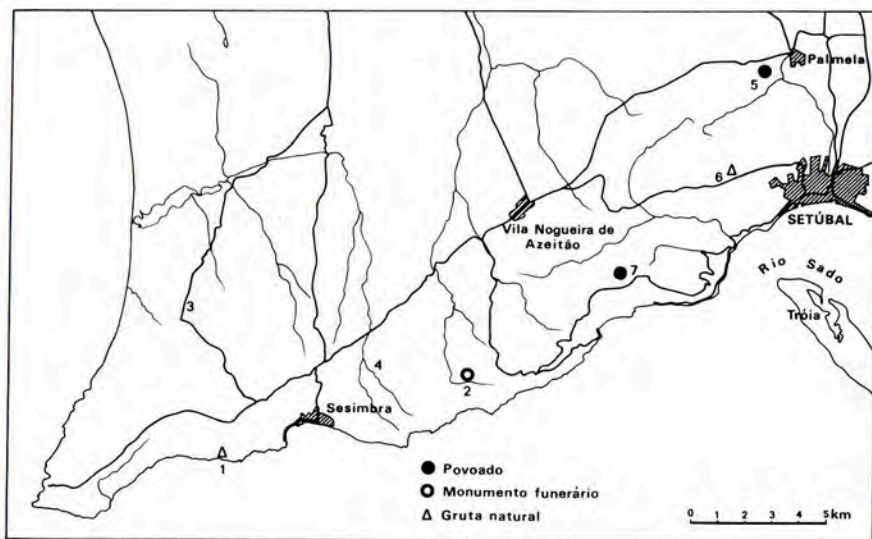


Fig. 85 — Jazidas e achados soltos da Idade do Bronze da região da Arrábida: 1 — Lapa do Fumo (Bronze pleno? e Final — horizonte da cerâmica de ornatos brunidos); 2 — monumento da Roça do Casal do Meio (Bronze Final — horizonte da cerâmica de ornatos brunidos); 3 — Alfirim; 4 — Pedreiras; 5 — Chibanes (cerâmica de ornatos brunidos); 6 — Lapa da Rotura (cerâmica de ornatos brunidos); 7 — Castelo dos Mouros (Bronze final).

de uma nova sociedade, isto é, de um novo modo de produção: a estrutura tribal dá lugar a um regime de chefaturas onde começam a manifestar-se formas embrionárias de organização estatal.

O monumento da Roça do Casal do Meio

Com efeito, a Idade do Bronze da Arrábida ofereceu um dos mais elucidativos testemunhos desta nova forma de organização social. Referimo-nos ao monumento funerário da Roça do Casal do Meio, escavado por Konrad Spindler em terras do Calhariz, no sopé da encosta ocidental do Formosinho. De planta circular, mostrou-se limitado exteriormente por um espesso muro (cerca de 2,50 m de largura), revestido por grandes blocos ortostáticos de calcário da região, que atingia a altura de 1,20 m e definia um círculo com diâmetro de 11,5 metros; apresentava uma abertura de 1,20 m voltada a E. SE. Esta abertura dava acesso a um estreito corredor com 4,20 m de comprimento que, por sua vez, conduzia a uma câmara funerária central, de planta sub-circular (diâmetro, na base, de 3,3 m), coberta por uma cúpula. Entre o muro exterior e a câmara central havia um corredor circular sem entrada visível. (Figs. 86-88).



Fig. 86 — O monumento da Roça do Casal do Meio visto do norte. (Fot. Spindler).

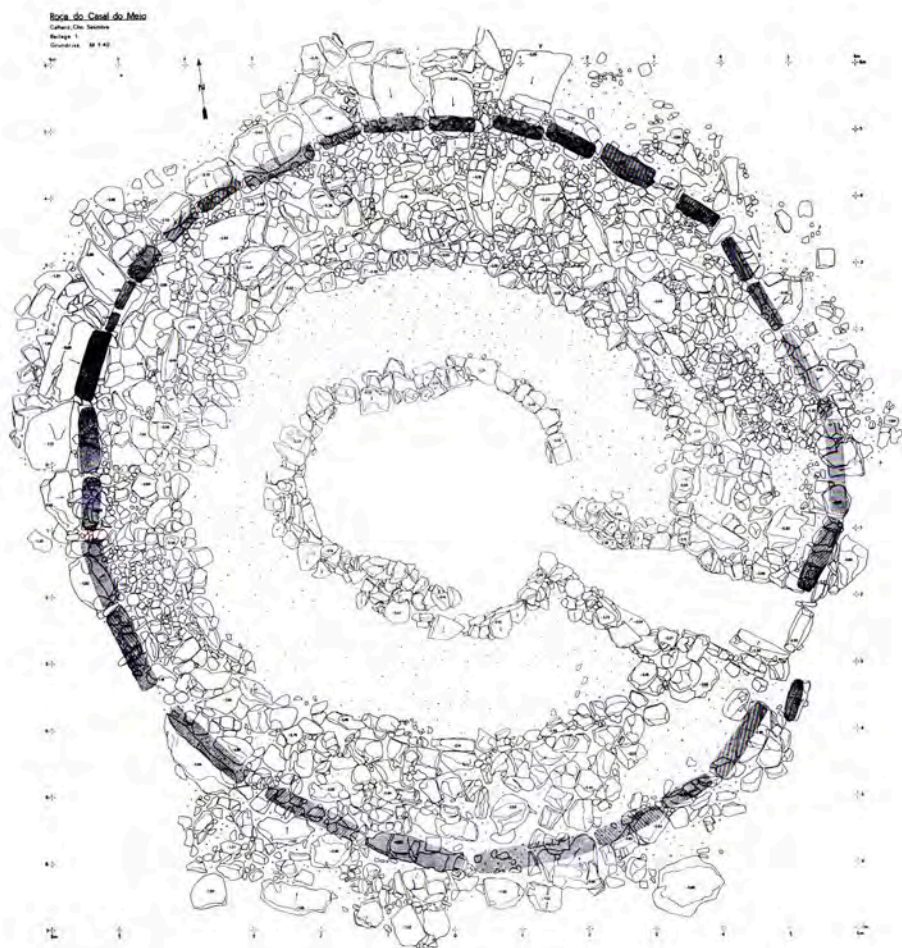


Fig. 87 — *Planta geral do monumento da Roca do Casal do Meio após a sua total escavação. (Seg. Spindler e Veiga Ferreira, 1973).*

Este monumental sepulcro que, em termos arquitectónicos muito gerais, recorda um pouco as sepulturas colectivas de falsa cúpula da Idade do Cobre, foi objecto de apenas duas inumações. Na zona sudoeste da câmara pôs-se a descoberto um dos esqueletos. O morto fora colocado directamente sobre o solo, em decúbito dorsal, segundo a direcção NO-SE, com a cabeça para SE e a face para norte e em posi-

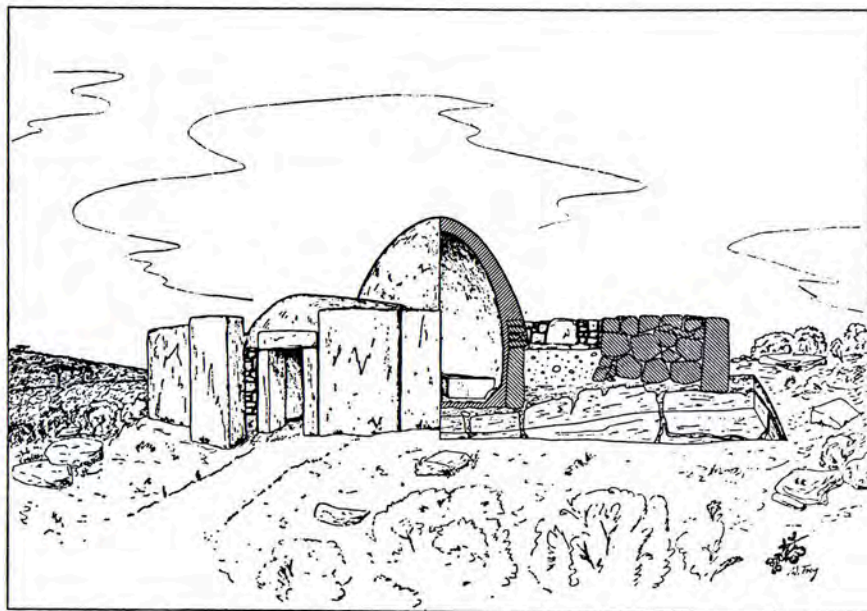


Fig. 88 — Reconstituição do monumento da Roça do Casal do Meio. (Seg. Spindler e Veiga Ferreira, 1973).

ção estendida com a perna direita ligeiramente dobrada. Sobre o ombro esquerdo encontrou-se um pente de marfim e, sob o crânio, uma pequena pinça de bronze ao lado de um anel do mesmo metal. Aos pés, jaziam ossos dos membros de, pelo menos, duas cabras e dois carneiros que teriam sido depositados com carne aderente e no contexto de um acto ritual relacionado com o culto dos mortos; tratar-se-ia, possivelmente «da comida preparada para a viagem do morto para o outro mundo» (Spindler *et al.*, 1973).

Na zona noroeste da câmara, sobre uma banquetta de argila, com a altura de 0,25 m, jazia o segundo esqueleto. Deitado sobre o seu lado direito, tinha a cabeça para este, com a face virada para norte, e encontrava-se em posição contraída, com as pernas e os braços flectidos. Junto do seu ombro esquerdo repousava uma pinça de bronze; na região do crânio, uma fíbula também de bronze e, sobre a bacia, um fecho de cinturão. (Figs. 89-91).

Faziam ainda parte do mobiliário funerário dois recipientes de cerâmica: um, bicónico, de fundo plano, com a altura de 390 mm, apresen-

Rocha do Casal do Meio

Calhariz, Cho. Sasimbra

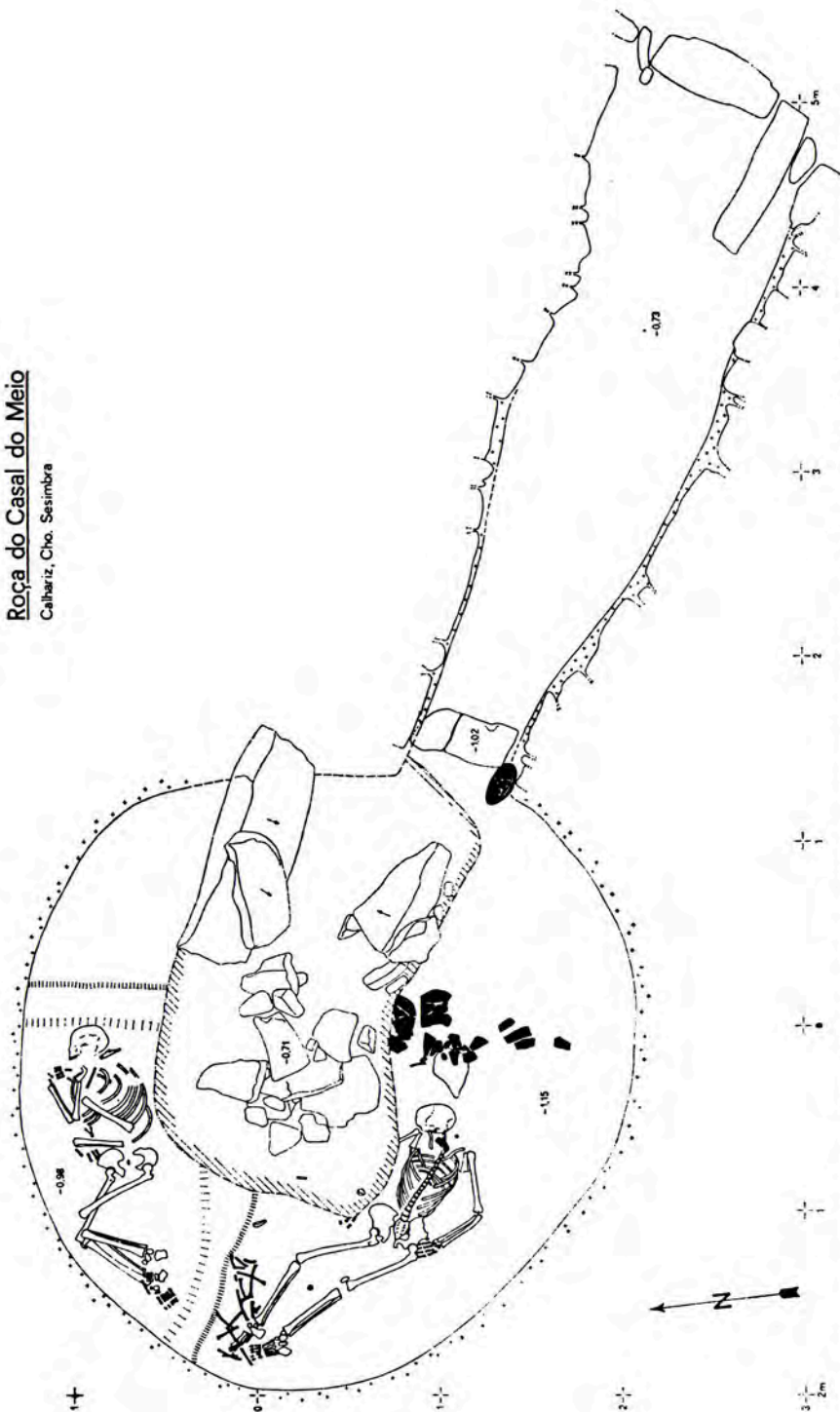


Fig. 89 — Rocha do Casal do Meio. Plano ao nível do solo da câmara funerária (com os dois esqueletos) e do corredor. (Seg. Spindler e Veiga Ferreira, 1973).



Fig. 90 — *Roça do Casal do Meio*. Em cima: sepultura 1; em baixo: sepultura 2, com o esqueleto em posição contraída. (Fots. Spindler).



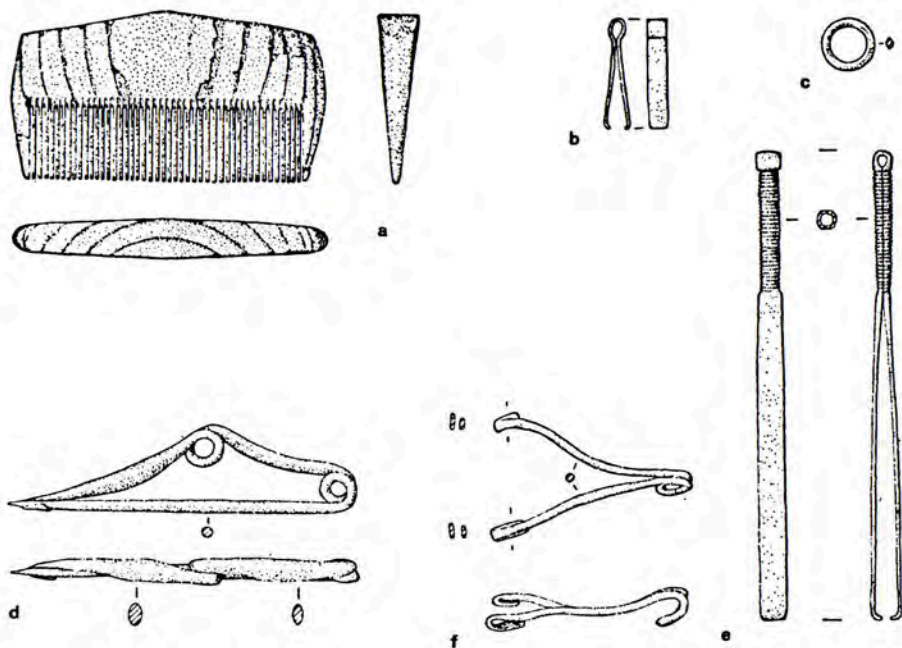


Fig. 91 — *Objectos que acompanhavam as duas inumações da Roça do Casal do Meio: a — pente de marfim; b — pinça de bronze; c — anel de bronze; d — fíbula; e — pinça de bronze; f — fecho de cinturão (bronze). (Seg. Spindler e Veiga Ferreira, 1973).*

ta, na zona do bojo, como decoração, restos de retícula brunida; o outro é uma taça carenada e de fundo externo ligeiramente côncavo.

A camada correspondente à fase de construção do monumento forneceu oito fragmentos de um mesmo recipiente de cerâmica — uma taça carenada de fundo aplanado e provida de um mamilo perfurado verticalmente. (Fig. 92).

Todo este espólio constitui um conjunto muito homogêneo pertencente ao horizonte da cerâmica com ornatos brunidos do Bronze Final. A fíbula encontra relações com certas formas sicilianas, sobretudo com as da fase Pantalica II, datável dos séculos XI e X a.C., mas podemos admitir que a chegada deste tipo à Roça do Casal do Meio tenha ocorrido no decurso do século X ou nos inícios do IX a. C. O pente de marfim, pelo material utilizado na sua confecção, revela-se claramente como uma peça de feição exógena e de origem mediterrânica, mais precisamente norte-africana. De notar que alguns elementos do espó-

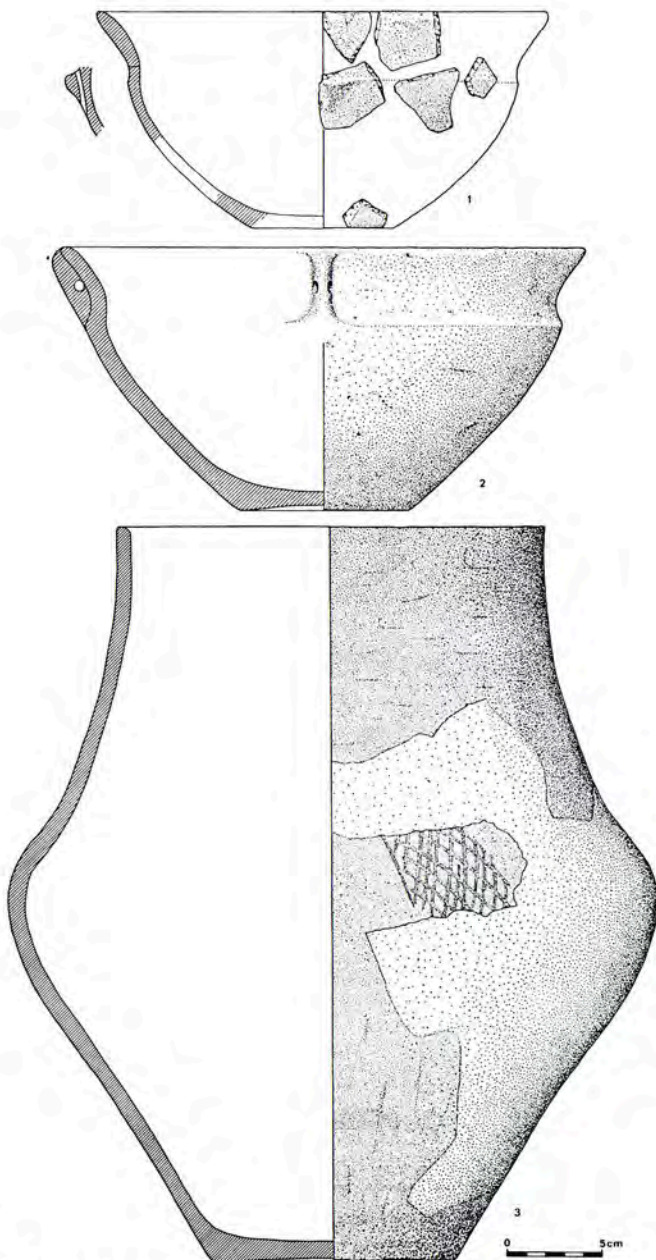


Fig. 92 — Cerâmica do Bronze Final do monumento da Roça do Casal do Meio. O vaso n.º 3 foi decorado por ornatos brunidos. (Seg. Spindler e Veiga Ferreira, 1973).

lio — a fíbula, a pinça, o pente — surgem representados em estelas do Bronze Final descobertas no Sul do País, associados a figuras de guerreiros. Citemos, como exemplo, a estela II de Ervidel que pode ser observada no Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal e foi recentemente estudada por Mário Varela Gomes e Jorge Pinho Monteiro. Segundo a descrição resumida destes dois autores, «possui dois registos de composição estabelecidos a partir do papel central e axial desempenhado por um escudo de chanfraduras em V. O superior mostra uma figura humana fálica, de pé, com uma espada do tipo língua de carpa, à cintura. Esta figura é rodeada por armas e objectos (lança em língua de carpa, pinça, fíbula de cotovelo, pente, espelho e cão). No nível inferior, foram gravadas duas figuras antropomórficas, representando provavelmente mortos». As estelas do tipo da de Ervidel II que, colocadas verticalmente no solo, comportavam valor emblemático e

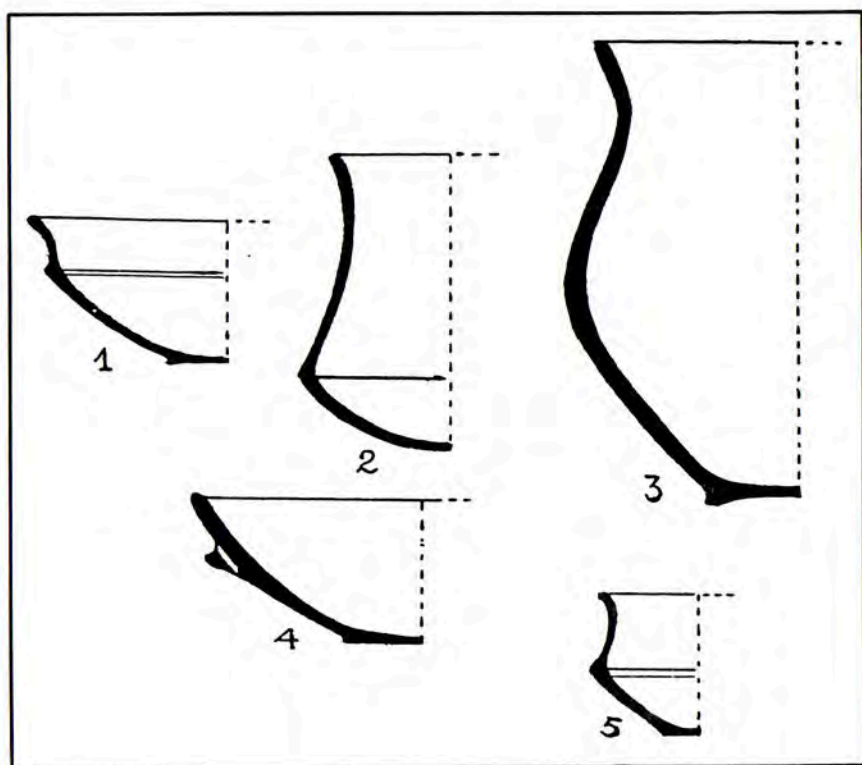


Fig. 93 — Perfis de alguns recipientes com ornatos brunidos da Lapa do Fumo. (Seg. Serrão, 1970).

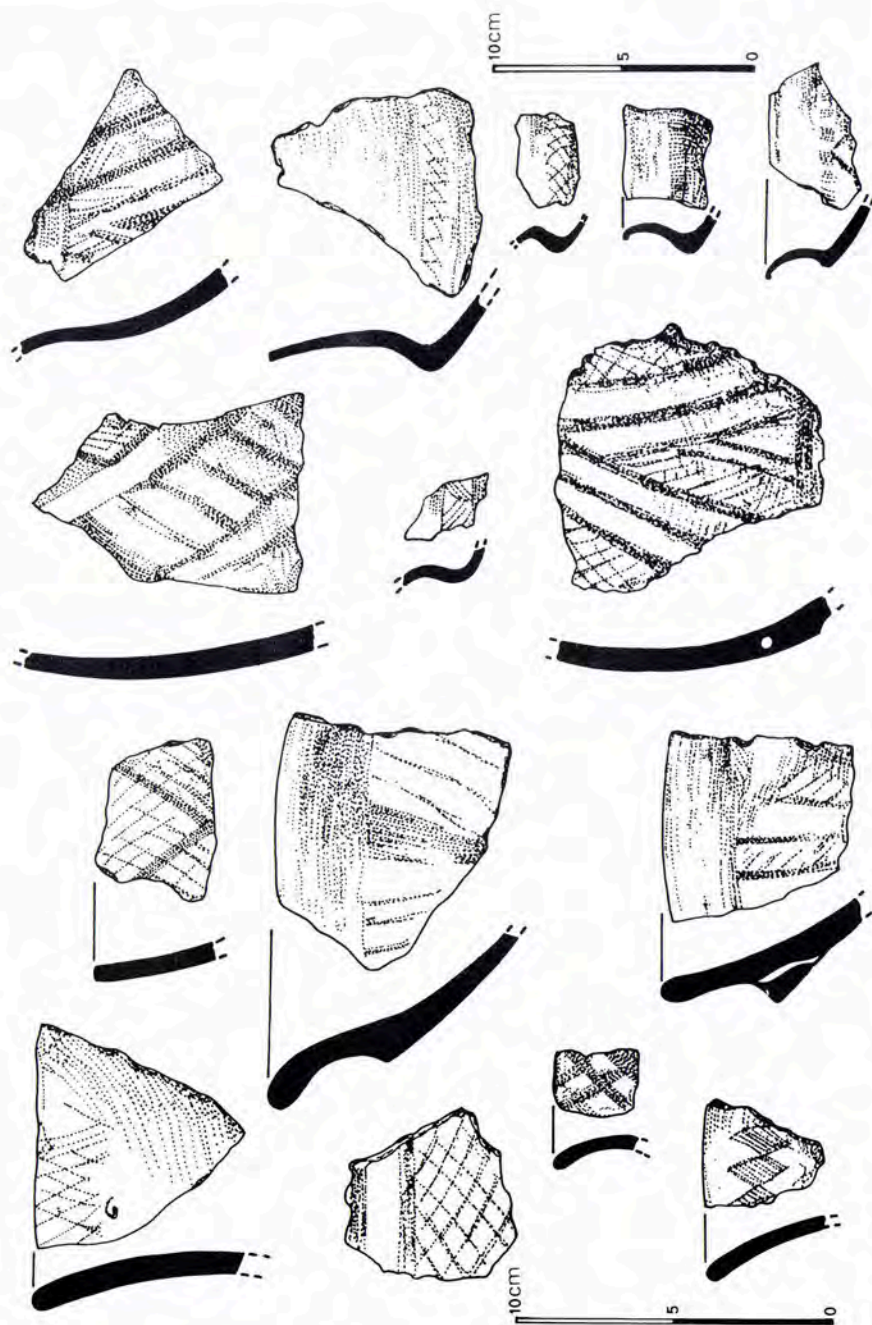


Fig. 94 — Cerâmica com ornatos brunidos da Lapa do Fumo. (Seg. Serrão, 1975).

serviam de referência às sepulturas de grandes personagens, desenvolveram-se durante um período compreendido entre os inícios do séc. X e os inícios do séc. VIII a.C., portanto em uma fase sensivelmente contemporânea da construção e utilização, como sepulcro, do monumento da Roça do Casal do Meio. O modelo social que elas sugerem — sociedade de tipo chefatura fortemente hierarquizada e guerreira — parece estar igualmente patente na Roça do Casal do Meio, onde, não obstante a grandiosidade da sepultura, somente duas inumações aí tiveram lugar, acompanhadas por objectos representados nas referidas estelas. Tudo indica, pois, estarmos perante os restos mortais de dois destacados indivíduos, chefes e/ou guerreiros, de uma sociedade já vincadamente estratificada.

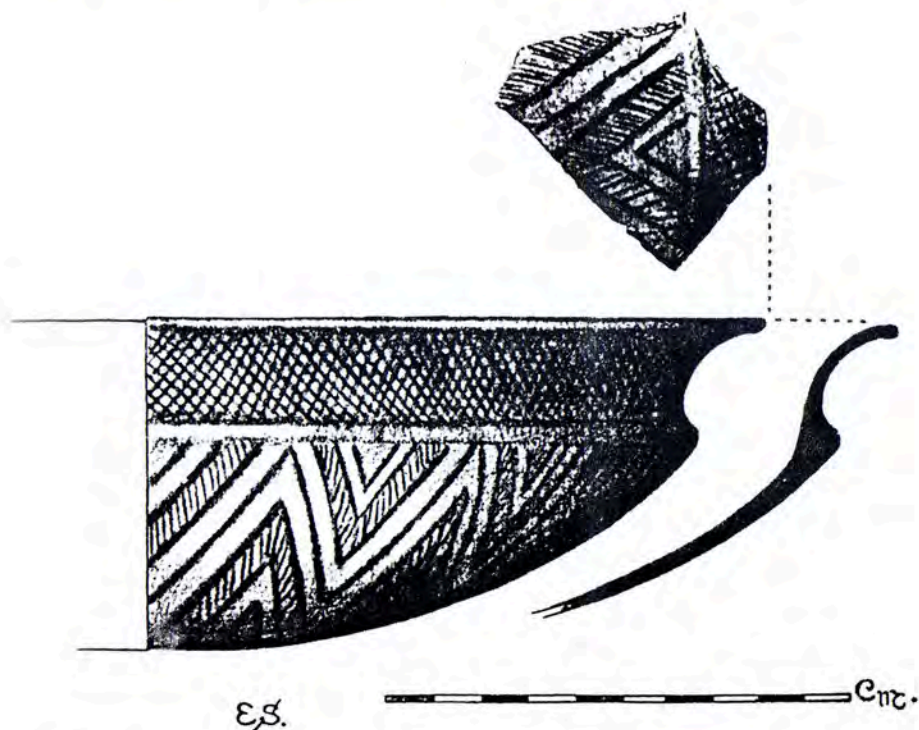


Fig. 95 — Taça carenada, decorada por ornatos brunidos, proveniente da Lapa do Fumo. (Seg. Serrão, 1959).

A cerâmica de ornatos brunidos da Lapa do Fumo

A camada 2 da Lapa do Fumo revelou tumulações acompanhadas por cerâmicas lisas atribuídas ao Bronze pleno. Os perfis lembram, por um lado, os de algumas formas (sobretudo caçoilas) do grupo inciso da cerâmica campaniforme, grupo aliás representado na mesma gruta, mais precisamente na camada 3; por outro, são muito semelhantes aos de exemplares com ornatos brunidos que se desenvolvem na parte superior da camada 2 e na base da camada 1. É pois admissível que este último tipo de cerâmica do Bronze Final, a que já aludimos a propósito do monumento da Roça do Casal do Meio, tenha resultado, na Estremadura, de uma evolução iniciada a partir da cerâmica campaniforme incisa. Esta estaria na génese de formas evolucionadas e lisas (camada 2 — Bronze pleno) que, por influências mediterrânicas, viriam



Fig. 96 — O Castelo dos Mouros visto do norte. (Fot. P.^{de} M. de Sousa).

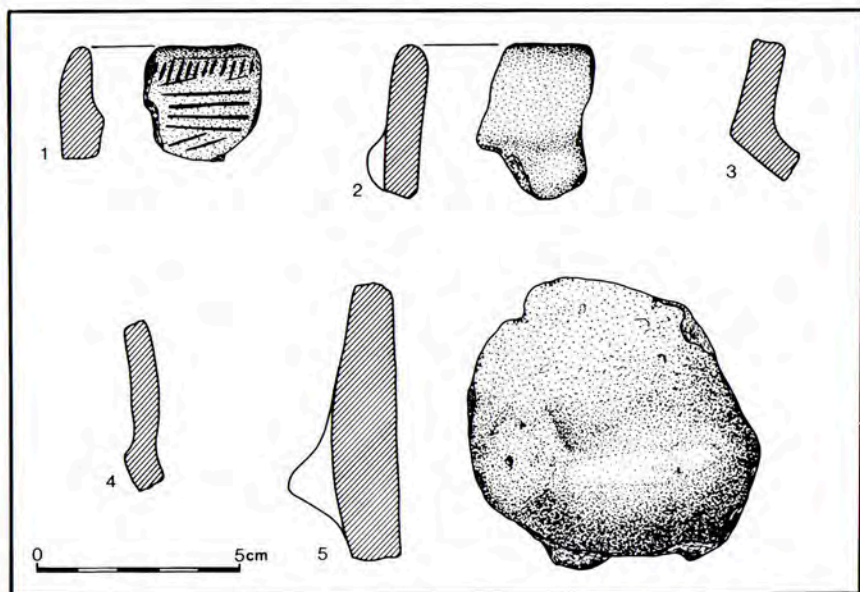


Fig. 97 — Cerâmica da Idade do Bronze proveniente do Castelo dos Mouros (recolhas dos autores). O n.º 1, talvez do Calcolítico final, é integrável no grupo inciso da cerâmica campaniforme.

a ser profusa e abundantemente decoradas por ornatos brunidos (parte superior da camada 2 — Bronze final). (Fig. 74).

A cerâmica com ornatos brunidos da Lapa do Fumo foi a primeira do género a ser divulgada no nosso país de forma sistemática e aprofundada. Aquando da sua descoberta, em 1956, somente eram conhecidos, em Portugal, escassos fragmentos desse tipo cerâmico provenientes do monumento do Monge e da gruta da Maceira e então considerados do Neolítico, Calcolítico, Bronze... Após o impacto provocado no meio científico pela publicação quer dos trabalhos de Cunha Serrão sobre a Lapa do Fumo, quer das escavações em jazidas do Bronze Final e do Ferro inicial de feição orientalizante da Andaluzia, muitos outros arqueossítios, contendo esse tipo de cerâmica, foram identificados, não só na Estremadura como também no Alentejo e Algarve. E, assim, podemos hoje aceitar que a cerâmica com ornatos brunidos se tenha desenvolvido na Estremadura durante o Bronze Final, entre o século IX e os séculos VIII/VII a.C., constituindo aqui um centro paralelo ao que simultaneamente se formara na Andaluzia. Des-

tes centros teriam irradiado influências para outras zonas peninsulares, nomeadamente para o Alentejo e Algarve, províncias até então ocupadas pela Cultura do Bronze do Sudoeste.

A cerâmica de ornatos brunidos ocorre na Lapa do Fumo em taças carenadas com fundo em calote esférica e de perfil geral tulipiforme, tigelas e recipientes em forma de jarro. Os fundos planos são frequentes. A decoração surge na superfície externa (ao contrário do que se verifica na Andaluzia, onde a superfície decorada é a interna) e era aplicada, após a secagem da argila e antes da cozedura, por meio de um instrumento rombo, talvez um seixo. Os motivos brunidos assim obtidos destacam-se, pelo seu brilho, do fundo baço; são geométricos, formando faixas preenchidas por traços perpendiculares ou oblíquos, triângulos ou losangos com o interior totalmente brunido ou repleto de traços oblíquos, e conjuntos reticulados. A pasta é muito fina, com raros elementos não plásticos visíveis por exame macroscópico. Na montagem, não foi utilizado o torno rápido.

Além da Lapa do Fumo e da Roça do Casal do Meio, duas outras jazidas da Arrábida foram assinaladas como tendo fornecido cerâmica de ornatos brunidos: a Lapa da Rotura e Chibanes (Spindler *et al.*, 1973-74).

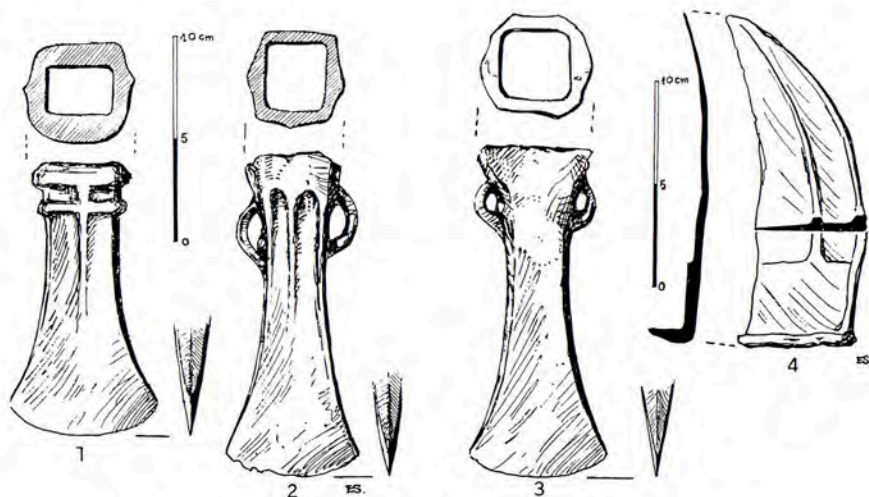


Fig. 98 — Artefactos de bronze achados em Alfarrim (n.os 1 e 2) e Pedreiras (n.os 3 e 4). 1 — Machado de bronze de alvado, sem anéis laterais; 2 e 3 — machados de alvado com dois anéis laterais; 4 — foice de bronze. (Seg. Serrão, 1967 b).

Também o Castelo dos Mouros (local elevado, em crista, de difícil acesso, com óptimas condições naturais de defesa, situado na encosta norte da Serra da Arrábida) nos forneceu, por prospecções de superfície, fragmentos de cerâmica atribuíveis ao Bronze Final, mas desprovidos de ornatos brunidos. (Figs. 96 e 97).

Influências atlânticas

À Idade do Bronze poderão ainda ser atribuídas quatro peças de bronze achadas no concelho de Sesimbra, sem o conhecimento dos respectivos contextos arqueológicos.

De Alfarim, povoação rural dos arredores da Lagoa de Albufeira, vieram dois machados de alvado, um deles com dois anéis laterais e nervura nas faces maiores.

Nas proximidades da povoação de Pedreiras, a cerca de 3 km para NE de Sesimbra, foram encontrados um machado com dois anéis laterais e uma foice, possuindo em uma das faces nervura curva e rebordo no dorso. (Fig. 98).

A presença destas peças na região da Arrábida pode ser explicada por um florescente comércio marítimo com o Norte da Europa, canalizado em grande parte pelas penínsulas de Lisboa e de Setúbal. Tais peças integram a corrente de feição setentrional designada comumente por «Bronze Atlântico».

O FERRO, O TORNO, A ESCRITA...

Contactos com o Mediterrâneo Oriental

O processo de aculturação que teria atingido as populações que no final da Idade do Bronze habitavam a Arrábida incorporou, como catalizadores e elementos integrantes, influências das florescentes culturas do Mediterrâneo Oriental (Chipre, Síria, Palestina). Embora não se tenham detectado, até este momento, na zona restrita da Arrábida, vestígios do período orientalizante (que marca os inícios da Idade do Ferro no Sul e Sudoeste peninsulares), as desembocaduras dos dois

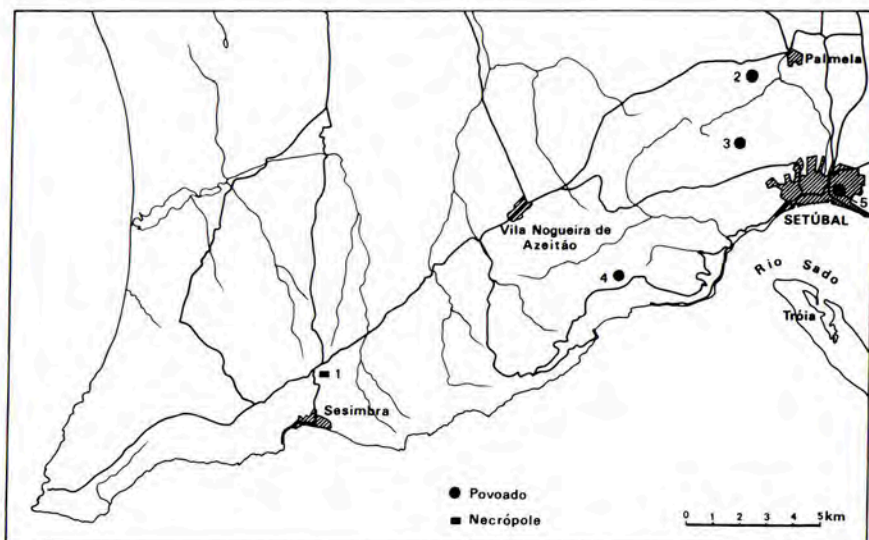


Fig. 99 – Jazidas da Idade do Ferro da região da Arrábida: 1 – necrópole do Casalão; 2 – Chibanes (séc. III-I a.C.); 3 – Pedrão (séc. I a.C.); 4 – Castelo dos Mouros (séc. I a.C.); 5 – área urbana de Setúbal.

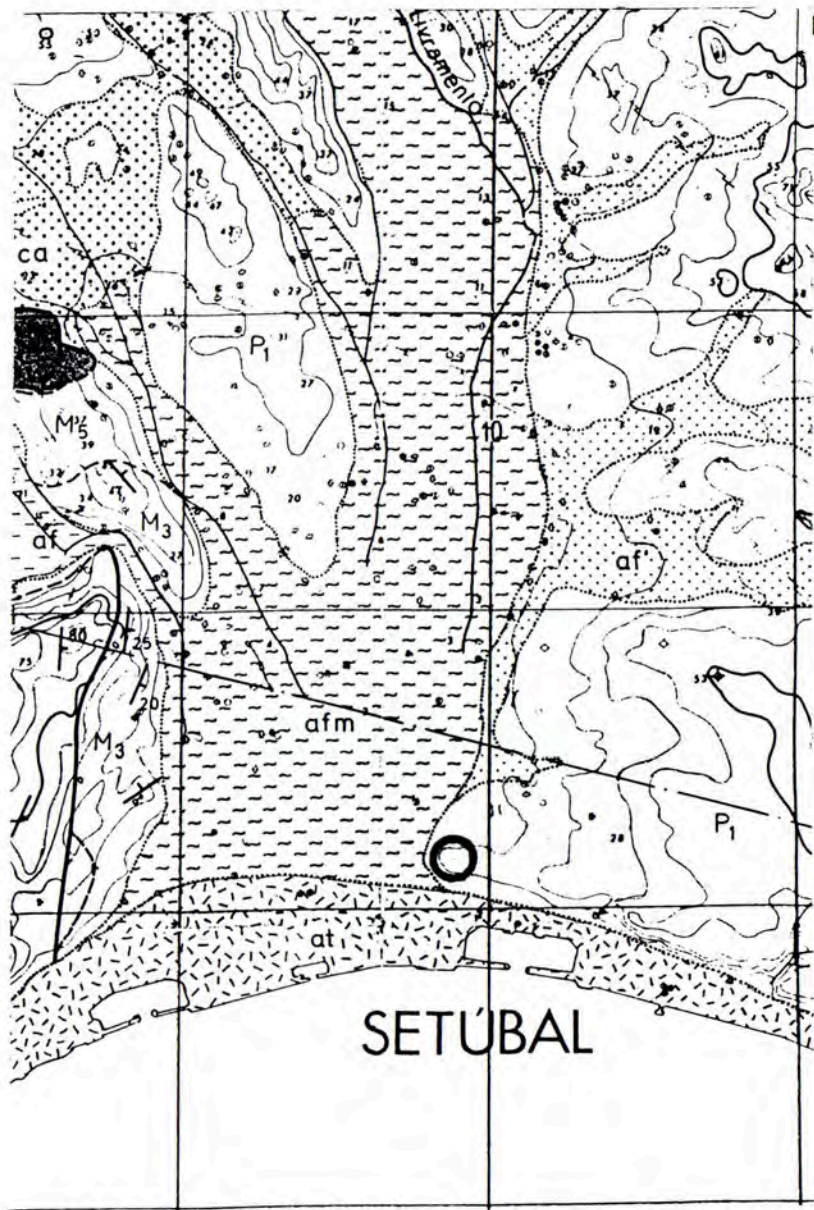


Fig. 100 — Localização (assinalada por um círculo) da jazida da Idade do Ferro da área urbana de Setúbal na Carta de Unidades Geotécnicas (esc. 1:25 000, seg. A. M. Laranjeira Gomes Coelho).

at — aterros recentes; afm — aluviões fluvio-marinhas; af — aluviões fluviais arenosos; ca — depósitos colúvio-aluvionares arenosos; P1 — complexo arenoso (areias siltosas, areias e argilas); M3 — complexo greso-calcário; J4 — complexo conglomerático

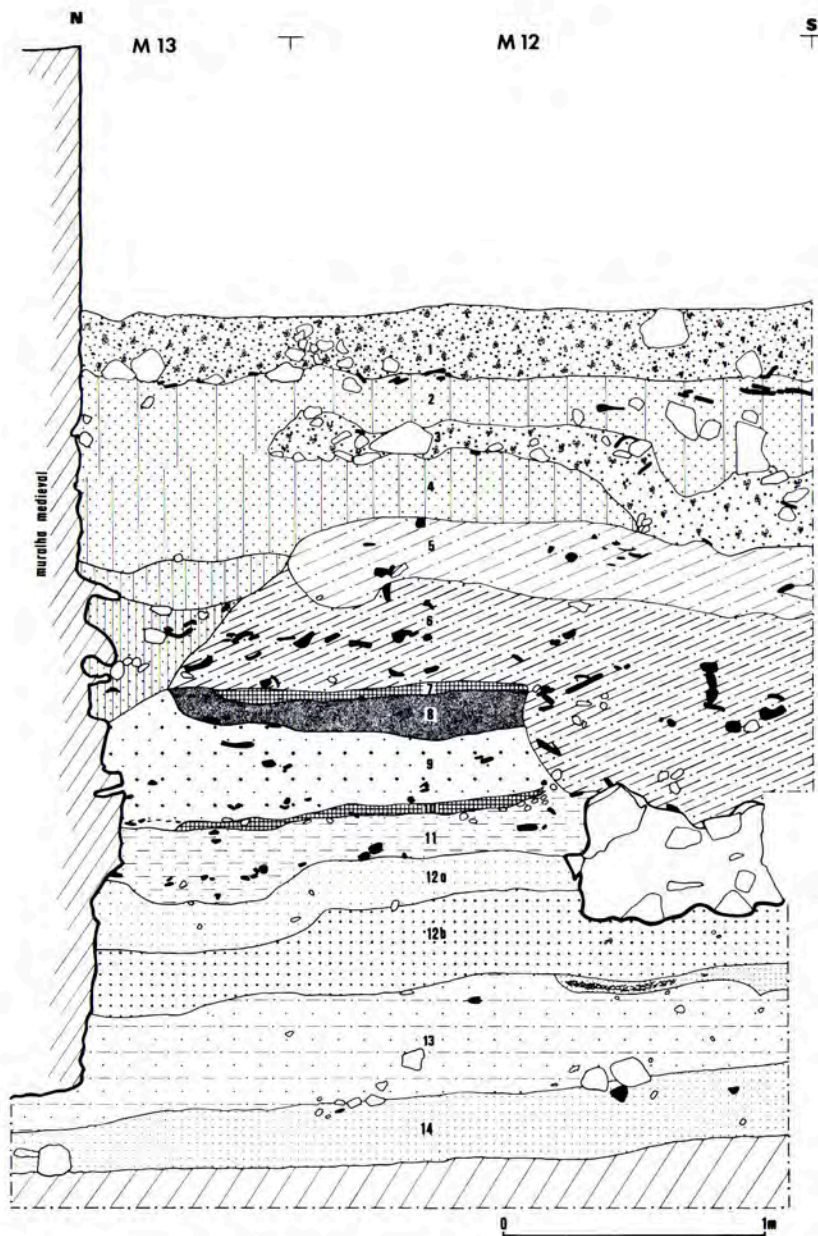


Fig. 101 — Travessa dos Apóstolos (Setúbal). Perfil Este do Corte A. A ocupação da Idade do Ferro está representada pelas Cs. 12a, 12b, 13 e 14. (Seg. Soares e Tavares da Silva, 1986).

grandes rios que limitam a nossa região, constituindo excelentes portos, foram inegáveis pontos de atracção. Isto é documentado por elementos recentemente fornecidos pelo subsolo da cidade de Setúbal e pelo achado, na margem esquerda do Tejo, em Almada (Pedrada e Cacicilhas), de materiais cerâmicos datáveis do séc. VII/VI a.C.

A localização destas três jazidas parece estar de acordo com uma estratégia de povoamento em que a abertura às rotas comerciais seria um importante factor de fixação.

Com a criação, em Dezembro de 1974, do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, o subsolo da cidade passou a ser objecto de observações sistemáticas, integradas em um projecto que visa conhecer a evolução urbana de Setúbal, desde as suas origens aos dias de hoje. No âmbito deste projecto, realizaram-se trabalhos de escavação arqueológica junto da Travessa dos Apóstolos, numa zona de encosta da colina situada entre a igreja de Santa Maria e o Miradouro. Estes trabalhos deram a conhecer, além de estratos das épocas romana (sécs. II-V d. C.), medieval (sécs. XIV e XV) e moderna (sécs. XVI-XVIII), os primeiros vestígios da ocupação pré-romana de Setúbal, integrados em três estratos: o mais antigo forneceu abundante cerâmica de fabrico manual, com formas características do Bronze Final, mas já com alguma *cerâmica cinzenta* e cerâmica de engobe vermelho tartesso-oriental. Trata-se de um horizonte datável do séc. VII a. C., correspondente à implantação, sobre um substrato autóctone dos finais da Idade do Bronze, de influências de carácter mediterrânico, ligadas à expansão de grupos fenícios ou paleo-púnicos. (Fig. 102).

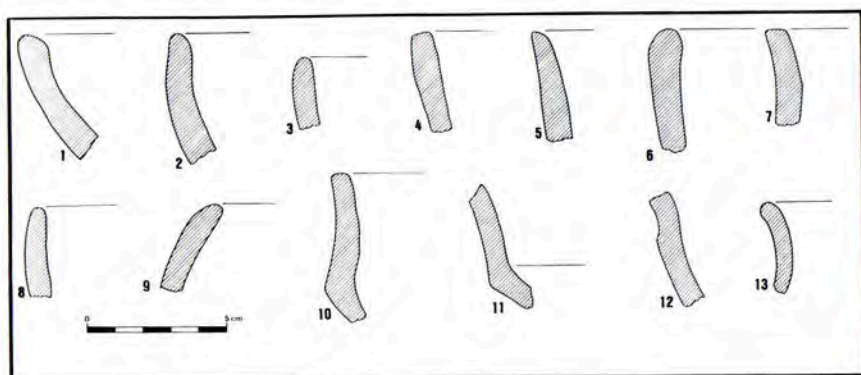
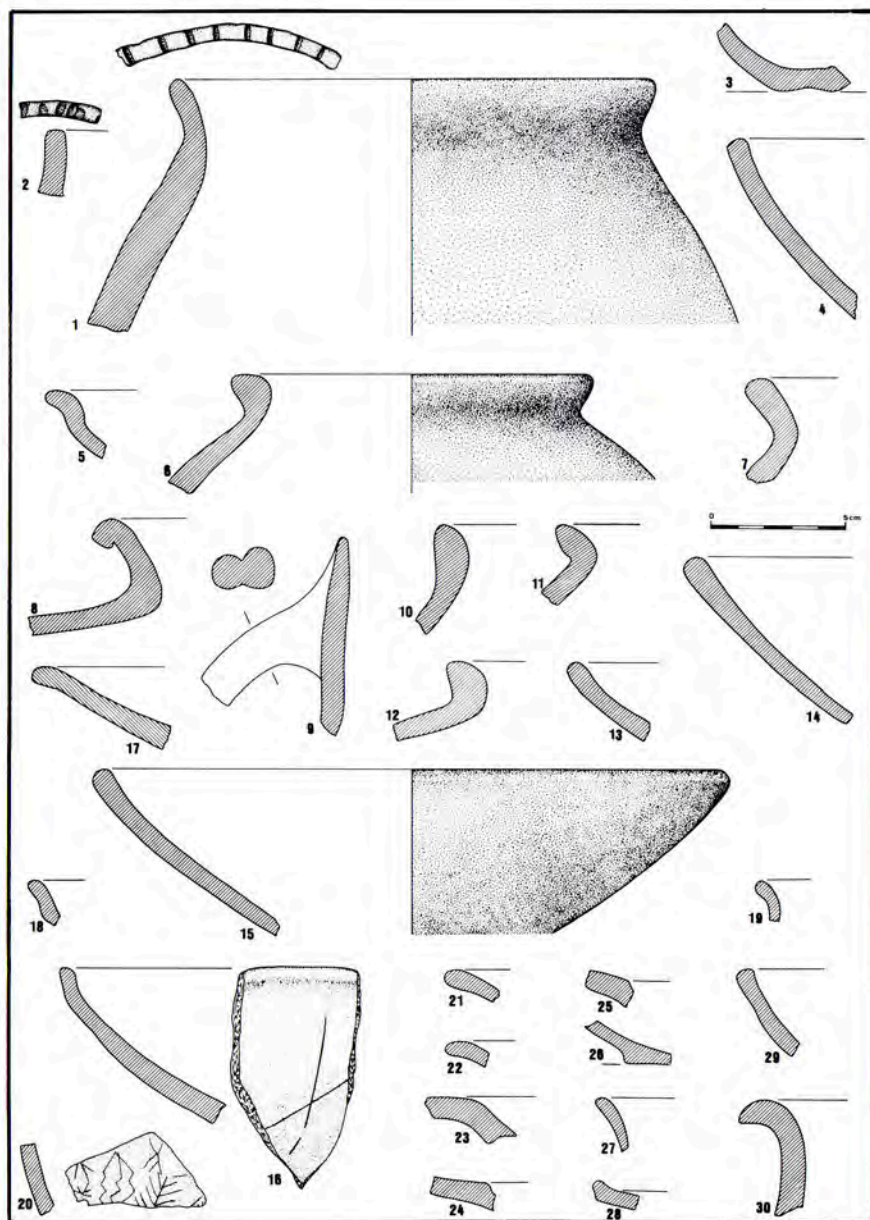


Fig. 102 — Travessa dos Apóstolos (Setúbal). Cerâmica da fase I (séc. VII a.C.): n.os 1 a 10 — cerâmica de fabrico manual; n.º 13 — cerâmica comum fabricada ao torno. (Seg. Soares e Tavares da Silva, 1986).



O estrato seguinte oferece já abundante cerâmica montada ao torno, salientando-se ânforas de tipo fenício, *cerâmica cinzenta* e cerâmica de engobe vermelho tartesso-oriental. Corresponde à fase do séc. VII-VI a. C. durante a qual se assiste a um maior enraizamento das influências de carácter orientalizante. (Fig. 103).

O estrato superior, datável dos sécs. V-IV a. C., mostra elementos que estão na evolução dos anteriores. A *cerâmica cinzenta* mantém-se abundante; surge agora a cerâmica de engobe vermelho ibero-tartésica; as ânforas pertencem a tipos ibero-púnicos; a cerâmica manual é escassa. (Fig. 104).

Tal como se verificou no Castelo de Alcácer do Sal, também em Setúbal a Idade do Ferro revela um carácter fundamentalmente mediterrânico, de componente cultural essencialmente semita; o elemento de feição continental, celtizante, está ausente deste entreposto costeiro.

Dos materiais recolhidos pelo Centro de Arqueologia de Almada na Pedrada (Almada) destacam-se um fragmento de prato de engobe vermelho (aplicado no interior do recipiente) de bordo largo e dois vasos de fabrico manual: um decorado por impressões feitas a punção, encontra paralelos, pelo que respeita ao perfil e à decoração, em Toscanos; o outro é decorado por duplas ungulações. O conjunto parece assinalar a presença de uma jazida atribuível ao séc. VII/VI a.C. (Fig. 105).

A estação de Cacilhas situa-se sobre elevação em esporão sobranceira ao Tejo e que ao tempo dominaria a entrada de um braço de rio. Ofereceu cerâmica de engobe vermelho tartesso-oriental, pintada e cinzenta.

Em 1970, Rafael Monteiro e O. da Veiga Ferreira publicaram a notícia da identificação de uma necrópole púnica (?) no Castelo de Sesimbra; atribuíram-na à I Idade do Ferro como se deduz não do título do artigo mas das relações que tentaram estabelecer com as necrópoles de Alcácer do Sal (Olival do Senhor dos Mártires) e de Bensafrim (Lagos). Segundo aqueles autores, tratava-se de «enterramentos em poço». As sepulturas, alinhadas, teriam sido abertas nas «margas intraestratifica-

† Fig. 103 — *Travessa dos Apóstolos. Cerâmica da fase II (séc. VII-VI a.C.): n.ºs 1 a 3 — cerâmica manual; 4 a 9 — cerâmica comum ao torno; 10 a 12 — ânforas; 13 a 20 — cerâmica cinzenta; 21 a 28 — cerâmica de engobe vermelho orientalizante; 29 — cerâmica pintada (aguada vermelha, cobrindo toda a superfície interna); 30 — cerâmica pintada de bandas (sobre o lábio e na superfície externa). (Seg. Soares e Tavares da Silva, 1986).*

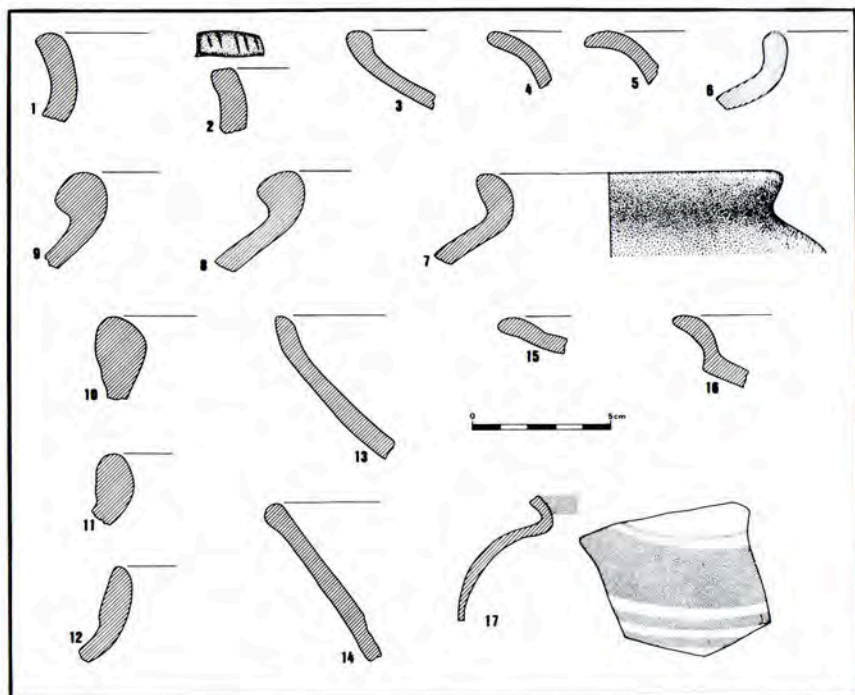


Fig. 104 — *Travessa dos Apóstolos (Setúbal)*. Cerâmica da fase III (séc. v-iv a.C.): n.os 1 e 2 — cerâmica de fabrico manual; 3 a 7 — cerâmica comum ao tor- no; 8 a 12 — ânforas; 13 a 15 — cerâmica cinzenta; 16 — cerâmica de engobe ibero-tartêssico; 17 — cerâmica pintada de bandas. (Seg. Soares e Tavares da Silva, 1986).

das nos calcários do Jurássico». Em presença dos materiais desta jazida, conservados no Museu de Sesimbra, dos quais não há qualquer ilustração no artigo a que nos reportamos, verificámos que todas as peças são medievais. As cavidades consideradas como sepulturas têm o aspecto de silos.

As influências continentais e as relações comerciais com o mundo itálico

No séc. III a.C., encontramos na cordilheira da Arrábida, na crista da Serra do Louro, o povoado fortificado de Chibanês que integra um grupo cultural caracterizado pela presença de acentuado componente

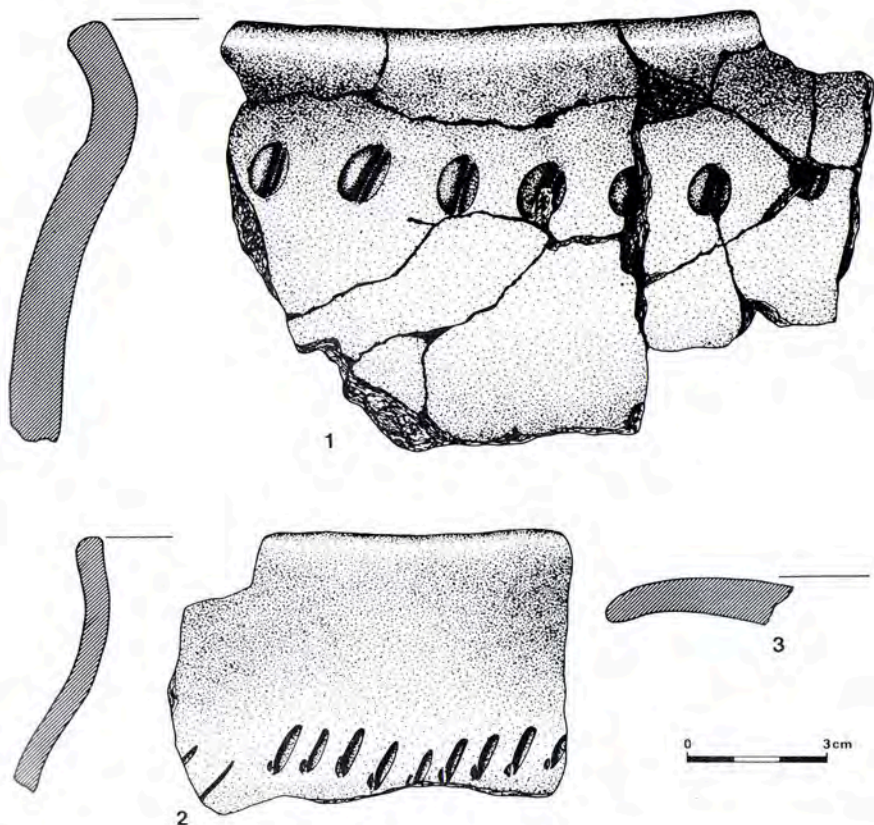


Fig. 105 — Cerâmica da Idade do Ferro (séc. VII VI a. C.), recolhida pelo Centro de Arqueologia de Almada em Almada (Pedrada): 1 e 2 — cerâmica manual decorada, respectivamente, por duplas ungulações e por impressões feitas a punção; 3 — bordo de prato de engobe vermelho.

de natureza céltica, a que se juntam influências itálicas bem documentadas pela presença de cerâmica campaniense. Esta ter-se-ia comportado como importante elemento de troca.

Chibanes foi publicado em 1910 por A. I. Marques da Costa; não se possuem registos estratigráficos. A tipologia dos materiais corresponde, contudo, a um quadro cronológico e cultural relativamente bem definido, compreendendo entre o séc. III a.C. e o séc. I a.C. De entre o material cerâmico importa salientar cerâmicas decoradas por estampilhas e por bandas pintadas, ânforas púnicas e neo-púnicas (Maña C₂), ce-



Fig. 106 — *Local do povoado de Chibanes (em primeiro plano). A vila de Palmela surge em último plano.*

râmica campaniense das classes A (formas 3, 27 e 5/7 de Lamboglia) e B. Foram também encontradas fíbulas de La Tène II (séc. III a. C.) e pseudo-La Tène III; moeda hispânica de Salácia, com cabeça laureada e barbada virada à esquerda e com legenda em caracteres latinos, no anverso, legenda indígena entre dois atuns no reverso; fragmento de recipiente de pasta vítrea azul, decorado por motivo fitomórfico nas cores amarela, verde e branca; tampa de urna de orêlhetas (fig. 107).

A necrópole do Casalão (Santana) foi atribuída ao mesmo período por E. da Cunha Serrão (1964). Trata-se de uma necrópole com sepulturas de inumação, de planta rectangular, formadas por lajes de calcário e cobertas por uma ou mais lajes da mesma natureza litológica. As dimensões das cinco sepulturas identificadas variam entre $1,4 \times 0,75 \times 0,70$ m e $1,80 \times 0,75 \times 0,70$ m. Encontravam-se orientadas segundo a direcção este-oeste. Exceptuando uma sepultura que

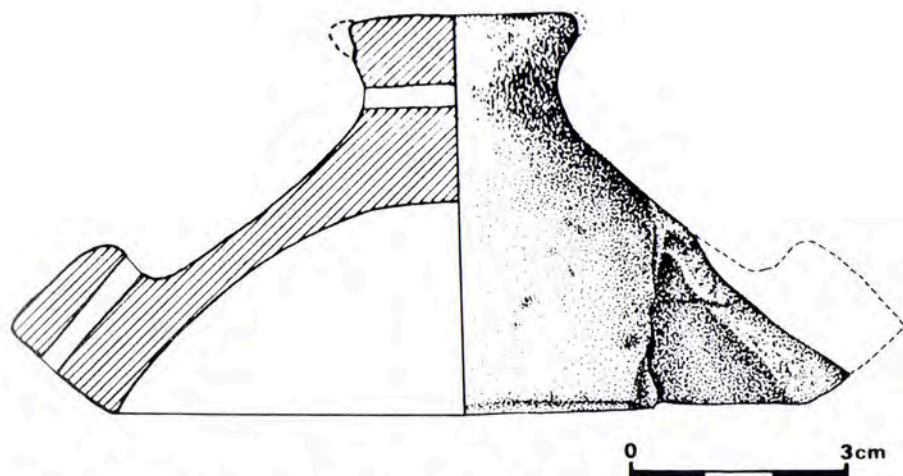


Fig. 107 — *Tampa de urna com orelhetas (Idade do Ferro) proveniente de Chibanes (Seg. Beirão e Varela Gomes, 1983).*

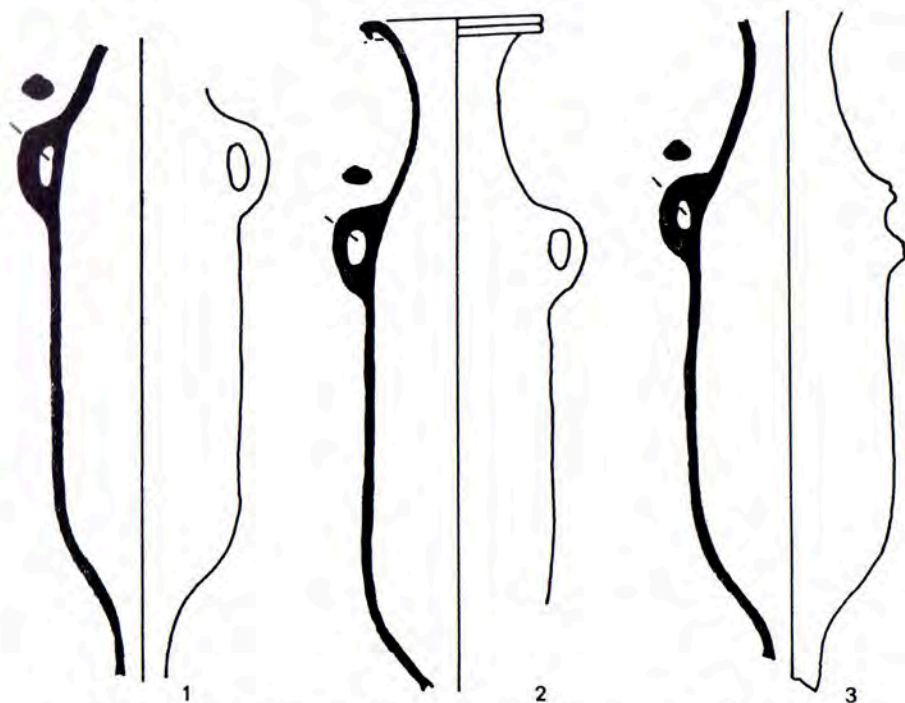


Fig. 108 — *Ânforas neopûnicas (sêcs. III a.C.) de Chibanes. Red. 1:10. (Seg. Maia, 1977).*

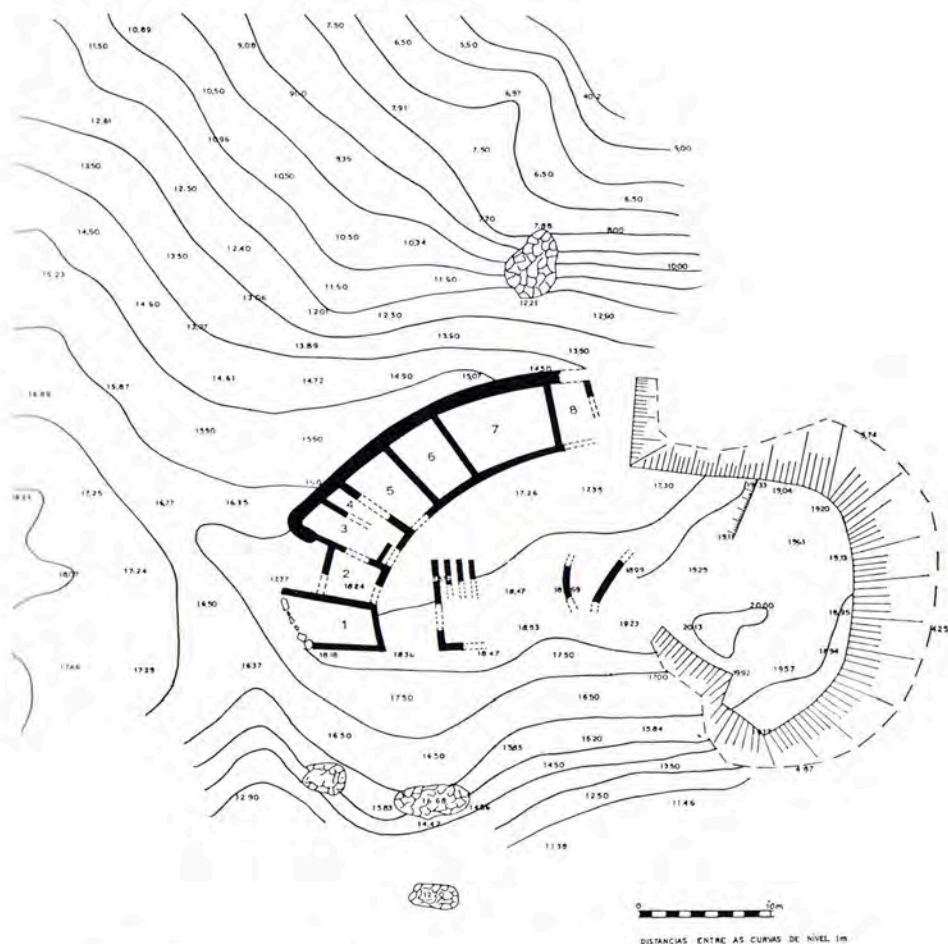
forneceu duas calotes cranianas, as restantes possuíam inumações individuais. Não se observaram vestígios de cremação, mesmo simbólica. O espólio funerário era muito pobre. Exumaram-se fragmentos de hematite, um fusilhão com mola bilateral de uma fíbula, em bronze, uma pinça de cobre/bronze, com 17,5 cm de comprimento. A escassez do espólio e a ausência de peças de cronologia bem definida dificultam a datação e a integração cultural da necrópole do Casalão.

O comércio com Roma e a preparação da colonização

Uma plataforma rochosa da encosta oriental da Serra de S. Luís conhecida pelo nome de Pedrão, com óptimas condições naturais de defesa e dominando uma vasta paisagem, tinha sido ocupada por co-



Fig. 109 — *O Pedrão visto de NW. Notam-se a muralha e os muros das casas do séc. I a.C.*



munidades calcolíticas e viria, no séc. I a. C., a ser urbanizada nos seus 120 m². Possui pois, como povoado da Idade do Ferro, uma fundação mais recente que o de Chibanes e uma curta duração.

O conjunto do espólio recolhido aponta para um óptimo de ocupação centrado em 50 a.C. A única peça que remonta ao séc. II a.C. podia ser ainda usada, ou guardada, pelo seu valor, em pleno séc. I a.C. Trata-se de um denário da família Minucia, de 119-110 a.C., encon-



Fig. 111 — Pedrão. Ocupação do séc. I a.C. Aspecto do amuralhado, no compartimento 7.



trado no «esconderijo» do compartimento 1. Por outro lado, não surgiu «terra sigillata» na camada do período que designámos por proto-romano. O povoado deve ter sido abandonado por volta de 25 a. C., quando se iniciavam a ocupação de Tróia e a construção da Setúbal romana. A planície adaptava-se melhor à nova ordem económica e social que requeria estabelecimentos extensos, concebidos em termos de rendibilidade, um aparelho administrativo complexo, um exército organizado e uma mão-de-obra numerosa e barata.

A situação geográfica do Pedrão mostra bem os conflitos existentes no período que precedeu a efectiva implantação da colonização romana e a insegurança em que viviam as populações do extremo final da Idade do Ferro. Populações que haviam já assimilado muitos elementos culturais provenientes do mundo itálico. Contudo, o carácter indígena do Pedrão é denunciado pela sua geomorfologia, pelas técnicas de construção e pela própria urbanização. Esta teve como primeiro objectivo completar a defesa natural da plataforma rochosa através da construção de um amuralhado (1,20 m de largura) em arco, que barrou o acesso à zona não escarpada e que condicionou decisivamente a organização espacial do povoado. Os compartimentos, de planta subrectangular, foram construídos encostados e ao longo desse amuralhado. Na área central, muito erodida, assinalaram-se restos de construções. (Figs. 109 a 111).

As casas possuíam paredes de blocos de calcário não aparelhados e ligados por argila, até cerca de 0,50 m de altura, completadas por taipa ou adobes. A cobertura seria de elementos vegetais. Estavam equipadas com uma lareira de planta circular, com cerca de 1 m de diâmetro, constituída por argila assente sobre fragmentos de grandes vasilhas. O piso era de terra batida. (Fig. 113).

Embora a escavação em profundidade se tenha efectuado apenas no compartimento 1 e em parte do compartimento 7, recolheu-se muita informação e espólio que permitem esboçar o modo de vida dos seus habitantes. Dedicavam-se à agricultura, à criação de gado (porco) e à caça (veado e coelho). Peixe e moluscos marinhos faziam parte da sua dieta. A fição era largamente praticada. Mantinham relações comerciais com diversos povoados hispânicos e com o mundo itálico. Encontraram-se numismas cunhados em Gades (asses de meados do séc. I a.C., com cabeça de Hércules no anverso e dois atuns acompanhados por legendas púnicas no reverso); em Salácia (asses de meados do século com cabeça de Hércules no anverso e dois atuns com legenda indígena no reverso e asses com cabeça no anverso e golfinhos no reverso com legenda indígena entre eles); e em Cástulo (semisse com idêntica cronologia).

PEDRÃO – (Setúbal)

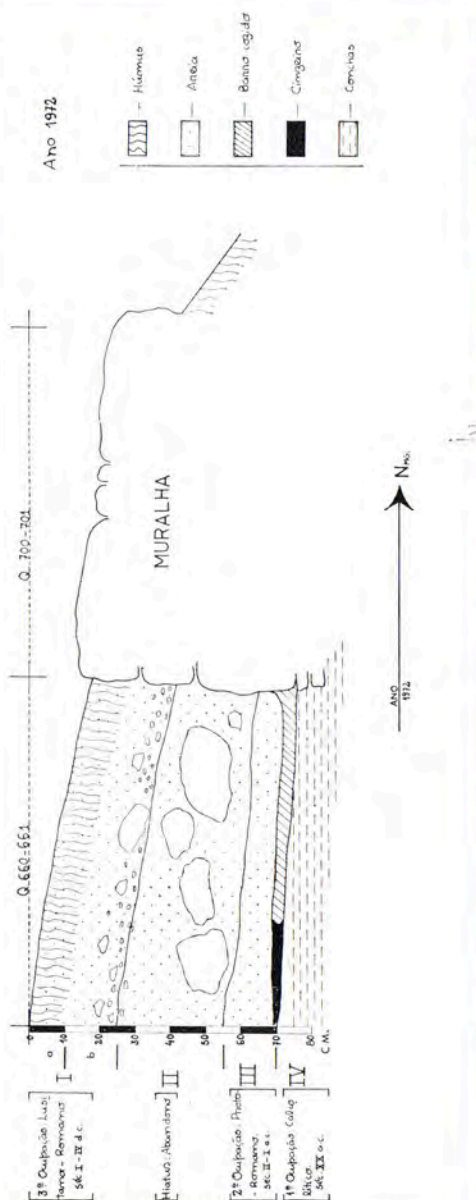


Fig. 112 — Pedrão. Estratigrafia observada junto da muralha, no compartimento 7. (Seg. Soares e Tavares da Silva, 1975).



Fig. 113 — Pedrão. Ocupação do séc. I a.C. Compartimento 1: aspecto geral do compartimento 1 (em cima) e «lar» constituído por barro cozido assente sobre grandes fragmentos de cerâmica (em baixo).



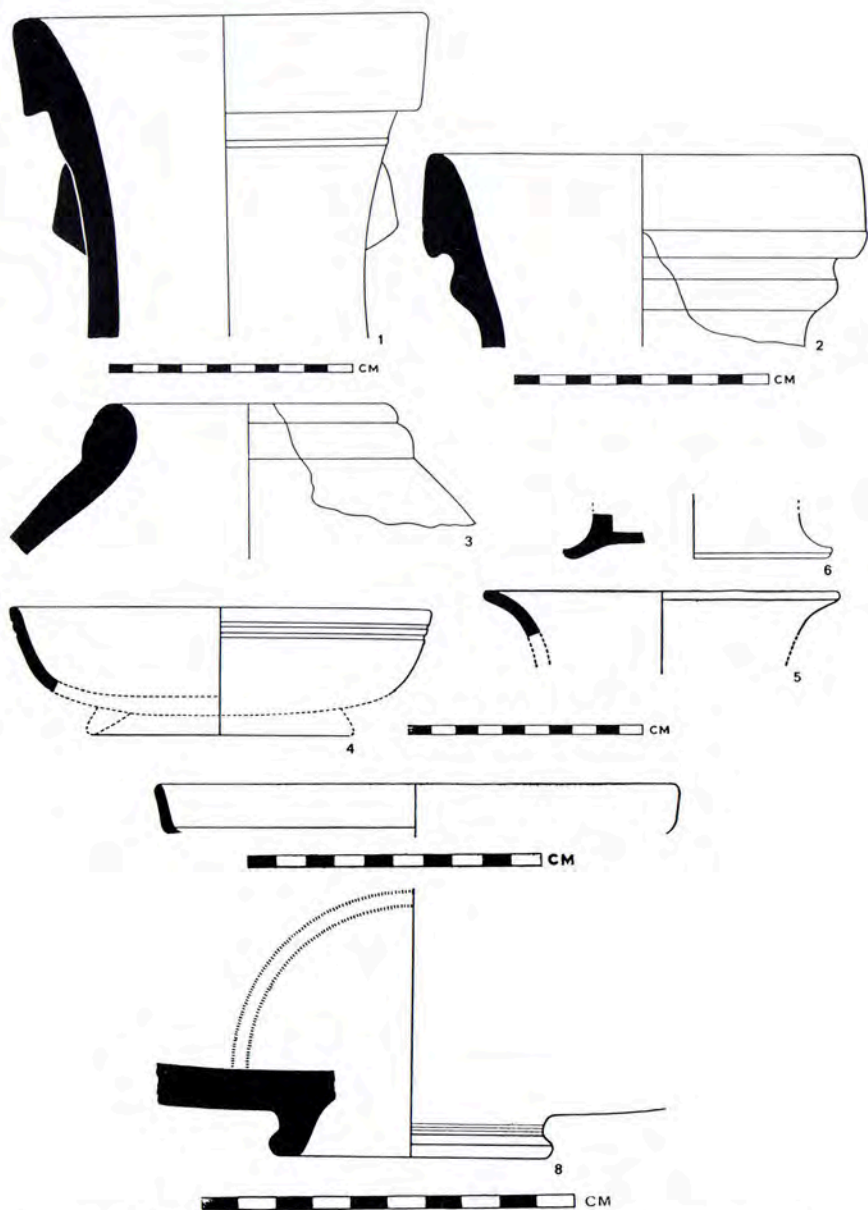


Fig. 114 — Pedrão. Ocupação do século I a.C. Cerâmica importada: 1 e 2 — ânforas romanas republicanas; 3 — ânfora ibero-púnica; 4 a 8 — cerâmica campariense da classe B. (Seg. Soares e Tavares da Silva, 1973).

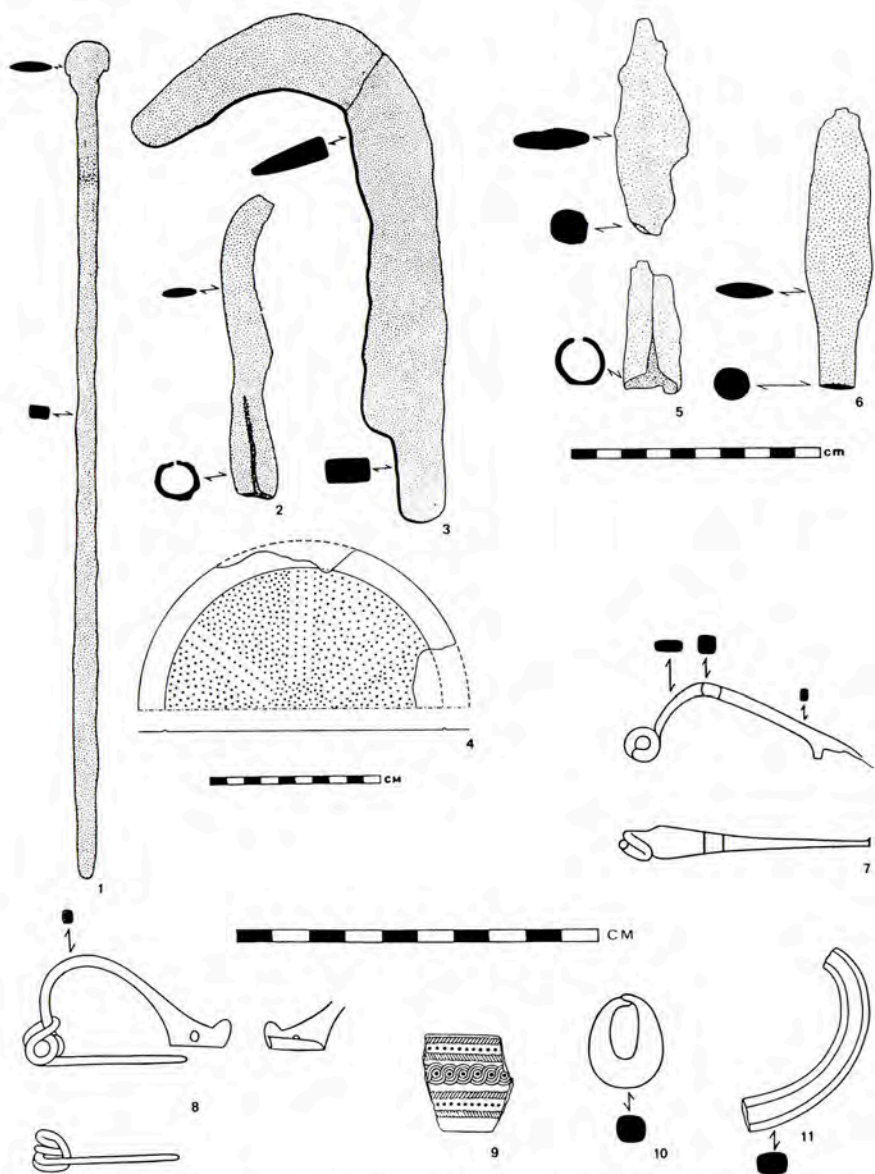


Fig. 115 — *Pedrão. Ocupação do séc. I a.C.* Objectos de ferro (n.^{os} 1 a 3 e 5 e 6) e cobre/bronze (n.^{os} 4 e 7 a 11). Chamamos a atenção para as peças n.^{os} 2 (roçadoira), 3 (podão ou foice), 5 e 6 (pontas de lança), 7 e 8 (fibulas), 9 (placa ornamentada), 10 (pendente de xorca) e 11 (fragmento de bracelete). (Seg. Soares e Tavares da Silva, 1973).

A legenda indígena que surge nas moedas atribuídas a Salácia documenta a existência de uma escrita pré-latina na região do Baixo-Sado. Escrita tardia, se considerarmos que nos séculos VII-V a. C. floresceu, no Sul do Baixo Alentejo e no Algarve, uma civilização que deixou numerosas estrelas epigrafadas, de carácter funerário.

Importa ainda referir os materiais que revelam influências itálicas. Mais do que as moedas (denários) a que já fizemos referência, são significativas as cerâmicas: ânforas republicanas (meados do séc. I a.C.), «paredes finas» republicanas e abundante cerâmica campaniense da classe B (formas 1, 2, 3, 4 e 5) (fig. 114).

O aparecimento de pontas de lança indica, por certo, preocupações guerreiras. Surgiram também peças de adorno como braceletes, pendentes e fíbulas (fig. 115).



Fig. 116 — *Momento da descoberta de um podão de ferro no «esconderijo» do compartimento 1 do Pedrão (séc. I a.C.).*

O conteúdo do «esconderijo» do compartimento 1 do Pedrão esboça, de certo modo, o quadro mental do homem do final da Idade do Ferro, através dos objectos que, por mais valorizados, eram guardados no local mais escondido da casa: alfaías agrícolas de ferro (podão e roçadeira), um denário (de 119-110 a.C.) e um machado polido de fibrolite: a agricultura — suporte daquelas comunidades —; a moeda — símbolo do poder, da posse de excedentes e elemento fundamental da sociedade escravagista que ditava já, de forma mais ou menos implícita, a sua ordem —; e o machado pré-histórico, preexistência do povoado, memória mítica dos antepassados.

O Castelo dos Mouros (atrás referido quando tratámos da Idade do Bronze), elevação de difícil acesso localizada em plena cordilheira da Arrábida, a norte do Alto do Formosinho, que evidencia a situação instável do período de impacte entre as forças romanas e as populações indígenas, tem fornecido, por prospecções de superfície, materiais cerâmicos muito semelhantes aos da ocupação do séc. I a.C. do povoado do Pedrão, nomeadamente fragmentos de ânforas republicanas (fig. 117).

Santuário da Idade do Ferro?

Em 1970, O. da Veiga Ferreira e C. Tavares da Silva deram a conhecer uma pequena escultura antropomórfica, de bronze, recuperada por A. I. Marques da Costa; fora encontrada em 1919, por um pescador, no sopé da colina de S. Romão, em Alferrar, onde a tradição popular localizava uma capela dedicada àquele orago, posteriormente substituída por outra ermida a que A. I. Marques da Costa alude.

A estatueta, fundida pelo método da cera perdida, possui 102 mm de altura total, 40 mm de altura do tronco e 28 mm de altura da cabeça; as pernas e os braços têm 35 mm de comprimento. A peça é tosca e mal proporcionada embora sejam reproduzidas as principais características anatómicas, evidenciando um gosto naturalista.

A cabeça é francamente grande e assenta sobre um pescoço muito curto. A face, arredondada, possui a representação dos olhos, boca e nariz. Este é muito desenvolvido (compr. 7 mm). O peito é amplo e transmitindo sensação de força. As pernas e braços mostram-se relativamente estilizados. Aquelas, robustas e curtas, estão muito desproporcionadas em relação ao tronco. As mãos e os pés surgem apenas esboçados. O sexo encontra-se representado. Trata-se de um varão cuja única peça de indumentária é um capacete emplumado.

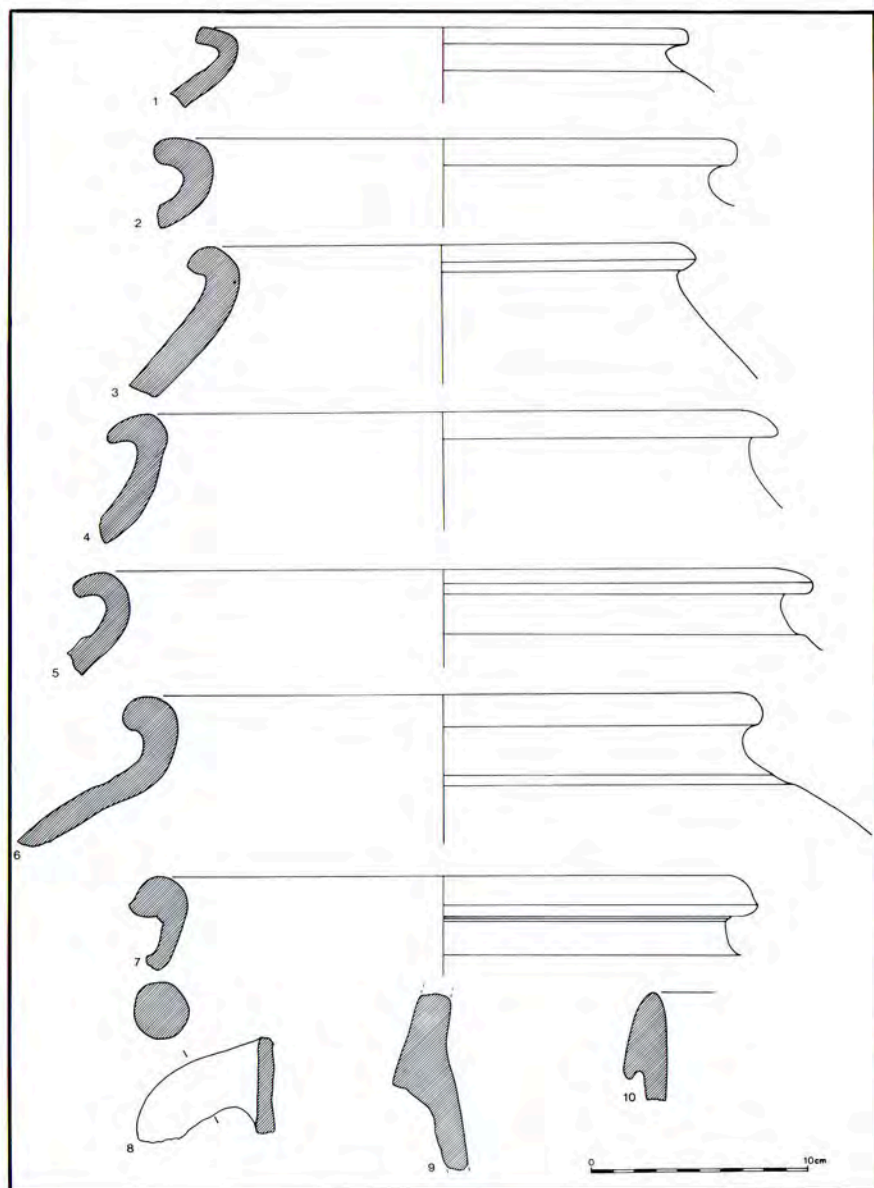


Fig. 117 — Cerâmica dos finais da Idade do Ferro proveniente do Castelo dos Mouros (recolha dos autores). N.^{os} 1 a 8 — peças indígenas produzidas ao torno; 9 e 10 — lábios de ânforas itálicas do período republicano.



Fig. 118 — *Estatueta de bronze de Alfarrar (red. ca. 1,5). (Fot. in Veiga Ferreira e Tavares da Silva, 1970).*

À expressão hierática do rosto, contrapõe-se o movimento sugerido pelo ligeiro avanço e flexão da perna direita, em atitude de marcha; o braço direito encontra-se dobrado por altura da cintura e o esquerdo, pendente.

O aspecto decidido e ameaçador da figura de Alferrar e o atributo bélico que ostenta permitem considerá-la como a representação emblemática de um guerreiro.

A concepção e execução da peça aproximam-na dos ex-votos de bronze («bronzes ibéricos») do Sul da Península cuja cronologia se centra no século IV a.C.

O ex-voto de Alferrar pode, pois, ser um indício da existência de um santuário da II Idade do Ferro, quiçá rupestre, nos contrafortes da Arrábida. Não se conhecem até este momento, em Portugal, depósitos de pequenos ex-votos de bronze, de santuários rupestres como o de Despeñaperros ou de Castellar de Santisteban em Espanha. Recentemente, foi descoberto em Garvão (Ourique) um depósito votivo da II Idade do Ferro (2.ª metade do século IV a fins do século III a.C.) mas não forneceu ex-votos do grupo tipológico em que se integra o de Alferrar. Conhecem-se contudo em Portugal achados soltos de pequenos ex-votos de bronze filiáveis na toreutica ibérica, provenientes de Alcácer do Sal, muito possivelmente de Terena (Alandroal) e de proveniência indeterminada. De um modo geral essas peças são representações de orantes.

Importa ainda referir um outro ex-voto, proveniente da jazida da Azougada (Moura), o qual, pesem embora as diferenças morfológicas, possui significado semelhante ao de Alferrar: trata-se da representação de um guerreiro ou «smiting god».

COLONIZAÇÃO ROMANA

Os vestígios da ocupação da Arrábida na Época Romana distribuem-se por três zonas geograficamente bem diferenciadas: uma, situada a oriente, gravita em torno do estuário do Sado e tem como fulcro os importantes centros industriais de salga de peixe que existiram em Tróia e onde hoje se ergue a cidade de Setúbal; outra, nas proximidades de Vila Nogueira de Azeitão, corresponde a uma área de vocação essencialmente agrícola; finalmente, a de Sesimbra que oferece, por ora, testemunhos dispersos e pouco abundantes.

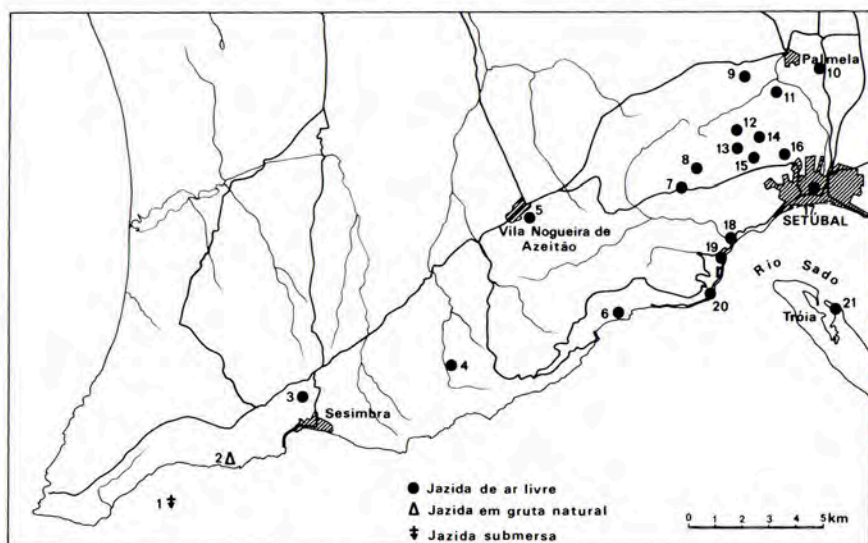


Fig. 119 – Estações romanas da região da Arrábida: 1 – Mar de Ancão; 2 – Lapa do Fumo; 3 – Castelo de Sesimbra; 4 – Vale da Palha (Calhariz); 5 – Vila Nogueira de Azeitão; 6 – Creiro; 7 – Rego de Água, Cruz da Lêgua e Esteval; 8 – S. Luis Velho; 9 – Chibanes e Queimada; 10 – Aires; 11 – Boa Vista; 12 – Cabeço Gordo; 13 – Pedrão; 14 – Alferrar e Vinha Grande; 15 – Casalinho; 16 – Machadas de Baixo; 17 – área urbana de Setúbal; 18 – Comenda; 19 – Rasca; 20 – Outão; 21 – Tróia.

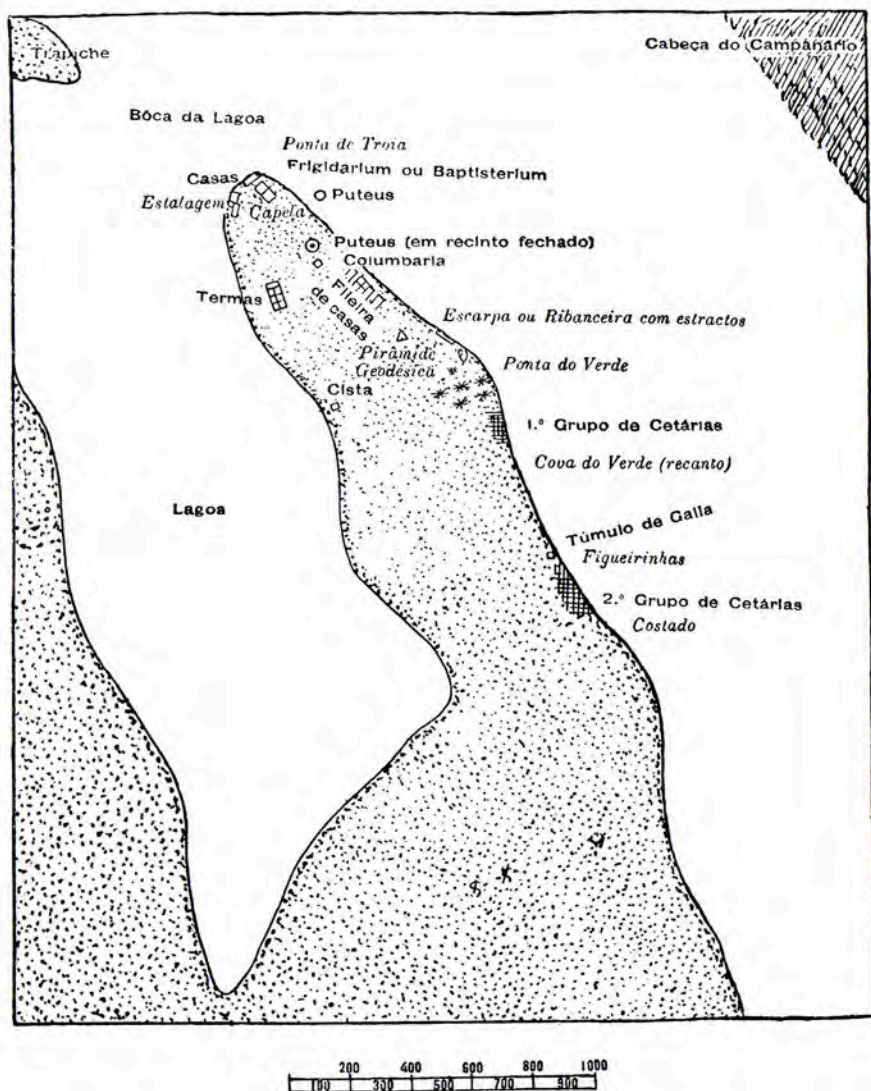


Fig. 120 — Tróia de Setúbal. Esboço de A. I. Marques da Costa com a localização dos principais conjuntos de estruturas romanas então conhecidas.

Com a estabilização da ocupação romana, talvez por volta de 25 a. C., as populações dos finais da Idade do Ferro teriam descido para as margens do que é hoje o estuário do Sado (na época, uma ampla baía, pois Tróia seria muito possivelmente uma ilha), por imposição dos interesses da colonização romana que, nesta região, incidiram muito especialmente na exploração e transformação dos recursos marinhos.



Fig. 121 — *Aspecto geral de uma das zonas escavadas em Tróia de Setúbal. Em primeiro plano, o mausoléu. Ao fundo, a Caldeira.*

Uma importante cidade industrial

É então que para Tróia, areal onde até este momento não foram encontrados vestígios de ocupação anteriores aos finais do séc. I a.C., conflui mão-de-obra, em parte escrava e suficientemente numerosa para construir e accionar um enorme empreendimento industrial. A epigrafia que esta jazida forneceu, relativamente pobre no seu conjunto, fala, segundo J. d'Encarnação, de escravos e libertos.

A estação romana de Tróia estende-se por cerca de 1 km (zona de maior concentração de vestígios), ao longo do rio, e parece ter sido um dos mais importantes centros de salga de peixe do Mediterrâneo Ocidental, reflectindo, com grande evidência, o cunho da colonização romana do estuário do Sado. A sua principal actividade económica ficou materializada nos numerosos tanques rectangulares e quadrangulares, de arestas arredondadas, revestidos por um resistente *opus signinum*. Completamente impermeáveis, apresentam dimensões diversas e agrupam-se em fábricas destinadas à salga de peixe e à preparação de conservas como o *garum* (composto de restos de peixe, de ovas, de sangue, de caranguejos pisados, ostras e outros moluscos macerados

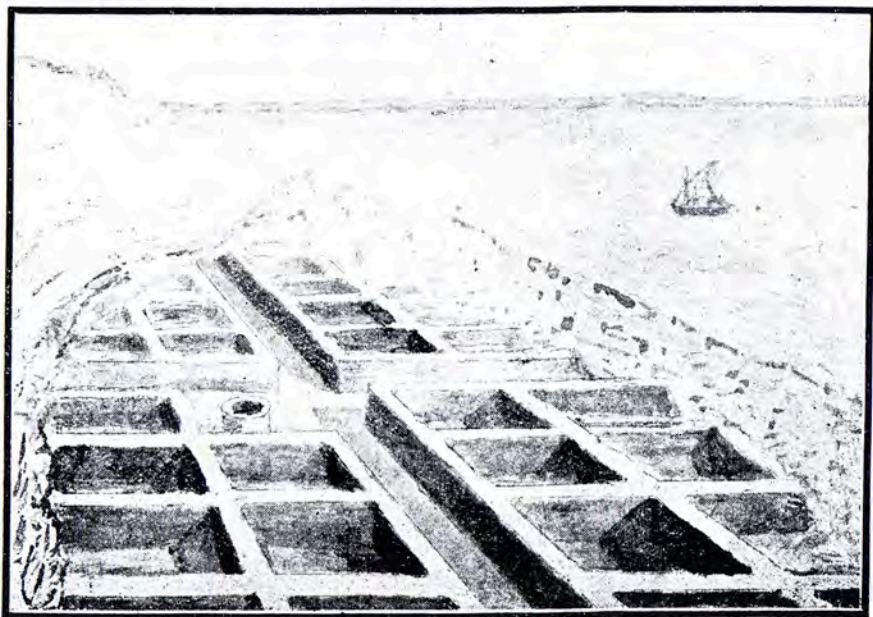


Fig. 122 — Tróia de Setúbal. Conjuntos de salgadeiras e um poço situados no Recanto do Verde, desenhados por A. I. Marques da Costa.

em sal, em tanques pequenos, e a que se adicionavam molhos que conferiam a este produto toda uma gama de variedades).

Alguns dos grupos de tanques de salga mostram-se delimitados por muros e possuem pilares, de secção transversal quadrangular, que suportariam a cobertura (foram encontradas telhas no enchimento de salgadeiras). (Figs. 121 a 125).

Há a assinalar o aparecimento de poços, um deles de mergulho, destinados certamente a fornecer água doce às fábricas (fig. 126).

Nas construções utilizou-se o calcário da Arrábida, o grés e o conglomerado vermelho do Alto do Viso.



Fig. 123 — *Tróia de Setúbal. Aspecto de uma fábrica de salga situada entre o balneário e o mausoléu.*



Fig. 124 — Tróia de Setúbal. Tanques de salga situados junto do balneário. Neste conjunto conservaram-se os pilares, de secção transversal quadrangular, que suportariam a cobertura.

Os conjuntos fabris são as construções que mais impressionam os visitantes. Já em 1561, Gaspar Barreiros se referia aos tanques de Tróia como «salgadeiras em que se curava o peixe».

As salgas produzidas eram embaladas em ânforas e exportadas para centros de consumo do Império. O fabrico daqueles recipientes comportava-se como uma actividade subsidiária da indústria de salga de peixe e ocorria em fornos situados principalmente na margem direi-

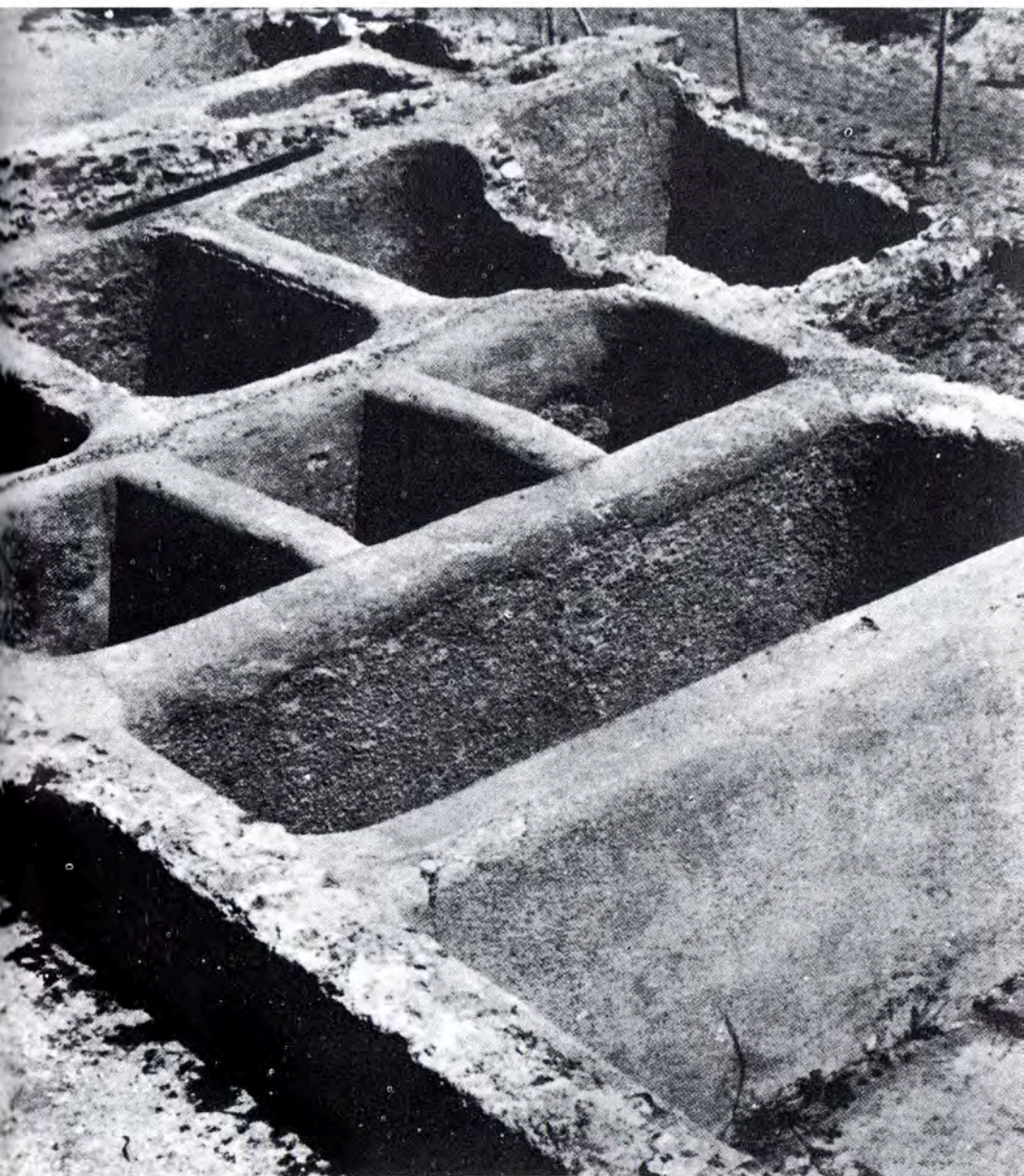


Fig. 125 — Tróia de Setúbal. Conjunto de salgadeiras situado junto da capela paleocristã.



Fig. 126 — Tróia de Setúbal. Poço de mergulho integrado na zona fabril. Em cima, aspecto da boca do poço; em baixo, escadaria.



ta do Sado: Quinta da Alegria, Herdade do Pinheiro, Abul, Enxarroqueira, Vale de Cepa, Bugio, Barrosinha.

Através da análise, por activação de neutrões, de pastas de ânforas provenientes, por um lado de Tróia e, por outro, de alguns desses fornos, verificou-se que a olaria da Herdade do Pinheiro fornecia Tróia.

O estudo, ainda muito parcial, dos materiais arqueológicos exumados em Tróia mostra grande heterogeneidade de fabricos cerâmicos, estando presentes exemplares que sugerem relações comerciais com o Norte de África, tais como ânforas da forma Beltran 56 («Africana Grande») (fig. 142).

O estudo recente de um tesouro de moedas (501 numismas) mostrou serem costeiras as oficinas melhor representadas e, portanto,



Fig. 127 — Tróia de Setúbal. Zona residencial («Rua da Princesa»). De notar, nas paredes, as cavidades onde se inseriram os barrotes que suportavam o segundo piso.

abertas a um comércio por via marítima. A cronologia do tesouro oscila entre 268 e 395 d.C.

A pesca está documentada através de abundantes anzóis, quase sempre de bronze. Predominam os de grandes dimensões, adequados à captura de espécies de profundidade. Poderiam ser utilizados na pesca à linha ou na pesca com aparelhos (espinel). Presente o anzol de patilha e farpa que sobreviveu até aos nossos dias. O achado de agulhas de coser redes e de pesos de rede demonstra, por outro lado, que estas foram igualmente utilizadas.

As mais antigas escavações arqueológicas incidiram sobre a zona residencial da estação.

Esses trabalhos foram da iniciativa da infanta, mais tarde rainha D. Maria I, que, ao viajar pelo rio com destino à Herdade do Pinheiro, foi surpreendida por um conjunto de casas alinhadas e dispostas paralelamente à margem do rio. Alinhamento que ainda hoje conserva o nome de Rua da Princesa. (Figs. 127 e 128).

O espólio exumado nas «explorações» dispersou-se. À então vila de Setúbal foi oferecida uma coluna (fuste) reutilizada mais tarde como pelourinho, o qual ainda hoje se encontra na Praça Marquês de Pombal.

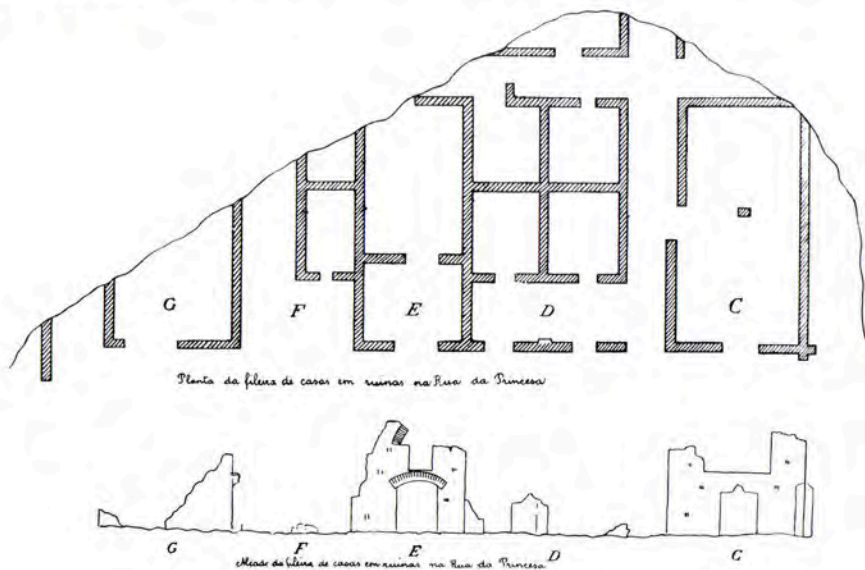


Fig. 128 — Tróia de Setúbal. Planta, e alguns alçados, das construções da «Rua da Princesa». (Seg. A. I. Marques da Costa).



Fig. 129 — Tróia de Setúbal. Balneário: visto do exterior (em cima) e zona dos banhos quentes, com os restos do hipocausto (em baixo).



Também as escavações efectuadas em 1850 pela Sociedade Arqueológica Lusitana tiveram lugar, sobretudo, nas casas da Rua da Princesa.

São edifícios de dois pisos, cujas paredes do primeiro andar seriam estucadas e pintadas.

Nas proximidades destas construções pode observar-se uma doca.

Junto de um conjunto de salgadeiras foi descoberto um balneário com *caldarium* e *frigidarium*, possuindo este último duas tinas de banho, forradas a mármore, integradas em uma ampla sala cujo pavimento foi coberto por um mosaico decorado por motivos geométricos, remendado, certamente em uma fase de decadência, com *opus signinum*. (Figs. 129 e 130).



Fig. 130 — Tróia de Setúbal. Sala do balneário, com tinas destinadas aos banhos frios (*frigidarium*).

Inácio Marques da Costa, já no nosso século, conduziu, com preocupações metodológicas, escavações em Tróia. Interessou-se muito particularmente por estruturas de carácter religioso. Descreveu e desenhou um baptistério de que actualmente não resta qualquer vestígio. Trabalhou em uma grande casa rectangular, de paredes estucadas e pintadas a fresco com motivos geométricos, elementos vegetais, pom-

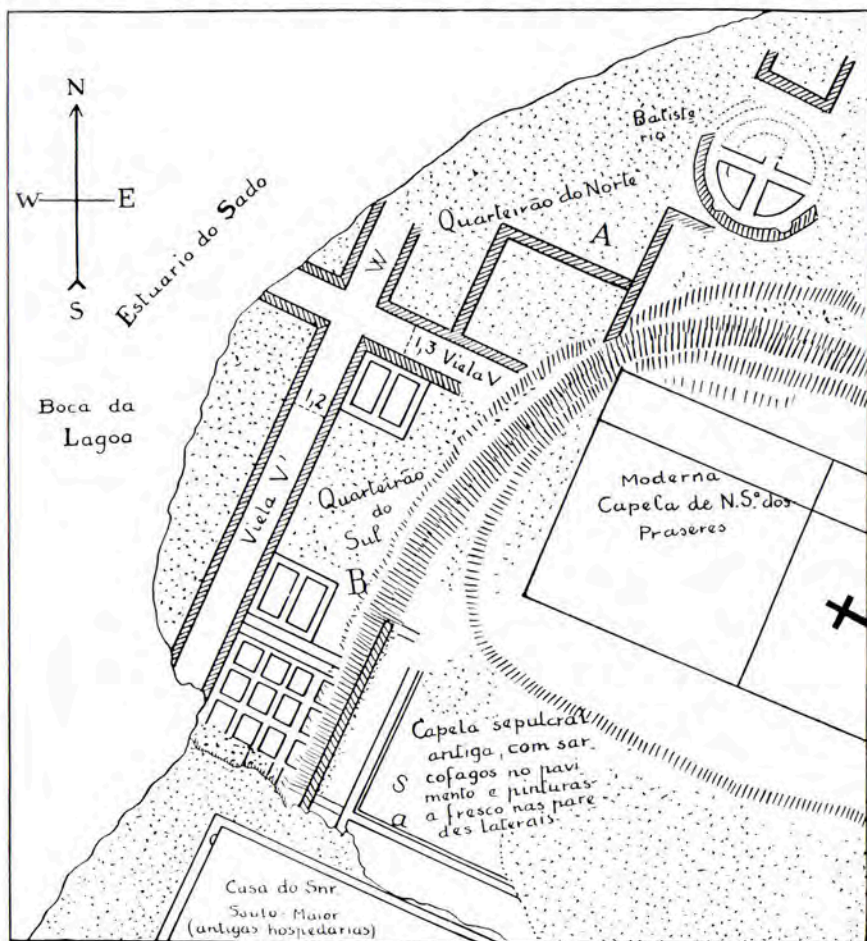


Fig. 131 — Tróia de Setúbal. Estruturas desenhadas por A. I. Marques da Costa, vendo-se conjuntos de salgadeiras, parte da capela paleocristã e o que restava do baptistério. Este, de que hoje não restam quaisquer vestígios, apresentava, segundo descrição que aquele arqueólogo nos deixou, planta circular com o piso dividido em quatro sectores que correspondiam a tanques.

bas e o monograma de Cristo (hoje desaparecido). Este edifício possui quatro naves e um altar-mor com púlpito, mais elevado que o piso do corpo da igreja. (Figs 131 a 134).

O carácter religioso do local onde foi erigida essa capela paleocristã parece dilatar-se com o aparecimento de um políptico esculpido que tem sido interpretado como uma representação relacionada com o culto mitraico, e por um fragmento de sarcófago de mármore branco em que está esculpida uma cena de transporte do morto em carro de bois para um espaço limitado por uma rede e defendido por um animal feroz. (Figs. 135 e 139).

A tradição religiosa do local ainda hoje se mantém e tem expressão em uma romaria anual que a colónia de varinos de Setúbal realiza a uma capela construída sobre vários metros de areia que cobrem as estruturas romanas. Sobranceira à capela paleocristã, foi fundada em honra de Nossa Senhora dos Prazeres, possivelmente no séc. XIV.

As necrópoles de Tróia são de tipologia muito diversa. A mais antiga até agora escavada situava-se na margem da Caldeira e, segundo Manuel Heleno, assentava sobre uma camada do séc. I e possuía sepulturas sobrepostas numa altura de 7 metros, dos séculos II, III e IV e

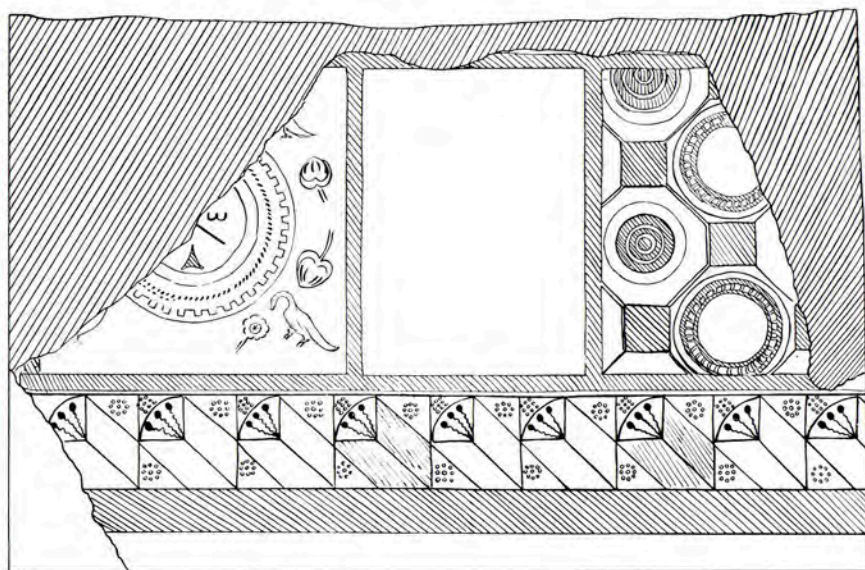


Fig. 132 — *Pintura a fresco da capela paleocristã de Tróia de Setúbal. Observa-se parte do monograma de Cristo, motivo já desaparecido.* (Seg. A. I. Marques da Costa).



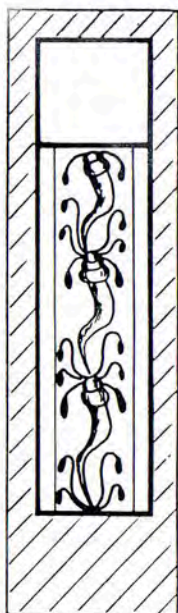
Fig. 133 — Tróia de Setúbal. Parede, com pinturas a fresco, da capela paleocristã.

da Alta Idade Média. Uma sepultura de incineração do séc. I d.C., pertencente a um outro cemitério, merece ser referida. Trata-se da sepultura de Galla que possuía um monumento epigráfico com 1,80 m de altura. Os restos ósseos incarbonizados eram acompanhados por uma taça de bronze, desaparecida, um púcaro de cerâmica branca e paredes delgadas, dois unguentários de vidro, um deles deformado por acção do fogo, duas lucernas do séc. I d.C. e um abundante e delicado espólio de osso (13 peças) de que fazem parte peças de lavoures e de *toilette*. (Fig. 140).

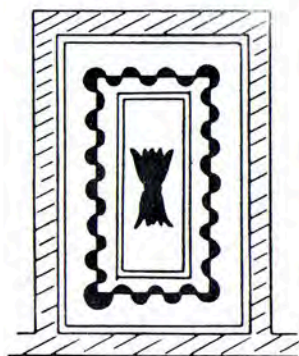
Um mausoléu, bem conservado, de planta sensivelmente quadrangular e de paredes reforçadas por contrafortes, apresenta nichos onde poderiam ter sido depositadas urnas. O seu pavimento encontra-se



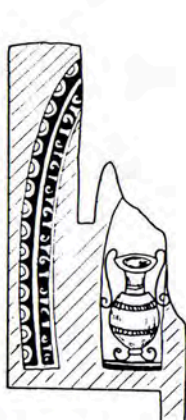
1



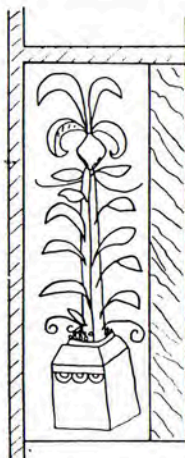
2



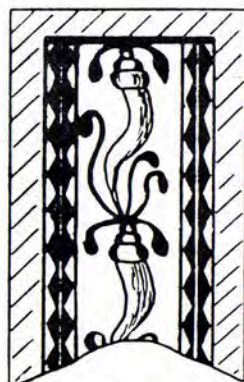
3



4



5



6

Fig. 134 – *Motivos dos frescos da capela paleocristã de Tróia de Setúbal. (Seg. Almeida e Matos, 1971).*



Fig. 135 — *Baixo relevo mitraico de Tróia de Setúbal, vendo-se os deuses Sol e Mitra e, entre outras figuras, uma vasilha a que se enrosca e onde penetra uma serpente. Esta simbolizaria a terra que a água do vaso fecundaria. O culto mitraico, trazido da Síria para o Ocidente pelas legiões romanas, implantou-se fortemente em Roma durante o século II. Em Tróia teve também os seus adeptos.*

completamente preenchido por sepulturas de inumação. O mausoléu abre-se para um cemitério de aspecto caótico que utilizou, em parte, salgadeiras de uma fábrica abandonada. (Figs. 136 e 137).

Por detrás do mausoléu, pode visitar-se um cemitério também de inumação no qual, como caixões, se reutilizaram, por vezes, ânforas tardias.

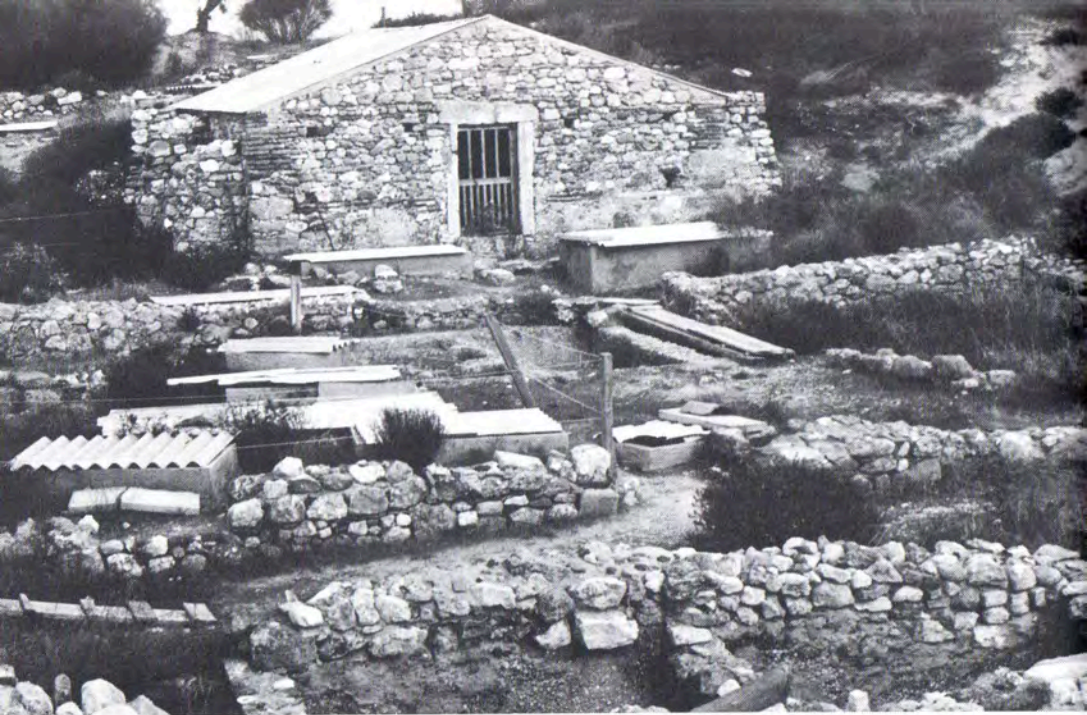


Fig. 136 — Tróia de Setúbal. Necrópole tardo-romana construída sobre uma fábrica de salga de peixe abandonada. Em cima, aspecto geral, com o mausoléu ao fundo; em baixo, sepultura de criança.





Fig. 137 — Tróia de Setúbal. Mausolôu: exterior (em cima) e aspecto do interior (em baixo), vendo-se nichos nas paredes e, sobre o solo, sepulturas de inumação.



Nas imediações da capela paleocristã, escavou-se recentemente uma necrópole considerada, com reservas, pelos seus escavadores, como tardo-romana ou paleocristã. É formada por sepulturas (cerca de vinte) de superstrutura constituída por espesso *opus signinum* e de forma quadrangular ou em calote de esfera cortada diametralmente por um sulco, correspondendo cada metade a uma tumulação. Estas sepulturas possuem na zona central da superstrutura, interpretada como mesa de banquetes fúnebres, uma depressão circular que é, em alguns casos, revestida por uma placa de mármore. A 1,60 m de profundidade encontra-se uma caixa construída em tijoleira, onde foi encerrado o corpo do defunto. O melhor paralelo peninsular para esta necrópole é o cemitério paleocristão de Cartagena conservado nos baixos do Museu Arqueológico Municipal (fig. 138).

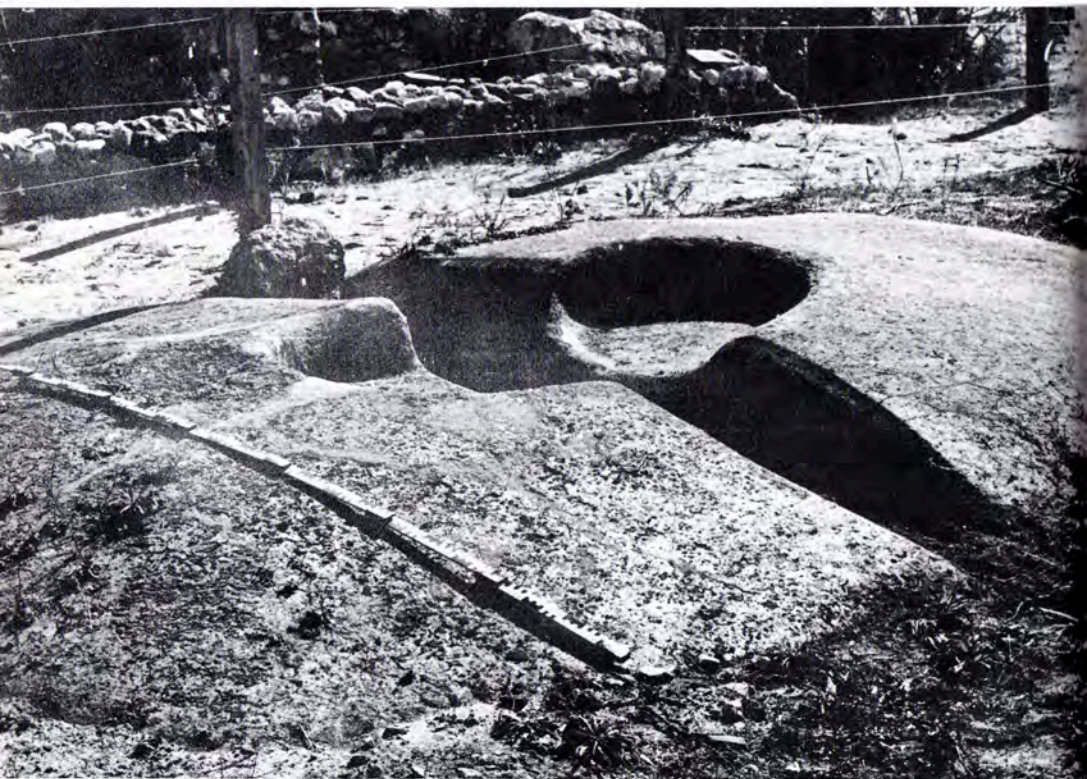


Fig. 138 — Tróia de Setúbal. Sepultura com superstrutura de opus signinum em calote de esfera, do cemitério paleocristão.



Fig. 139 — Platibanda de sarcófago, de mármore (compr. 3,26 m), proveniente de Tróia de Setúbal.



Fig. 140 — *Inscrição funerária da sepultura de Galla (Tróia de Setúbal). A pessoa sepultada (Galla) era mulher, falecida aos 35 anos e foi o seu marido (Hypnus) que lhe dedicou este monumento.*

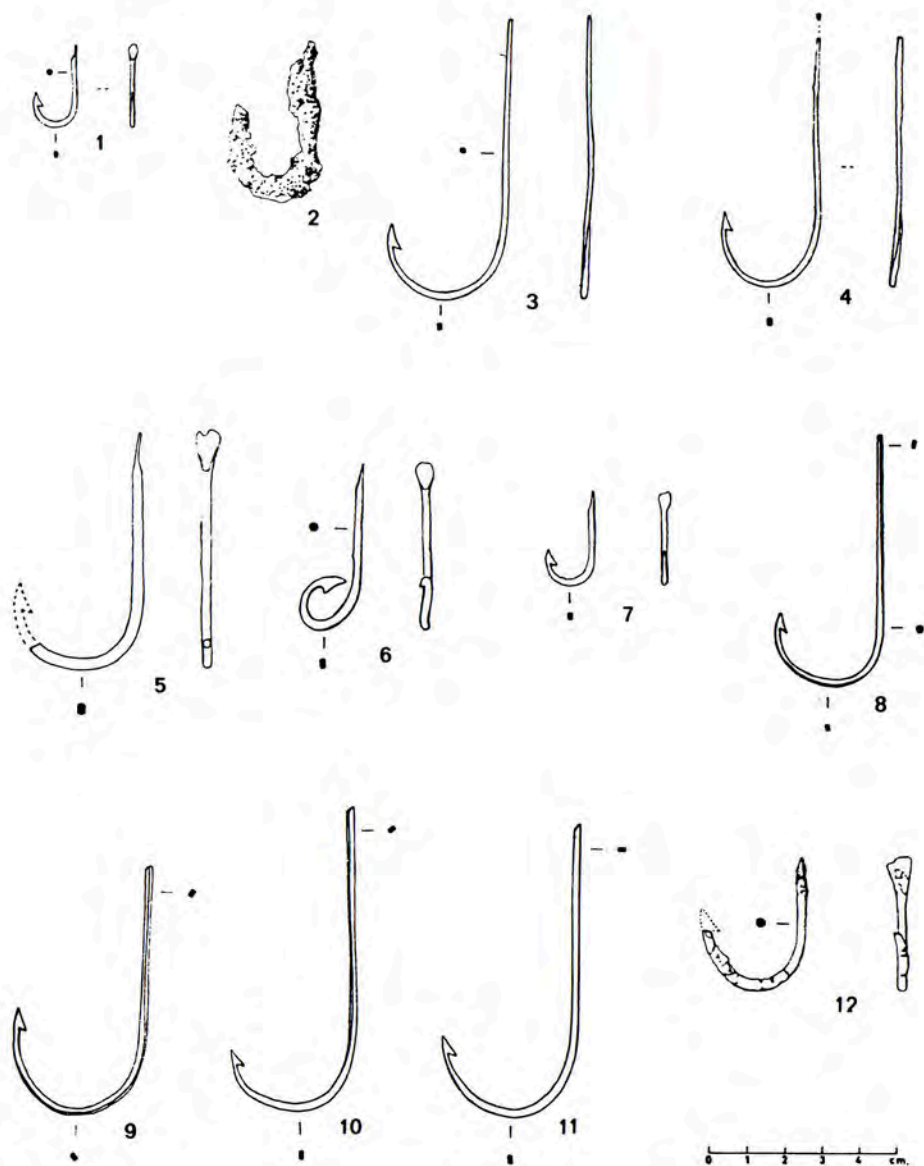


Fig. 141 — Anzóis romanos de Tróia de Setúbal. (Seg. Ribeiro, 1971).

No séc. IV d.C. o complexo industrial devia encontrar-se em profunda decadência. Algumas fábricas haviam sido abandonadas e o local reutilizado com funções funerárias e religiosas (fig. 136).

Pelos documentos que possuímos, Tróia teria sido ocupada até, pelo menos, aos inícios do séc. VI d.C.

Do numeroso espólio recolhido em Tróia (cerâmica comum, pesos de rede, lucernas, «terra sigillata», vidros, moedas, anzóis, agulhas de coser rede, inscrições, escultura), salientamos, na produção cerâmica: um fragmento de vaso vidrado a verde (2.^a metade do séc. I d.C.); uma interessante colecção de peças em «sigillata» clara, com decoração em relevo aplicado e em que predominam os exemplares do tipo C de Lamboglia e em especial da forma C 35 (decorada), conjunto datado entre 280 d.C. e a 2.^a metade do séc. V; «sigillata» cinzenta (pa-

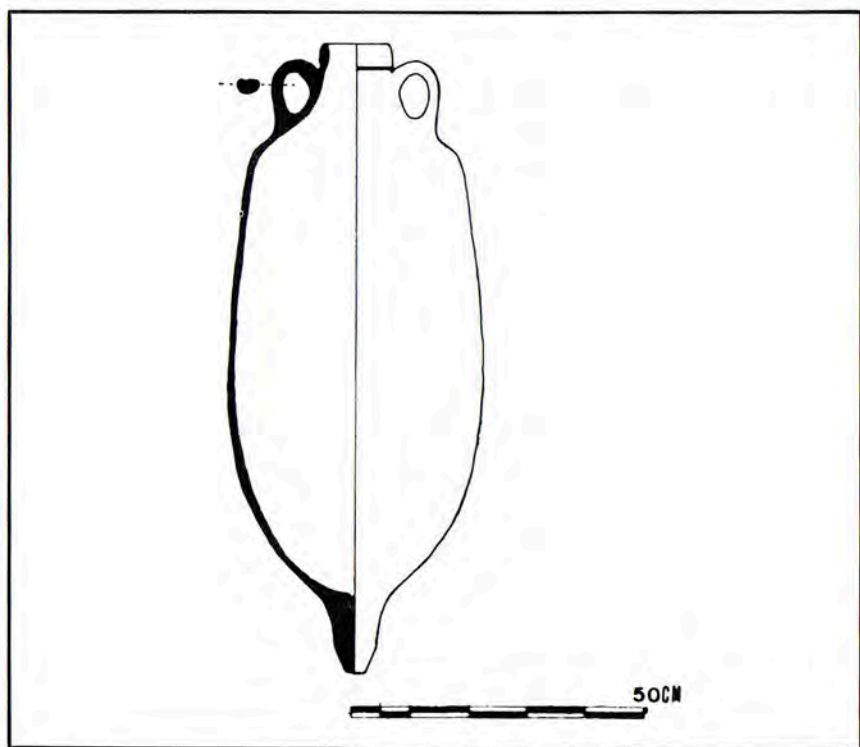


Fig. 142 — Tróia de Setúbal. Ânfora oleária norte-africana, dos sécs. III-IV d.C.. (Seg. Maia, 1975).

leocristã) datada de 400-450 d.C. e «Late Roman C Ware» originária do Próximo Oriente e datada de meados do séc. V a inícios do séc. VI d.C. Fazemos notar que os materiais cerâmicos mais antigos («t. sigillata» itálica do período clássico — 12-10 a.C. — e ânfora republicana da forma Dressel 1) não são anteriores à segunda metade do séc. I a.C.

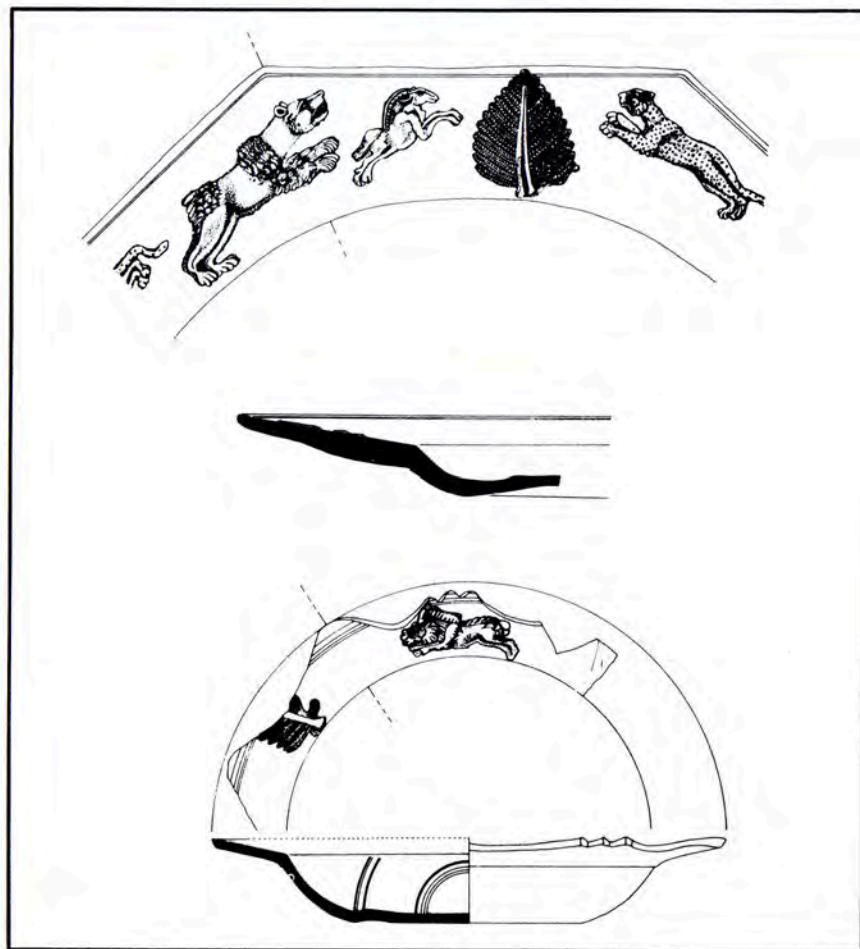


Fig. 143 — Tróia de Setúbal. Pratos de «sigillata» clara com decoração aplicada (meados do séc. IV e meados do séc. V). A forma reconstituída tem 170 mm de diâmetro interno. (Seg. Maia, M.G.P., 1974-77).

Setúbal romana

O subsolo de grande parte da zona baixa da cidade de Setúbal oferece numerosos testemunhos arqueológicos de importante centro urbano-industrial da Época Romana, cronologicamente situado entre o século I e o século V d. C.

Já no primeiro decénio do século actual, ao construir-se o túnel do caminho-de-ferro Palhais-Fontainhas, fora descoberta, nas proximidades do Miradouro, uma necrópole romana de inumação com materiais dos séculos II-IV d.C. As sepulturas, segundo relato manuscrito deixado por A. I. Marques da Costa e publicado por um de nós (C.T.S.) em 1966, tinham orientação este-oeste; eram, quanto à forma, de dois tipos: hexagonais, com as paredes formadas por tijoleiras trapezoidais sobrepostas e cobertas por placas de mármore; rectangulares e com paredes de *tegulae* colocadas verticalmente. Uma das últimas possuía 2 m de comprimento, 0,5 m de largura e 0,4 m de profundidade.

Em 1957, aquando da construção da rede de saneamento que determinou a abertura de valas em uma extensão de 25 237 metros (Marques da Costa, 1960), abrangendo, pois, uma vasta área da cidade, foram postos a descoberto numerosos vestígios da Época Romana,

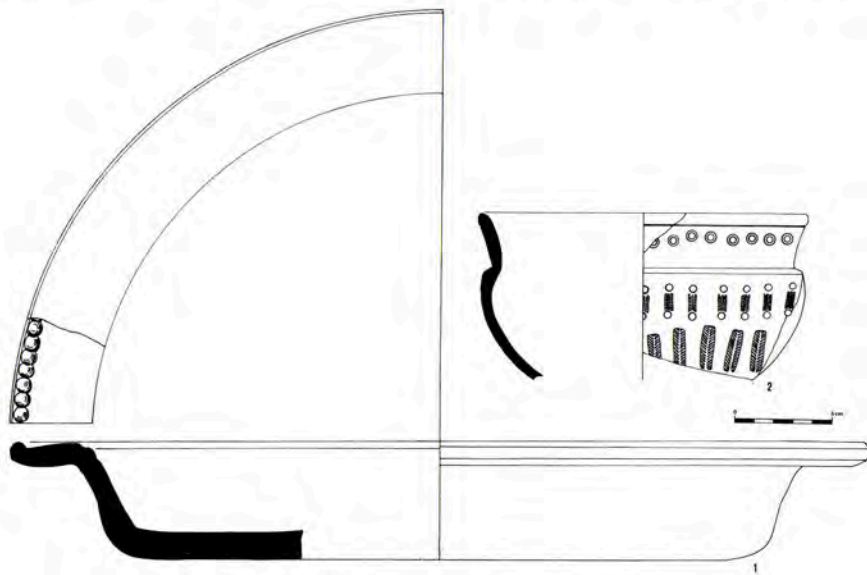


Fig. 144 — «Sigillata» cinzenta (paleocristão) proveniente de Tróia de Setúbal, Formas Rigoir 1 (n.º 1) e Rigoir 18 (n.º 2). (Seg. Maia, M. G. P., 1976-77).



Fig. 145 — *Lucerna da primeira metade do século I d.C., proveniente de Tróia de Setúbal.*

distribuídos por dois núcleos, separados entre si provavelmente por um esteiro existente na zona ocupada actualmente pela Avenida 22 de Dezembro: um núcleo oriental e maior, que se estendia do alto de S. Sebastião até à Praça do Bocage, sendo limitado a norte pela Rua de Paula Borba, Largo da Misericórdia e Rua de Antão Girão (inclusive) e, a sul, pela Av. Luísa Todi (exclusive), artéria na época abrangida pela praia; outro, ocidental e de reduzidas dimensões, restringido a um curto troço da Rua Direita de Troino¹. Além de terem sido recolhidas, de

¹ Recentes trabalhos efectuados pelo Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal revelaram que esse núcleo se prolonga, pelo menos, até ao Largo da Fonte Nova.

forma não sistemática, abundantes peças datadas do séc. I ao séc. IV (Marques da Costa, 1960), foram assinaladas algumas estruturas: na Rua Direita de Troino, quatro pavimentos de *opus signinum* e paredes de *opus incertum*; na Praça do Bocage, um pavimento de *opus signinum* e troços de muros; na Rua de Vasco Soveral, base de coluna de mármore encontrada junto de um pavimento de *opus signinum*; nas travessas de Frei Gaspar, da Misericórdia, da Alfândega e de S. José, nas ruas de Arronches Junqueiro e de Romão Dias, nos largos de Santa Maria da Graça e de José António de Aguiar, pavimentos, em geral de *opus signinum*.

Do abundante material anfórico então recolhido, infelizmente muito fragmentado, salientamos as formas *Beltran IV* e *Almagro 51 C* que predominam. Ambas seriam produzidas em olarias das margens do que é hoje o estuário do Sado (Quinta da Alegria, Pinheiro), a primeira forma na segunda metade do séc. I e durante o séc. II e a segunda, nos séculos III-IV, juntamente com a forma *Almagro 50*, também frequente na área urbana de Setúbal. Seriam utilizadas para conter e transportar salga de peixe. A abundância destes tipos de ânforas, especialmente da *Beltran IV*, na cidade de Setúbal, explica-se facilmente se tivermos presente que aqui funcionou e floresceu, muito possivelmente a partir dos finais do séc. I, um importante centro industrial de conserva de peixe. (Figs. 153 e 154).

O aparecimento de exemplares de ânforas importadas mostra o estabelecimento de contactos comerciais entre a Setúbal romana e a península itálica de onde, no séc. I, se importaria vinho (ânfora *Dressel 2-4*); a Bética, de onde teria vindo salga de peixe (ânfora *Beltran II*) — talvez nos três primeiros quartéis do séc. I, numa altura em que esta indústria ainda não florescia nas margens da desembocadura do Sado —, bem como azeite (ânfora *Dressel 20*), entre os séculos I e III; e, por fim, o Norte de África (ânfora *Beltran 56*), região que a partir do século III passou a substituir a Bética na exportação de azeite. (Fig. 155).

Ainda no que concerne ao material anfórico setubalense há a assinalar o aparecimento, na Rua Direita de Troino, de um exemplar inteiro da forma *65 A* de *Beltran*, contendo 7090 moedas quase exclusivamente do século IV.

Em Maio de 1968, um de nós (C. T. S.) teve a oportunidade de seguir de perto os trabalhos de abertura de valas destinadas à construção dos alicerces de um edifício, na Rua de Antão Girão, entre os n.ºs 40 e 52. Confirmou-se então, uma vez mais, a presença nessa zona da cidade do estrato correspondente à Época Romana: à profundidade de 1 metro surgiu um espesso nível de areia argilosa, de cor ne-

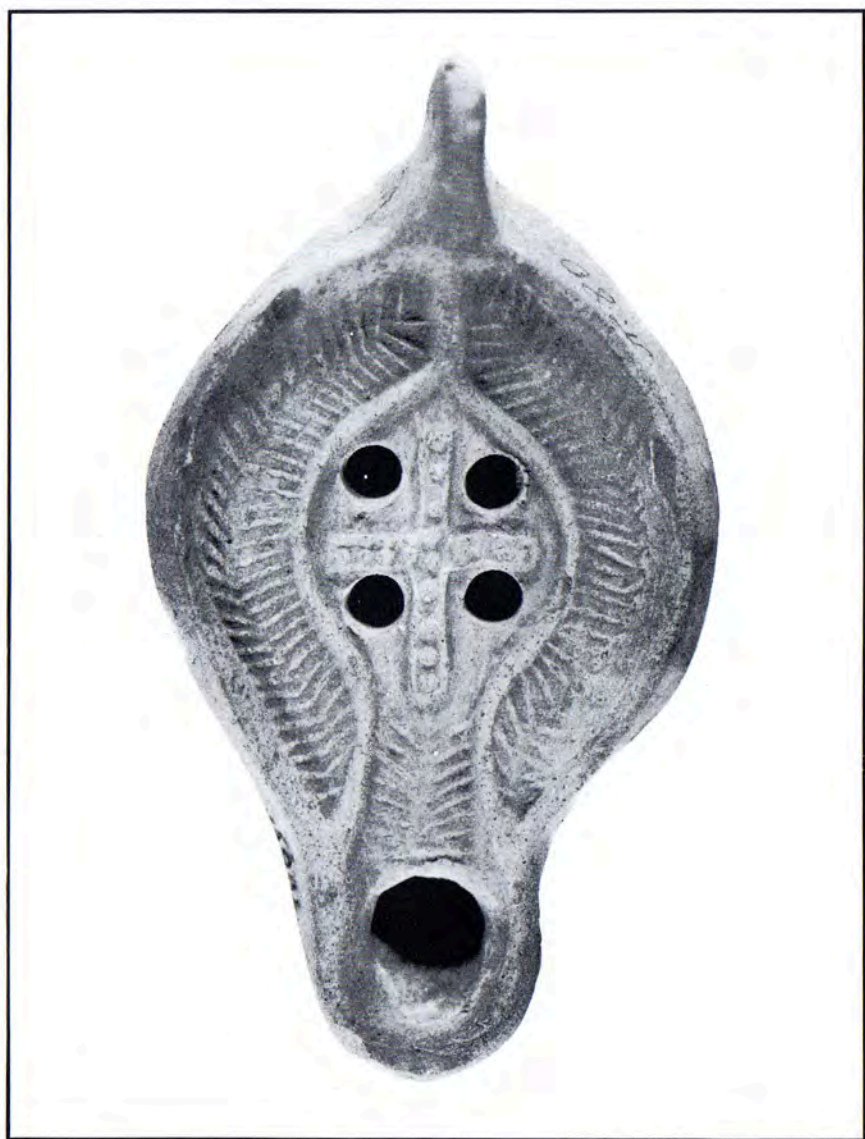


Fig. 146 — *Lucerna paleocristã* (séc. iv-v) achada em Tróia de Setúbal. Compr. 13,6 cm.

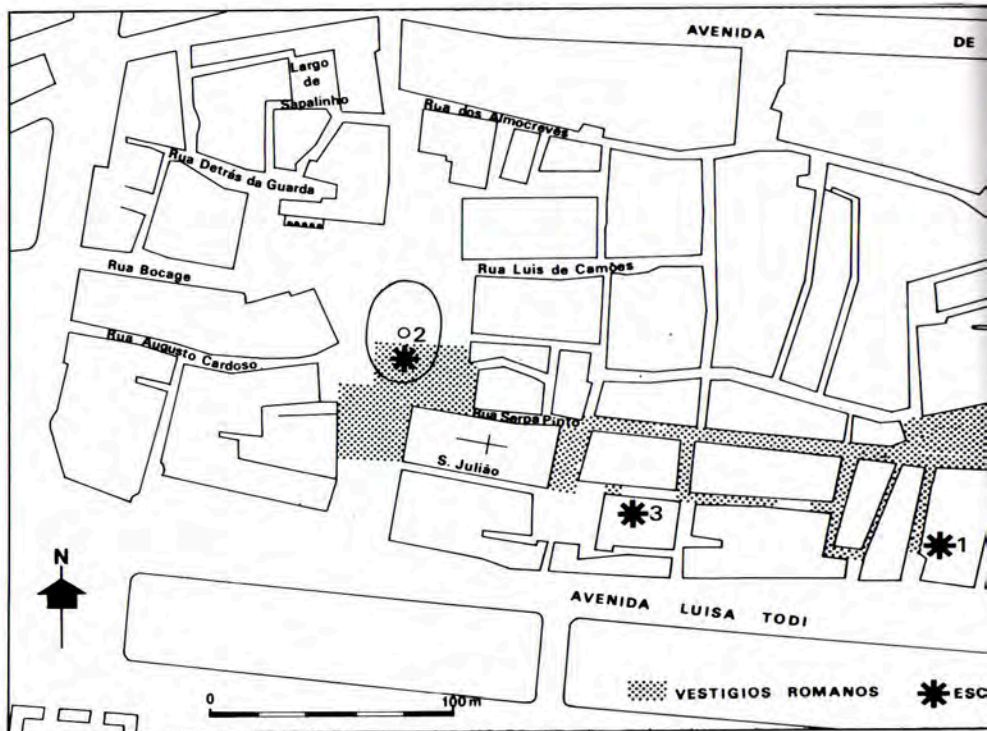
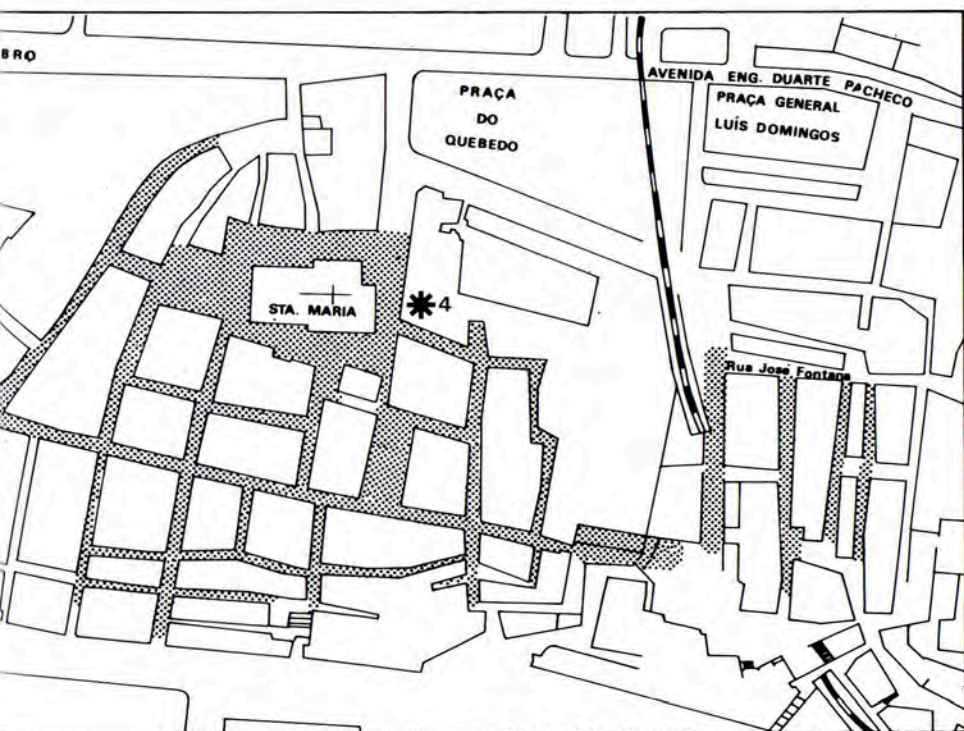


Fig. 147 – Distribuição dos achados romanos na área urbana de Setúbal e indicação das escavações e sondagens promovidas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal: 1 – Travessa de Frei Gaspar (salgadeiras); 2 – Praça do Bocage (salgadeiras); 3 – Rua António Januário da Silva (salgadeira); 4 – Travessa dos Apóstolos (níveis da Idade do Ferro e estruturas romanas). Não se encontra representada a zona de Troino.

gra, que forneceu grande densidade de materiais romanos, nomeadamente ânforas das formas *Beltran IV* e *Almagro 50*.

Em Julho de 1971 acompanhámos novamente a abertura de caboucos, agora na Rua Arronches Junqueiro (entre os n.ºs 52 e 56), tendo recolhido materiais romanos tardios (p. ex.: «sigillata» clara D da forma 59, datada de 320 a 420 d.C) e identificado estruturas: à profundidade de 1 metro, pavimento de *opus signinum* assente sobre telhas curvas (*imbrices*) e de rebordo (*tegulae*) que, por sua vez, se encontravam sobre uma fina camada de areão amarelado; à profundidade de 1,40 m, no seio de uma camada de areia argilosa do Plioceno, sem



materiais arqueológicos, uma conduta de água romana de secção transversal rectangular (internamente com 0,45 m de largura por 0,40 m de altura) e com a orientação N.NE.-S.SO.

A partir de 1974, o Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal passou, como atrás dissemos, a desenvolver uma actividade sistemática de pesquisa na área urbana de Setúbal, tendo em vista conhecer a origem e a evolução urbana desta cidade. De facto, a história de Setúbal, pela grande escassez ou mesmo total ausência de documentos escritos (período anterior ao século XIII), só pode ser devidamente apreendida através do concurso da Arqueologia. Sondagens e escavações arqueológicas de emergência, promovidas por aquele museu e aproveitando a realização de obras públicas ou privadas no chamado «centro histórico», têm permitido pôr a descoberto conjuntos de construções que indicam ter sido a Setúbal romana um núcleo urbano-industrial dedicado especialmente, tal como o de Tróia, à salga de peixe.

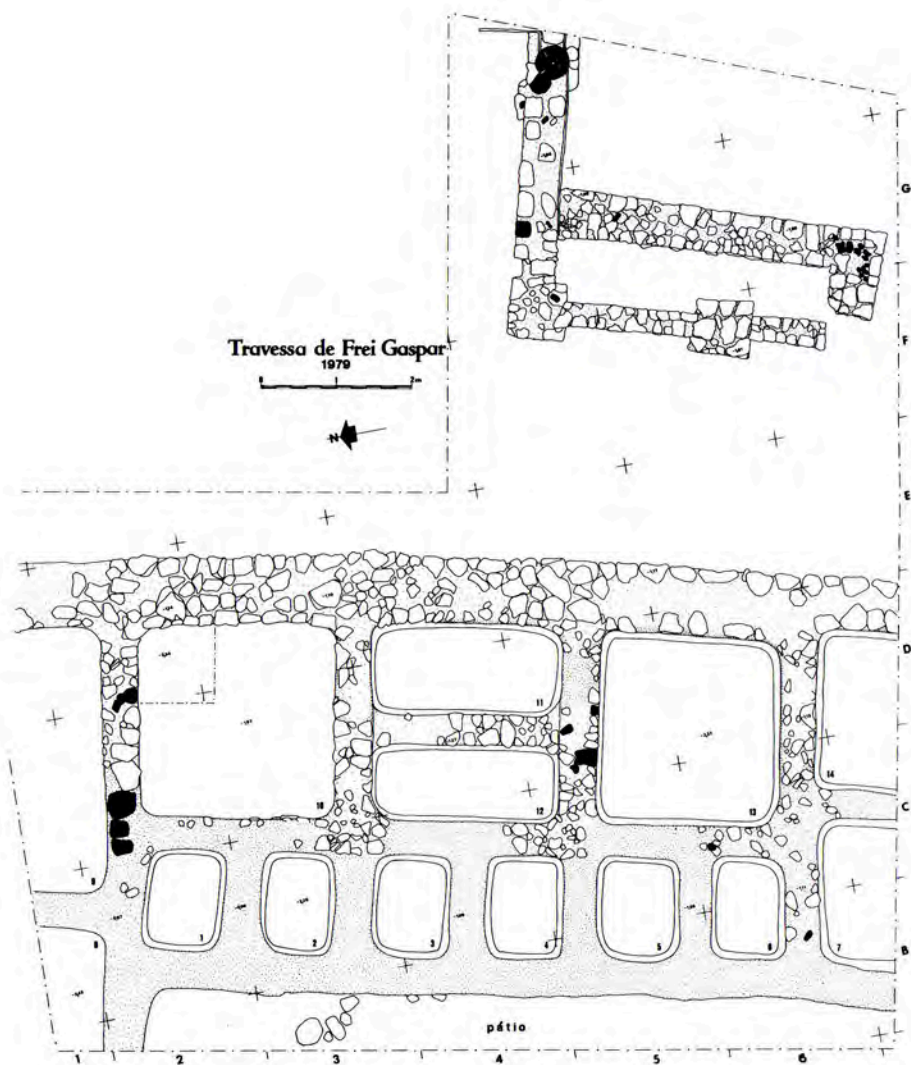


Fig. 148 — Traveza de Frei Gaspar, 1979. Planta da área escavada.

Fig. 148 — Traveza de Frei Gaspar (Setúbal). Planta da área escavada em 1979. (Seg. Tavares da Silva e Coelho-Soares, 1986).



Fig. 149 — Fábrica de salga de peixe da Época Romana, escavada em 1979 na Travessa de Frei Gaspar (Setúbal).

Assim, em 1979, nas traseiras da actual Caixa Geral dos Depósitos, na Travessa de Frei Gaspar, entre a Av. Luísa Todi e o Largo da Misericórdia, foi escavada parte de uma fábrica romana de salga de peixe. É constituída por tanques rectangulares ($0,80 \times 1,20$ m e $1,60$ m $\times$ 3 m) e quadrangulares ($2,20$ m de lado), com a profundidade, em geral, de $1,30$ m; formam uma dupla fila limitada a este pelo muro exterior da fábrica e, a oeste, por uma área de circulação ou pátio; são revestidos por *opus signinum*; as paredes ligam-se, interiormente, através de ângulos arredondados e fazem com o fundo uma meia cana saliente. Muitos destes tanques conservavam, sobre o fundo, uma camada muito rica em escamas e espinhas de peixe, representando os restos da última produção de salga. (Figs. 148 e 149).

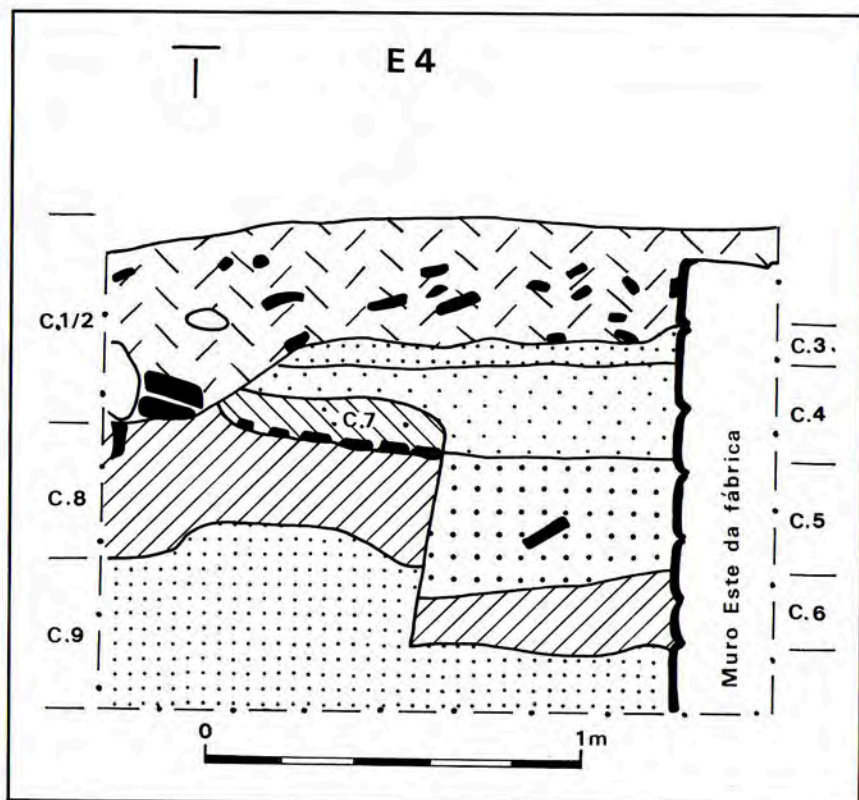


Fig. 150 — Corte perpendicular ao muro este da fábrica romana de salga da Travessa de Frei Gaspar, notando-se a vala de construção do mesmo muro, cuja abertura cortou níveis de meados e do terceiro quartel do séc. I d. C.

No exterior da fábrica (zona este) surgiram construções de carácter habitacional com pavimentos e muros que delimitam um pátio interior rodeado por colunas. Estas construções integravam uma camada que continha «terra sigilata» sudgálica e fragmentos de recipientes de «paredes finas» decorados a areia e barbotina; datável de meados e do terceiro quartel do séc. I, tal camada assentava sobre areia de praia e foi cortada pela abertura da vala destinada à construção do muro exterior da fábrica. Perante este último dado, pensamos que o funcionamento da unidade fabril teve os seus inícios nos finais do séc. I. Após uma fase de abandono, pelo menos parcial, talvez centrada nos séculos III e IV e durante a qual muitos dos tanques são utilizados como li-

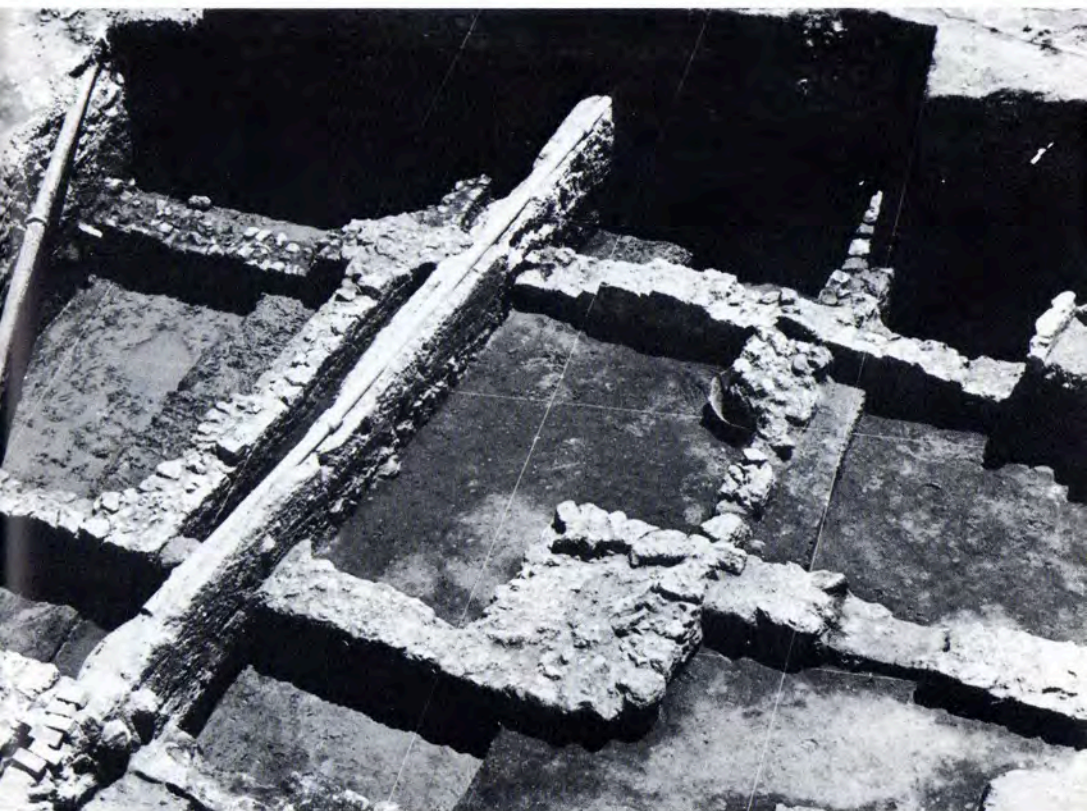


Fig. 151 — *Aspecto das estruturas de uma fábrica de salga de peixe dos finais do século I d.C., postas a descoberto, em 1980, na Praça do Bocage (Setúbal).*

xeira, a laboração da fábrica ressurge no séc. V, altura em que alguns dos tanques recebem um novo fundo que vai cobrir a camada de entulho datada do séc. III ao V d.C. (Fig. 150).

As escavações arqueológicas realizadas na Praça do Bocage em 1980, sob a responsabilidade científica do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, revelam uma sucessão de ocupações no decurso de quase dois mil anos, desde a Época Romana até aos nossos dias. No que se refere às fases da Época Romana verificou-se que, em meados do séc. I e terceiro quartel do mesmo século, parte da actual Praça era ocupada por uma praia localizada na foz de um importante curso de água. Misturados com as areias dessa praia encontravam-se numero-

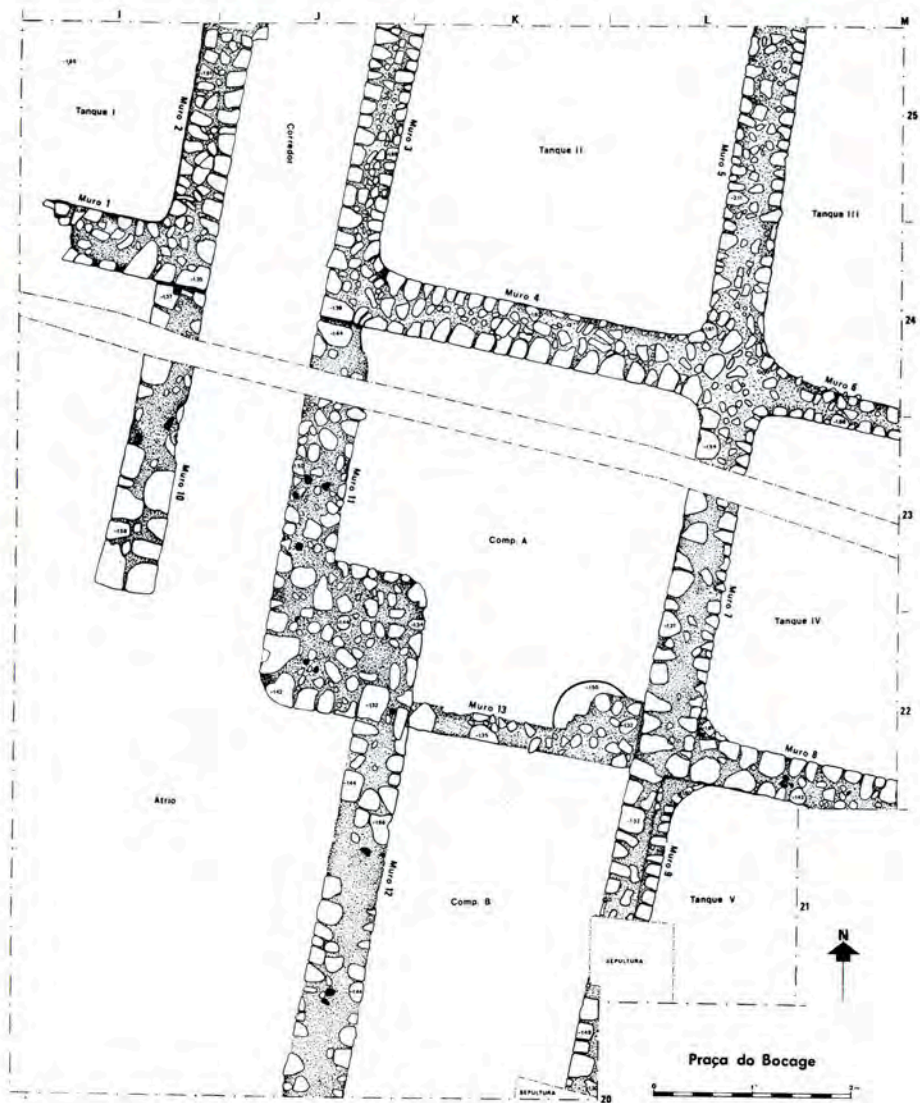


Fig. 152 — Praça do Bocage (Setúbal). Planta geral das construções da Época Romana. (Seg. Tavares da Silva e Coelho-Soares, 1980-81).

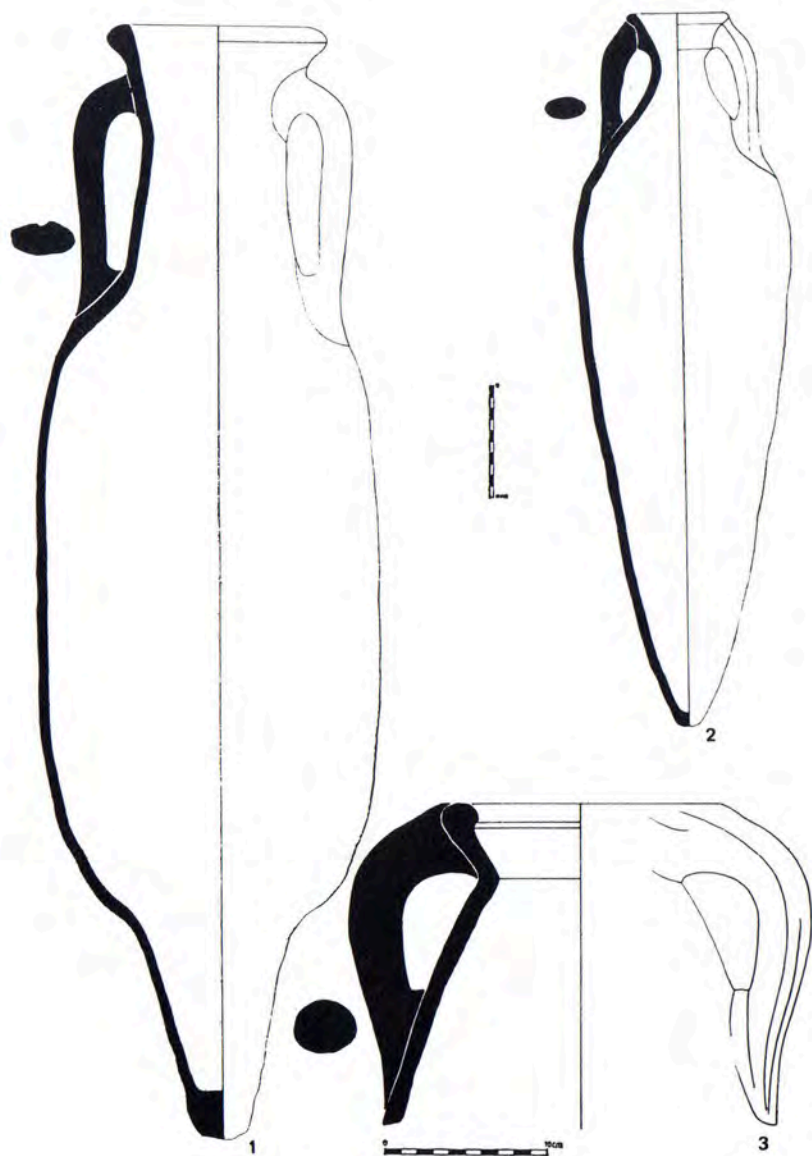


Fig. 153 — Ânforas romanas da área urbana de Setúbal fabricadas nas margens do estuário do Sado: 1 — forma Beltran IV; 2 — forma Almagro 51 c; 3 — forma Almagro 50. (Seg. Coelho-Soares e Tavares da Silva, 1978).



Fig. 154 — Marca MO em asas de ânforas utilizadas no transporte de salga de peixe, pertencentes à forma *Beltran IV*. Eram fabricadas na região do Baixo Sado e provieram da área urbana de Setúbal.

Fragmentos de cerâmica («terra sigillata» itálica, sudgálica e hispânica, «paredes finas», ânfora da forma *Beltran IV*) resultantes da actividade da população que vivia nas proximidades.

Durante o último quartel do séc. I, é construída sobre a praia uma fábrica de salga de peixe cuja parte escavada se mostrou constituída por dois conjuntos de tanques quadrangulares (3,30 m de lado), separados por um corredor que abria para um átrio. Os tanques revestidos por *opus signinum* (conjunto oeste — tanque I) destinavam-se à salga de peixe. Os do conjunto este (tanques II a V), sem revestimento e com o fundo formado por cascalho batido, teriam sido utilizados talvez para conter água. (Figs. 151 e 152).

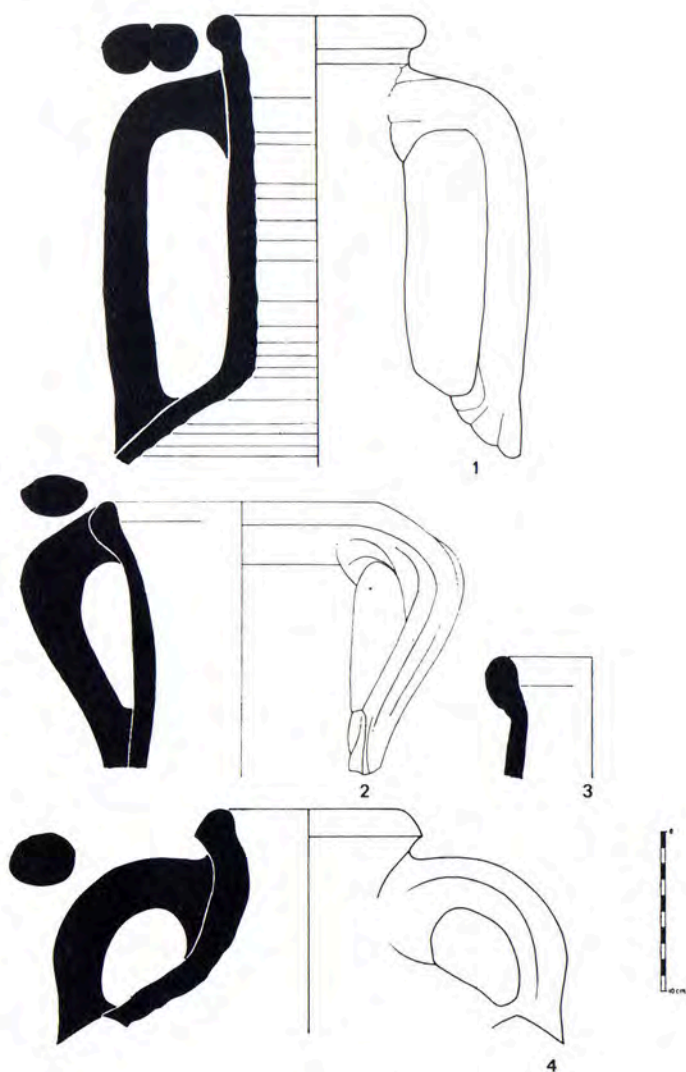


Fig. 155 — Ânforas romanas da área urbana de Setúbal, importadas do séc. I ao séc. IV d.C.: 1 — forma vinária itálica (Dressel 2-4); 2 — forma utilizada no transporte de salga e produzida na Bética (Beltran II); 3 — forma oleária norte-africana (Beltran 56); 4 — forma oleária da Bética (Dressel 20). (Seg. Coelho-Soares e Tavares da Silva, 1978).

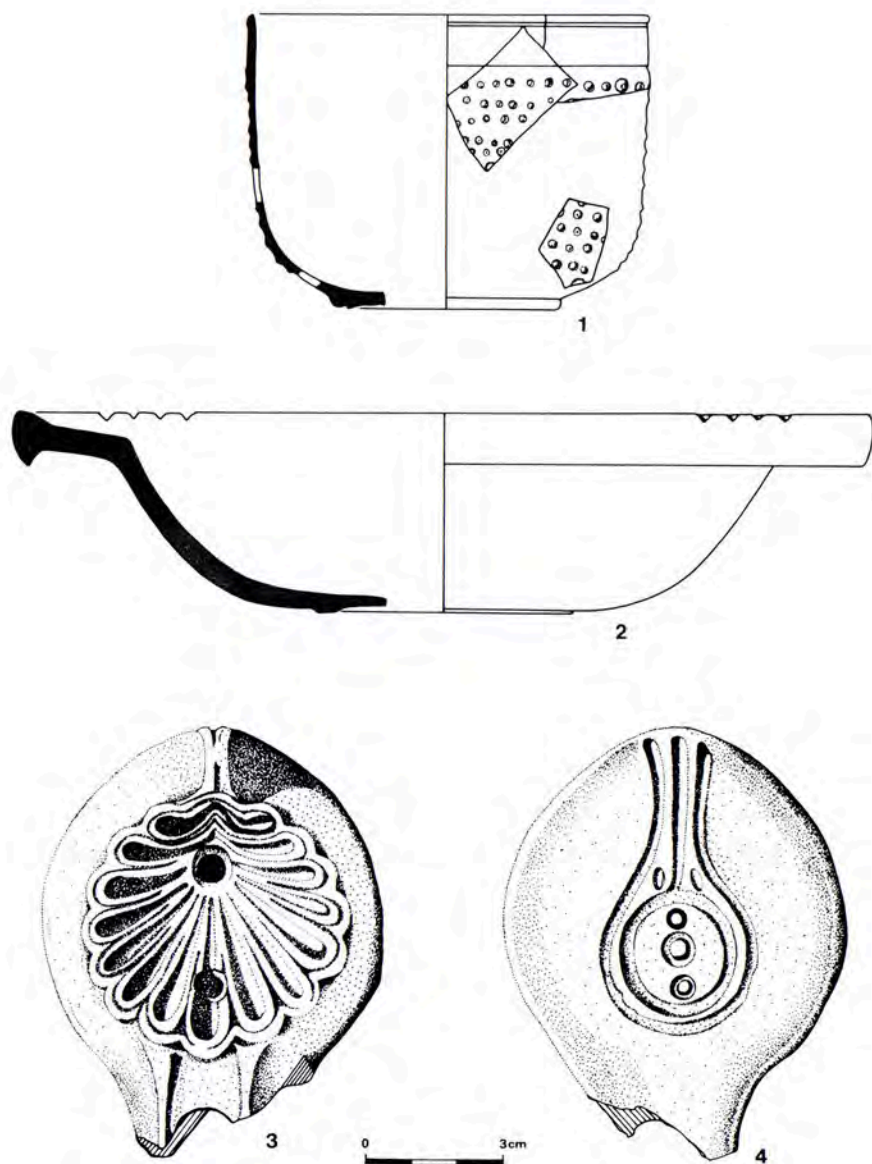


Fig. 156 — Peças da Época Romana recolhidas nas escavações da Travessa de Frei Gaspar, em Setúbal: 1 — «paredes finas»; 2 — «sigillata» clara; 3 e 4 — luccerna.

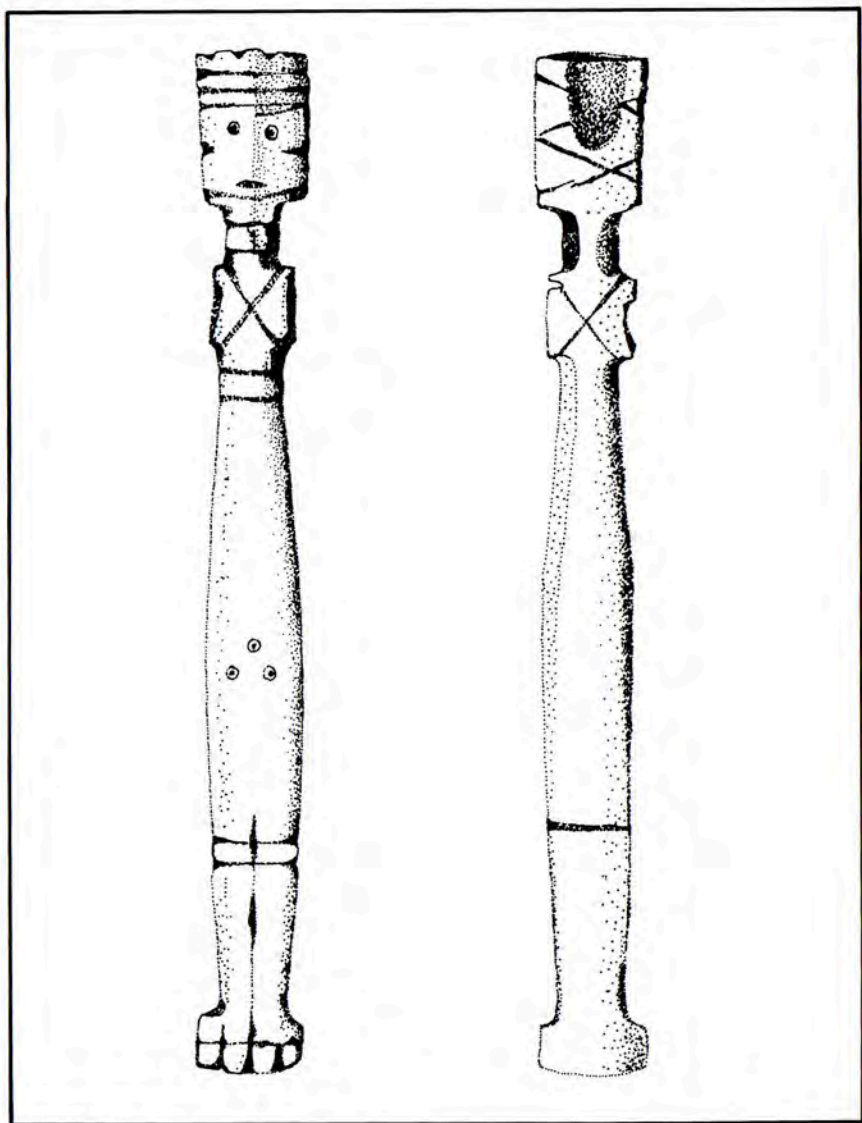


Fig. 157 — *Escultura de osso da Época Romana proveniente da fábrica de salga da Travessa de Frei Gaspar (Setúbal). 1:1.*

Pôs-se a descoberto parte de um compartimento, situado entre o átrio e a fiada de tanques do lado este, que foi, numa fase tardia, dividido transversalmente em duas salas por um muro que parte de um embasamento quadrangular.

A fábrica parece ter funcionado durante os finais do séc. I e, talvez, em parte do séc. II («terra sigillata» sudgálica, hispânica e «sigillata» clara A e ânforas das formas *Beltran II*, *Beltran IV* — muito abundante — e *Dressel 20*). Nos séculos III e IV, encontrava-se parcialmente ou totalmente abandonada; alguns dos tanques foram então utilizados como lixeira («sigillata» clara A, C e D, ânfora das formas *Beltran IV*, *Almagro 50*, *Almagro 51 C* e *Beltran 56* — «Africana Grande») pela população que continuava, entretanto, a viver ou a trabalhar nas proximidades.

Uma sondagem realizada pelo mesmo museu nos n.ºs 27, 29 e 31 da Rua António Januário da Silva (local situado entre a Praça do Bocage e a Travessa de Frei Gaspar) pôs a descoberto mais uma salgadeira da Época Romana.

Outros estabelecimentos de salga de peixe

Além dos núcleos industriais de Tróia e de Setúbal (área urbana), outros estabelecimentos, igualmente produtores de salga de peixe, foram identificados na margem direita do que é hoje o estuário do Sado.

Assim, no sítio da Comenda, na margem esquerda da Ribeira da Ajuda, afloram, no talude que a acção erosiva das águas desta ribeira todos os invernos destrói e recua (entre o Parque das Merendas e a foz), numerosas estruturas da Época Romana: até há poucos anos distinguíam-se nitidamente os restos de uma construção de tipo hipocausto, certamente pertencente à zona aquecida de um balneário, e tanques de salga forrados por *opus signinum*. Os materiais que um de nós (C.T.S.) teve oportunidade de recolher em 1964, ao estudar o corte estratigráfico formado por esse talude, indicam uma ocupação compreendida entre os inícios do séc. I d.C. («terra sigillata» itálica com marca de oleiro de *Cn. Ateius*) e, pelo menos, a segunda metade do século IV (médio bronze de Magnencio).

O estabelecimento fabril da Comenda seria abastecido de água (segundo A.I. Marques da Costa, que em 1925 se interessou por este arqueossítio) a partir de um afluente da ribeira da Ajuda, água que «vinha canalizada desde uma represa a montante da foz, cujo dique era apoiado num gigante de argamassa signina e que ainda se pode descobrir sob a argamassa moderna que o reveste» (Marques da Costa, 1923-26).

Entre a Comenda e o Outão, na foz da ribeira da Rasca, teria existido outro núcleo romano de salga de peixe, pois há notícia de aí terem sido descobertas salgadeiras quando, em 1891, se procedia à abertura da estrada para o Outão.

Também no Creiro, na zona este da praia do Portinho da Arrábida, em meio já francamente oceânico, se encontram vestígios da Época Romana, neste momento ameaçados de total destruição pelas construções clandestinas dos veraneantes que utilizam essa praia. A. I. Marques da Costa, em uma nota que manteve inédita e que tivemos oportunidade de publicar em 1964 (Tavares da Silva e Cabrita, 1964), alude à existência no Creiro de «alguns tanques de alvenaria em ruínas, forrados de uma camada de argamassa signina, muito semelhantes às cetárias existentes próximo da foz da ribeira da Rasca».

O grande centro industrial de salga de peixe que na Época Romana floresceu na desembocadura do Sado era, evidentemente, apoiado por outras actividades de carácter económico. Por exemplo, na margem direita do rio (Quinta da Alegria-Cachofarra, Pinheiro, Abul, Bugio) funcionavam olarias que produziam as ânforas destinadas ao transporte das salgas.

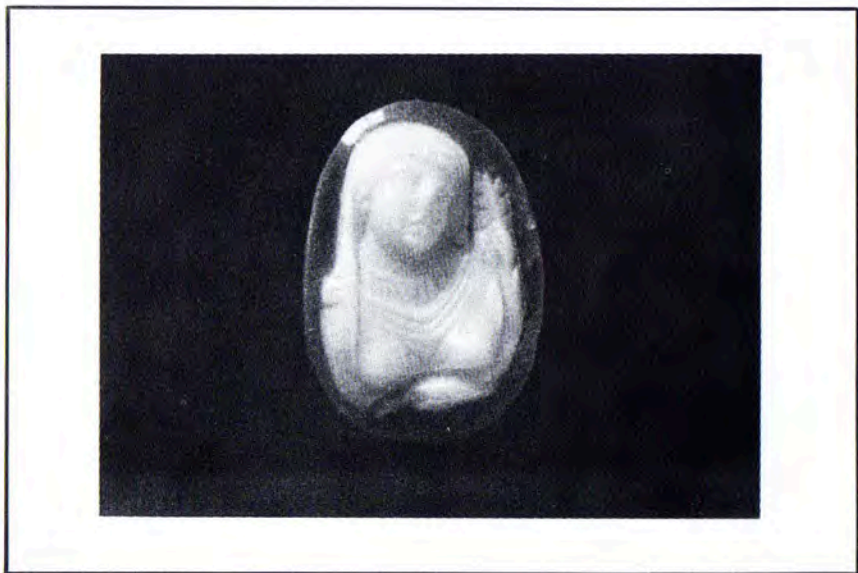


Fig. 158 — *Pedra de camafeu romano com a representação da deusa Fortuna. Área urbana de Setúbal. (Fot. Veiga Ferreira e Tavares da Silva, 1970 c).*





Fig. 160 — *Aspecto das escavações realizadas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal e Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra na estação romana da Comenda. (Fot. J. Viegas).*

◀ Fig. 159 — *Comenda. Localização da estação romana, na margem esquerda e junto da foz da ribeira da Ajuda (em cima) e aspecto de construções, pertencentes possivelmente ao hipocausto de um balneário romano, que afloravam no talude resultante da erosão fluvial.*

Casais agrícolas

Por outro lado, nos férteis campos de cultivo dos arredores de Setúbal, até há poucos anos cobertos por hortas e pomares, tinham lugar os casais agrícolas. Machadas de Baixo, Alferrar, São Romão, Arca de Água, Vinha Grande, Boa Vista, Cabeço Gordo, Aires, Rego de Água, Esteval, Cruz da Légua e Paineal das Almas (Vila Nogueira de Azeitão) têm fornecido vestígios arqueológicos da Época Romana. Embora em nenhum destes locais tenha sido realizada qualquer escavação ou sondagem, a sua situação em zonas de evidente vocação agrícola leva-nos a supor que aí tenham funcionado casas de lavoura.

Outros locais como o Pedrão e Chibanes, situados em pontos elevados e que foram habitados durante os finais da Idade do Ferro, forneceram também materiais do século I d.C. As escavações efectuadas no Pedrão indicam um abandono por volta de 25 a.C. A reocupação verificada no século seguinte parece, pois, não ter nada a ver com a ocupação da fase sidérica. Um pequeno grupo, talvez dedicado à pastorícia e já plenamente romanizado, teria procurado o Pedrão como local de habitação.

Quanto a Chibanes, não sabemos se teria havido, ou não, solução de continuidade no processo de ocupação dos finais da Idade do Ferro para a Época Romana.

Locais de culto

Além de Tróia (onde foi descoberta, como atrás referimos, uma capela paleocristã), dois outros locais existem na zona oriental da Arrábida que assumiram, talvez, papel de carácter religioso.

Uma informação colhida por Mesquita de Figueiredo no «Dicionário Geographico» de Cardoso diz ter existido um templo dedicado a Neptuno «onde se vê a fortaleza do Outão; porque, resolvendo o Senhor Rey D. João IV, por conselho de Mathias de Albuquerque, Conde de Alegrete, se acrescentassem novas obras aquela fortaleza, abrindo-se os alicerces para os baluartes de terra, se acharão hum pedaço de huma estatua de marmore com alguns versos em louvor de Neptuno. Huma estatua do mesmo Neptuno de metal entre as ruínas de hum edificio, que mostrava ser templo da mesma divindade, entre as quais havia arquitraves, pedaços de columnas de marmore fino com suas bases, e algumas pedras com inscrições latinas, em que se dava aquelle sitio o nome de Promontorio de Neptuno».

Além dos referidos achados, encontraram-se ainda numismas dos imperadores Tibério, Vespasiano e Tito.

Essas obras foram efectuadas em 1643 e 1645. Crê-se que a estátua de bronze atribuída a Neptuno tivesse sido mandada fundir para a artilharia da torre.

A. I. Marques da Costa identificou, na vertente meridional da Serra de S. Luís, um edículo romano «incrustado na rocha e rebocado interiormente com *opus signinum*». As paredes mostravam-se decoradas por motivos geométricos, formando uma rede de losangos. Segundo o mesmo arqueólogo, «é tradição que foi neste edículo que primeiro apareceu a imagem de S. Luís a uns pastores da serra. Esta imagem, que talvez fosse de algum deus pagão, foi tomada pelos pastores como sendo do santo do gado».



Fig. 161 — Traçado da calçada romana (?), indicado pelas setas, no vale entre S. Luís e o Viso.

Restos de via romana (?)

Quem de Setúbal se dirigir ao Viso ou aos Olhos de Água, locais elevados da zona ocidental da cidade, poderá, a partir daí, alcançar a estrada nacional n.º 10 (Setúbal-Cacilhas) tomando um caminho que conduz à zona de S. Luís da Serra e chama a atenção por ser empedrado em quase toda a sua extensão. Com este caminho se identifica o troço de via, talvez romana, a que vamos aludir. A calçada atinge o comprimento de 1400 metros e as larguras de 4,5 m e 5,5 m (numa curva). (Figs. 161 e 162).

O empedrado apresenta-se diferenciado em duas partes: as margens, constituídas por grandes blocos subparalelepípedicos dispostos em fiada regular; e a parte central formada por pedras, em geral de menores dimensões e menos regulares.



Fig. 162 — *Troço da calçada Viso-S. Luis da Serra.*

Uma sondagem, que em 1966 um dos autores (C.T.S.) teve oportunidade de efectuar até à profundidade de 0,80 m, segundo o sentido transversal da calçada, permitiu a seguinte leitura (de cima para baixo):

- Empedrado superficial: blocos de calcário comum e de brecha da Arrábida; atingem a profundidade de 0,30 m nas margens e de 0,15-0,20 m na zona central.

- Areia argilosa vermelha com pequenos calhaus (até à profundidade de 0,30-0,40 m).

- Blocos de grés conífero, do Mioceno (até à profundidade de 0,80 m), que assentam sobre uma camada de argila cinzenta.

Para a construção da via foi, pois, aberta uma «caixa» até à profundidade de aproximadamente 0,80 m; preenchida esta por camadas de pedras e terra, obteve-se a infra-estrutura de uma calçada que chegou até aos nossos dias em geral bem conservada.

Nas margens, de 7 em 7 metros, encontram-se, implantados na vertical, grandes blocos com a altura de 0,50 m, não aparelhados.

Arredores de Sesimbra

São por enquanto relativamente escassos os testemunhos da colonização romana na zona ocidental da Arrábida.

Em 1958, no Vale da Palha (Calhariz), Cunha Serrão (1975) identificou uma necrópole com «quatro sepulturas de inumação e cerâmica: *tegulae*, *imbrices*, *lateres*, fragmentos de vários vasos e três taças de tipo indígena com siglas, uma das quais provavelmente um M maiúsculo (...)». (Fig. 163).

O mesmo autor (1975) refere o aparecimento, na Lapa do Fumo, de alguns fragmentos de cerâmica romana, «principalmente bicos de ânforas».

Do Castelo de Sesimbra provieram moedas romanas: grande bronze de Marco Aurélio (161-180); pequeno bronze de Cláudio II (268-270); médio bronze de Teodósio I (379-395) (Serrão, 1975).

Finalmente, são de assinalar os achados subaquáticos efectuados ao largo do Cabo Espichel (ânforas romanas) e, muito especialmente, no Mar de Ancão onde têm surgido, a sul do mesmo cabo, numerosos cepos de chumbo de âncoras romanas (fig. 164).

Até 1973, ano em que se realizou o I Colóquio Arqueológico de Setúbal e no qual Manuel Maia apresentou uma comunicação sobre cepos de âncoras do Mar de Ancão, haviam sido recolhidas 16 peças: 13 de chumbo e 3 de pedra.

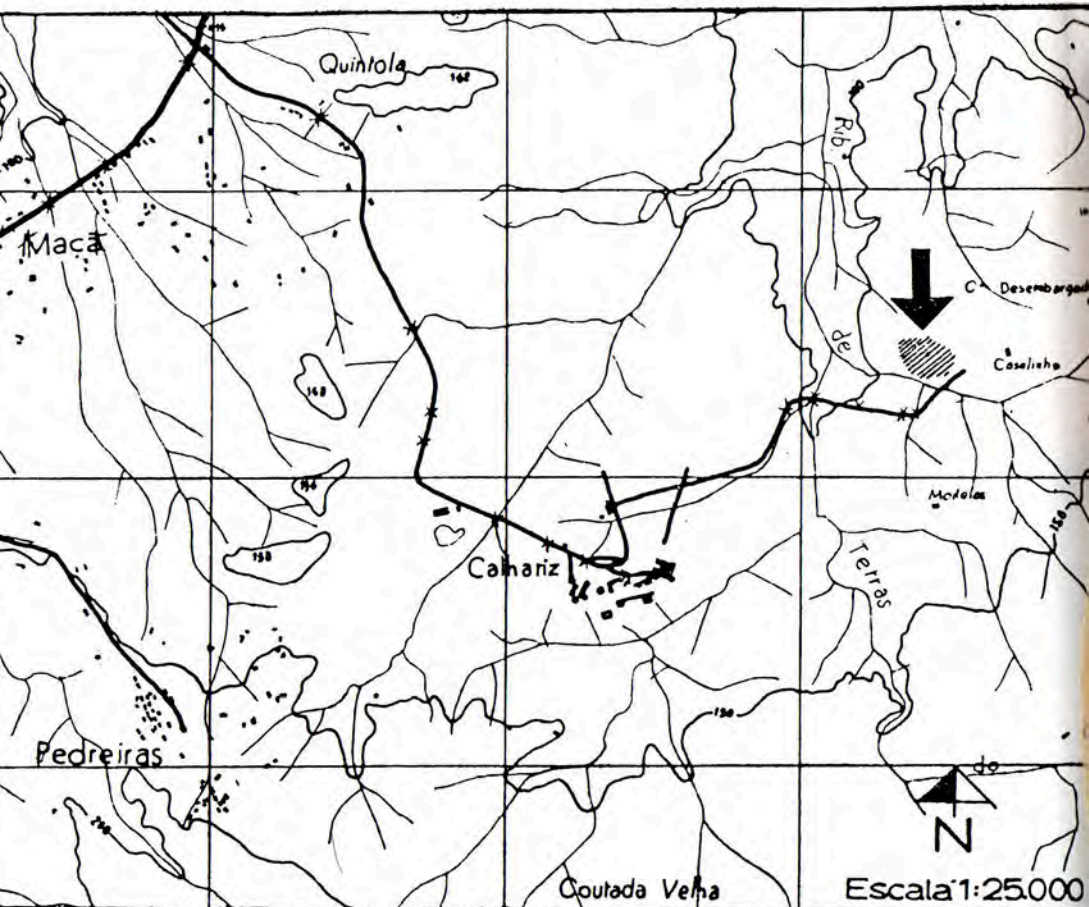


Fig. 163 — Localização da necrópole romana do Vale da Palha (Calhariz). (Seg. Serrão, 1974).

O comprimento dos cepos varia entre 0,81 m e 2,20 m. O elevado número e variedade de tamanhos sugerem tratar-se de espólio de diversos navios o que, por sua vez, levanta o seguinte problema: seria o local onde foram recolhidos um sítio de naufrágio ou um ancoradouro? O referido autor perfilha a segunda destas hipóteses, tanto mais que os materiais obtidos através de numerosos mergulhos efectuados ao longo de cinco anos se reduzem, exclusivamente, aos cepos de âncora. Além disso, «a localização dos achados em ponto abrigado dos

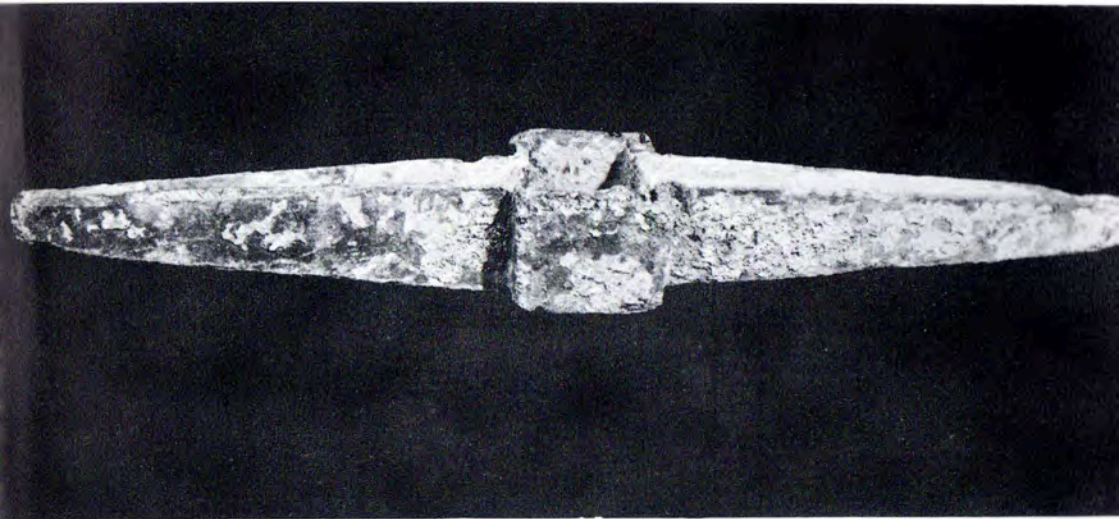


Fig. 164 — *Cepo de chumbo (comprimento 1,44 m) de âncora romana, recolhido no Mar de Ancão (Sesimbra).*

ventos do quadrante Norte, assim como a ausência de fundos baixos e perigosos, faz-me pensar que estamos perante um fundeadouro muito concorrido e não perante um local de naufrágios» (Maia, 1975).

Seja como for, o rico conjunto do Mar de Ancão constitui importante testemunho da intensa navegação que durante a Época Romana percorreu as nossas costas, estabelecendo contactos comerciais com toda a bacia do Mediterrâneo.

BIBLIOGRAFIA

- Adereços de mulher achados nas escavações de Tróia. *Archivo Pitoresco*, 4: 38-40.
- ALARCÃO, A. Moutinho (1971) — A «terra sigillata» itálica em Portugal. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, 2: 421-432.
- ALMEIDA, F. de (1975) — O arqueólogo A. I. Marques da Costa. *Setúbal Arqueológica*, 1: 17-19.
- ALMEIDA, F. de e MATOS, J. L. M. de (1970) — Notícias arqueológicas. *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, 2: 415-424.
- (1971) — Frescos da «capela visigótica» de Tróia, Setúbal. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, 2: 529-533.
- ALMEIDA, F. de, PAIXÃO, J. e PAIXÃO, A. Cavaleiro (1978) — Um tipo raro de sepultura romana (Tróia). *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, 1: 323-325.
- (1978-79) — *Notas sobre a estação arqueológica de Tróia de Setúbal (guia de exposição)*, Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.
- ALMEIDA, F. de, ZBYSZEWSKI, G. e VEIGA FERREIRA, O. da (1971) — Descoberta de fornos lusitano-romanos na região da Marateca (Setúbal). *O Arqueólogo Português*, 5 (S.III): 155-166.
- ALMEIDA CARVALHO, J. C. de (1896) — *A Sociedade Archeologica Lusitana*, Lisboa. *Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana*, 1, 2, e 3, 1850-51.
- APOLINÁRIO, M. (1897) — Estudos sobre Tróia de Setúbal. *Archeólogo Português*, 3: 157-160.
- AZEVEDO, P. A. de (1897 a 1898) — Estudos sobre Tróia de Setúbal. *Archeólogo Português*, 3: 257-265 e 4: 18-45.
- AZEVEDO, T. M., CARDOSO, J. L., PENALVA, C. e ZBYSZEWSKI, G. (1979) — Contribuição para o conhecimento das indústrias líticas mais antigas do território português: as jazidas com «pebble culture» da formação de Belverde — Península de Setúbal (Vilafranquiano Médio). *Setúbal Arqueológica*, 5: 31-45.
- AZEVEDO, T. G. F. Mira de (1982) — *O sinclinal de Albufeira: evolução pós miocénica e reconstituição paleogeográfica* (dissertação de doutoramento em Geologia apresentado à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa), Centro de Geologia da Universidade de Lisboa.
- AZEVEDO, T. M. de e CARDOSO, J. (1985) — *Formações plio-quaternárias da Península de Setúbal* (Livro Guia da Excursão da I Reunião do Quaternário Ibérico), Lisboa.
- BANDEIRA FERREIRA, F. (1959 a) — Ab Olisipone Salaciam. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 3 (S.3), Lisboa.
- (1959 b) — O problema da localização de Cetóbriga: seu estado actual. *Coninbriga*, 1: 41-69.
- (1965) — Ainda a pretensa relação Caetobriga > Štŭwyr/Štŭbr. *Coninbriga*, 4.

- BARROS BERNARDO, H. de (1941) — *Monografia de Sesimbra (estudos geo-económicos do concelho)*.
- BEIRÃO, C. de M. e VARELA GOMES, M. (1983) — *A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Mil Fontes)*. *O Arqueólogo Português*, 1 (S. IV): 207-266.
- BEIRÃO, C. de M., TAVARES DA SILVA, C., SOARES, J., VARELA GOMES, M. e R. (1985) — Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*, S. IV. V. 3: 45-135.
- BREUIL, H. e ZBYSEWSKI, G. (1945) — Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire, II: Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 26.
- BUBNER, T. (1979) — Restos humanos dos hipogeus do Casal do Pardo (Palmela). *Ethnos*, 8: 87-105.
- CABRAL, M. E. F. (1975) — A representação do crismon nas lucernas tardias de Tróia (Setúbal). *Setúbal Arqueológica*, 1: 163-167.
- CABRITA, M. Gonçalves e TAVARES DA SILVA, C. (1966) — Novo motivo ornamental nas taças «tipo Palmela». *Lucerna*, 5: 461-465.
- CARDOSO, G. (1978) — Ânforas romanas no Museu do Mar (Cascais). *Conimbriga*, 17: 63-78.
- CARTAILHAC, E. (1886) — *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris.
- CASTELO-BRANCO, F. (1963) — Aspectos e problemas arqueológicos de Tróia de Setúbal. *Ocidente*, 65.
- CHOFFAT, P. (1908) — *Essai sur la tectonique de la Serra de Arrábida*, Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- CHOFFAT, P. e DOLFUS, G. (1904-7) — Quelques cordons marins du Pleistocène du Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 6.
- COELHO, A. M. Laranjeira Gomes (1980) — *A cartografia geotécnica no planeamento regional e urbano: experiência de aplicação na região de Setúbal*, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa.
- COELHO-SOARES, A. e TAVARES DA SILVA, C. (1978) — Ânforas romanas da área urbana de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 4: 171-201.
- (1979) — Ânforas romanas da Quinta da Alegria (Setúbal). *Setúbal Arqueológica*, 5: 205-221.
- CRUZ, Belchior da (1906) — As grutas de Palmela. *Boletim da Sociedade Archeológica Santos Rocha*, Figueira da Foz.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1979) — *Sociedade Romana e Epigrafia*. Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.
- GOMES PEDRO, J. (1942) — Estudo geobotânico da Serra da Arrábida. *Agronomia Lusitana*, 4: 101-136.
- GONÇALVES, V. dos Santos (1965) — Arronches Junqueiro e Tróia de Setúbal. *Arquivo de Beja*, 22: 167-184.
- (1966) — O castro pré-histórico da Rotura (Setúbal). *Lucerna*, 5: 476-510.
- (1969) — Sobre o Neolítico na península de Setúbal. *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, 1: 405-421.
- (1971) — *O castro da Rotura e o vaso campaniforme*, Ed. Junta Distrital de Setúbal.
- GONÇALVES, V. dos Santos e TAVARES DA SILVA, C. (1966) — Lucernas romanas e paleo-cristãs do Museu de Setúbal. *Lucerna*, 5: 617-624.
- HARRISON, R. J. (1977) — *The Bel Beaker Cultures of Spain and Portugal*, American School of Prehistoric Research.

- HELENO, M. (1956) — Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*, 3 (N. S.): 221-237.
- ISIDORO, A. F. (1964) — Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 19 (3-4): 221-284.
- (1968) — Espólio arqueológico da gruta do Bugio. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 20 (3-4): 347-354.
- JALHAY, E. — Franz Cumont e o baixo-relevo mitraico de Tróia. *Brotéria*, 66: 529-539.
- JORGE, V. M. de Oliveira (1975) — Paleolítico do concelho de Sesimbra: balanço das investigações realizadas e esboço de um programa de pesquisa. *Setúbal Arqueológica*, 1: 21-24.
- JUNQUEIRO, Arronches (1899-1900 e 1902) — Estudos sobre Tróia de Setúbal. *O Arqueólogo Português*, 5: 7-9 e 7: 176-179.
- (1902) — Antiguidades dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*, 7: 146.
- LEISNER, V. (1965) — *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, der Westen*, Berlim.
- LEISNER, V., ZBYSZEWSKI, G. e VEIGA FERREIRA, O. da (1961) — *Les Grottes Artistiques de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*, Serviços Geológicos de Portugal (Memória n.º 8 — N. S.), Lisboa.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. (1895) — Ruínas de Tróia (em frente de Setúbal). *O Arqueólogo Português*, 1: 54-62.
- (1897) — Escavações reais em Tróia. *O Arqueólogo Português*, 3: 265.
- (1897-1913) — *Religiões da Lusitânia*, Lisboa.
- (1917 e 1919-20) — Coisas velhas. *O Arqueólogo Português*, 22: 107-169, e 24: 215-237.
- (1927-29) — Sepultura de Galla. *O Arqueólogo Português*, 28: 52-60.
- LEMOS, F. Sande e MONTEIRO, J. Pinho (1975) — A propósito das «indústrias» de seixos afeiçãoados do concelho de Sesimbra: esboço de uma ficha analítica descritiva. *Setúbal Arqueológica*, 1: 25-43.
- MAIA, M. (1974-77) — Marcas de ânforas da forma DR/20, de Tróia (Setúbal). *O Arqueólogo Português*, 7-9 (S.III): 355-358.
- (1975a) — Cepos de chumbo de âncoras romanas encontrados ao largo de Sesimbra. *Setúbal Arqueológica*, 1: 177-180.
- (1975b) — Contribuição para o estudo das ânforas romanas de Tróia: ânforas do tipo «Africano Grande». *Setúbal Arqueológica*, 1: 155-158.
- (1977) — Ânforas neopúnicas do Sul de Portugal. *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, 1: 199-207.
- MAIA, M. G. Pereira (1971) — Fragmento de vaso vidrado a verde da estação romana de Tróia (Setúbal). $\Sigma \Delta \rho \theta \acute{\omega} \nu \epsilon \varsigma \epsilon \varsigma \chi \epsilon \nu \theta \theta \acute{\iota} \nu \alpha \varsigma$ (S. III): 145—154.
- (1974) — Cerâmica fina oriental de Tróia de Setúbal: «Late Roman C. Ware». *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, 1: 333-341, Porto.
- (1974-77) — Sigillata clara com decoração aplicada de Tróia (Setúbal). *O Arqueólogo Português*, 7-9 (S. III): 365-381.
- (1976-77) — «Sigillata» (paleocristã) cinzenta de Tróia de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 2-3: 411-418.
- MARQUES, M. G. (1967) — Castro eneolítico de Sesimbra: notícia do seu achado. *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*, 1: 10-21.
- MARQUES DA COSTA, A. I. (1896) — Antiguidades dos arredores de Setúbal: povoação romana de Alferraz. *O Arqueólogo Português*, 2: 10-11, Lisboa.
- (1898) — Estudos sobre Tróia de Setúbal. *O Arqueólogo Português*, 4: 344-352, Lisboa.

- (1902-1908 e 1910) — Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*, 7: 275-282; 8: 47-52, 137-148, 266-274; 9: 145-153; 10: 185-193; 11: 40-50; 12: 206-217, 320-338; 13: 270-283 e 15: 55-83, Lisboa.
- (1923-26 e 1930-31) — Estudos sobre algumas estações de época luso-romana dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*, 26: 314-328; 27: 165-181 e 29: 2-31.
- (1926) — Setúbal Antiga. *Revista Cetóbriga*, 2-5, Setúbal.
- MARQUES DA COSTA, J. (1960) — *Novos elementos para a localização de Cetóbriga: os achados romanos na cidade de Setúbal*, Ed. Câmara Municipal de Setúbal.
- MARTINS FERREIRA, J. e TAVARES ROCHA, A. (1958) — Observações geológicas e paleontológicas sobre a Serra da Arrábida. *Publicações da Liga para a Protecção da Natureza*, 14, Lisboa.
- MESQUITA DE FIGUEIREDO, A. (1896) — Informações arqueológicas colhidas no «Dicionário Geográfico» de Cardoso. *O Archeólogo Português*, 2: 54-55, 162-165, Lisboa.
- MONTEIRO, R. e SERRÃO, E. da Cunha (1959) — Estação Isabel (necrópole pré-histórica da Azoia). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, 1: 407-429.
- MONTEIRO, R. e VEIGA FERREIRA, O. da (1968-70) — Necrópole púnica? em Sesimbra. *Arquivo de Beja*, 25-27: 3-15.
- MONTEIRO, R., ZBYSZEWSKI, G. e VEIGA FERREIRA, O. da (1967) — Uma notável placa de xisto encontrada na Lapa do Bugio (Azóia). *Revista de Guimarães*, 77 (3-4): 323-328.
- (1971) — Nota preliminar sobre a lapa pré-histórica do Bugio (Azóia-Sesimbra). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, 1: 107-120.
- NUNES, M. L. Abreu (1974-77) — Tesouro de moedas romanas encontradas em Tróia. *O Arqueólogo Português*, 7-9 (S.III): 359-364.
- (1975) — Pequeno tesouro de moedas romanas achadas na estação de Tróia. *Setúbal Arqueológica*, 1: 169-176.
- PEREIRA, M. A. Horta e BUBNER, T. (1974-77) — Novos materiais de Palmela. *O Arqueólogo Português*, 7-9 (S.III): 113-118.
- PEREIRA, M. G. (1975) — Alguns aspectos da «terra sigillata» de Tróia (Setúbal). *Setúbal Arqueológica*, 1: 159-162.
- PINHO LEAL, A. S. de A. B. de (1874-1890) — *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa.
- PRESCOTT VICENTE, E. (1967) — A foz do Sado e os territórios dos Cinetes e dos Cempsos no poema Ora Maritima de Avieno. *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*, 1: 65-75.
- (1970) — A inscrição com caracteres tartéssicos em moedas atribuídas a Salácia. *Ethnos*, 7.
- PRESCOTT VICENTE, E e SERRÃO, E. Cunha (1961) — Contribuição para o conhecimento das relações por via marítima no eneolítico e na proto-história entre as populações da costa centro-ocidental da Península Ibérica e os povos do Mediterrâneo. *Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos*, 3, Lisboa.
- RASTEIRO, J. (1897) — Notícias arqueológicas da Península da Arrábida. *O Archeólogo Português*, 3 (1 e 2).
- RESENDE, A. de (1593) — *Libri Quator De Antiquitatibus Lusitaniae*, Eborae.
- RIBEIRO, A. et al. (1979) — *Introduction à la géologie générale du Portugal*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- RIBEIRO, C. (1866) — *Descrição do terreno quaternário das bacias dos rios Tejo e Sado*. Memórias e Comunicações Geológicas de Portugal, Lisboa.

- (1871) — *Descrição de alguns sílex e quartzitos lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciários e quaternários das bacias do Tejo e Sado (Memória apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa)*, Lisboa.
- (1872) — Descrição da costa marítima compreendida entre o Cabo de S. Vicente e a Foz do Rio Douro. *Revista de Obras Públicas e Minas*, 3: 373-399.
- (1880) — *Estudos pré-históricos em Portugal: notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos*, Lisboa.
- RIBEIRO, M. (1970) — Anzóis de Tróia. *O Arqueólogo Português*, 4 (S.III): 221-236.
- (1971) — Anzóis de Tróia: subsídios para o estudo da pesca no território lusitano-romano. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, 2: 391-402.
- RIBEIRO, O (1935) — *A Arrábida: Esboço geográfico*, Lisboa.
- (1968) — Excursão à Arrábida. *Finisterra*, 3.
- RUSSEL CORTÊS, F. (1952) — O amuleto osculatório (?) encontrado nas ruínas de Tróia, Setúbal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 17: 293, Porto.
- SALDANHA, L. (1974) — Machado de pedra polida da Pedra da Anixa (Portinho da Arrábida). *Estudos Arqueológicos*, 1: 123-127.
- SANTOS, M. Farinha dos (1972) — *Pré-história de Portugal*, Ed. Verbo (2.^a edição), Lisboa.
- (1980-81) — Estatueta paleolítica descoberta em Setúbal (notícia preliminar). *Setúbal Arqueológica*, 6-7: 29-37.
- SERRÃO, E. da Cunha (1954) — Investigações arqueológicas na região de Sesimbra. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 17, Porto.
- (1959) — Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, 1: 337-359.
- (1960) — *Guia do Museu Arqueológico de Sesimbra*, Câmara Municipal de Sesimbra.
- (1962) — Alguns problemas arqueológicos da região de Sesimbra. *Arqueologia e História*, 9 (S. 8), Lisboa.
- (1964) — *A necrópole proto-histórica do Casalão (Santana, Sesimbra)*, Ed. Junta Distrital de Setúbal.
- (1967 a) — As grutas A e B do Forte do Cavalo. *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*, 1: 24-39.
- (1967 b) — Bronzes de Alfarim e de Pedreiras. *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*, 1: 76-93, 103-106.
- (1970) — As cerâmicas de «retícula bruñida» das estações arqueológicas espanholas e com «ornatos brunidos» da Lapa do Fumo. *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, 2: 273-303.
- (1973) — *Carta arqueológica do concelho de Sesimbra*, Ed. da Junta Distrital de Setúbal.
- (1974) — A estação arqueológica do Vale da Palha (Calhariz). *Estudos Arqueológicos*, 1: 129-153.
- (1975) — Contribuições arqueológicas do Sudoeste da Península de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 1: 199-225.
- SERRÃO, E. da Cunha, JORGE, V. M. de Oliveira, MONTEIRO, J. Pinho, LEMOS, F. de Sande (1974) — Prospeções arqueológicas no âmbito do Paleolítico do concelho de Sesimbra. *Estudos Arqueológicos*, 1: 15-117, Setúbal.
- SERRÃO, E. da Cunha e MARQUES, G. (1971) — Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, 1: 121-142.
- SERRÃO, E. da Cunha e PRESCOTT VICENTE, E. (1959) — Escavações em Sesimbra, Parede e Olelas: métodos empregados. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, 1: 317-335.
- SIMÕES, A. Filipe (1878) — *Introdução à Archeologia da Península Ibérica*, Lisboa.

- SOARES, J. (1980) — *Estação romana de Tróia*, Setúbal.
- SOARES, J. (1986) — Sado: Navegação, Pesca e Comércio, Algumas Notas Históricas. *Embarcações Tradicionais do Sado*. Ed. Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.
- SOARES, J., BARBIERI, N. e TAVARES DA SILVA, C. (1972) — Povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol (Quinta do Anjo — Palmela). *Arqueologia e História*, 4 (S. 9): 235-268.
- SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C. (1973) — Ocupação do período Proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal). *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, 1: 245-305.
- (1974-77) — O grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*, 7-9 (S. III): 101-112.
- (1975) — A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 1: 53-153.
- (1980) — Castelo de Alcácer do Sal. *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*, Lisboa-Setúbal.
- SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C. (1986) — Povoados do Megalitismo de Reguengos. *Al-Maden*, 6.
- SOARES, J., TAVARES DA SILVA, C. e BARROS, L. (1979) — Identificação de uma jazida neolítica em Fonte de Sesimbra (Santana, Sesimbra). *Setúbal Arqueológica*, 5: 47-65.
- SPINDLER, K. (1976) — Die Neolithische Paredes — Gruppe in Mittelporugal. *Madrider Mitteilungen*, 17: 21-75.
- SPINDLER, K. e VEIGA FERREIRA, O. da (1973) — Der spätbronzezeitliche Kuppelbau von der Roça do Casal do Meio in Portugal. *Madrider Mitteilungen*, 14: 60-108.
- TAVARES DA SILVA, C. (1963) — *Fauna malacológica do castro da Rotura*, Setúbal.
- (1966) — Necrópole luso-romana de S. Sebastião (Setúbal). *Lucerna*, 5: 572-577.
- (1966-67) — O povoado pré-histórico da Rotura (nova contribuição para o seu estudo). *Arquivo de Beja*, 23-24: 164-172.
- (1968-70) — O povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal): vestígios de estratigrafia. *Arquivo de Beja*, 25-27: 31-44.
- (1971) — O povoado pré-histórico da Rotura: notas sobre a cerâmica. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, 1: 175-192.
- (1977) — *As «grutas artificiais» da Quinta do Anjo (Palmela)*, Comissão Regional de Turismo da Serra da Arrábida, Setúbal.
- (1980) — *Escavações Arqueológicas na Praça de Bocage: 2000 Anos de História*, Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.
- TAVARES DA SILVA, C. e CABRITA, M. Gonçalves (1964) — Estações romanas da região de Setúbal. *Cetóbriga*, 1: 39-54 e 2: 61-77, Setúbal.
- (1965) *Estação arqueológica do Pedrão (Setúbal)*, Centro de Estudos Científicos da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa, Lisboa.
- (1966) — O problema da destruição da povoação romana de Tróia de Setúbal. *Revista de Guimarães*, 76: 147-156.
- TAVARES DA SILVA, C. e COELHO-SOARES (1980-81) — A Praça do Bocage (Setúbal) na Época Romana: escavações arqueológicas de 1980. *Setúbal Arqueológica*, 6-7: 249-284.
- TAVARES DA SILVA, C., COELHO-SOARES, A. e SOARES, J. (1986) — Intervenção arqueológica na Travessa de Frei Gaspar (Setúbal). *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, Lisboa.
- TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J. (1981) — *Pré-história da Área de Sines*, Gabinete da Área de Sines, Lisboa.
- (1984) — Na procura das origens de Setúbal: *Al. Madan*, 3: 2-6.

- (1986) — Ocupação pré-romana de Setúbal. *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, Lisboa.
- TAVARES DA SILVA, SOARES, J. e PENALVA, C. (1985) — Para o estudo das comunidades neolíticas do Alentejo litoral: o concheiro do Medo Tojeiro. *Arqueologia*, 11: 5-15.
- TAVARES DA SILVA, C., SOARES, J. e SANTOS, M. Farinha dos (1973) — Moedas hispânicas do povoado do Pedrão (Setúbal). *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, 1: 307-318.
- TINTANT, H. (1967) — Remarques sur le Jurassique de l'Arrabida. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 51: 5-19.
- VARELA GOMES (1983) — El «Smiting god» de Azougada (Moura). *Trabajos de Prehistoria*, 40: 199-220.
- VARELA GOMES, M. e PINHO MONTEIRO, J. (1976-77) — As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel-Beja): estudo comparado. *Setúbal Arqueológica*, 2-3: 281-343.
- VEIGA FERREIRA, O. da (1968) — Algumas notas acerca da pesca na antiguidade. *O Arqueólogo Português*, 2, (S. III): 113-133.
- VEIGA FERREIRA, O. da e TAVARES DA SILVA, C. (1970 a) — A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal): nota preliminar. *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, 2: 203-225.
- (1970 b) — Estatueta lusitana (?) de bronze, de Alferraz (Setúbal). *Revista de Guimarães*, 80 (1-2): 99-104.
- (1970 c) — Uma jóia romana encontrada em Setúbal. *Estudos Italianos em Portugal*, 31-32: 71-74.
- VIEGAS, J. R. (1975) — Para a criação de uma equipa arqueológica de urgência. *Setúbal Arqueológica*, 1: 243-244.
- ZBYSZEWSKI, G. (1967) — Contribution à l'étude du Miocène de la Serra da Arrábida. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 51: 37-152.
- ZBYSZEWSKI, G., FLAVES, R., LEAL, M. Mendes e RAU, V. (1945-46) — Dos nuevos yacimientos paleolíticos del litoral português. *Ampurias*, 7-8: 23-36, Barcelona.
- ZBYSZEWSKI, G. e VEIGA FERREIRA, O. da (1967) — Une nouvelle station paléolithique de style micro-lusitanien: le gisement du Promontoire de Môrro à l'Ouest de Sesimbra. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 52: 109-116.
- ZBYSZEWSKI, G., VEIGA FERREIRA, O. da, MANUPPELLA, G. e TORRE DE ASSUNÇÃO, C. (1965) — *Carta geológica de Portugal na Escala de 1/50 000: Notícia Explicativa da Folha 38 B, Setúbal*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

